

JOSÉ MAURO DE VASCONCELOS

KURYALA: CAPITÃO E KARAJÁ



Editora Melhoramentos

JOSÉ MAURO DE VASCONCELOS

KURYALA:
Capitão e Carajá

Romance

EDIÇÕES MELHORAMENTOS 

© Comp. Melhoramentos de São Paulo, Indústrias de Papel
Caixa Postal 8120, São Paulo
Lx
X — 1979

Nos pedidos **telegráficos basta citar o cód. 7-01-03-052**



PINHEIRO AO LIVRO UMA REALIZAÇÃO MELHORAMENTOS

Para
Jorge de Souza Hue
Victor Simonsen
W. Bariani Ortêncio
Bernardo Elis
Caio Porfírio Carneiro
Delézio Fornari e sua equipe

Para a beleza dos oito anos de Pitu.

Para
Dulce Ribeiro Simonsen
Mariazinha Congilio
Beth Ozi

Homenagem Póstuma a Ciccillo Matarazzo.

Com todo meu amor para Goiás que sempre me
ofereceu carinho e temas maravilhosos para os meus
trabalhos.

ÍNDICE

Primeira Explicação	9
Segunda Explicação	10

PRIMEIRA PARTE Viagem pela Estrela-d'Alva

I Biurassó (Amanhecer)	13
II As Noites na Esteira	25
III Diuré e Bodu	32
IV Transformações	51
V As Tradições Tribais	70
VI O Tempo de ser Homem	80
VII A Canoa do Amor	101

SEGUNDA PARTE A Noite

I A Segunda Canoa do Amor	115
II A Luz	137

TERCEIRA PARTE As Canoas

I O Grande Amor ao Próximo	161
II As Sombras	176
III A Caminhada das Últimas Esperanças	185
IV Arara Vermelha	199
V Canoas	225
VI O Grande Frio, a Grande Viagem e a Pequena Canoa	246

QUARTA PARTE
A Volta para a Estrela-d'Alva
(Dateriambu, Tahiná-Kan)

I	Sem Ódio no Coração	261
II	Papai Grande: Coração Vazio	277
III	A Cachoeira	296
IV	Selva-Maçã	314
V	A Volta para a Estrela-d'Alva	325

SEGUNDA PARTE
A Volta

TERCEIRA PARTE
A Volta

PRIMEIRA EXPLICAÇÃO

Quando Deus fez esse grande mundo, criou também uma estrela muito grande, muito linda, cheia de sono e preguiça. Falou-lhe com brandura.

— Você será a estrela Papa-Ceia. A estrela dos pastores e dos vaqueiros.

E ela ficou sendo assim por muitos séculos e sempre.

Na hora em que aparecia dona de todos os céus, os pastores reuniam os rebanhos e tratavam de comer depressa. Porque rapidamente como chegava, ela desaparecia cheia de sono e paz.

Quando Papa-Ceia se espreguiçava no céu do seu reinado curto, os vaqueiros devoravam apressados a carne no espeto, assada na coivara da noite. E quando ela se recolhia, já se encontravam embuçados nos velhos cobertores, dando-lhe boa-noite com os olhos e dormindo logo, logo.

SEGUNDA EXPLICAÇÃO

Quando Kanansiuê criou Tahiná-Kan, esticou seu dedo cheio de luz e falou para todos os carajás.

— Essa estrela grande, a maior dos céus, pode pertencer a cada um de vocês. Vejam bem, eu dei o Béérokan¹ para que vocês vivessem no fundo do rio. Vocês não quiseram morar lá onde estariam livres de todos os perigos e dores. Não faz mal. Fiz o grande Tchu, o Sol para aquecer o frio e embranquecer as praias, para chocar os ovos das tartarugas, colorir as folhas das árvores e as asas dos colhereiros. Depois dei a todos vocês Randô, a lua, para embelezar a solidão da noite e ajudar as viagens de todas as canoas. Agora com Tahiná-Kan é diferente. Ela é muito maior do que qualquer outra estrela, não é?

Recolheu o seu grande dedo de luz e tornou-se pensativo.

— Ela é maior sim, Kanansiuê.

Kanansiuê sorriu dentro de toda a sua bondade.

— Eu sei. Quando vocês tiverem de fazer a "última" das viagens devem olhar para ela e falar de coração.

— Datériambú, Tahiná-kan. Sim, bom-dia, Estrela Grande. Eu vim de longe para viver nos seus grandes rios, nas suas selvas lindas, longe do perigo, da dor e na casa da paz. Entenderam?

Todos concordaram, mas alguém perguntou.

— E o Béérokan com o seu fundo lindo, não voltaremos lá?

Kanansiuê balançou a cabeça tristemente.

— Vocês não o quiseram. Terão que acreditar em mim e viajar para a Estrela Grande. Agora, adeus!

Cruzou todos os seus dedos de luz no peito e desapareceu.

1. o Araguaia.

PRIMEIRA PARTE
Viagem pela Estrela-d'Alva

Primeiro Capítulo

BIURASSÓ (AMANHECER)

Para o galo cantar ainda faltava muito. Para Tchu, o sol, trazer o calor na terra e aquecer as águas do rio, podia contar o tempo muitas vezes entre os dedos das duas mãos.

Belerriro sabia de tudo isso quando levantou o corpo sem fazer ruído, da esteira amiga. Não ia acordar ninguém. Precisava sair muito cedo para pegar tucunaré, lá no lago, longe, tão longe que mesmo de descida demoraria atravessar a grande barreira da Cotia, que um branco uma vez dissera ter três léguas. Os toris, os brancos, sempre sabiam mais das coisas do que os inás, os carajás. Birirrôa, seu pai, costumava falar muito dos brancos. Eles tinham armas que cospiam fogo (a mauá) eram muita gente e vinham de terras muito longe dizendo que o Bêerokan, o Araguaia, era o rio mais bonito de todos. No fundo do peito tinha muito medo deles. Desde menino Birirrôa ensinara-lhe que nunca deveria viajar com os brancos sem estar acompanhado de um ou de mais inás. Entretanto, fazia dois anos que não aparecia nenhum deles por ali.

Saiu da cabana sem ser visto por ninguém e estalou os dedos quase sem fazer barulho para que seu cão Djutá o seguisse.

Quando se sentiu fora do vulto das cabanas e perto da barreira do rio, sorriu. Nem sabia porque estava pensando em branco e nos conselhos do pai. Falou para dentro de si mesmo.

— Ah! Meu bom pai Birirrôa. Você morreu e foi-se embora antes de ver nascer o meu filho. Se você estivesse aqui ficava mais contente do que eu. Mais tarde ele se arrastaria no chão e iria sentar-se em seus joelhos e chamaria você de Ulabié¹.

1. Avô.

Olhou o céu estrelado e descobriu as estrelas enfiadas nas águas quase paradas, dormindo, do rio amigo. Madrugada ainda estava bem pra longe.

Escregou pela barranca, apoiando-se no remo e nas flechas entrelaçadas do grande arco. A água do Béérokan corriam mansinhas, mal dando para embalar as canoas amarradas nos vários portos.

Viu os vultos dos urás-urás² dormindo em sua canoa.

— Saim daí seus danados. Tanta canoa e tem que vir dormir e sujar de bussu branco e fedorento o pau da minha canoa!

As garças brancas levantaram vôo e foram procurar abrigo noutra embarcação perto. Também elas não tinham culpa. Carajá tem mania de pegar bicho novo no ninho. Eles cresciam comendo pedaços de peixe na mão. Nem aprendiam a pescar. Só depois de grandes, quando o chamado da selva e o desejo da fêmea aparecessem, eles iam embora e aprendiam tudo o que os outros nasciam sabendo.

Meteu o pé nágua. Fria demais. Jogou o remo, o arco e a flechas dentro da canoa. Solto a embira que a prendia no tronco da barreira. Depois, ainda segurando a corda, criou coragem e mergulhou no rio. O corpo doeu de frio. Sacudiu os longos cabelos espaldanando água por todo canto e de um salto sentou-se no jacumã já procurando o remo.

Sabia ser o primeiro pescador a sair naquela madrugada. Empurrou com o remo encostando nas outras canoas. Logo sentiu que a força do canal começava a puxá-lo para o seu centro. Agora precisava remar duro e bastante para que o corpo nu adquirisse calor e não sofresse com aquele vento gelado que doía até na abertura do nariz. O coração que batia forte com o frio foi-se normalizando.

A aldeia dormia na paz. Nenhum choro de menino, nenhuma voz, nem um cachorro latindo. Viu os vultos das cabanas se escondendo no alto da barreira e tudo foi ficando distante. Lugar mais alto do que sua aldeia não havia. Ali era a sua vida, ali seria a sua morte como fora a de Birirrôa, sempre perto da mais linda aldeia carajá do Béérokan: "Raumaló-Mandô-Dessé."

Na curva do rio, quando tudo ficava pra trás, olhou o céu e viu Tahiná-Kan em todo seu brilho maravilhoso. Como ela era a maior

2. Garças brancas.

estrela do céu, podia fazer o que bem queria. Um pedaço do ano ela vinha de madrugada, no biurassó, outra parte do ano ela gostava de surgir no tiorô, no entardecer.

Agora precisava remar duro. Muito duro. Mulher queria comer peixe tucumaré. Peixe tucumaré dos grandes. Ela queria e ele ia buscar o melhor. Mesmo que voltasse só na boca da noite, a mulher merecia. Mulher lhe dera um filho homem, muito bonito, muito forte e que deveria ser mais tarde muito chorão.

Todo o frio fugira do seu corpo e o prazer do seu peito dava ritmo nas remadas. Tahiná-Kan encontrava-se bem no meio do rio, dividindo-o em dois tamanhos iguais.

— Você está fazendo isso assim tão autitire³ para me agradar. Eu sei. Você também é mãe, como Tchu, o sol, é papai. E eu nem preciso lhe contar que nasceu arioré⁴ em minha casa. E que meu primeiro filho é rambu⁵ como eu queria. Você, que mora mais perto, peça para Tchu contar pra Kanansiúê. E Kanansiúê que fez os rios, as pedras, as árvores, a lua, e todas as estrelas, vai tomar conta do meu filho, fazendo dele um inã muito bom, muito forte, lutador, remador e pescador. Porque quando crescer ele vai ser o capitão da aldeia de Raumaló-Mandô-Dessé.

Ele falava baixinho porque os ouvidos de Tahiná-Kan ouviam tudo. Nem precisava falar gritando para extravasar a alegria do seu coração. Não queria também que, se alguém o ouvisse, pensasse que ele se encontrava itianté⁶. E na certa estava mesmo. Agora no seu pensamento punha-se a ver o filho crescendo, crescendo logo, tomando conta do rio, puxando uma canoa contra a força da correnteza, lutando nas novenas em homenagem ao festeiro do Diassós⁷. Entrando nas máscaras de palha. Se fosse um homem alto, usaria as máscaras do Diaré-Renin. Se fosse apenas forte e de menor estatura cantaria as canções da Máscara de Debó. E se tivesse uma voz possante e bonita sem dú-

3. Bonito.

4. Criança.

5. Macho.

6. Doido.

7. Dança de Aruanã.

vida ter-lhe-iam ensinado toda a beleza das canções sagradas do Rári.

Aí o pensamento pediu-lhe calma e paciência.

— Belerriro, tudo isso vai acontecer quando o tempo chegar para tudo. Por enquanto, seu ariorezinho vai chorar muito, vai custar a endurecer, para que você o segure nos seus braços fortes ao chegar da pesca. Até que ele complete dois uerás⁸, ele será só da mãe. Só depois então, ele começará a descobrir o Uarrá Béérokan⁹ e então pertencerá mais a você.

Concordou com aquela verdade e remou mais devagar. Já se via o começo da grande barreira da Cotia. Não se aproximaria muito dela na descida. Raloé, a onça, poderia estar de espera, numa daquelas moitas, se a sua caçada da noite não tivesse sido boa. Mesmo porque nos remansos da barreira, Abiroró, o jacaré se juntava como se fosse uma grande família. Qualquer tranqueira no rio, que encalhasse a canoa, podia ser o fim do remador. Abiroró era o dono do rio. Como podia existir tanto bicho assim? Muitas vezes, quando acampavam no alto das praias e faziam a fogueira, eles se aproximavam aos montes e com a labareda do fogo podiam contar quantos olhos vermelhos apreciam. Mais do que as estrelas do céu.

Tahiná-Kan estava quase rente às grandes árvores e logo iria dormir. Só então se deu conta que remara muito e longe ficara a sua aldeia querida. Agora sim, poderia cantar. Cantar bem alto para manifestar toda a sua alegria. Não havia perigo de mulher alguma de Raumaló-Dessé escutar a sua voz. Aquilo era proibido a qualquer homem e por isso ninguém cantava perto das mulheres. Poderia uma delas reconhecer a sua voz nas festas dos Diassós. Seria então desmoralizado e arranjariam um substituto para formar par novo. Nunca mais dançaria.

Pensou o que de mais bonito poderia cantar para a vida. E alegrou-se escolhendo uma cantiga de Iue-Rodi que com paciência um dia lhe ensinara o velho Arueci.

"Ride kanrré rareriman

Ride Kanrré

8. Duas secas, dois anos.

9. Pai Araguaia.

Ran ude rande-man

Kanrré

Ridioriri-man

Kanrré otuori-rrê

Rerran.

Lerran-kê Kanrré botutatê

Tamarã Raruberi-bê

Biorikre quere-man-bê

Coti-toma iboruira

Rerran...

* * *

O dono do dia era o pai Sol. Tchu em todo o seu calor dando mais brilho na copa das árvores e fazendo o rio refletir a beleza da sua luz. As praias brancas que começavam a coroar por todos os lados tornavam-se de um alvor a ponto de doer os seus olhos miúdos. Ouviu um som conhecido. Alguém remava subindo o rio e ritmava as remadas batendo com o cabo do remo na borda do räuó¹⁰. Devia ser inã¹¹ da aldeia de Biton-irê¹². De noite, nenhum índio remaria assim fazendo aquele barulho para não atrair índio bravo nas barrancas; tanto podia ser Krixá¹³, como Kralan-rru¹⁴ beiçudo. Agora, não, a luz dava uma coragem danada e enchia os índios inimigos de medo. Dificilmente gostavam de se aproximar.

Encostou a canoa na ponta de uma ilha que surgia, prometendo uma grande praia de verão.

Tocou com o pé na areia ainda manchada e escura.

— Mais tarde você vai ser uma canarã¹⁵ das mais altas e bonitas do Bêérokan. Aí, quem tiver com preguiça ou cansaço de viajar de noite, pode acender fogo e dormir aqui. Você vai ser praia muito amiga.

10. Canoa.

11. Carajá.

12. Fontoura.

13. Xavante.

14. Caipó.

15. Praia.

Bebeu água e ficou sentado esperando a canoa. O som parara. Podia fechar os olhos para adivinhar que o inã jogara o remo no fundo da ubá e vinha empurrando a viagem com o auxílio da zinga. Ele tinha acabado a praia, deveria surgir por trás do sarão fechado, nem tinha dúvida disso. Podia até contar o tempo nos dedos que a canoa surgiria logo.

Não deu outra coisa. O vulto em pé, ia se agachando, abandonando o rodi¹⁶ e procurando o remo para remar sentado. Gritou.

— Inã-Ku!...

— Ku!... Uana¹⁷.

Reconheceram as vozes ao mesmo tempo. A voz do cunhado era inconfundível. Na certa subia o rio para visitar a irmã e saber se já nascera o menino. Chamava-o de primo, como também ele deveria tratá-lo. Nunca poderiam usar o próprio nome por causa da gravidez ou do parto realizado.

Levantou-se para apertar a mão do cunhado amigo.

— Eu ia para Raumaló-Mandô-Dessé.

— Pensei nisso.

O cunhado Temacuíra olhou-o meio desapontado.

Sentaram-se próximos enfiando os pés nágua e fazendo movimentos para afastar os kuturás ariorés¹⁸ que queriam beliscar-lhes os dedos.

— Então, quer dizer, que ainda é cedo para a minha viagem. Senão você não estaria por essas bandas.

Deu uma risada gostosa.

— Pois você não acertou. Nasceu. E é um rambu¹⁹.

Acompanhou a alegria do novo tio.

— E é bonito?

— É auititire.²⁰ O mais lindo que nasceu em Raumaló-Dessé.

É auire²¹ e bastante grande.

— E minha irmã?

16. Zinga.

17. Primo.

18. Peixinhos.

19. Macho.

20. Lindo.

21. Bom, sadio.

— Sua irmã Marixiro sofreu bastante, mas quase não gritou.

— Nasceu quando?

— Natã tchu²².

Fitou o rosto espantado do cunhado.

— E você saiu com três sóis?

— Fiquei com ela todo tempo. Aí ela ficou com vontade de comer benorá²³. Mas, benorá dos maiores. Desses que a gente encontra no lago grande, represado. E eu vim.

— Minha mulher Dikuria que já me deu quatro filhos, dois meninos e duas meninas, pede que eu faça companhia pelo menos por seis sóis. E eu fico. Só me deixa sair pra tomar um banho ou fazer arikukre²⁴. Eu até que gosto porque Dikuria é uma mulher muito boa e amiga.

— Você sabe, Uana, que mulher é uma coisa muito estranha. Marixiro quando pegou barriga não podia nem falar em benorá que sentia vontade de vomitar. Agora que o menino saiu ela danou-se de vontade de comer o peixe.

— É assim mesmo, Uana. Com o tempo você se acostuma. Tem umas que querem da gente coisa mais difícil. Você teve sorte.

Pararam para rir da conversa.

— E agora?

— Estava só esperando pra ver quem vinha subindo para procurar o furo do rio e ir pescar no lago grande. E foi bom, era logo você, Uana.

— Posso pescar com você? Assim podemos pegar muito mais peixe e quando o sol tiver no meio do céu a gente rema duro, podendo chegar pouco depois do começo da noite.

— Então vamos.

— Só que eu vou pescar mais do que você, Uana.

— Quem disse que você é melhor na flecha do que eu?

— Eu não digo. Mas quer ver uma coisa?

Dirigiram-se até a canoa de Temacuira. Ele agachou-se e apanhou um trançado de palhas. Entreabriu o seu tesouro.

²². Três sóis.

²³. Tucunaré.

²⁴. Cagar.

Primeiro mostrou um anzol encastoado e uma linha de pesca.
Depois um mau²⁵ novinho e afiado. Por fim, uma caixa de fósforos.

Como arranjou tudo isso, Uana?

— Apareceu um marrandô²⁶ lá perto da aldeia de Kreran-uá. É um Lobuk²⁷ muito bonzinho. Ele não tem medo de índio bravo e vai ficar morando na barreira. Tá fazendo até um ranchinho. Então ele me pediu peixe. E eu troquei peixe por tudo isso. E essa coisa, você conhece?

Belerriro abriu a caixa de fósforos e ficou vendo com atenção os palitos com as cabecinhas escuras e redondas.

— Que é?

— Reautu²⁸

— É?

— É. Ele fica guardado nessa cabecinha. E eu vou fazer um para você aprender.

Riscou o fósforo e deixou que ele terminasse até queimar as pontas dos dedos. Belerriro sorria para aquele milagre.

Temacuíra comentou:

— Viu? Cada um desses é uma fogueira ou pode acender o ari-cocó²⁹.

— Tori³⁰ é danado! Meu pai sempre conta coisas que eles sabem. Assim é melhor. Esfregar madeira para fazer fumaça é muito duro e difícil. Mais ainda se o pau está todo úmido.

— Isso aqui também precisa de muito cuidado. Não pode molhar.

— E quando acabar?

— Vou atrás de outra caixa.

— Como é que tori chama isso?

— Um nome difícil mesmo. Carajá já mudou para caixa de "bóscá".

25. Faca.

26. Morador.

27. Preto.

28. Fogo.

29. Cachimbo.

30. Branco.

Temacuíra recolocou os seus pertences dentro do trançado e agasalhou-os num lugar na canoa longe de qualquer golpe d'água.

— Agora você acredita que eu vou pescar mais do que você?

— Acredito.

— Mas assim não está direito, Uana. A gente vai pescar igual. Um tempo eu empresto o uaxi³¹ para você e outro tempo eu pesco com ele. Só que você precisa me emprestar uma coisa também. Você tem óleo de babaçu aí nessa cabaça, que eu senti. E eu não tenho. Mosquito nessa época, quando as águas acabam, é de fazer nuvem.

— Então está bem. Vamos passar antes de começar a viagem. Eu esfrego em você e você faz o mesmo em mim.

Primeiro Belerriro passou o óleo por todo o corpo de Temacuíra e logo depois foi a vez de Temacuíra untar todo o corpo nu do cunhado.

* * *

— Viu como é mais fácil, Uana?

Temacuíra segurava uma piranha queixo de burro, que tentava enrabeirar entre seus dedos.

— Espere só, sua malvada! Essa linha tem arame de tori na ponta e você não vai poder cortar com seus dentes afiados.

Belerriro aproximou-se para ver melhor.

— Agora a gente empurra com força o corpo dela contra o chão. Pronto. Agora a gente enfia a ponta da faca bem aqui perto da cabeça.

A piranha ferida gemeu estertorando.

— Agora eu posso tirar o anzol que ela não faz nada. Bicho ruim, que quando a gente não fere a sua cabeça assim, fora d'água ainda faz estrago.

— Qualquer uma delas fica sem ação depois disso?

— Qualquer. Pode ser das mais bravas. Até a vermelha mesmo.

— Assim é bom.

Belerriro olhou o sol já bastante alto. No chão o peixe amontoava. Sobretudo muito tucunaré dos grandes, com aqueles olhos

31. Anzol.

bonitos desenhados no rabo. Nenhum carajá jamais lhe contara porque o benorá tinha aqueles dois olhos tão bem feitos bem ali. Também nunca lembrara de perguntar aos mais velhos da tribo.

O corpo dos dois estava coberto de mosquitos mortos atraídos pelo óleo de babaçu.

— Agora chega, não?

— Se chega, Uana.

Temacuíra apertou o estômago, esfregando-o até com certa violência. Belerriro riu do gesto.

— Uana, kay mari uassá?

— Sim, Uana. Fome muita e grande.

— Então, vamos fazer fogo com aquilo...

— Bósca.

— É mais fácil. Pegue meu maú e faça um espeto bom para a gente assar dois peixes.

— Tá.

Um catou graveto e juntou uns pedaços de lenha enquanto o outro procurava no mato um galho que lhe fornecesse um bom espeto. Feito o fogo, ficaram escolhendo o peixe.

— Dois pra cada, dá?

— Pode ser, porque eu fiz dois espetos também.

Fincaram os dois junto ao fogo e foram tomados da mesma idéia.

— Kay morronkrê, Uana?

— Córre. Dearã aroronkre.

Estavam se convidando para o banho. Precisavam tirar todo aquele mosquito do corpo. Junto do calor do fogo os mosquitos não gostavam de chegar. Procuraram uma sombra enquanto esperavam o peixe assar.

— Você sabe que tori abre o peixe com a faca e tira a tripa antes de assar ou cozinhar o peixe?

— Pra quê?

— Não sei. Mas eles fazem. Tori³² gosta de fazer tudo diferente. Deve servir para alguma coisa.

32. Branco.

— Tori é bobo. Demora mais. Nenhum inã come a tripa do peixe, come?

— É.

A palavra tori, o branco, causava sempre uma espécie de curiosidade.

— Antigamente, uá ulabié Arutana³³ contava que quase nunca passava um branco no Bêérokan. E quando eles viajavam pelas selvas do Araguaia também tinham medo da gente.

— Agora, branco está aparecendo mais, Uana. Na minha aldeia em Biton-Ire, tem um tori que é um pay³⁴ diferente. Ele reza muito, conta história de Kanansiûê, sabe. Só que o Kanansiûê dele tem o nome de Deus. Agora ele trouxe uma mulher que tem medo de tudo. Agora que está acostumando com as mulheres. Homem ela nem olha. Veio também um outro homem que vai fazer rancho pra eles. Também o pay e a mulher têm dois filhos. Esses já brincam com os meninos da aldeia. Menino é muito sabido. Tanto os carajazinhos como os torizinhos já estão aprendendo a falar, a entender as línguas...

— Eu vi na aldeia o velho Aruecy falar que um dia também muito tori vai querer morar em Raumaló-Dessé, você acha, Uana?

— Não sei, não. Lá pra baixo do Bêérokan tem gente que aparece sempre morando. Mesmo que seja do lado dos Xavantes e dos Caiapós.

— Eles não têm medo?

— Têm sim. Mas eles trazem armas. Maauá³⁵ grande e Maauá ariore³⁶. Isso espanta o medo.

O peixe tostando encheu as redondezas.

— Logo o bicho está bom.

Depois eles comeram quase sem falar. Sem falar, um passava a faca para o outro.

Banharam-se após a refeição e cobriram os peixes com folha de buriti, tendo o cuidado de deixar o peixe boiando na água colocada

33. Meu avô Arutana.

34. Padre.

35. Espingarda.

36. Revólver.

no fundo da canoa. O sol era muito forte e a viagem ia demorar bastante.

Remaram lado a lado em silêncio. Quando alcançavam novas praias abandonavam os remos e trabalhavam com as zingas. Tudo era paz. Mangoaris pescadores e garças brancas postavam-se nas praias mais altas e nas árvores da barreira para pescar. Os jaburus circulavam nos ares em vôos sem pressa, obedecendo ao vento. Depois procuravam poucos mais longe, fugindo da aproximação das ubás. O mundo parecia todo de Kanansiuê. Jacarés eram tantos e dormiam ao sol, preguiçosamente, fartos de peixes. De longe, quem não sabia confundia seus vultos com troncos de árvores assassinados pela última cheia. Gaivotas e camiás faziam um alarido tremendo, dando piques rasantes sobre as areias protegendo os pintinhos novos e as desovas ainda não chocadas. E vinham os estirões enormes onde as árvores pareciam plantadas no céu e não na beira do rio. As curvas. As praias mais novas que aumentavam com o rio que começava a cumprir o período da seca. Tudo formando uma paisagem de calma e abandono. Uma paisagem de beleza, longe de qualquer ameaça de violência.

Belerriro olhava tudo aquilo com os olhos miúdos de sua raça. Olhava pensando na conversa com o cunhado.

— Uana, tudo isso é muito grande e muito bonito. Tudo isso sempre será da gente.

Temacuíra colocou o remo entre as pernas. Tirou o aricocó da boca, suprou o fumo para o alto.

— Por que está falando isso, Uana?

— Pensando nos toris.

— Esqueça-se disso. Tudo isso é muito grande, muito bonito e é dos carajás. Vai demorar muito tempo para que os brancos cheguem por aqui.

— Dizem que os brancos são muitos.

— Mas nem tantos quanto as estrelas do céu.

Segundo Capítulo

AS NOITES NA ESTEIRA

Era mais uma noite de paz. Uma noite comum. Igual a tantas outras. Apenas uma diferença. A chuva partira e o tempo da seca voltaria a reinar. Por isso, o céu se mostrava negro perfurado de todas as estrelas, aguardando a próxima chegada de Randu Tamarã¹. Tudo iria se repetir tal como nos outros anos. Entretanto, a chegada da seca enchia de contentamento qualquer aldeia inã.

Primeiro, o chão da aldeia ia secando aos poucos porque o sol se tornaria mais quente a cada novo dia. As poças d'água isolavam-se até morrerem de todo. E quando o chão em frente às casas se apresentava duro, já bastante duro que qualquer ventinho vindo do rio, criava poeira, a primeira esteira saía de dentro do rancho e vinha morar debaixo das estrelas. Outras esteiras seguiriam o exemplo e o carajá saudoso do bom tempo dormiria contemplando o céu novamente. Entre cada esteira, ou várias esteiras de cada casa, acendiam pequenas fogueiras, coivaras miúdas de lenha ainda esverdeada para tocar os lokós² e os anrris³ com uma fumaça um pouco ardida. E se o vento da noite surgia sem o frio, então é que era gostoso. Todos conversavam baixinho para que ninguém atrapalhasse a conversa dos outros. Os índios pescadores logo adormeciam para aproveitar melhor a madrugada, partindo bem cedo.

Nas primeiras noites na esteira, quando os mosquitos e as muriçocas não queriam parar, acontecia então que o pai ficava a noite inteira munido de um abano trançado de palma de buriti, abanando

1. Lua nova.

2. Muriçocas.

3. Mosquitos.

as crianças adormecidas. Aquele gesto de paciência continuava quase por toda a noite. Muitas vezes, atingindo até a madrugada, quando a primeira friagem espantava a praga para um lugar mais quente ou para o interior dos ranchos. Eles chegavam até a cochilar sem interromper a proteção do abano.

A meninada mais sabida tinha preferência por certas esteiras.

Descobriam quando a velha Narruria descansava em sua esteira ou quando Cheérá, o matukari⁴ sentia vontade de contar histórias.

E lá vinham eles, como se a notícia se propagasse pela aldeia, buscando a esteira da paciência de Cheérá. Podia contar-lhes cem vezes a mesma história que o interesse parecia renascer a cada vez.

Por isso ficava sentado, mostrando seu perfil magro recortado na luz da coivara. Por isso seus olhos miúdos adquiriam uma expressão feliz e sua boca emurchecida guardava um misterioso sorriso. Para aumentar a aflição da garotada levava a mão até o cantinho da esteira e trazia aos lábios o queimado e malcheiroso aricocó. Sabia que um impaciente iria se manifestar. E não demorava muito.

— Cheérá, que conta tudo mais bonito, não vai contar hoje histórias de carajá para a meninada?

Esticava mais a emoção. Suspirava longamente olhando o céu.

— Não sei. Não sei.

— Mas por que, Cheérá? Todo mundo veio pra isso.

— Tenho o corpo muito velho e a fala muito cansada.

— Kay taroi!⁵

— Córre, Dearã lexielerrúneri son-êre.

Então, uns braços carinhosos apertavam-se contra o seu pescoço e uma voz doce implorava.

— Não, Cheérá, você não está muito cansado não. Você é o vovozinho mais bonzinho dos inãs...

Ele cedia, mas antes ensinava alguma coisa da sua velha astronomia que passava de pais para filhos. Ele sabia que as noites seriam cada vez mais belas até que chegasse o novo período das chuvas. E pra isso ainda faltava muito tempo. O mundo das estrelas desenhava o céu.

4. Velhinho.

5. Você é mentiroso.

— Vocês estão vendo ali.

Apontava o Sete-Estrelo.

— É Loróbtó⁶. São sete irmãozinhos. Eram estrelas grandes como as outras, depois ficaram pequeninhas para se esconder.

— Esconder de quem, Cheérá?

— Ora, do Urrê-Rekan. Do vento grande. Do Vento Geral. Um dia eles queriam caçar e tinha muito anri. Então eles prometeram pro Vento Grande que se ele tocasse os mosquitos que davam carne de ixã⁷ e lombo de Cuê⁸. Vento Grande ajudou. E eles caçaram muito. Foi então que eles fugiram pra não pagar o prometido. Até hoje vivem fugindo. Nunca pagaram. São eles que aparecem logo depois das chuvas e somem antes que o Vento Geral apareça.

— E eles não crescem mais, Cheérá?

— Não. Kanansiû não deixou mais Lorobtô crescer.

Olhou outro pedaço do céu. Parou a vista na beleza do Cruzeiro do Sul.

— Aquele sim é bonito. Ruê-Boró. Ruê-Boró ou olho-de-Arraia-de-fogo está sempre assim. De madrugada, ele vira de lado para descansar a cabeça nos braços. Ruê-Boró sabe que é bonito porque sabe que Olho-de-Ema⁹ espia tudo que faz. Toda vida ela quer que Ruê-Boró seja seu Berenâ¹⁰, mas ele não quer.

Fez uma pausa e apanhou um foguinho na fogueira utilizando um pedaço de ponteiro de uma folha de palmeira. Chupou o seu ari-cocó e fez fumaça cinzenta.

Agora a meninada sabia que Cheérá esquentara e que história mais bonita ia sair na certa. E talvez fosse melhor assim porque seus conhecimentos astronômicos não deveriam ser muito maiores.

Primeiro ralhou, mas sem se zangar muito.

— Vocês aí fiquem bem quietinhos. Coíra! Coíra!

— É que Uassabédó está me empurrrando fora da esteira.

Sorriu antes de começar, admirado como uma esteira pudesse acolher tanto menino.

6. As Plêiades.

7. Caititu.

8. Capivara.

9. Alfa e Beta de Centauro.

10. Namorado.

— Vou contar a história de Tahiná-Kan. Vocês conhecem?

— Não.

Danados! Ele já contara aquilo centenas de vezes.

— Vocês gostam dessa?

— É linda!

Riu roufenhamente.

— Vocês disseram que não conheciam.

— A gente conhece só um pouco dela.

Aí, o velho criou alma nova. Ficou mais duro e ereto. Parecia medir no pensamento as palavras da história. Não podia perder a fama de maior contador de histórias dos inás.

— ... Faz muito tempo. Muito tempo mesmo. Logo depois que os carajás subiram pelo Ruê-Béé-Rokan¹¹, eles viram que a vida era diferente do fundo do rio. O sol enchia de luz e de calor a beleza de todas as praias brancas. Que as árvores mostravam as copas verdes e não os troncos escuros que existiam na lama do rio. Que havia animais correndo pelos campos e aves voando pela selva. O céu enchia de jaburu, colhereiro, garça, socó, maguari e muitas outras aves fazendo até sombra no céu azul. Tudo era lindo e muito bom de se viver. Eles só conheciam a pesca mas ali tiveram que aprender a flechar a caça também. Um raio numa tempestade que fez tremer seus corações de medo, ensinou-lhes o que era o fogo. E com o fogo, descobriram que a caça cozida e assada se tornava mais gostosa e perfumada.

Aí eles foram viajando e descobrindo as barreiras altas para fazerem as aldeias. Cada um ficava na barreira que achasse mais bonita e tantas eram elas, que o Araguaia ficou cheio de aldeias. A história que eu vou contar se passou lá por baixo da aldeia de Krerá-Auá. Aí aconteceu que um casal teve uma filha. Pensaram num nome bem bonito e chamaram ela de Imaerô. No ano seguinte, nasceu outra menina que era mais bonita ainda e eles pensaram num nome que fosse tão bonito como ela. E chamaram ela de Denakê.

Elas cresceram e se tornaram duas jadomãs¹² muito lindas. Uma noite, quando as estrelas voltaram para o céu porque a chuva já pas-

11. Olho-do-Araguaia.

12. Donzelas.

sara, elas se encontravam deitadas na esteira em companhia do pai.

Tahiná-Kan além de ser a estrela mais brilhante do céu, tornava-se ainda maior porque a noite não era de Lua. Seu brilho clareava até as águas com sono do Béé-Rokan.

Imaerô estava fascinada pela estrela. Pediu a seu pai.

— Uarrá, por que você não me dá aquela estrela tão bonita?

— Isso, carajá nenhum pode fazer.

— Eu queria me casar com ela.

O pai sorriu daquele desejo.

— Se você pedir a Kanansiuê que é o pai dela e pai de nós todos, talvez ele lhe dê.

Naquela noite, Imaerô sonhou que alguém chegava perto da sua esteira. Era um velhinho, feio, sem dentes e de cabelos brancos.

— O que você quer, velhinho?

— Eu sou Tahiná-Kan e vim para me casar com você.

Acordou assustada mas acalmou-se porque Tahiná-Kan continuava linda brilhando no céu.

No dia seguinte, apanhou o pote para buscar água no rio. Havia um vulto abaixado perto da barranca. Aproximou-se e o vulto ergueu-se devagar.

Quase jogou o pote no chão e saiu correndo. Ali estava o mesmo velhinho feio, de cabelos brancos e sem dentes.

— Eu sou Tahiná-Kan, você queria se casar comigo e eu estou aqui.

Aí, Imaerô ficou com raiva e gritou com o velhinho.

— Você está mentindo! Você é velho e feio como um Kraoté!¹³. E eu só me caso com um homem moço e muito bonito.

Encheu o pote d'água e voltou para casa.

O velhinho sentou-se no chão e começou a chorar muito alto.

Denakê, que voltava da pesca remando numa canoa, ouviu toda a conversa, ficou com pena do velhinho e consolou sua dor.

— Eu acredito no senhor. Eu acredito que é Tahiná-Kan. Não chore, sim? Se quiser eu me caso com o senhor.

Então eles se casaram e foram morar num retô¹⁴ distante da

¹³. Sapo.

¹⁴. Rancho.

casa de seus pais. Então o velhinho foi fazer uma roça e saía todos os dias muito cedo. E sempre pedia a Denakê:

— Só uma coisa você não pode fazer. É ir atrás de mim na roça.

Todas as tardes o velhinho trazia uma coisa nova e levava para os outros carajás. Era muda de cana, raiz de mandioca, semente de feijão e muita coisa, muita coisa mais. E aquilo foi nascendo e brotando. E o carajá, que não tinha nada parecido no fundo do rio, aprendeu a fazer a sua primeira roça. Ficou rico de milho, de mamão, de banana e de mandioca.

Aí Denakê quis saber como é que o velhinho achava tudo aquilo na sua roça no meio do mato. Uma tarde, Denakê que gostava muito do seu marido tão velhinho, resolveu levar um pouco de bebida de kalugi para ele matar a sede e o cansaço. Levou tudo numa cabaça e tomou a direção da roça.

Quando chegou no meio da mata, precisou sentar-se. No lugar do velhinho tinha um homem forte, queimado e muito bonito.

E ele nem ficou zangado.

— Eu sou Tahiná-Kan. Agora que você sabe eu não posso mais ficar velhinho.

Quando Imaerô viu Denakê com um marido tão bonito começou a pegar luta com ela. Puxou com força os cabelos de Denakê.

— Esse marido é meu. Você tomou o meu marido. Ele veio porque eu pedi. Ele tem é que se casar comigo.

Tahiná-Kan separou as duas e colocou o rosto ferido de Denakê bem no seu peito.

— Não. Denakê é que é minha mulher. Você não me quis quando eu era velhinho. Você não tem o coração bom.

Aí Imaerô ficou com raiva e se sentou num pedaço de pé de pau.

Tahiná-Kan com medo de que ela viesse fazer maldade de novo com sua mulher, pensou. Pensou. Pensou bem. Só então apontou os seus dedos cheios de luz para ela. Imaerô foi encolhendo, encolhendo, encolhendo. Seu corpo ficou coberto de penas e um bico encurvado nasceu em sua cara. Os olhos então ficaram bem redondos.

— Pronto. Você vai ser ave a vida toda.

Cheirá calou-se. Respirou forte e completou a história.

— Foi desse modo que nasceu o pássaro jacurutu. E quando ele canta feio na mata ele está falando da tristeza de Imaerô. Pronto. Ituera¹⁵.

Espreguiçou-se.

— Agora, meninada, toca tudo pra sua casa. Tudo aroronkre¹⁶.

Ninguém se mexeu. Ninguém, não. Belerriro levantou-se com Kuryala adormecido no colo.

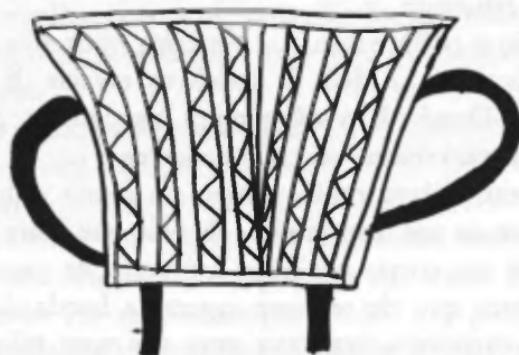
— Esse não deu para ouvir a história toda, Cheérá.

— Ainda está muito novinho, Bêle.

Aí Cheérá espiou a meninada toda embolada na esteira.

— Vou buscar mais um biré. Uma esteira cabe todo mundo para ouvir história, mas para dormir não dá.

Saiu com o corpo encurvado em direção a seu rancho.



15. Acabou.

16. Dormir.

Terceiro Capítulo

DIURÉ E BODU

Depois que alcançou a média de dois anos e meio, sentiu a vida modificar-se completamente. Principiava a deixar de ser de sua mãe, de pertencer ao rancho, para ficar mais próximo do pai e do rio que também era um pai maior.

Antes, levado no colo, descia carregado a barreira da aldeia e banhava-se com medo agarrado às mãos de Marixiro. E Marixiro sorria elevada ao notar o seu progresso de cada dia. Logo, logo, como os outros pequenos ele estaria nadando, mergulhando longe, sacudindo os cabelos compridos com a mesma graça da ariranha que sacudia o corpo reluzente.

— Esse rio é o Béérokan. Lá em cima onde fica sua casa, meu filho, é a aldeia nossa. Aldeia de todos os carajás. E ela se chama Raumaló-Mandô-Dessé. E você sempre vai gostar daqui. Porque aqui você nasceu, vai crescer, vai casar e morrer.

Marixiro riu. Falava rindo porque era muito cedo para ensinar tudo de uma vez ao seu ariorezinho. Depois que Kury adquiriu confiança, avançava seu corpo gordinho até perto da canoa e soltava-o na correnteza para que ele tentasse agarrar a borda da embarcação. Nos primeiros exercícios, segurava uma das suas mãos. Depois ele mesmo tentava desvencilhar-se para conseguir tudo sozinho.

Uma tarde, Marixiro foi com o menino esperar a chegada de Belerriro da pesca. Todas as mulheres tinham a obrigação disso. Recolher os peixes, os remos e a zinga. E se por ventura o marido depositasse lenha na beira da barranca, ela transportaria a madeira nem que tivesse de fazer várias viagens, até o rancho.

Agora, segurando as mãos de Kuryala, aguardava a canoa de Belerriro atracar. O índio riu de longe, avistando o filho. Chamou-o

com a doçura do vento, paralisando a canoa nágua e movimentando a outra mão.

— Dô-ô¹...

Kury também riu de alegria. Esperou que a canoa chegasse, que o pai o pegasse no colo e o levantasse contra o céu.

— Morronkré, Dô?

Gostava de banhar com o pai e mesmo já começando a escurecer não esperou outro convite. Mergulharam juntos. Ficou um tempo enorme abraçado ao pescoço de Belerriro. Ele ajoelhou-se na água para refrescar o corpo e dar um certo descanso ao seu remar duro da subida.

Marixiro recolhia as coisas da pesca e falava, mesmo sem se voltar para o lado em que se achavam, como era costume entre eles.

— Ele já sabe quase tudo.

Belerriro apertou suas mãos contra seu peito musculoso.

— É, filho?

— É, pai.

Marixiro, com certo orgulho, continuava no seu trabalho.

— Já mergulha, já foge de mim, já não tem mais medo da água. Daqui a pouco, nem precisará de mim para vir banhar. Pode vir com os outros maiores.

Belerriro se enchia de mais orgulho.

— Mamãe está falando. É, filho?

— É, uarrá.

Dali pra frente, Kuryala descobriu as coisas mais lindas que o pai Béérokan possuía. Vieram as temporadas das secas. E meses e meses ficavam morando em ranchos improvisados nas praias altas do rio. De noite, a meninada se divertia assustando as gaivotas brancas e os camiás, correndo quando elas desesperadas numa gritaria louca davam vôos rasantes sobre eles. Mais tarde, quando elas chocavam e os pintinhos desajeitados corriam apavorados, aprisionavam os filhotes e os alimentavam com pedacinhos de peixe. Eles ficavam mansinhos e mais mansinhos se tornavam quando voltavam a morar na aldeia. Só depois de grandes, quando o instinto da reprodução, o grito da

1. Meu filhinho.

selva os chamavam é que eles partiam para sempre sem lembranças, sem memórias.

De dia, era banhar. Banhar. Banhar. Ficavam negrinhos e lustrosos de tanto sol. Os cabelos chegavam a adquirir nas pontas um tom meio avermelhado que era preciso ser disfarçado com a aplicação do óleo de babaçu bem grosso.

Bom também, quando os pais fabricavam pequenos arquinhos e flechas e eles perseguiam, o dia todo, o bando de miguelinhos e patatinhas que se colavam nas gengivas da praia à espera de qualquer resto de comida.

Todas as crianças se transformavam em verdadeiros bichinhos. Não sabiam o que era o tempo. Não sentiam que as horas passavam. Paravam quando tinham fome, para tomar o Kalugi ou comer peixe. E o peixe se tornava gostoso de qualquer maneira. Tanto fazia ser cozido ou assado. Também o Kotu² ou o Otuni³ tornavam-se gos-tosíssimos mesmo quando assados nos próprios cascos.

A vida na praia era dividida em dois tempos. Primeiro, quando o tracajá vinha fazer a postura dos ovos nas noites. E depois, desapareciam para que o sol fizesse o papel de pai e mãe. Aí, pelas manhãs, todos iam catar as covas. E eram tantas, tantas, que nem precisavam pegar todas. Tudo era realizado com muito barulho, com muito grito e com bastante alegria.

Então as noites ficavam muito frias, tão frias, que os homens faziam fogueiras dos dois lados do rancho para esquentar-se do frio. Era preciso que de noite algum membro da família se dispusesse a soprar as labaredas e colocar mais lenha, a lenha que ficava de reserva para que se pudesse dormir um pouco mais.

O Bêérokan amanhecia tão frio que nem dava gosto de banhar. Só quando o sol se firmava grande é que ficavam amontoados se esquentando. Como é que podia fazer tanto frio de noite e quando fosse daqui há pouco Tchu, o sol, estava quente a ponto de nem se poder pisar na areia branca da praia?

Depois, passava mais um tempinho e tudo voltava de novo com

2. Tracajá.

3. Tartaruga.

o aparecimento da desova da tartaruga. Tartaruga, sim. O ovo era muito mais gostoso pra comer. Eram bem redondinhos e saíam pulando pela praia quando retirados com força das suas covas. Toda a alegria da aldeia retornava. Todo mundo ria e brincava. Então, as noites já deixavam de ser tão frias e, segundo os mais velhos, era quando Biú-Ê-Teki⁴ oferecia as estrelas maiores e mais bonitas.

E quando o tempo das tartarugas fosse ficando mais longe, as noites perdiam a frialdade. Os dias iam se tornando insuportáveis. As águas do rio tornavam-se tão mornas que para refrescar o corpo era necessário permanecer uma porção de horas dentro delas.

Aí, aquele abafamento tomava conta de tudo, o sol ia ficando escondido por muita fumaça. Urgia queimar todo o capim seco para matar remalalá⁵, encher o céu de mais calor para provocar a chuva e melhorar a vida. Também o fumo da roça voava para o céu enfeiando tudo e espalhando por todo canto aquele cheiro de queimada que ardia nos olhos e doía nos pulmões.

E o carajá sorria quando ao longo biu-mantá⁶ cantava zangado pelo céu, balançando a terra e o medo dos meninos. E vinham outros. Mais outros. E muitos outros mais. Aí, Biu⁷ voltava a viver. Escorria pelas árvores, alagava tudo e penetrava nos tetos dos ranchos dos inás que tinham se esquecido de reparar os buracos que as antigas chuvas haviam feito. Mas dava tempo. Porque aquela chuva ainda não era a maior. Ainda permitia o sol voltar algumas vezes. Assim dava tempo de cortar folhas de palmeira e consertar o que era preciso.

Era a vez das praias morrerem e o rio viver. As águas subiam, subiam. E subindo iam comendo as praias devagarzinho. E quando se passasse o tempo de duas luas ninguém que não estivesse acostumado ia acreditar que ali onde existia aquela água grande, morara tanto canarã⁸ gostoso.

E todos os anos era a mesma coisa. Sem pressa e natural. O rio crescia, subia suas águas perto da aldeia. Vinham as grandes festas.

4. O céu.

5. A cobra.

6. O trovão.

7. A chuva.

8. Praia.

Retô-Rekan que alguns carajás falavam Retokan. Era o tempo dos pi quis. E quando as águas se determinavam a baixar, acontecia chegar a vez das grandes febres, das grandes maleitas. Ái, o Oroti-Bedú⁹ da aldeia fazia o milagre das curas, aplicando bebidas feitas de ervas e madeiras cujo segredo só ele conhecia. E que passava de pai para filho. Quando a febre não cedia, era preciso curar a maleita mudando de aldeia. Motivo para fazerem viagens grandes, em visitas a parentes distantes.

Depois vinha o Uerrê-Rokan¹⁰. Os ventos gerais que anunciam que as chuvas tinham partido e que ninguém pegava mais febre. E o vento ventava por quinze dias sem ninguém saber de onde vinha, porque o céu era todo tomado de azul, sem uma risca, sem uma nuvem branca que indicasse sua origem.

E com o tempo passando, Kuryala também foi crescendo. Seu arco agora não era só de brinquedo. Belerriro o fabricara de um pati bem duro e trançara a sua corda de uma embira forte. Já aprendera o manejo do narirri¹¹ e o râuó do seu pai não possuía mais mistérios para ele. Já formara o seu bandinho, outros meninos como ele, que saíam em grupos descobrindo outros mistérios do Béérokan: a penetração nos furos e nas lagoas. A flechação dos tucunarés. A perseguição nas beiras das praias dos grandes raretos¹² e dos cascudos que, assados nas próprias cascas, davam uma carne branco-amarelada boa de devorar.

Kury crescerá tanto que já nem se lembrava da dor sentida quando numa festa de Retô-Rekan, fizeram-no sentar no Oriçã¹³ e perfuraram seu lábio inferior com ponta afiada de osso de guariba. Lembrava-se só que chorara muito como os outros meninos que pegaram de surpresa. Lembrava-se de que dormira toda a noite no colo de Belerriro com a boca fervendo. Mas que ele, a todo instante, abaixava-se para soprar e lhe falava baixinho, consolando-o.

— Dói, sim, filhinho. Todos os homens passam por isso. Um

9. O médico, o curandeiro.

10. O vento.

11. Remo.

12. Pintados.

13. Banquinho de cerimônia.

dia também fizeram comigo e meu pai Birirroa também me deitou em seu colo e soprou a minha dor.

Embalava-o docemente.

— Durma, durma, amanhã estará tudo seco e você nem vai notar que tem um buraquinho e um osso espetado nele. Quando ficar rapaz vai poder usar oluó¹⁴ bonito pendurado em todas as festas de Raumaló-Mandô-Dessé...

E se no sono tentava com as mãos retirar aquilo que tanto incomodava a sua boca, ainda era a mão amiga do pai que impedia aquele gesto.

Agora, muito maior, aquela dor não significava nada. E quando algum menino estava chegando àquela idade e perguntava se doía, sorria paciente e tentava não assustá-lo.

— Dói só um pouquinho. É depressa. E você dorme, seu pai sopra. Você acorda bom.

Para animá-lo retirava o osso do seu buraco cicatrizado e sorria.

— Aqui eu nas festas, posso colocar os oluós mais bonitos...

E tornando-se um menino forte e sadio, Kury não ignorava que outras obrigações tribais não demorariam a aparecer.

Numa daquelas tardes, regressando com o remo na mão e uma pequena feira de peixe na outra, abaixou-se para penetrar no rancho de seu pai. Como de costume veio logo falando.

— Nádi¹⁵. Peguei peixe auire¹⁶ para você.

Estranhou que não recebesse resposta.

Mal acostumou a vista com a penumbra do rancho, descobriu em silêncio três homens sentados na esteira ao lado de seu pai. Ficou meio desapontado e o coração sobressaltou-se um pouco. Adivinhava sua verdade. Aqueles homens vinham tirá-lo de sua casa. O seu tempo havia chegado.

Obedo, Texibré e Kurixire olhavam o seu desapontamento e sorriam-lhe com simpatia.

Belerriro levantou-se e recolheu o remo e os peixes de sua mão. Colocou-os numa panela e o remo enfiado na palha do teto.

14. Enfeite.

15. Mão.

16. Bom.

Depois passou-lhe as mãos nos seus cabelos compridos, sempre tão bem tratados, sempre oleados pelas mãos orgulhosas de Mari-xiro.

— Você precisa sair um pouco com eles, Dô.

Viu que os olhos de Kury imploravam sua companhia.

— Não posso. Mas eles são meus amigos, portanto serão seus amigos porque você está começando a se tornar um homem. Vá.

Acompanhou lentamente os três homens que se afastavam do rancho. Caminharam um pouco para fora da aldeia. E aproveitando a sombra da noite que se adiantava pararam debaixo de outra sombra: uma grande sicupira.

Falaram-lhe com calma e sabedoria.

— Kury, nós escolhemos você como o primeiro. Isso porque você é um bom rapaz. E porque um dia você vai ser um grande Ixandi-Nandô¹⁷ dos carajás. Todos os homens da nação carajá que chegam na sua idade, passam por isso. Nós também já passamos.

Felizmente, a escuridão da noite e a sombra da sicupira escondiam o fogo do seu rosto e a expressão de sua angústia.

Controlou-se para poder responder.

— Eu sei. E estou pronto.

Preferia fazer aquilo com o seu pai. Mas aquela exigência tribal não era executada pelos pais. Mais tarde sim, quando estivesse jovem feito, perto até de casar, o seu pai faria com ele a outra exigência da tribo.

— Não vai demorar. Não se assuste.

Então Kury sentiu que várias mãos começaram a subir sobre suas coxas. Fechou os olhos, envergonhado.

Na escuridão, ignorava as mãos que seguravam o seu sexo. Os homens faziam aquilo assim de noite, em sinal de respeito, para que o menino não se sentisse humilhado nem descobrisse qual a mão daqueles homens o examinava.

Dedos fortes apertaram os seus testículos. Depois outros dedos diferentes repetiram a mesma ação.

— Agora, você deve ajudar.

17. Capitão de tribo.

Sentiu que estava suando frio na testa.

— Não se envergonhe. Faz como se você estivesse na praia com os outros meninos.

Precisava excitar-se, mas na presença daqueles homens por mais que já estivesse avisado, tornava-se difícil.

— Vamos. É só um momento.

Uma mão acariciou o seu sexo. E todo o seu temor desapareceu. Tinha que provar que era um homem. Excitou-se. A mão apertou-lhe mais o membro e arregaçou-lhe o prepúcio. O coração batia angustiado no peito.

— Pronto. Agora está bom.

Outras mãos vieram na escuridão e tocaram seu sexo endurecido. Apertaram sem magoar os seus testículos.

Faziam aquilo com todo respeito, cumprindo uma obrigação que vinha de muitos anos.

— Está bom. Noón está grande e duro. Cê¹⁸ também duros. Então, deixou de ser menino e começa a ser rapaz.

Sentiu que as mãos o abandonavam e um alívio enorme encheu o seu peito. Só que as vozes agora determinavam o seu destino.

— Amanhã no tiorô¹⁹ levaremos você para a casa de Aruanã e cortaremos o seu cabelo e pintaremos todo o seu corpo de preto. E você vai ser Diure²⁰, e vai servir os mais velhos e trabalhar e tomar conta dos Diassós²¹ sagrados.

Ficou parado enquanto os três homens se afastavam na noite sem ao menos dizerem boa-noite ou até logo.

Passado o desespero, sorriu. Afinal, fora escolhido. Começava a se tornar homem e aquilo era motivo de certo orgulho até para o seu pai.

Encostou-se no tronco da sicupira, tocou as muriçocas da noite que picavam o seu rosto e ficou olhando as primeiras estrelas desenhando o céu.

Sorriu mais ainda, virou-se para o tronco e urinou nele. Depois

¹⁸. Testículos.

¹⁹. De tarde.

²⁰. Ariranha.

²¹. Máscaras.

alisou o seu noôn com calma e bastante orgulhoso ouvindo as palavras dos homens voltarem aos seus ouvidos.

— Noôn está grande e duro.

Andou devagar. Depois apressou o passo. A fome falava no seu estômago e Marixiro já devia ter cozinhado o peixe que trouxera.

* * *

Chegando na aldeia, encaminhou-se logo para o rio. A noite de toda se fizera e as estrelas mordiam a sua superfície adormecida. O rio só falava no balançar das canoas amarradas na barranca. Lavou-se sem pressa. A frialdade da noite afastou para a selva os enxames dos pernilongos. Por isso pode secar bem o seu corpo com calma. Pensava na diferença que iria acontecer quando o sol amanhecesse, e sorriu. Poderia viver uma vida inteira e nunca se esqueceria daquelas mãos apalpando-o na escuridão, daquelas vozes anunciando sua transformação...

Sorriu porque precisava voltar ao rancho e dormir. Comer e dormir a sua última noite de menino. Torceu os cabelos. Sacudiu-os longamente e principiou a caminhada de volta.

Na esteira, forrando o chão defronte do rancho de seu pai, reconheceu os dois vultos que o esperavam. Eles fumavam. E os lumezinhos vermelhos dos aricocós lembravam pirilampos sem pressa.

Recebeu com certa comoção a saudação.

— Dateriambú, Dô²²!

— Arerine!²³

Sentou-se, esperando. Sua mãe perguntou-lhe se tinha fome e foi buscar peixe com farinha. Agradeceu a panela depositada em sua frente. Levantou os olhos e na semi-escuridão observou o rosto, os olhos do pai fixados em seu todo como se quisesse falar da sua solidariedade e da sua simpatia. Do seu orgulho também. Entretanto, cada um dos meninos poderia falar do acontecido. E se por acaso um mais corajoso comentasse, jamais revelaria o nome dos homens da tribo que executaram aquela tarefa.

22. Boa-noite!

23. Boa-noite!

Depois sua mãe trouxe-lhe um pedaço de tori-uonan²⁴ e djatá²⁵. E Kuryala sabia que aquela sua noite devia ser a mais calma de todas. Não podia apressar sua refeição. Já sabia que sua mãe viria a fazer em seguida. Por isso não demonstrou estranheza quando sentiu seu vulto sentado de pernas cruzadas às suas costas. Ela acomodava-se do melhor jeito como todas as mães da aldeia naquela oportunidade.

Marixiro levou o firró²⁶ e desembaraçou com um cuidado macio os seus cabelos molhados. Fazia-o tão suavemente para que não interrompesse ou não desagradasse qualquer momento da sua refeição. Depois ela esfregou as mãos em óleo de babaçu, esquentou as palmas e voltou a alisar seus cabelos demoradamente. O cheiro do óleo tão conhecido penetrava-lhe nas narinas ao mesmo tempo que o gosto do peixe vivia em seu paladar.

Acabou de comer e empurrou para longe e vasilha tentando não importunar o trabalho de Marixiro. Aí, Belerriro lhe deu uma cuia de água, esperou que bebesse, recebeu-a de volta e voltou a sentar-se em seu canto tornando a elevar-se com a cena.

Agora o pente caminhava mais facilmente em cada direção em que era empurrado. Marixiro alisou-lhe a franja e, para finalizar sua tarefa, passava o pente e as costas das mãos desde o alto da sua cabeça até os seus ombros.

Acabara o seu trabalho. Recolheu o pente e a cuia, afastou-os para o lado. Foi então que seu peito soltou um pequeno suspiro e num gesto incontido encostou o rosto nas costas de Kuryala.

— Meu filho bonito! Meu filho que já é um homem!

Só disse aquilo. E aquilo resumia todo o seu amor e o mistério da sua maternidade. A dor do seu parto. E todos os momentos, todos os dias, todas as suas alegrias, todas as suas angústias. E mormente tudo aquilo que lhe seria roubado no outro dia. Desde os seus lindos cabelos cortados quase rentes até sua presença no rancho. De amanhã em diante, quando viesse no rancho, não seria permitido na qualidade de Diuré entrar pela porta da frente e sim pela do fundo. Até para

24. Mamão.

25. Banana.

26. Pente.

banhar-se ele iria com os outros escolhidos, bem longe da aldeia. A barranca do rio, só em horas mortas da noite, quando não houvesse alguma presença. Ele iria pertencer à casa de Aruanã com todo o seu mistério. Suas grandes e lindas máscaras. Com os Diassós sagrados. Trabalhar ao mandado dos mais velhos. Fazer aprendizagem de tudo. Os segredos das cantigas sagradas. Ficar íntimo até de Lateni-o-deus-bicho-do-mal que corria atrás das crianças para assustá-las e ganhar presentes nas portas dos ranchos. Lateni que não tinha hora para sair e correr com a grande borduna na mão que batia mesmo em qualquer menino que não fugisse a tempo. E agora para Kuryala acabara-se o medo de Lateni. Mais tarde, também ele poderia vestir-se com as saias trançadas de palha, com a sua grande máscara e sua borduna poderosa para ensinar as crianças teimosas a obedecerem os pais. Para estender as mãos disfarçadas de pintura negra e recolher as dádivas para a casa sagrada.

— Meu filho bonito já é um homem!

Soltou o menino e adentrou o rancho levando o pente e a cuia de óleo.

Foi a vez de Belerriro lhe dizer alguma coisa.

— Você está cansado, meu filho?

— Dearã Lexeélerrúneri son-êre²⁷.

— Kay moronkré?

— Sim, pai. Eu vou dormir.

Ergueu-se para penetrar no rancho. Parou um momento e sorriu amigo para Belerriro.

— Arakre, uarrá!

— Boa-noite, filho.

Jogou-se na esteira e puxou sobre o corpo outra esteira mais fina. Não que sentisse frio agora. Entretanto, cobria as pernas porque alguma muriçoca poderia aparecer procurando o quente do rancho e morder-lhe as solas dos pés dando aquela coceirinha tão, incômoda. Sorriu pensando naquela tarde e naquela noite tão complicada, diferente e tão significativa para ele. Não só para ele. Outros meninos na sua idade deveriam ter passado pelo mesmo. Na certa Obedo, Uaxi-

27. Estou bastante cansado.

mani, Texibré e outros que como ele estavam com os bicos dos peitos endurecidos e os testículos também, tinham sido caçados e amanhã bem cedo apareceriam a seu lado para a mesma cerimônia da cortação dos cabelos e enegrecimento dos corpos. Pretinhos como ariranha. Pretinhos como Diuré. Ligeiros como a ariranha, para obedecer e fazer depressa tudo o que os mais velhos estivessem mandando.

Na sua sonolência escutou que cantavam e dançavam o Aruanã. Ouvia o ruído da marcação dos chocalhos. Riu. Nunca mais ouviria de longe tudo aquilo. Iria penetrar no mistério da casa grande de Aruanã.

Adormeceu e o corpo foi resfriando aos poucos. Acordou assustado com mãos tocando o seu corpo. Mas acalmou-se com a voz de Marixiro falando-lhe docemente para que dormisse e puxando a leve e quente esteira sobre o seu corpo.

Sorriu e ela sorriu também. Marixiro sabia que nas poucas vezes que ele pudesse dormir na esteira e em seu rancho, já se sentindo um homenzinho e começando a adquirir a independência da vida própria ele não iria gostar de ser coberto como se ainda fosse uma criancinha.

• • •

Formavam um grupo de onze diurés vinculados à casa de Aruanã. Responsáveis pela custódia de todas as máscaras e por tudo que adviesse de ruim àquela casa. Nunca o grupo dos onze se encontrava reunido naquele recinto. Sempre havia ordens a cumprir. E tudo tinha que ser obedecido sem uma negativa, sem uma reclamação. E ainda mais: sempre com um sorriso nos lábios. Os jovens da tribo que não pesavam por lei e nem trabalhavam pelo mesmo motivo, passavam o tempo a se embelezarem. Freqüentavam as praias do rio longe da aldeia. Treinavam lutas nas areias, voltavam à tarde com a pose de quem estavam seguro da sua beleza e mocidade. Sentavam-se nas esteiras. Mas nem sequer se davam ao trabalho de estender as mesmas. Os diurés estavam ali para tanto. Oleavam os cabelos. Penteavam-se uns aos outros. Perdiam horas a desenhar motivos lindos nas costas, nos peitos e nas pernas. O tempo para eles parecia não existir. Aquilo poderia ser conservado até que um deles se dispusesse ao casamento. Do contrário permaneceriam naquela vida indolente o tempo que bem dese-

jassem. Nas suas mãos os diurés não sofriam muito, visto terem eles há bem pouco tempo experimentado aquela etapa. Os jovens indolentes também tinham prioridade ao uso das máscaras de dança. Um homem feito precisava esperar que eles desocupassem as máscaras para poderem executar os seus próprios rituais. Se eles implicassem com alguns dos candidatos, faziam de propósito, não terminavam mais de dançar e de cantar...

Trabalhar para os homens maduros não se tornava uma tarefa difícil para os diurés nem para os bodus. Eles apenas eram exigentes. Queriam tudo bem feito e na hora exata. Deixavam tarefas para serem feitas em suas ausências. Diuré tinha que afinar osso de guariba e de onça para ponta de flechas e de tonoris²⁸. Precisavam trançar fibras de palmeira e renovar pedaços velhos dos saíotes de dança. Enrolar bastante embira nas mãos para a fabricação de desenhos nos cabos das bordunas ou num arco de festa. Trançar cordões maiores para o encordoamento dos arcos de pati. Outras vezes sair bem cedo e acompanhar os pescarias. Mas pescar, que era bom, dificilmente lhes seria permitido. A não ser que fosse um homem muito amigo do seu pai e muito camarada. O trabalho era acender o fogo, preparar o peixe e ficar embaixo do sol ardente, esperar que a comida aprontasse. E na hora do riró²⁹ também comeriam quando todos acabassem e da comida que restasse.

Duro mesmo era obedecer os velhos e os velhinhos. Nada estava bom ou perfeito para eles. Chegavam a pensar por que os velhos e os velhinhos não morriam logo. "Menino, o fogo está forte demais!" Corriam a diminuí-lo arranhando o chão com as pontas dos dedos doloridos, porque ali o terreno era socado e seco. Jogavam areia nas labaredas e esperavam. "Menino, o fogo está fraco. Acenda mais. Não vê que assim não dá para derreter o tuborá³⁰ para grudar a ponta da flecha no taquari?" Toca a correr na beira do mato e catar pedaços de lenha seca para avivar o fogo. "Menino, vá buscar maiçimôni³¹ na casa de Maluá!" Menino, vá buscar Koteruti³² na casa de Katimári!

28. Lanças.

29. Almoço.

30. Cera.

31. Arroz.

32. Batata-doce.

Menino, você não acabou de trançar a minha embira? Menino, você não encheu esse pote de água nova? Essa água está velha e quente. Vá pegar uma canoa e buscar água no meio do rio, onde a água que vem do lado do Iaoú-Bero³³ é mais limpinha e fria..."

Era obedecer, obedecer e obedecer. Nunca responder, nunca arranjar uma desculpa porque isso seria ofensa para os velhos e os velhinhos.

E sobretudo para Kuryala o aprendizado tornava-se mais duro. Para ele, para Kurumaré e para Mauluá. Todos três mais tarde teriam sua época de capitão da tribo. Tudo precisava ser ensinado com perfeição. Aos três eram ministradas até aulas diferentes de que os outros diurés não participavam. Os Orotis-Bedus³⁴ cinco ou seis vezes em cada lua os levavam em suas companhias para pesquisar o mato. Ali lhes era ensinado o segredo miraculoso da cura das raízes e das cascas. Era curioso mas não agradável ter que mastigar pedaços amargos de raízes, sucos gosmentos, cascas que por vezes deixavam na boca um travo queimante e ficavam muitas horas ardendo na garganta como óleo da andiroba, que diziam curar dor de garganta e febre de gripe.

No começo, aquele estágio custou a passar. Mas a chuva choveu grande e o rio encheu. E as praias partiram na fome das águas. Depois o sol voltou de novo. A chuva partiu. A praia voltou com toda a alegria do sol e das noites tão cheias de estrelas. Novos diurés foram caçados e eles elevados à categoria de Bodus.

Como Bodus, não precisavam raspar a cabeça daquele jeito, deixando só um círculo de cabelos em volta das orelhas que circundava o resto da cabeça. Ainda não lhes era permitido usar o cabelo comprido, entretanto a cabeleira poderia crescer curta e igual até às maçãs do rosto. Ainda, até que estivessem bem iniciados como Bodu, pintariam o corpo de negro com jenipapo e tisna de panela. Conforme eles próprios iam convencendo os mais velhos em suas funções, aos poucos relaxariam até aquela pintura negra. Tudo era questão de tempo e paciência. Como Bodu, fiscalizariam o serviço dos Diurés. E o faziam longe das vistas dos mais velhos com mais humanidade e paciência. Até para os menores que sentissem a falta da casa e ainda pudesse-

33. Rio das Mortes.

34. Curandeiros.

chorar, diriam uma palavra de consolo com um gesto amistoso. Isso se não estivesse por perto o olhar severo de algum velho ou velhinho da aldeia.

Kuryala sorriu. Ser Bodu era ser quase metade de um moço. Era ver que nas águas do rio o seu corpo refletia o volume dos primeiros músculos. E que esses músculos apalpados pelas próprias mãos davam um orgulho tão grande que levava para longe todos os desgostos passados como Diuré de Aruanã. Bodu! Bodu não carregava mais água nem trançava mais cordas. Bodu era uma pequena lei. A lei de zelar. A lei de olhar por tudo. A lei da responsabilidade primeira na casa das máscaras. Nada podia estar errado. Não podiam dar ordens aos Diurés, mas ensiná-los nas pequenas coisas. Era somente zelar.

Bodu era participar dos primeiros jogos, dos primeiros esforços físicos. Era a prática das primeiras lutas. E havia um mestre para tudo. Idiarrina ensinaria a malícia do Kexukre³⁵. Não seriam todas as tardes. Mas quando ele estivesse de folga da roça e da pesca, levaria a turma dos Bodus e dos Diurés para a praia. Dividia-os em equipes, visto que a casa de Aruanã não poderia perder todos os seus vigias obrigatórios. A luta transformava-se num exercício formidável que desenvolvia os músculos e a agilidade das pernas e dos braços. Sobretudo a rapidez do raciocínio no ataque e na defesa.

Como Bodu, também eram encaminhados a vários cantores e compositores da tribo. Nem sempre os mestres permaneciam os mesmos. Na realidade quase todos os homens gostavam de dançar e de cantar os Diassós, mas nem todos possuíam a paciência de ensinar os mais jovens.

Aquele mister exigia um conhecimento muito grande. Primeiro os meninos tinham que experimentar as vozes. Quase sempre o Bodu atingira o ponto exato da sua voz. Depois de selecionadas as vozes havia a escolha das estaturas. Tornando-se às vezes até difícil que a estatura de um combinasse com a voz do outro. Surgia um trabalho maior de adaptação. Ajustar a voz de um Bodu mais alto para que desse certo com o que deveria ser seu par. Quase sempre os menores caíam nas máscaras Diare-Renim e de Rariri. E todos se conformavam

35. A luta.

com o escolhido. Porque as máscaras exigiam uma simetria perfeita. Felizes eram os mais altos que poderiam variar entre o dançar do Debó, do Tiau-Ri, do Iué-Rodí e do Uobessé. Quanto a aprenderem as danças de folgado do Uobessé a disciplina não reclamava muito. Tudo dependia da graça e da improvisação de cada um, por ser uma máscara feita de uma cabeça grande e negra, onde o nariz de cera e os olhos empapuçados se grudavam num grande cabaço. Por si só a figura grotesca se tornava gaiata. Também única e mais rara, o diassô de Lateni-o-deus-bicho-do-mal. Aí os seus gestos obrigavam o índio a maior capacidade de tragédia e violência. O Lateni tinha de impressionar sempre. As crianças tremiam de medo e se escondiam em qualquer parte com o coração pulando de pavor ao ouvir o ruído das suas palhas secas e do seu chocalho. Era o único que podia sair da casa de Aruanã e percorrer as aldeias e as praias a qualquer hora do dia.

Kuranía era o melhor de todos os professores. Dirigia a escolta dos seus Bodus para bem longe da aldeia, tão longe que nem um só som fosse apercebido. Nem mesmo que o vento mudasse soprando em direção aos ranchos. Buscava sempre a beira de uma lagoa, à sombra das grandes árvores que amavam a humidade local. Nem permitia uma brincadeira ou uma desatenção. Jamais se zangava ou elevava a voz. Se descobria que o Bodu se atrapalhava ou tinha dificuldade em aprender certos detalhes recomeçava tudo com um sorriso.

— Não, filho. Não é assim. Vamos fazer de novo. Quanto for preciso. Quando aprender, você vai ver como fica mais bonito desse modo.

— Agora vocês dois. Vamos cantar. Assim. Um ao lado do outro.

Sorria.

— Muito bem. Auire³⁶. Agora eu falo um, dois, três e vocês cruzam os dedos. Você, dê sua mão direita e você dê sua mão esquerda.

Olhava firmemente para os meninos. E fazia sinal que ia começar. Os outros sentados em galhos de árvores ou em troncos caídos bem perto não perdiam um só de todos os movimentos.

Kuranía batia palmas.

36. Bonito.

— Sorrodire, nati... natã! Um... dois... três. Agora antes de começar o canto abaixem-se três vezes. Vocês estão saudando Kanansiú e os donos que oferecem a festa.

Os Bodus obedeciam.

— Tiocrê! Esperem! Está quase bom. Mas isso tem que ser feito sem dobrar os joelhos. Idiôma!³⁷

Tudo era recomeçado. E dessa vez Kuranía afastava-se um pouco para observar melhor.

Sorria.

— Agora, outros dois.

Substituía os dois Bodus. Sentia a apreensão no rosto dos meninos e tinha uma palavra para acalmar.

— É assim mesmo. Se errarem não faz mal. Depois tudo fica aí-tire³⁸.

Os meninos assentiam com a cabeça sem tirar os olhos do mestre.

— Bem. Vocês vão fazer tudo o que os dois já fizeram quatro vezes e eu sei que vocês aprenderam.

— Sorrodire, nati... natã!

Esperava com calma as ordens serem executadas.

— Agora sim. Qual é a cantiga de vocês?

— Riuérã-réra.

— Bem. Cantem um pedacinho para que veja que não esqueceram.

As vozes um pouco confusas e trêmulas saíam com uma certa secura. Mas Kuranía sorria. Era assim mesmo. Logo eles perdiam a timidez e cantavam direitinho.

— Vocês sabem. Então vamos fazer mais difícil agora. Vamos recomeçar tudo. Quando vocês fizerem a saudação eu bato com as mãos duas vezes e então vocês cantam o Riuérã-Réra, mas sem mexer com o corpo e com a cabeça. Também os braços ficam colados ao corpo.

— Vamos.

A cantiga saía uma, duas, três vezes. Kuranía substituía os novos

37. Outra vez.

38. Bonito.

Bodus, perguntava-lhes sua canção. Eles tinham que fazer tudo que os outros fizeram e quando chegasse naquele ponto...

— Vocês balançam a cabeça para um lado e para o outro e com as pernas marcam o movimento da cantiga. Três vezes.

E os outros novos que entrassem em cena já completariam um novo movimento. A dança que continuava sempre com as mãos cruzadas já não iria permitir que as mãos soltas ficassem inativas. Agora era a vez delas segurarem o uerú³⁹. E os últimos que ensaiassem executariam ainda um pouco indecisos um esboço da dança completa. Teriam que fazer a saudação, cantar ao mesmo tempo que balançavam os maracás e fazer o mais difícil, caminhar sem perder o ritmo por duas riscas paralelas que Kuranía fizera no chão com um pedaço de coaru⁴⁰.

O encantamento dos Bodus tornava-se enorme. Maior ainda quando Kuranía colocava todos em fila de mãos entrelaçadas e os ensinava a caminhar ao som do ritmo do uerú e de suas palmas.

Com que alegria executavam tudo. Desde o caminhar dançando até o correr no compasso do maracá e das palmas de Kuranía se acelerando a cada vez que se convencia que eles se familiarizavam com os segredos do Aruanã.

Podia ser que na próxima vez viesse um daqueles homens que cantava e dançava bem como no caso de Teóro. Mas que se irritava com tudo. Brigando tanto que nem parecia que ele também tinha sido Diuré e Bodu um dia.

— Ei, Menino! Seu Ixandu-diôrê⁴¹ dance direito. Cante direito que eu não quero ficar o dia todo aqui.

Era bruto Teóro. Mas só quando ensinava as danças. Na casa de Aruanã falava tão doce, conversava tão baixo e sorria sempre. Nem parecia o mesmo. Ele devia fazer aquilo para assustar. Só podia ser.

Mas por hoje quem estava ali era Kuranía. E Kuranía era doce e sorria em todos os momentos, ensinando os Diassós ou falando sentado nas esteiras da casa de Aruanã.

O dia tinha se passado naquela labuta e o sol começava a se esconder.

39. Chocalho.

40. Pau.

41. Seu filho da puta.

— Por hoje, chega. Vocês fizeram um bom almossandeká⁴². Vamos.

Os Bodus se acercavam dele e agora podiam segurar em seus braços como amigos. O tempo de Diuré já se acabara.

— Está calor, Kura, vamos banhar na lagoa.

— Não, filhos, essa água parada está muito funda. Ainda tem muito Djutá⁴³ nela. Quero todo mundo auititire até chegar na aldeia vamos. Diorakrê, diorakrê!...

— Kay brebu?

— Sim, tenho medo sim. E não fiquem pensando que já são homens não. Por enquanto não passam de uns boduzinhos de "bussú"⁴⁴.

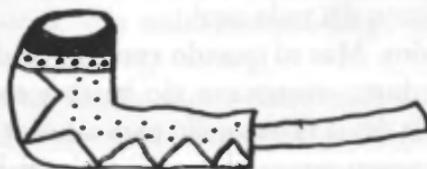
Eles riam e caminhavam de volta a seu lado. Uns mais na frente e outros mais atrás. Mas quando a noite ia se fechando toda, eles cercavam Kuranía bem de pertinho. E Kuranía sorria no escuro.

— Já sei, já sei. Estão com medo de Kunin⁴⁵.

— Você não tem, Kura?

Ele sorriu deliciado.

— Tenho sim, mas quando tem muita gente elas não vem chorar nem gemer nas árvores. Só quando o índio volta sozinho. Diorakrê! Vamos logo. Berabike!⁴⁶ A aldeia está ali e eu começo a sentir fome. Vontade de comer peixe e beber kalugi.



42. Trabalho.

43. Piranha.

44. Merda.

45. Alma do outro mundo.

46. Depressa.

Quarto Capítulo

TRANSFORMAÇÕES

Marixiro olhava o filho com encantamento. Kuryala se fizera um moço. Não muito alto, mas forte e bonito. Seus braços tinham começado a adquirir o volume dos músculos e denunciavam força. Os dentes apareciam fortes e brancos na sua boca rasgada onde o riso acabava por esconder o resto dos olhos miúdos. E parecia que tudo se passara tão depressa e fora kanáu¹. O rio podia parecer sempre o mesmo e sempre igual. O homem e a árvore, não. O rio, algumas vezes, mas poucas vezes ficava maior na cheia, para no ano seguinte aparecer com o seu antigo tamanho. O homem e a árvore, não. O homem crescia como a árvore tomando mais corpo e mais vida. Seu filho era uma boa árvore e logo e muito cedo não ignorava que ele, indicado como futuro capitão de aldeia, teria que viver tudo mais cedo e mais depressa que os outros.

Enquanto o peixe cozinhava na panela de barro ofereceu-se para pentear os seus cabelos e oleá-los, como antigamente. Fazia aquilo com orgulho porque suas mãos começavam a se tornar pequenas ante a largura das suas costas tão bronzeadas, quase enegrecidas. Já fazia algum tempo que deixara de ser bodu, enquadrando-se na escala de jovens da tribo. E os jovens da aldeia só tinham uma obrigação: a de se fazerem bonitos, permanecendo sempre bem penteados e muito bem pintados.

- Trancei dois decis² para você. São muito bonitos.
- Tiotóica, Nadí³. Vou usar hoje mesmo.
- Seu pai me falou que você canta os Diassós e dança muito bem.

1. Ontem.

2. Pulseiras de algodão pintadas de vermelho

3. Obrigado, mãe.

Kuryala sorriu da curiosidade da mãe.

— Eu sei muitas cantigas, sim.

— Quando fazem festa grande, a gente fica olhando de longe e eu gostaria de saber onde você está, qual é você e com quem está dançando. Mas não sei reconhecer sua voz, porque homem nunca canta junto de uma mulher.

Fizeram um silêncio. Kuryala estudava um jeito de falar sem trair os segredos tribais e sem deixar a sua mãe sempre tão boa, sem uma resposta.

— Olhe, mãe. Isso alguém deve ter-lhe contado. Quando se é Bodu a gente só dança com o par com quem aprendeu a dançar e cantar. Mas depois, com o tempo, os outros homens convidam a gente para dançar com eles e um pouco mais tarde a gente já tem o direito de convidar qualquer um que saiba as nossas cantigas para dançar também. Então eu lheuento: eu danço com muitos Diassós e canto muitas cantigas. É tudo que eu posso lhe dizer, mãe. Não posso falar mais...

Ela alisou sua costa larga e bateu de leve com os nós dos dedos em suas espáduas carinhosamente.

O firró⁴ descia e subia centenas de vezes entre os cabelos longos, sem pressa. Eles precisavam estar muito bem arrumados. Havia tempo. Era gostoso sentir seu filho perto e mesmo porque o peixe demoraria muito a cozinhar.

— Dê-Ú⁵, canoa que veio da aldeia de Biton-ire trouxe uma moça, uma jadomã muito bonita chamada Akurriro, não trouxe?

Kuryala chegou a estremecer.

Virou-se espantado para a mãe.

— Como você sabe?

— Borréto⁶. Você é quem sabe.

Kuryala ficou meio confuso e respondeu:

— É. Eu sei que canoa do velho Buriti, canoa grande veio de visita a Raumaló-Mandô-Dessé. Vinha três jadomãs e mais dois homens.

— E aquela que você achou mais bonita, qual foi?

4. Pente.

5. Filhinho.

6. Não sei.

— Não olhei bem. A gente estava escondido na barreira da prainha e a canoa passou logo.

— Tem uma que não é bonita não. É a mais gorda. Feia mesmo. O nome dela é Akurriro.

— Não, mãe. Akurriro é a mais bonita de todas. Não é gorda nem é feia.

— Mas você disse que não viu e que não sabe...

Marixiro riu.

— Kury você é taroí⁷, Akurriro ficou sete dias aqui. Quando a canoa do velho Buriti voltou, você e a rapaziada ficaram na ilha, na ponta do rio, pra ver a canoa passar.

— Foi verdade. A gente queria dizer arakre.⁸

— Você ficou de berenã⁹ com ela?

Kuryala riu com gosto.

— Só um pouquinho. Bem pouco. Quem é ela, mãe?

— Seu pouco. Ela também não é de Biton-ire. É de uma aldeia mais pra baixo, até bem longe: Cué-Berô. Sei que a mãe dela é parente longe de uma prima minha que morreu faz tempo, chamada Nairobi. É so.

Kuryala sentiu-se meio desanimado.

— Tão longe assim.

Marixiro riu nas suas costas.

— Longe, mas ela vai passar muito tempo em Biton-ire com uns parentes.

Sentiu aquela alegria inundando a alma. Foi bom que a mãe o acalmasse com aquelas palmadinhas em suas costas.

— É. Meu filho está ficando homem. Homem mesmo. Mas agora o barulho da água acabou na panela. Isso quer dizer que o peixe está bom. Você precisa comer muito. Ficar bastante forte, porque amanhã você vai ter que ser duro quando começarem a lhe preparar o omarira no rosto.

— Dói muito mãe?

— Dói sim. Mas é a marca da sua tribo, da sua gente. Índio

7. Mentirosa.

8. Até logo.

9. Namoro.

nenhum deve ter medo de usar o omarira no rosto. A primeira noite, é que é ibinare¹⁰. No dia seguinte tudo está melhor. Começa a passar. E se você não agüentar, venha para essa esteira. Durma aqui no rancho, que eu passo a noite soprando o seu rosto. Áí, a dor dói menos e você dorme um pouco, de vez em quando.

* * *

Quando chegou em companhia de Belerriro, ao terreiro da casa de Aruanã, encontrou muitos homens nos seus misteres de sempre. Havia os que preparavam como sempre as flechas de pesca e os encordoamentos dos arcos. Outros pintavam os corpos caprichando nos desenhos. Outros mais cansados deitavam nas esteiras e nem sentiam vontade de conversar. Talvez apenas se contentassem em ouvir. Aquelas tinham voltado da roça que se situava a três léguas de distância carregando o berrurá¹¹. E no berrurá vinham amarrados em pilhas, raízes de mandioca, batata-doce, cana, banana, mamão e trançados menores de arroz. Tudo formando uma pilha alta que pesava de cento e dez até cento e vinte quilos. Os mais fortes chegavam a transportar cento e cinqüenta. O berrurá era amarrado por uma arreata forte à cabeça, firmando-se na fronte e exigia uma força descomunal do pescoço. Duas aberturas existiam onde penetravam os braços e o berrurá era ajustado nas axilas e amarrado no peito. Depois era só correr. Aquela corridinha miúda, enorme, que não acabava mais. Os passos precisavam ser ritmados quase com o respirar. Com o tempo, a carga tornava-se cada vez mais pesada. O suor escorria no peito e as arreatas cortavam as costas e as axilas. A sede doía no peito, ardia a garganta e tornava a saliva salgada. Mas eles não podiam parar nem cair. Havia o rumo certo conhecido pelos pés que não podia ser desviado um palmo. Nada poderia prejudicar aquela caminhada de loucura. E era correr, correr, correr. Não parar nem um minuto. Nem pensar em descansar porque o corpo não agüentaria o recolocar do peso. Não parar nunca com medo da aproximação de alguma vara de caititus ou mesmo a presença de uma onça vermelha ou pintada. O sangue latejava por todo o corpo. Doía a cabeça, o pescoço parecia esticar-se

10. Ruim.

11. Cesto grande.

a ponto de rebentar. As coxas queriam amolecer, tremendo. Os dedos crispavam-se e não podiam parar de executar o movimento compassado das mãos. Os pés inchavam tanto que pareciam levantar pedaços de chão a cada batida. Era não pensar. Correr sempre. Parar nunca. Apenas olhar pedaços de referências para aliviar o cansaço de que a distância começava a diminuir. Eram horas e horas de tormento e sacrifício. A trilha do tabocal. O cocal onde no tempo das águas vinham flechar patos ao anoitecer. E havia tanta muriçoca que as costas ficavam como os raladores de mandioca. O rosto tornava-se tão inchado das picadas que precisava coragem, o não movimentar para enxotá-las. Qualquer movimento poderia afugentar a presa. Depois lá longe via-se o topo redondo do Raumaló de São Felix. Acendia-se o ânimo na alma para reconquistar um pouco de força naquela corrida que alcançava as últimas etapas. Quando chegasse iria ser uma alegria total. A cana chupada, descascada com os dentes sadios da meninada. O milho verde cheirando na brasa, invadindo até o teto do rancho. Agora a presença perto dos pés tão lindos das sicupiras que no tempo das flores enchia o chão de sombras arroxeadas. Mais um pouco e o nariz quase morto descobriria o cheiro do frescor das águas do Bêérokan. Quando chegasse perto do rio a vontade que dava era entrar com a carga toda e se afogar, matar o cansaço no gostoso da sua frialdade. Agora sim, o campo das mangabeiras. Estava chegando. Estava chegando. O coração parecia querer saltar pela boca a cada passo. Os olhos chegavam a chorar de fadiga. O peito era o uerú¹² mais forte, com o som mais forte que tivesse todos os uerús da casa de Aruanã. A aldeia. E os passos diminuindo, diminuindo até pararem no fundo de sua casa. Até que os joelhos fossem dobrando, dobrando e todos viassem em seu socorro retirar o berrurá desgraçado. E quando o libertavam de todo, sentia-se tão leve, tão morto, que o corpo não tinha idéia para onde dirigir-se. A sua mulher o puxava para a esteira ajudando-o a deitar-se. Enxugava o suor do seu rosto, abanava-o para tentar com palavras amigas colocar em ordem o ritmo do seu coração e os movimentos alternados do seu respirar. Depois, dava-lhe água para beber. Até a água fria doía nos primeiros momentos ao penetrar na sua garganta.

12. Chocalho.

Depois é que ficava boa e amiga. Então bebia muito. Bebia muitas vezes para readquirir tudo que perdera com o suor salgado que embebera todo o seu corpo naquela carreira cruel. Depois sentava-se. Podia sorrir para o rancho reconhecendo cada coisa que nele fizera. E que todo o trabalho que existia em cada canto não tinha significado nada em comparação com a viagem do berrurá. Esfregava os membros. Sentava-se. Bebia mais água. Respirava forte, quase sem dor, quase como era normalmente.

— Dearâ arorrônkre¹³.

Mergulhava no rio. Lavava os cabelos demoradamente. Sentava-se sem se importar com coisa alguma até que a água amiga do rio lhe trouxesse novo alento e lhe recuperasse a sensação da vida perdida. Durante três dias era simplesmente um homem cansado. Deitando-se em cada canto onde encontrasse lugar. Eram esses homens que Kuryala observava agora, deitados nas esteiras, falando pouco e sem vontade quando chegasse a noite de dançar e cantar as suas canções preferidas nas suas máscaras de palha.

Kuryala pensava enquanto aguardava os homens se preparando para realmente o seu grande início tribal. Iam colocar debaixo dos seus olhos os dois círculos do omarira, marca da sua raça. Escolhiam os dentes afiados de cachorrão e pontiagudavam ossos de guariba para contornarem com perfeição e aprofundarem a marca dos primeiros cortes. E tudo nele destinado a ser cedo um capitão de tribo, precisava ser executado com cuidado quase abordando a perfeição. Por isso, haviam convidado o velho Abuononã e o velho Relotura. Ambos tinham as mãos firmes e hábeis e eram os preferidos de todos os pais.

Belerriro o segurou pela mão.

— Agora, venha, meu filho. Você começa a ser mesmo um homem. Essa é a primeira coisa séria da sua vida de homem. Depois vêm as semanas das sangrias e raspagens.

Sorriu para o filho com um orgulho absoluto.

— Vai doer, meu filho. Mas toda dor acaba por passar. Tome isso.

Entregou-lhe um pedaço de polpa de buriti.

13. Vou banhar.

— Morda isso com força. Mas lembre-se que você é um futuro capitão. Um Ixandu-Nandô não pode chorar nem gritar.

Primeiro deitaram-no numa esteira com a cabeça encostada num tronco de madeira. Examinaram-lhe o rosto e com os dedos começaram a indicar o lugar da futura tatuagem.

— Caá?¹⁴

— Córre. Caá auire. Aqui está bom.

Pegaram um cachimbo e com a boca apagada comprimiram bem em baixo do seu olho esquerdo. Giraram a boca do cachimbo várias vezes sem desligá-la da pele. Até que o círculo ficasse bem decalcado e visível.

— Auire?

— Está bom sim.

— Almonsandekan?¹⁵

— Dioirakrê... Vamos.

Primeiro e de leve riscaram o círculo cuidadosamente. Kuryala sentiu de leve a primeira picada. Depois foram arranhando, enfiando o dente de cachorra no primeiro ferimento até que o círculo se alargasse. O sangue escorreu e um capuzinho de algodão apareceu para limpá-lo. Depois os dentes de Kuryala foram penetrando com força, com desespero, com dor no pedaço de buriti. Os novos capuzinhos de algodão limpavam as lágrimas que escorriam dos seus olhos e depois secavam o sangue. Nem um gemido escapava do seu peito. Muito embora suas unhas se cravassem no pulso de Belerriro, seu pai e amigo.

Quando o círculo atingiu a largura desejada, foi a vez de usar o osso pontudo de guariba para aprofundar o corte. E aquilo girou em mil voltas, sempre no mesmo lugar, aguçando as picadas da dor. E os dentes de Kuryala vingavam-se na tala de buriti. Parecia não acabar mais e era apenas o primeiro omarira. De repente, os velhos pararam para observar o trabalho artístico. Deram um hum de satisfação confirmado que o serviço saía satisfatório. A dor aguda ficou substituída por um ardor desesperante. Escutou que seu pai lhe dizia ao ouvido, consolando-o:

¹⁴. Aqui?

¹⁵. Trabalhar?

— Agora vão botar suco de bidiná¹⁶ com tisna de panela. O bidiná arde um pouquinho mas depois diminui a dor. Calma, meu filho. Agora só falta o outro omarira.

Quando tudo estava terminado, Kuryala não sabia se a noiteinha se aproximando ou se os olhos haviam inchado tanto que encobriam a luz do dia.

— Pronto, meu filho. Fizeram um serviço muito bonito. Os omariras estão certinhos. Redondinhos como olho de piranha.

Passou a mão nos seus cabelos umedecidos de suor. Com jeito abriu-lhe a boca para retirar o pedaço estraçalhado de buriti que ton-tamente teimava em conservar entre os dentes.

— Doeu, sei, filho. Eu sei. Dói muito. Mas a gente esquece. Mas agora você é quase um verdadeiro inã. Um carajá corajoso que bem cedo vai ser um bom capitão.

Segurou em seu pulso.

— Venha. Está ficando escuro e você ficou meio perturbado com a dor. Mas é assim mesmo. Você não gritou. E muitos gritam e gemem. Fez bonito!

Guiou-lhe os passos trôpegos.

— Agora, você vai ficar três dias só bebendo água. Não pode sair ao sol nem comer. Mesmo a gente não tem vontade quando faz os omariras. Só vai sair todas as tardes para passar mais bidiná preparado nos cortes. Depois então eles ficarão negros para sempre no rosto. Nada na vida fará que eles desapareçam...

E na primeira noite Kuryala ardeu em febre. Seu rosto inchou tanto que mal podia abrir os olhos. Chegava até delirar. Sentia que sopravam os seus olhos para que o ardor passasse. Em vez de Marixiro ele parecia divisar o vulto bonito de Akurriro debruçada sobre o seu corpo, arrepiando sua febre com as pontas dos seus cabelos longos.

— Akurriro, sopre mais. Dói muito.

Marixiro sorria e soprava com mais amor, sem tentar acordá-lo para que não despertasse do lindo sonho que a febre estava lhe produzindo.

Quando Kuryala alta noite pedia água e Belerriro suspendia sua

16. Jenipapo.

cabeça para colocar a cuia entre seus lábios, de novo murmurava o nome de Akurriro. E Belerriro sorria também. Murmurava só no coração". "Dorme, meu filho". Assim fazendo, sabia que não o acordava da sua febre bonita para a dor desesperada do seu rosto em fogo.

Depois, aquecendo o frio junto do corpo de Marixiro, Belerriro falou quase sussurrando.

— Você ouviu?

— Ouvi. É o nome da jadomã que eu lhe contei.

— É. Nossa filho está ficando homem mais depressa do que a gente pensa. Logo eu preciso viajar com ele. Fazer aquela viagem que meu pai fez comigo e que todos os pais gostam de fazer com os seus filhos.

* * *

Quando o inchaço dos seus olhos desapareceu quase de todo e os dois omariras redondos e negros começavam a secar voltou de novo à sua casa de Aruanã. Sentia uma contínua coceira sobre eles e muitas vezes despertava durante o sono sobressaltado com os dedos tentando retirar a crosta que se formava. Mas os velhos da aldeia aconselhavam.

— É cedo, Kuryala. O omarira está muito bonito. Quando chegar o momento ele se descasca sozinho. Forçando, você pode estragar todo o trabalho.

Sentava-se nas esteiras perto dos outros homens e escutava as suas conversas quase sempre calmas e sábias.

E o interessante é que ultimamente um assunto voltava sempre a aparecer como centro das conversações. Um índio que viajasse para mais longe da aldeia. Que levasse mais de dois dias numa pescaria, ou quinze para visitar um parente em outra aldeia bem longe trazia a mesma novidade: os brancos. Os toris.

— Eles não têm medo mesmo. Nem de Krixá¹⁷ nem de Kralanrú¹⁸. Junto da Aldeia de Krerrã-auá, vieram duas famílias e fizeram rancho. Tem um homem de nome Lúcio que vai fazer uma fazenda

¹⁷. Xavante.

¹⁸. Caiapó.

bem lá.... Como é que pode? De repente Krixá vai lá e baixa a borduna na cabeça deles e acaba com tudo...

— A gente pensa assim, mas Krixá pensa de outro jeito. Tori tem muita Makauá¹⁹ e mata depressa. Carajá não. Você vê ali em Raumaló que eles chamam de São Félix, primeiro apareceu uma família. Depois veio Severiano com uns homens e com a família também. Hoje já tem quatro ranchos. Severiano vai fazer fazenda, dizem, lá por perto da Lagoa ou na boca do Iaou-Beró²⁰. Severiano não tem medo e tem arma das boas. Xavante sabe disso. Já cercou um lugar e até tem boi e vaca. Daqui a pouco fazenda dele está tão grande e importante que nem essa aí do Serviço.

— É isso, mas foi Idiarrure que passando perto da boca do Rio das Mortes viu urubu voando. Encostou a canoa e foi lá se escondendo. Tava lá um boi e duas vacas flechadas pelos Krixás. Durante três dias eles fizeram fumaça avisando presença. Ninguém nem foi lá buscar a carne e o couro dos bichos. Daqui dava até pra ver a fumaça grande que subia no céu.

— Foi sim. Eles queimaram tudo que foi capim seco e mata de pau morto lá para avisar. E sabe o que Severiano fez?

— Não fez foi nada. Disse que não ia brigar. Que Krixá acabava descobrindo que ele não queria luta. Que branco era bom. Tudo ia ficar bem.

— Severiano fala isso porque não esteve com a gente daquela vez no Iaou-Beró, quando a gente foi buscar ovo de tartaruga. E eles baixaram sobre a gente de borduna. A coisa boa é que eles não sabiam que a gente era mais que eles. E que também tinha Corroté²¹. Mas foi feio mesmo. Kurixire ficou caído com a cabeça cheia de sangue de uma pancada. A gente trouxe ela sem vida. Ele curou de tudo, só que passou a escutar pouquinho. Eu é que não quero brincar com Krixá...

Kuryala ficou pensando na história daquela briga que sempre os meninos pediam aos mais velhos para contá-la. No começo, sentia até medo de ouvir. Depois se acostumou. Mas Belerriro nunca deixava de

19. Espingarda.

20. Rio das Mortes.

21. Borduna.

avisar para que não fosse para o outro lado do rio se não tivesse a companhia de vários inãs.

Depois os homens se calaram um pouco se interessando mais na fabricação de cordas e afinação de pontas de osso para os arcos. Não demorou muito e o assunto voltou de outra maneira.

— Tori é engraçado. Eles começam a aparecer cada vez mais. A gente nem sabe de onde é que eles vêm. Se de lá ou de lá.

Abriu os braços indicando o norte e o sul.

— Mas eles vêm sempre. Aqui mesmo em Raumaló-Dessé. Primeiro veio aquele homenzinho barbudo com dois homens e com a mulher. Conversaram com Maluá que era Capitão da tribo e disseram que eram do Serviço de Proteção aos Índios. Ficaram no canto deles. De vez em vez eles davam um luarí²² pra uma dor de cabeça, uma dor de dente ou uma dor de barriga. E o luarí curava tudo e depressa. Aí a gente começou a achar que tudo era bom. Eles fizeram ranchos, chamaram índio pra ajudar. Deram coberta pra frio. Eu até ganhei um nonré²³ bom mesmo. Porque podia trabalhar na roça, pescar no rio, caminhar no mato e mosquito nem picava as costas da gente. Pois foi. Depois veio um barco grande com mais gente. Fizeram mais rancho. Tratam a gente bem. Fizeram uma casa grande que foi pra o homem barbudinho com a mulher morar.

Interromperam a conversa.

— O barbudinho é o chefe do Serviço, não é?

— É. Você nunca foi lá perto?

— Não. Eu não gosto. Ainda não acostumei com tanto tori aqui por perto da gente. Depois não é bom. A gente chega e eles ficam olhando, olhando, olhando pra tudo. Olhando pro nôn de gente. Espiando para o retí²⁴. Parece até que eles vestem roupa porque não têm nada daquilo. Não gosto não.

— Mas isso é assim. Eles são como a gente. Um deles tomou banho na prainha quando a gente queimava canoa e a gente viu. Então eu acho que eles vestem roupa porque não podem ser como a gen-

^{22.} Remédio.

^{23.} Camisa.

^{24.} Bunda.

te. E eles tem sucu-siri²⁵ em todo corpo. Debaixo do braço, no peito, no nôn. Parece até parente de guariba. Feio muito. Deve ser por isso que eles vestem roupa.

— Quem sabe é mesmo.

Rituéra que ouvia tudo e nada dissera ainda sorriu.

— Mas vocês não viram ainda o que eu vi. Na casa grande, tem um quarto pequeno e eles puseram umas coisas. Sei lá o que é. Tem fio pendurado e uma porção de buraquinhos. O homem coloca umas tampas no ouvido e aquilo faz fiú-fiú-fiú... Ele fala sozinho. Parece que com alma do outro mundo. Aí, a gente ouve voz que vem não sabe de onde falando com ele. Toda hora do Tiorô e toda a hora do Biurassó, ele fala naquilo fazendo fiú-fiú-fiú. Depois, eu vou espiar mais uma vez.

— Eu vou com você.

— Posso ir com você?

— Acho que pode.

— O tori não se zanga?

— Acho que não. Ele ri sempre. E fala com a mão: Bom-dia!...

Abuonanã chegou na casa de Aruanã e deparou com Kuryala trabalhando na ajuda de qualquer coisa e escutando encantado a conversa.

— Ei, capitão. Venha cá.

Kuryala levantou-se.

Suspendeu seu queixo em direção à luz. Riu satisfeito com a sua obra-prima.

— Dentro de três dias cai tudo e vai ser o omarira mais bonito que eu já fiz.

Bateu no ombro do moço.

— Doeu muito, mas ficou muito bom também. Agora sim, falta pouca coisa para você ficar homem.

Recurvou os dedos como garras aduncas e percorreu as costas de Kuryala.

— Isso sim, meu velho e que vai doer muito. O omarira perto nem é nada.

25. Pêlos.

* * *

As águas do rio não podiam refletir direito a beleza dos círculos que indicavam em seu rosto a marca tribal. Quando elas paravam um pouco. Quando o vento não remexia sua placidez ou quando um peixe assustado não removia seu espelho conseguia refletir o seu rosto debruçado, enamorando-se dos seus círculos perfeitos sob os seus olhos. Podia sorrir que não doía mais. Podia fechar os olhos com o sol forte que a pele repuxada não lhe causava qualquer incômodo. Estavam elas ali, os seus lindos omariras, gravados, cortados, destinados a permanecerem para sempre como marca da sua raça. E isso o engrandecia e o tornava mais homem.

Agora os outros jovens marcados recentemente como ele, se agrupavam a sua volta para também se observarem no reflexo do rio.

— Eu sei de uma coisa melhor, tiocrê!²⁶

Sarikine saiu correndo em direção a aldeia, subindo aos tropeções a íngrime barreira do porto. Não se demorou muito e voltou com a surpresa escondida atrás, nas costas.

— Eu pedi a minha tia Diacurriro. Ela me emprestou só por um pouco.

Apresentou a mão segurando um caco de espelho.

— Isso sim. É um verdadeiro Issidiké²⁷ e não o Bêérokan. Um a um esperou a sua vez de mirar-se e nenhum conseguia convencer-se que a do outro era maior e mais bonita. A sua tatuagem possuía sempre a perfeição e o encantamento próprio da juventude. Logo se cansaram daquilo e Sarikine foi devolver a preciosidade a sua tia Diacurriro.

Resolveram mergulhar e aproveitar a vida. Porque a vida era sempre gostosa e sem muitas preocupações. Ainda dentro d'água foram atraídos por um estranho barulho. Pararam todos a escutar.

— É Räuó. Räuó grande. De Tori. Vamos esconder na barreira para ver.

Meteram-se entre uma mata de sarão aguardando a passagem de embarcação.

A espera não demorou muito. Um batelão chato, pesado e grande

²⁶. Esperem.

²⁷. Espelho.

vinha sendo manejado pelo remo de um homem forte, barbado, queimado de sol e protegido por um velho chapéu de palha. Parecia que ele remava mal. Parecia mesmo desconhecer a força do canal, porque lutava bravamente para embicar o barco para o lado da aldeia. Todo o barco estava coberto de lona e uma mulher magra e de olhos cansados sentava-se na proa olhando inquietamente para o alto da barreira, espiando assustada os ranchos numerosos e os índios nus que acorriam curiosos para ver a passagem do barco.

Kuryala observou:

— Ele está indo pro porto dos toris. Pro porto do Serviço. Vamos ver?

Como não gostavam como jovens indolentes de passar no centro da aldeia, rodearam correndo a casa de Aruanã, pegaram um trilheiro no milharal, transpuseram uma fileira de grandes bananeiras e foram desembocar por trás das casas e dos ranchos do Serviço. Ainda chegaram a tempo de ver o embaraço do remador para encostar o barco no porto. Foi preciso que a mulher magra atirasse da proa a corda para que um dos brancos ajudasse o manejo do batelão.

Depois o homem saltou do barco e ajudou a mulher a baixar à terra. Apertou simpaticamente a mão dos presentes. Em seguida, pediu notícias do Chefe do Serviço.

— Ele não está. Está pra roça. Mas num se demora. O senhor dá uma esticadinha e sobe lá naquela casa grande. Tem a mulher dele. Espere lá.

O homem forte tirou o chapéu, enxotou os mosquitos atraídos pelo seu rosto suado e coçou os cabelos embaraçados, também grudados de suor na testa.

— E o barco? Não é perigoso deixar assim sozinho?

— Se o senhor tem trem de valia, é sim.

De vera, tenho sim.

— Entonce, péra aí. Eu arrumo um cabra pra vigiar, seus teréns. Virou-se para o alto e gritou como se quisesse atingir a eternidade.

— Messias!... Messias!...

Um negrote de pernas compridas, luzidio como ariranha, veio desabando pela barreira.

— Tá me chamando, seu Roque?

— Fique aqui. Num arrede o pé e vigie o barco intê esse senhor estar de volta. Não deixe ninguém malinar, ouviu?

O negrote sentou na proa, instalado convicto das suas novas funções de guardador e a turma seguiu em direção da casa grande.

De tarde, todo mundo sabia da história. O homem era Major. Major de que e de onde ninguém sabia explicar. Mas só se apresentava como Major Cecílio vinha pangolando lá dos altos de Leopoldina. Dando um durão danado. A mulher magrinha era sua de lei e igreja. Trazia um barco cheio de mercadoria. Pra vender trem pros brancos e pra índio que não tivesse dinheiro, trocava por artesanato. Podia ser flecha, borduna, arco, lóri-lóri e os lindos larretôs de penas. Principalmente os larretôs de pena de arara vermelha, de pena de colhereiro ou então todo de pena de jaburu. Todo branco imitando a lua.

Major Cecílio explicou que vinha tudo muito bem. A mulher cozinhava de noite nas praias e de dia nas sombras das grandes árvores. Que tinha trazido um piloto laranjo dos bons, recomendado em Leopoldina, pagando um bom ouro por seu trabalho. Mas que nos últimos dias o cabra começara a banzeirar uma saudade comprida que não acabava mais. Cada dia que passava achava que a viagem crescia mais e que depois para voltar tudo rio acima ia ser uma vida inteira.

Major Cecílio agora coçava os cabelos penteados depois de um banho reparador e uma janta à luz de lamparina de óleo de mamona, onde pudera comer em paz. Sem pensar que de todos os lados podia vir um perigo novo por aquelas brenhas.

— Mas aí é o diabo. Viajar com homem que deixou rabicho nas lonjuras não dá certo. Pra num ir mais longe, o diabo ficou na casa do Severiano. Disse que vai arrumar uma canoa de índio e voltar esse vidão todo na ponta e uma zinga. Danou-se meu São Zacharias! O crioulo não tem nem sequer um HO na guaiaca. Só uma faquinha chinfrim que, se cortar merda, entorta.

— E como vai fazer, seu Major Cecílio?

— E eu sei! Só sei que onde tou não vou parar. Que descendo o rio com esse bestalhão desse barco ainda dá. Agora subir, nem quero pensar. Tenho que arrumar um piloto. Branco, preto, índio. Sei lá, um diabo qualquer.

— Vai ser duro. Nessa disgrota aqui, o povo só viaja de montão.
Com Xavante e Caiapó dando ronda, ninguém se aventura.

O homem que tinham chamado de Roque, no porto, teve uma idéia.

— Nessa hora só tem uma raça de piloto que possa pangolar nesse rio e levar vosmecê até mais pra perto dos costados do Pará. Se chegar até Furo de Pedra já tá pertinho. Mais umas puxadas e lá vem Santa Maria e Conceição do Araguaia...

Aí, seus olhos adquiriram uma distância tão grande como se estivesse falando do outro lado da terra.

— Bem. O senhor falou. Fez um trau-trau danado e acabou não explicando nada.

— Pois é. Como vai ser difícil. A gente tem que preparar de cabeça a lonjura da viagem. Pensei aqui comigo o seguinte: eu pegava um piloto índio carajá.

— Tá doido. O bicho piloteia como ninguém. Mas já viu esse bicho se afastar da aldeia numa canoada dessas?

— Home de Deus! Deixe eu acabar tim-tim por tim-tim, tudinho. Bem, eu pegava uns trens que um carajá gostasse e dizia: isso é seu. Me leve até a aldeia de Fontoura. São sete léguas. O bicho topava. Lá falava com o missionário protestante que mora lá perto e pedia pra ele me apontar outro piloteiro carajá que me levasse até Mato Verde onde Lúcio tá cum a fazenda em formação bem adiantada. Lá trocava de piloto. Ia até a aldeia de Jatobá, depois baixava mais até a boca do Tapirapé. Pronto, quando desse fé estava no Furo de Pedra e lá tem mais branco do que índio.

Major Cecílio ficou pensativo. Dessa vez deixava de coçar os cabelos para apoiar o queixo forte no polegar da mão direita.

— Sabe que é uma idéia?

— Se o senhor não quer ficar ilhado ou viajar com essa pouca prática que a gente viu, o jeito é esse mesmo.

— Vou pensar muito de noite quando estiver dormindo no barco. Se me faz favor, amanhã o senhor me dá o nome de todos esses lugares e dessa gente que diz conhecer. Pode?

— Posso. E de uma coisa eu lhe agaranto. A única dificuldade é encontrar o primeiro índio. O carajá daqui. Porque o senhor chegando

numa aldeia com um carajá no piloto, logo outro quer tomar o lugar. Depende também do agrado que vai lhe dar.

— Tenho coisas boas. De que eles gostam mais?

— Fumo. Camisas, panelas, Cobertas. Por uma coberta bem quente eles dão a vida...

— Então, vamos dormir. Minha mulher está quase fechando os olhos e eu daqui a pouco acabo fazendo o mesmo.

O Chefe pegou num lampião para alumiar o trilheiro do rio.

— Vou lhe acompanhar porque algum cão de carajá pode estranhar sua presença...

Chegados ao barco, descobriram o vulto de Messias todo enrodilhado, juntando os braços com as pernas para afugentar o frio que vinha no vento do rio e da noite. Estava gelado mas não abandonara a sua guarda.

• • •

A cobertura de lona fora retirada e os olhos dos homens ardiam de cobiça ante tanta riqueza. Montões de camisas de todas as cores, calças de brim, de zuarte, cintas, cobertas, panelas, frigideiras e um mundo de coisas que nunca apareciam por aquele mundo sem Deus e sem porteira.

O negócio não ia bem com Major Cecílio. Os homens possuíam um reles dinheiro magrelo, sobrado e um pagamento que levava às vezes até um ano para ali chegar. Acontecia tardar tanto de um salário a outro, que quando este chegava, o dono já tinha se mudado ou até morrido de malária...

Quanto à barganha com os carajás, aquilo se tornou um bamburro. um negócio rendoso. Pois ali se encontrava o maior e mais rico celeiro de artesanato indígena. Por uma coberta, por uma panela, escolhia aquilo que bem entendesse. Sendo o primeiro descobridor de uma indústria que exploraria sempre os índios mais tarde.

Dava dó olhar aquelas velhas nuas, apenas com rabichos amassados de gameleira encobrindo os sexos e as pernas pelancudas, com os olhos miúdos perdidos nas rugas do rosto e do tempo com as mãos magras pedindo uma coberta ou um tecido. Elas ficavam todo o tempo de mão estendida e voltavam para a aldeia com as mesmas mãos va-

zias. Só recebia quem tinha alguma coisa para trocar. Tori era ruim. Tanta coisa. Ele bem que podia dar. Ele não ia usar tudo aquilo sozinho. E elas não tinham nada. Só farrapos de esteiras cheias de buracos que as mãos velhas nem tinham mais força de consertá-los...

De madrugada ainda, muitas delas voltaram ao porto com a esperança de que o Tori grande e de barba avermelhada do sol, desse alguma coisa antes de partir. E dessa vez voltaram mais tristes ainda. O barco zarpara mais cedo levando toda aquela riqueza e no jacumã como piloteiro um índio tão bom e tão calmo: Uaximâni.

Dois dias depois já ninguém se lembrava da estadia do Major Cecílio com sua barba avermelhada de sol e seu corpo atarracado. Nem tampouco de sua mulher emagrecida e medrosa de tudo. Medrosa até de fitar os índios nus com os pecados à mostra, desavergonhadamente.

Ao entardecer do terceiro dia a casa de Aruanã foi sobressaltada com a presença de Uaximâni.

— Já? Tão depressa?

— Já. Viagem não acabou toda.

Sentou-se na esteira, pediu um cabaço d'água a um diuré e contou calmamente para os olhos espantados que o fitavam.

— Foi assim. Eu não devia ter ido com o homem.

— Ele era ibinare?²⁸

— Não.

— A mulher era ibinare?

— Conri-uá tulê²⁹. Mas eu conversei com ele e falei com os dedos que queria três cobertas, três panelas, duas calças e duas camisas. Ele balançou a cabeça e falou com a boca e eu não entendi. Não falou zangado. Mas com os dedos ele apontou as coisas e disse que dava um. Apontou a aldeia de Raumaló-Mando-Dessé, como se falasse que aqui ele falou que dava uma coberta, uma panela, uma calça e uma camisa.

— Aí o que você fez?

— Aí eu disse que estava bem e ri. Foi quando pensei. Muita gente tem frio em Raumaló-Dessé. Tori tem tanta coberta e não deu. E ele não quis dar o que pedi. Então vai dar tudo pra mim. E foi o

28. Mau.

29. Também não.

que eu fiz. O barco grande está escondido com tudo no sarão da ponta da ilha redonda. Eu cortei galhos de sarão para esconder ele. Todo mundo vai ter de novo o que trocou com ele. Pra mim eu só tirei três calças, três panelas, três camisas e duas cobertas. Pra mim é bom. Depois Maluá vai lá, apanha tudo e divide com quem precisa mais.

Os olhos dos inás observavam espantados a calma e o sorriso de Uaximâni detalhando tudo. Pareciam adivinhar o que acontecera, mas um criou coragem e perguntou.

- E o homem?
- Dearã ariribuna³⁰.
- E a mulherzinha?
- Dearã ariribuna tulé³¹.

Ninguém perguntou mais nada. Só observavam com insistência o rosto parado de Uaximâni esperando que acabasse por contar tudo. E foi o que ele fez.

— A gente parou com o sol quente para comer o riró³². Mulher tomou banho longe e eu fiz fogo pra esquentar comida com o Major. Depois eu banhei rápido porque o vento passou e começou a chegar mosquito. No meio do rio, peguei o canal. O barco corria bem. O vento era gostoso. Eles dois estavam sentados no banco do meio. Vi que com o balanço do remo eles estavam dormindo. Aí eu fui lá.

Bebeu mais água e continuou:

— Primeiro bati com o cabo do remo bem com força na cabeça dele e ele caiu duro pra frente em cima das coisas. Ela virou com tanto medo que nem podia gritar. Aí eu bati no meio da cabeça dela. Ela caiu ainda mais depressa. Eu tirei o barco do rio. Levei lá no lago grande e joguei os dois no fundo. Pros jacarés e pras piranhas. Voltei pra praia e lavei um pouco de sangue que caiu em cima daquela coberta que cobre os trens. Aí eu vim embora. Barco grande danado! Danado de pesado! Fiquei até com dor aqui nas costas de forçar na zinga. Barco grande! Danado de pesado!

* * *

30. Eu matei.

31. Matei também.

32. Comida.

Quinto Capítulo

As TRADIÇÕES TRIBAIS

Foram dias e dias de muito medo e angústia. Maluá decidiu em conselho com os mais velhos que Uaximâni deveria partir. Partir o mais depressa possível. Melhor ainda na madrugada seguinte antes que qualquer branco percebesse a volta rápida de Uaximâni.

— Uana, você vai para cima, pro lado do Iaou-Beró. Fica o tempo de uma lua. Se ninguém falar nada a gente manda avisar você. Leve sua mulher Tikodessa para cozinhar sua comida, acompanhar você na sua pesca e dividir o medo dos xavantes com você.

Uaximâni queria relutar mas Senikê dentro da sua velhice e sábedoria comentou.

— Carajá não é mais índio dos brabeza. Você matou dois toris. Se ninguém falar vão descobrir muito tempo depois. Mas se Chefe descobrir vai falar na casa de fiú-fiú-fiú... e chamar soldada. Quando era mais moço eu vi soldada muita. Foi de quando Rondon veio também de farda de soldada e visitou a gente. Soldada tem arma mais forte que makauá¹ eles falam de fuzir. Se Chefe chama soldada com muito fuzir, eles prende você e uma porção de parente seu e leva pra terra dele. Pode matar você ou nunca mais deixar você voltar. Rondon falou que soldada não era para isso. Só pra prender. Mas a gente num sabe onde está Rondon que era bom pra índio. De repente é outro e manda tudo que é soldada matar você.

Uaximâni começou a sentir-se amedrontado e resolveu aceitar o conselho. Os homens ficaram mais descansados. Tomaram então outra decisão.

— Onde você deixou o Räuó grande?

Uaximâni explicou detalhadamente. Maluá selecionou seis homens

1. Espingarda.

fortes para ir buscá-lo imediatamente. E nem havia tempo de pensar no medo de Xavante.

— É muito de noite e Krixá também tem medo da noite.

— Pode um tori do Posto pensar de fazer pesca e descobrir o barco. É melhor ir logo.

E uma canoa grande desceu o rio, bem no meio do canal, procurando toda a escuridão da noite. Passaram pela frente do Posto e a casa grande dormia o sono da paz assim como todos os ranchos dos outros toris.

— Depois que passar o Canarã Arioré² a gente pode remar e combinar tudo.

Mesmo assim, guardaram silêncio por muito tempo porque o vento soprava contra a canoa e qualquer som no silêncio da noite poderia ser trazido para a aldeia.

Quando descobriram o esconderijo do barco ficaram indecisos. Podia ser que a alma do Major e a de sua mulher viessem saindo da lagoa e tentassem assustá-los. Aquilo não era bom e dava arrepios até no coração. Apesar do esforço grande das remadas, naquele momento um suor frio parecia enregelar até o coração de cada um. Falavam baixinho e combinavam as ações em sussurro com medo de despertar o sono dos assassinados. Se Kunin de índio não perdoa, o que não fariam duas almas de dois brancos bordunados, para se vingar?

Respiraram aliviados quando o batelão desencalhou e balançou nas águas do Béérokan.

— Essa canoa fica escondida aqui. Você depois vem buscar Larrori.

— Eu não. Nunca mais que ponho os pés nessa praia. Tem Coaru!³

— Não faz mal. Depois a gente vai ver quem vem buscar. Ninguém precisa voltar aqui de noite.

— É. Mas eu não venho nem com o sol mais quente.

— Está bem. A gente precisa voltar logo. Porque esse bote

2. Prainha.

3. Feitiço.

pesa como tronco verde de landi. Vamos enfiar a zinga e trabalhar.
Decárriqui!⁴ Berabiqui! Uidilê⁵.

Levaram quase toda a noite para a volta. Passaram a aldeia de Raumaló-Dessé e foram parar numa praia bem longe antes de chegar a São Félix. Descarregaram todo o material e o coração batia de novo de tanto medo. E se os Xavantes aparecessem por ali de surpresa? E não tinha só isso. E se os próprios Kunins do cemitério, do Uabdé dos carajás estivessem andando pela noite naquelas paragens. Caminhavam de dois em dois. Nada diziam e trabalhavam apressados. Necessitavam esconder toda a mercadoria e todo o artesanato indígena no fundo da mata. Depois, nas noites seguintes, iriam transportando aos poucos para a aldeia e dividindo devagar para que ninguém desconfiasse de nada. Foi um alívio quando o velho batelão se encontrou vazio e leve.

— Agora, amigo, chegou a sua vez. É uma pena ter que afundar você também.

Fenderam suas tábuas com as zingas e quando a água penetrou de mansinho foram empurrando para o fundo do canal. Viram o vulto negro boiar um pouco e depois só espuma fazendo barulho, enquanto afundava de uma vez. Aquele nunca mais seria descoberto. O lodo do rio, as cheias, a areia das praias, tudo, tudo, esconderia o segredo do batelão para sempre. Foi quando Tebokua soltou uma risada.

Voltaram espantados pensando que tivesse enlouquecido.

— Kay Itiantére?⁶

— Não. É que a gente esqueceu uma coisa. Deixou a canoa lá e agora afundou o barco. E como é que a gente atravessa o rio?

Caíram em si e riram. A realidade obrigava a uma única ação e aquilo de madrugada, depois de uma noite nervosa e exaustiva, era demais.

— Vamos nadar bem junto um do outro. Cada um leva a sua zinga na mão. Se cabiroró⁷ vier a gente se defende.

4. Vamos.

5. Depressa! Muito depressa!

6. Você ficou doido?

7. Jacaré.

— Então vamos pegar aquela ponta lá em cima que a passagem fica mais estreita na travessia.

Apesar do pavor, a água fria da noite deu um pouco de paz e descanso naquela noite tão cheia de perigos e emoções.

• • •

Durante uma lua, estranhamente a aldeia guardou um silêncio de causar estranheza.

— Ué! Esses índios deixaram de cantar e de dançar de uma vez?

— Quando dá fé, tão descansando. Sabe lá o que é dançar e berrar meses e meses sem parar?

— Logo, loguinho, eles recomeça a baruiera de novo.

E na aldeia o clima de angústia permanecia tão grande como o segredo que guardavam. Ainda bem que os meninos não sabiam de nada. Porquê menino era danado. Já tinha até alguns deles que aprendiam a falar e a entender como o tori falava.

Enquanto isso, longe, embrulhado na sua esteira, habitando as praias como o bando de gaivotas, como o bando dos jaburus e colhereiros, Uaximâni e Tikodessa aqueciam as suas noites aproximando bem o corpo. Ventinho da madrugada trazia o orvalho e picava frio por entre os nós da esteira. Quando falavam não tocavam no assunto do Major. Tudo era assim mesmo. Se carajá não contasse nada iam demorar muito a saber. Depois, lá na Barreirinha de Pedra, todo mundo sabia, tinha um índio carajá caolho que esperava canoa de branco passar. Se aproximava para vender remo ou banana. Quando a pessoa se abaixava para pagar, ele usava o mesmo processo de Uaximâni. Sentava o remo na cabeça e ficava com a carga da embarcação. E não faziam nada com ele. Muito embora muitas canoas tivesse atacado e muita gente tivesse bordunado. Barreirinha de Pedra ficava bem mais perto de onde havia gente e "soldada" bastante. Era mais fácil qualquer parente de Tori chegar e dar um tiro nele para se vingar. Mas soldada tinha muito pouco para vir prender um índio tão longe...

No começo, no Serviço estranharam que tanto índio tivesse trocado tanta calça e tanta camisa com o Major.

— E vocês não viram? Era todo dia os pobres chegando com sua mercadoria. Os braços cheios de material. Uma porção bem ra-

zoalve de trem de índio por uma calça vagabunda descosendo à toa na bunda. O bandido do Major deu o maior bamburro da sua vida. Duvido que, depois dessa exploração, ele se dane por aqui de novo...

Uma noite voltaram as danças, os maracás e as canções. A aldeia se vestiu de festa e de alegria. Até as estrelas e a Lua pareceram viver no céu mais cheias de contentamento.

— Home! Inda bem que eles voltaram a cantá. Isso aqui com essa zuada é melhor do que a gente ficar escutando o grito triste da jaó ou a briga das gaivotas desovando nas praias. Sem esse barulho a gente tava mesmo era no cemitério. A noite ficava do tamanho do tempo e não passava nunca.

E o tempo que tudo apaga e que tudo faz esquecer acenou a sua bandeira de paz. A calma voltou em todos os cantos. Os meses passaram. Chegou a chuva, chegou o tempo do caju e da mangaba. Chegou também Uaximâni tão bonzinho e tão calmo acompanhado de sua mulher Tikodessa. Só trazia uma novidade e um sorriso na boca. Tikodessa estava de barriga esperando arioré. A praia ajudara muito nessa coisa.

Só depois, mas muito depois mesmo é que se ouviu falar da morte e do desaparecimento do Major Cecílio. Aí, as versões eram diferentes. Não sabiam bem o lugar nem que índio fora. Difícil descobrir um índio nu que matou um branco. E mesmo porque todos os índios tem a mesma cara. Mesmo que o Chefe de Serviço de Proteção aos Índios fosse certificado do fato, como iria descobrir o autor do crime se todos escondiam e confundiam um segredo? Por cima da indiferença da vida e dos caprichos dos destinos o quarto onde a caixa fazia fiú-fiú-fiú quebrou durante quase seis meses. Só consertaram o bicho falante quando veio um homem que sabia labutar com aqueles assobios agudos.

A história de Major Cecílio virou lenda. Com o tempo ficou enriquecida de detalhes, mas tudo envolvido num mistério encantador e selvagem. Foi crescendo como um fato heróico. Mais tarde, quando os povoados se alastraram pelas margens do Bêrókan, o mito de Major Cecílio criou maior fama ainda. Sua história era sempre lembrada nas noites de Cururu.

• • •

— Eu avisei, meu filho. Furar o beiço sentado no banquinho, no oriçã sagrado, não era nada aquela dor. Quando seus olhos tiveram a marca bonita do omarira, aquilo doeu um pouco, mas não era tudo. Agora, meu filho, vai doer mesmo.

Belerriro bateu nas costas fortes do filho. Olhou outros rapazes de costas tão fortes como ele que se preparavam para a cerimônia da sangria.

Kuryala sorriu calmamente.

— Eu sei, meu pai. Vai doer muito. Eu não posso gritar porque vou ser capitão de tribo, não é?

Belerriro concordou com a cabeça.

— Só quero saber de uma coisa, pai. A sangria a gente faz de duas vezes. Ou começando pela frente do corpo ou pelas costas. Você que já praticou tantas vezes vai me dizer se é melhor fazer primeiro nas costas ou na frente?

Belerriro concentrou no tempo para responder.

— Acho que dói igual. Mas nas costas a gente pode forçar mais os músculos e agüentar melhor a dor pela primeira vez.

— Está bem. Então eu começo pelas costas.

— Eu vou embora.

— Não, fica para ver, pai?

— Não. Parece que estou ficando velho. Matukarí mesmo. No filho dos outros eu podia até ver. Mas no meu filho, eu prefiro ficar bem catirará⁸. Arakre⁹!

Virou as costas e caminhou decidido para a aldeia.

Esperou um pouco até ouvir a voz de Abuonanã. De novo seu pai pedira ao amigo para ajudá-lo.

— Pronto, Kury?

— Como vamos fazer?

— Olhe aqui. Eu escolhi essa queixada de laté¹⁰. Passe a mão e sinta como os dentes estão afiados.

8. Longe.

9. Até logo.

10. Peixe-cachorra.

Obedeceu e sentiu a força daqueles dentes. Sabia que primeiro seria riscado com eles.

— Agora veja esses outros de piranha. Esses completam a sangria e cortam mais o corpo.

Dessa vez tocou com os dedos bem de leve porque senão teria os dedos perfurados ao mínimo descuido.

— Está bom, Kury?

— Sim.

— Vamos começar?

— Vamos.

Os outros rapazes também estavam sob o controle de outras mãos e de outros dentes afiados. Sabia que Abuononã conversava amigavelmente para não lhe tirar o ânimo.

— Venha comigo.

Caminharam até um pé de mangaba.

— Agora segure as mãos nesse galho forte e estique o mais que puder as suas costas. Endureça bem as suas pernas.

Obedeceu e sentiu as mãos de Abuononã apalpando a dureza dos seus músculos.

— Está bom. Agora vou falar baixinho.

Encostou a boca bem no ouvido de Kuryala.

— Feche os olhos e não olhe para o que estão fazendo nos outros rapazes. Vai ser duro.

E os dentes da cachorra entraram em suas costas. De um lado e de outro. A dor parecia que separava os lados do seu corpo. Aquilo penetrava tão fundo que dava vontade de amolecer o corpo e se sentar.

— Respire forte.

Os dentes da cachorra penetravam de novo um pouco mais embaixo aumentando o fogo da sua dor. Era cerrar os dentes com força, respirar forte e aguardar as constantes divisões de suas costas. E aquelas garras afiadas foram descendo ritmadas até a altura dos rins. Sabia que entre uma penetração e outra havia um espaço de dois dedos. Já vira em outros homens. O sangue escorria quente tentando fugir daquele suplício todo. Sabia que ele escorria, formava um rizinho e caía se empastando no chão duro.

— Aqui, por enquanto já acabou. Agora vamos fazer no reti¹¹. Você vai descansar as costas por um pequeno tempo.

Sentia a fronte latejar. Doía a cabeça e a ânsia de vômitos estava cedendo. Suas mãos seguravam com tamanha brutalidade os galhos da mangabeira que se sentia como se fosse também parte da árvore.

As garras penetraram de um lado e do outro das nádegas. Obedeciam o desenho imaginário que as mãos habilidosas de Abuononã iam seguindo. Ali, na verdade não doía tanto quanto nas costas.

Doía sim, mas não tanto que evitasse ouvir que um dos rapazes gemia ou chorava de dor. Não abriria os olhos para não descobrir quem era e assim não desmoralizar o amigo quando mais tarde seus olhos se defrontassem. Era a sua dignidade de capitão que começava a transparecer.

— Agora, Kury, são as coxas e as pernas. Segure mais duro ainda.

Abuononã começava a demonstrar cansaço. Sua respiração vinha quente e entrecortada sobre o seu corpo. Forçou a boca, retesou os músculos. O galho da mangabeira doía contra as palmas de suas mãos. Fechou mais os olhos para cegar a dor. Quando chegasse nas batatas das pernas alcançaria a metade da cerimônia. Já agora o sangue pingava de todos os seus cortes, juntava-se e escorria mais grosso, pingando pelos testículos, tentando rodear até os joelhos.

Abuononã levantou o tórax e respirou profundamente.

— Continue como está e não abra os olhos. Vou repetir tudo isso com os dentes de Djutá¹².

Limpou com algodão os primeiros talhos das costas para aprofundá-los com a impiedade dos novos dentes. Tentou confortá-lo.

— Se a gente fizesse isso com esses dentes da primeira vez, ninguém ia agüentar. É por isso que piranha acaba com tudo. Dente danado!

Talvez porque já existissem as marcas, as riscas dos primeiros cortes ou porque o desespero da dor imaginasse mais ainda, não pareceu sentir mais do que a primeira vez. Pensou meio entontecido que

¹¹. Bunda.

¹². Piranha.

a dor também já chegara no seu ponto maior e não podia aumentar mais. Até o rapaz que chorava diminuiu seus gemidos. Foram-se as costas, vieram as nádegas, surgiram as coxas e finalmente as batatas das pernas.

— Acabou, Kury.

Abriu os olhos entontecidos com a luz da tarde. Tudo girava ao seu redor. Respirou mais forte. E a respiração parecia sair com ondas, com labaredas de fogo. Permanecia grudado com as mãos nos galhos. Queria libertar-se deles e não conseguia obedecer.

O rosto amigo de Abuononã fixava o seu desvario.

— Pronto, Kury. Já acabou. Solte os braços.

Mesmo assim, sentia-se tão aturdido que queria compreender as palavras, mas estas entravam na cabeça, nos ouvidos como se fossem ainda as mesmas labaredas de fogo que o consumiam. Foi preciso que Abuononã ajudasse a entreabrir os seus dedos e massagear suas palmas endurecidas. Depois, também, forçou seus braços a se abaixarem, provocando nesse gesto uma nova corrente de sangue que escorreu pelas pernas, pelo sexo, pelo reti...

Aparvalhado espiou o sangue empoeçado no solo. Devia ter demorado tanto porque o cheiro dele tinha atraído até formigas negras.

Abuononã riu indicando aquilo.

— Coloburé¹³ gosta de sangue bom.

Kuryala sentiu um princípio de raiva e desabafou. Sem se controlar passou o pé com força sobre elas, achatando-as contra o líquido que se tornava escuro e viscoso em contato com a terra.

— Coloburé Ixandu-Dioré¹⁴! Meu sangue você não vai comer. Aquilo foi bom porque acalmou sua alma.

— Vamos para o rio. Vou junto com você. Eu prometi a seu pai.

Caminharam devagar. Estranho sentir que só a dor caminhava. Que nada existia além dela. Não sentia nem os pés pisando no chão nem o ar entrando em seus pulmões. Entretanto, o vento da tardinha estava balançando calmamente as folhas dos bananais.

13. Formiga.

14. Formiga, filha da puta!

— Quando isso secar tudo. Quando você de novo puder dormir sobre as costas, aí a gente volta a fazer na frente.

A voz de Abuononã agora estava mais perto, mais compreensível e muito mais amiga. Dentro da sua dor começou a notar que a sua aldeia com o vulto dos ranchos desenhados contra as nuvens avermelhadas do pôr do sol, se agigantava como nunca acontecera antes.

— E agora, Abuononã?

— Você vai mergulhar toda essa dor no rio. O rio é que é pai e amigo. Vai arder. Mas é só um segundo. Quando passar o ardor, aí você vai até sentir vontade de chorar. Vai pensar que está nascendo outra vez.

A sua frente outros rapazes com as costas sangrando caminhavam também acompanhados dos homens que os marcaram. Procuravam um caminho bem longe da aldeia onde ninguém pudesse presenciar aquela cena. Sobretudo os menininhos da tribo.

— Quando você entrar no rio, aí pode. Pode chorar, gritar e dizer nome feio. Aí não tem nem importância que você vai ser capitão um dia. Todos podem fazer o que achar melhor na sua dor.

Foi o primeiro a chegar na beira do rio. Preparou-se para mergulhar ignorando tudo. Ignorando que o seu grito ia ser tão terrível que certamente assustaria as piranhas até cinco léguas acima no Rio das Mortes. Um grito tão terrível que até Kanansiue passeando escondido nas nuvens do pôr-do-sol iria ter um ligeiro sobressalto.



Sexto Capítulo

O TEMPO DE SER HOMEM

Kuryala sentado na praia sorriu. Acabava de escutar aquilo que mais desejava. Aquilo que o detivera por tanto tempo na beira da praia. Ora banhando-se, ora procurando as grandes sombras dos pequizeiros, onde se distraía vendo as formigas carregarem folhas e pedaços amarelados das flores do próprio pequizeiro. No meio da mata, na sombra da noite, os veadinhos vinham comer aquelas flores, pisando com muita cautela nas folhas secas, balançando as grandes orelhas como se antecipassem qualquer perigo que aparecesse.

Passaram outros índios pescadores, mas não era aquele o som das remadas que aguardava. O sol não demoraria muito a se esconder naquela nuvem toda misturada de pena de Bissá¹ e de pena de Andedura.² Mas agora não se enganava, era ele. Desde pequenininho conhecia o seu modo de remar. Ficou de cócoras, enfiando os pés na água morna do rio e com os olhos fixos na curva toda esverdeada do sarão. A proa da canoa surgiu e seu coração encheu-se de alegria. Nem foi preciso um convite. Belerriro aproou na praia. Firmou a canoa no remo.

- Está banhando, meu filho?
- Estava esperando por você, pai.
- Aconteceu alguma coisa?
- Não. Mas eu queria lhe falar.
- Está bem. Vou descer e banhar um pouco. O sol estava tão quente no lago.
- Pescou muito?
- Muito. Pacu, Tucunaré, peixe dos bons.

1. Arara amarela.

2. Arara vermelha.

Mergulhou o corpo no rio, sacudiu os cabelos longos, escorreu a água do corpo e veio sentar-se junto ao filho. Mas obedecendo ainda ao cansaço, deitou-se de costas, apoiando a cabeça sobre os braços. Olhava a mesma beleza e o mesmo colorido do céu que o filho antes já contemplara. Somente que agora os tons se tornavam mais escuros com a anunciação da noite.

— Vamos — Mariiubéki!³

— Pai, Maluá determinou várias canoas que vão pescar lá nas águas do Iuaô-Beró. Ele convidou muitos moços como eu. Muitos colocados em algumas canoas. E eu fiquei triste, porque não me chamaram.

— Eu sei. Ontem a gente falou nisso. Eu pedi para não chamarem você.

Fitou o pai espantado.

— Mas eu queria tanto! Vão subir o Bêérokan e remar tantos dias!

— Belerriro riu da sua aflição.

— Você tem muito tempo para remar na vida!

— Você acha que eu ainda não sou um homem?

— Ainda não. Quase um homem.

Sentou-se na areia e fitou o filho com um olhar de bondade e compreensão. Passou a mão em suas pernas fortes.

— Foi bom que você viesse falar comigo. Eu é que preciso lhe falar. Eu sei meu filho, que muitas luas passaram desde a primeira sangria e que você já tornou até a fazer outra vez. Isso é bonito e é de homem. Sei que você é um dos rapazes mais fortes de Raumaló-Dessé e que é difícil alguém ganhar uma luta sua. Eu mesmo já vi. Você viu que eu vi. Está chegando o momento de plantar o milho na roça. E eu vou com minha turma fazer a plantação durante três sóis. Depois eu quero fazer uma viagem com você. Chegou o tempo de eu fazer uma viagem assim com você.

Kuryala levantou os olhos espantados para a face soridente do pai.

— Viagem grande?

3. Fale.

— Não muito grande.

— Catirará?⁴

— Não muito catirará. Mas é uma viagem boa. E eu queria que a primeira viagem do meu filho fosse feita em minha companhia. Você quer?

Toda a tristeza do moço dissipara-se em segundos. Seus olhos sumiam-se no rosto de tanta alegria.

— E quando vamos?

— Eu falei que primeiro preciso ir para a roça.

— Logo que voltar?

— Logo que voltar, logo que vier com o meu pesado Berrurá e descansar três dias.

— Então eu vou preparar tudo. Esteiras boas para dormir. Flechas boas para pescar. Flechas boas para matar ixan⁵ se aparecer. Bor-duna grande para matar até cobra Ramalalá.⁶

— Você pode preparar tudo isso enquanto estou na roça. Agora vamos que vai ficar de noite depressa.

Mergulharam no rio para limpar a areia pregada no corpo.

— Você não vai remar, pai, você está cansado. Sente-se no jacumã só pra dirigir a canoa. Eu vou puxar com a zinga. Daqui até a aldeia beirando a mata de sarão dá fundo.

Belerriro obedeceu orgulhoso. Podia observar o corpo do filho recortado contra os últimos clarões da noite, retesando os músculos das coxas e das pernas. Jogando os braços para a frente, firmando a zinga no fundo e contraindo-os fortemente, puxar a canoa para frente, fazendo-a obedecer aos seus menores movimentos. Dava orgulho ver que seu pequeno ariroré se transformara num jovem forte e decidido, corajoso, leal e sem ímpetos de violência. Pelo menos, a violência desnecessária.

* * *

— A mãe não vai?

— Não. Só nós dois.

4. Longe.

5. Caititu.

6. Cascavel.

Marixiro ajudava nos últimos arranjos da canoa e vistoriava tudo para que nada faltasse em viagem que poderia ser bastante longa.

Kuryala observava coisas estranhas que o pai trouxera para a ubá. Até um machado. Apetrecho quase nunca visto com os índios mas que na certa conseguira emprestado com o Chefe do Serviço. Seu arco já forte e suas flechas juntos do arco de seu pai. As esteiras mais grossas para dormir na praia e as esteiras mais finas que serviriam de coberta nos frios gelados da madrugada. Óleo de andiroba amargo como fel para que, se a garganta doesse, servisse de remédio e também se houvesse muito mosquito o seu sabor travante na pele afastaria os enxames de mosquitos nas pescas, dentro das lagoas sem ventilação. Riu até para uma coisa que Belerriro achara importante levar: um toro de bananeira. Não lhe perguntou o motivo porque na hora exata apareceria a sua utilidade. Duas zingas, dois chapéus trançados em fibra de buriti. Uma velha cesta onde havia madeira e corda para rodar o pião de fazer fogo. Mais de um aricocó porque sem fumo índio não era completo. Remédio nenhum, porque o mato estava cheio deles e ao alcance da mão. Seu pai desde cedo ensinava-lhe o valor de cada erva. Transformando aquilo numa utilidade segura para quando fosse o capitão da tribo.

Capitão da tribo! Sorriu com certo orgulho, mas dentro uma ponta de tristeza amargava-lhe a alma. Tudo aquilo não passava de um preparativo para o seu breve futuro. Isso significava que cedo teria que abandonar a vida gostosa de indolente da aldeia. Deixar de se preocupar só com a beleza do corpo, dos cabelos e dos músculos. Trocar de classe e pertencer ao rol dos homens responsáveis. Ter que abandonar a maciez da vida e esquecer o cheiro gostoso e suado das máscaras de Diassós. Não que tivesse que abandonar para sempre as danças. Mas os homens sempre dançavam menos porque o trabalho da roça e a manutenção da família desencorajavam um pouco todo aquele encantamento.

Findos todos os preparativos, o pai, sem dizer uma palavra, sentou-se no jacumã e fez um sinal com a cabeça para que ele pegasse o seu lugar na proa da embarcação. Obedeceu e abriu a proa começando a soltar a canoa da areia.

Marixiro apanhou o seu aricocó que encostara num canto e le-

vou-o aos lábios. Soltou uma baforada e, entre nuvens de fumaça, ficou apreciando a ubá procurar o canal do rio. Kuryala apenas deu-lhe um adeus com um movimento pequeno de mão como era costume dos inãs, endurecendo os dedos num pequeno leque. E ela acenou-lhe da mesma maneira. Naquele adeus resignava-se aos dias de ausência que a esperavam. Mas sabia que o seu marido partia num missão necessária para o seu filho tão lindo, tão forte e tão querido.

Somente quando eles desapareceram na curva grande do rio é que ela resolveu virar-se e subir com as pernas um tanto quanto cansadas a barreira íngreme e cheia de pedrinhas. O rancho a esperava com muito trabalho demorado e miudinho.

Kuryala viu que, com o amanhecer, as aves caçadoras abandonavam as praias assustadas com o ruído dos remos e a aproximação inimiga das canoas. Olhou pra trás e sorriu para o rosto impenetrável de Belerriro perdido nos seus pensamentos sondando o horizonte.

Não era momento apropriado para conversar com o seu pai. Ele se concentrava nos seus pensamentos estudando todos os passos que teriam que dar. Primeiro pensara em tudo. Agora realizava, seguia o traçado em sua mente. Cada praia, cada pousada, cada pesca, tudo estava preconcebido antecipadamente. Bastava agora chegar ao fim dos seus cálculos. Em cada lugar onde pudesse haver uma semente, não precisava preocupar-se, ela escolheria o melhor. Belerriro era um sábio e conhecia o mistério do rio e da selva como ninguém. Talvez que por sua calma e segurança, tivesse escolhido para futuro capitão um filho seu.

Foi suavemente repreendido da sua distração.

— Dô-o! Reme mais duro.

— Côrre, Uarrá.

Belerriro falava sem zanga. Primeiro, porque não havia motivo de zangar-se com tal filho. Segundo, porque compreendia que o rapaz devia estar encantado, extasiado com a beleza da paisagem, com a sensação da aventura. A emoção de fazer a sua grande viagem. A sua real e primeira grande viagem. Certo que passeara com os outros rapazes, mas nunca se distanciavam muito da aldeia. Nunca se arriscavam aos grandes perigos de enfrentar a margem esquerda do rio, onde podia existir a ameaça dos malvados Xavantes e dos beiçudos

Caiapós. Nem mesmo os mais velhos se arriscavam a tanto. A não ser nos lugares mais batidos, nos lagos mais aproximados, nas matas adjacentes na busca da lenha seca. Perfazendo todas aquelas regiões com todos os sentidos em prontidão. Ao primeiro sinal de fumaça, à primeira pegada suspeita, ao primeiro som desconhecido, melhor seria correr em busca das águas do rio amigo.

— Está vendo lá? Catirará, filho?

— Lá bem longe? Na praia.

— Lá mesmo naquele canarã a gente vai parar, vai pescar para o meio-dia de hoje, para a noite e para o meio-dia de amanhã.

— É bom.

— Canarã é de areia branca. Praia alta, limpa. Nunca ninguém dormiu lá. Lokó⁷ não conhece gente nem cheiro de gente. Se chegar alguma é só na boquinha da noite. Depois elas voltam pro mato com o frio que aparece. Nesse tempo quando o verão aumenta e o frio é grande elas preferem ir morrer de frio num lugar mais quente. Por isso correm para o mato.

Aportaram na praia. E as gaivotas que habitavam nelas provocaram um alarido doido. Caminharam entre os seus ninhos. E algumas desesperadas davam vôos rasantes fazendo até arrepiar os cabelos. Havia a postura de alguns ovos. Na maioria, três em cada cova cavada na areia. Nenhum pintinho por enquanto havia rebentado o ovo. Era ainda cedo. Voltaram com galhos secos e pesados para o lugar onde iriam acampar.

— Uoman⁸ do Chefe vai ser bom pra isso.

Jogaram a madeira com força no chão. Um banho bem que faria bem. E banho não tem hora para tomar. Entenderam-se no olhar e mergulharam.

— Não vamos demorar. Precisamos pescar. Tem um lago grande, ali por detrás. A gente tira o peso da canoa e ela mais leve pode entrar no furo que leva a gente lá. Tucunaré tem tanto que nem precisa flechar outro peixe. Quando a gente arranjar uaxi⁹ com tori vai ser muito mais fácil pescar.

7. Muriçoca.

8. Machado.

9. Anzol.

Tiraram tudo da embarcação só deixando os arcos e as flechas.

— Antes a gente precisa fazer isso.

Belerriro pegou o cabaço com óleo de andiroba e destampou-o com os dentes. Vou passar no seu corpo todo. Depois você passa no meu. No lago não vai ventar. Mosquito faz mal. Faz as costas da gente ficar que nem casca de árvore de tanta picada. E a gente para flechar tem que ficar bem parado. Porque a água é clara e peixe foge com o menor movimento. Com isso no corpo, bicho nenhum morde a gente.

Entraram no lago e o silêncio do ambiente fazia até medo. Não era à toa que alma do outro mundo se escondia em árvores abandonadas para assustar os vivos. Sozinho não ficava lá nem que fosse índio velho. Não ficava nem que estivesse na companhia dos outros rapazes. Mas com o pai tudo se tornava diferente.

Remaram tão de leve que a canoa nem parecia riscar as águas.

— Vamos esconder a canoa ali naquele mato, boiando. Depois a gente sobe na barreira e procura um lugar onde a sombra esconda o corpo da gente e o sol clareie a água do lado. Assim a gente vê melhor o tucunaré.

Era bonito o peixe flechado ficar se debatendo e o rabo da flecha se agitar nervoso contra as águas como se estivesse brigando mesmo com o bicho.

Puxavam o peixe, retiravam-no da ponta da flecha e o jogavam para trás. Eles ficavam dando saltos como se tentassem descobrir o caminho das águas e da salvação. Morriam aos poucos, reclamando sempre, até que paravam.

— Agora já dá.

Juntaram os peixes mortos. Lavaram um por um nas águas do lago. Enfiaram-nos pelas guelras num pedaço de galho desfolhado de sarão.

— Vamos voltar para a praia.

Estranhamente a praia já parecia deles. Pareciam ter adquirido uma intimidade de semanas apesar das poucas horas de permanência nela.

Nem precisaram dizer nada. Mergulharam o corpo no rio para retirar um pouco daquele óleo incômodo de andiroba. Camadas de

mosquitos mortos iam desgrudando dos peitos, das pernas e das costas. Os braços estavam mais livres porque se movimentavam mais e afugentavam a praga no momento da pescaria.

— Não sai todo de uma vez.

— Mas melhora muito.

Sorriram e ficaram andando pela margem do rio secando o corpo e os longos cabelos.

— Kury, vamos fazer fogo. Traga a madeira.

— Pra quê?

Belerriro sorriu.

— Vai comer peixe cru?

— Não. Mas tenho coisa boa para você.

Olhou meio envergonhado para o pai. Estava ficando homem mesmo. Quase sempre tratava o pai como senhor e agora avançara naquela intimidade que o enrubesceu.

Belerriro gostou daquilo e sorriu ainda mais.

Kuryala foi buscar no meio das suas coisas o presente que conseguira para o pai. Trazia dentro das suas mãos fechadas.

— Troquei com um homem do Serviço por dois lóri-lóris. É seu. Entreabriu a mão.

— Bósca?

— Uma caixa cheia.

— Assim é bom. Vou demorar muito a gastar tudo. Bósca é melhor do que fazer fogo esquentando madeira e girando o pauzinho na palma da mão.

Juntaram galhinhos magros com folhas e capim seco e num instante o fogo ardia bonito. Fizeram um espeto e atravessaram alguns dos tucunarés com o cuidado de não perfurarem as tripas para que a carne tão gostosa não adquirisse o gosto amargo do fel.

Depois comeram, retirando com os dedos a carne gostosa do peixe bem assada.

— Você já viu, Uarrá, tori bota uma açucrinha na comida...

— Eu vi. Mas não gostei muito do gosto quando comi.

— Eles chamam aquilo de sal. É ruim! Mas eles não podem comer sem usar aquilo. Um dia a gente vai se acostumar e aí, nem pode sentir gosto do peixe e da carne assim.

— Pode ser. Porque quando eu bebi Béé-Lubuke¹⁰ na primeira vez achei ruim muito. Agora gosto até de cheirar o cheiro de longe.

Cavaram um buraco e enterraram as espinhas e as tripas assim como todo o resto do peixe que sobrara, para que aquilo não atraísse jacaré de noite. Jacaré era um perigo muito grande. Mesmo fazendo coivara, podiam dormir pesado e a fogueira apagar. Aí então, eles vinham com raiva de ter ficado de longe esperando uma oportunidade.

— Vou banhar mais.

— Dearã tulê.¹¹

Agora não havia pressa. O sol descia bastante e os jaburus lá no alto brincavam nas correntes de ar, como se fossem nuvens pequeninas. O grande ardor do dia principiava a se dissipar.

Mas Belerriro não deixou que ficassem muito tempo naquela inércia olhando a poesia da vida.

— A gente precisa fazer muita coisa ainda, filho.

Foi buscar primeiro o toro de bananeira.

— Pegue o meu arco e o seu. Suas flechas e as minhas. Traga tudo. Vamos lá para aquela parte limpa da praia.

Chegando lá, com calma, Belerriro comentou:

— Você vai atirar tanto, mas tanto esses dias, que quase não vai errar.

— Por quê? Na pescaria eu errei muito?

— Não. Mas ali é fácil. Tudo é perto e é questão de paciência. Mas aqui vai ser duro.

E começou um treino que não acabava mais.

Sempre Belerriro afastando mais o alvo da bananeira. E quando errava, voltava a repetir. Enquanto não acertasse dez vezes seguidas o alvo não era distanciado.

— Você errou porque não firmou bem as penas da flecha.

— ... não apertou o arco com força.

— ... quando é assim precisa olhar bem no meio da bananeira e virar o arco um pouquinho.

— ... você inclinou o arco demais.

10. Café.

11. Eu também.

— Está melhorando.

Riu para o filho. Kuryala encontrava-se molhado de suor.

— Ainda não acabou. Tome um banho depressa para descansar um pouco.

Mal teve tempo de mergulhar e já o pai devolvia-lhe o arco e as flechas. Surpreendeu-se porque o alvo fora colocado no lugar onde começara a atirar.

— É assim. Você agora vai ver como é fácil. Vai repetir tudo e não vai errar uma vez.

Obedeceu e orgulhoso compreendeu que seu pai mais uma vez tinha razão. Caprichava lembrando os menores conselhos, os dedos segurando o fundo das flechas, o olhar no alvo, a ligeira inclinação do arco, a firmeza do pulso... Tinha certeza que se não errasse o exercício por aquela tarde seria encerrado.

— Auire! Auire! ... Você está quase bem. Quase bom. Mas tudo isso feito com o seu arco ainda é fácil, porque você está acostumado com ele e ele é mais fraco. Agora vamos começar tudo usando o meu que é mais forte, maior e mais duro.

Olhou meio desanimado.

— Uarrá, minhas costas estão até doendo.

— É assim mesmo. E no primeiro dia ainda é pouco. Amanhã é que é mais duro.

Depois olhou o rosto do filho e riu com vontade.

— Você vai ver que até vai ser bom. Essa dor vai ser "boa" mesmo. Não pare porque esfria. Vamos. Comece. Lembre de tudo que eu falei. Braço firme. Olho seguro. Arco meio virado. Só dez vezes de cada vez.

E as dez vezes foram repetidas a cada erro seu. E as cordas do arco de Belerriro pareciam mais duras do que a madeira mais dura do landi. Conseguiu vencer todas as distâncias do alvo e sem errar as dez atiradas. Agora só uma de cada vez. Uma de cada vez... uma de cada vez... uma de cada vez... e... jogou o corpo no chão. Parecia que as costas estavam estalando. Todos os músculos ardiam de cansaço. Respirou fundo e limpou o suor que empapava sua testa e escorria dos cabelos.

Belerriro riu.

— É duro ficar homem, não, filho?

Sorriu. Porque apesar de tudo sabia que seu pai fazia tudo aquilo com brandura e calma. Não podia garantir se os outros pais possuíam aquela paciência. Muitos talvez até entregassem os filhos às mãos de outros homens rigorosos da aldeia.

— Vamos banhar um pouco. Mas só um pouco, porque precisamos fazer uma coisa muito importante. Dessa vez é uma coisa muito importante mesmo, Kury. Quando meu pai Birirroa fez isso comigo, eu também me senti muito envergonhado. Acho que sempre é assim. Meu pai era muito bom. Mas ele não fazia como nós dois: sempre conversamos as coisas como amigos.

— Eu sei, pai.

Agora realmente sabia do que se tratava. E não havia maneira de safar-se ou negar-se àquela imposição da tribo. Tinha que se conformar mesmo com o seu destino. Os outros jovens partiram para uma viagem de iniciação à pesca. Quase um passeio. Ele não. Além da pesca, sua viagem tinha a característica da iniciação do homem. Que riaram vê-lo logo formado porque, na certa, um capitão com os tempos que mudavam devia ser cada dia mais novo do que os antigos. Por certo, Maluá estava ficando velho e talvez preguiçoso para comandar uma aldeia. Devia ser isso.

— Precisamos sair. Dói muito o seu corpo?

— Só um pouco.

Belerriro saiu do rio e dirigiu-se às suas coisas procurando disfarçadamente tudo aquilo que certamente sabia onde encontrar. Sentia pena do pai e iria ajudá-lo como mais tarde gostaria do auxílio do seu filho quando chegassem aquele mesmo momento.

Belerriro sentou-se na proa da canoa e olhou o filho que se aproximava. As primeiras sombras da noite disfarçariam bem o seu desajeito.

Realmente o filho tornara-se um rapaz muito forte. Não tão alto, mas de ombros largos e músculos grandes e volumosos. Só em algumas partes ainda se distinguiam as marcas da última sangria.

Kuryala aproximou-se do pai e postou-se bem à sua frente.

— Estou pronto.

Dessa vez foi ele quem cortou o silêncio para amenizar o embate de Belerriro.

— Por que fazem isso, pai?

— Sempre fizeram. Desde que carajá existe na terra. É melhor. Aí é um ponto muito delicado. Aí é donde você vai dar a vida aos seus filhos. Como está, você corre o perigo de ser mordido por uma piranha, de ferir-se com os espinhos da selva, de machucar-se com uma lasca de madeira ou com uma batida de um galho de árvore.

— E o que posso fazer para ajudar?

— Filho. É um momento difícil. Não faça nenhuma força. Deixe.

Fechou os olhos para não ver o seu pai segurando seu membro. Arregacando o seu prepúcio. Depois fazendo tudo ao contrário, empurrando a sua glande para dentro com uma certa violência e esticando cada vez mais o seu prepúcio. Agora, com o dedo indicador, comprimia o seu sexo fazendo com que doloridamente ele se encostasse de uma maneira desagradável aos seus testículos. Segurou a pele do prepúcio deixando-o naquela situação.

— Dói?

— Não. Perto de uma sangria isso não é nada. Só incomoda um pouco. Dá um certo arrepião na gente.

— É assim mesmo. Também foi assim comigo. Agora, preciso empurrar um pouco mais. Os dedos não alcançam mais. Eu tenho uma madeirinha roliça que é feita para isso.

Sem permitir que o sexo voltasse à sua posição anterior, substituiu o dedo indicador pela madeirinha roliça. Esticou mais a sua pele e empurrou o membro mais para dentro.

— Deixe. Não respire agora. Está quase no fim.

Sentia que a fala do pai saía com dificuldade. Como se tudo aquilo também lhe fosse muito doloroso.

Com a força dos dedos comprimiu o lugar onde estava a madeira e passou rápida e cruelmente um pedaço de embira com força, com tanta força que pensou que os testículos fossem arrebentar.

Soltou um pequeno gemido.

O pai foi retirando a madeira e em seu lugar o prepúcio virou uma feia flor amarrrotada.

— Pronto. Fique parado um pouco. Depois tente andar.

Obedeceu, mas quando caminhou com prudência parecia estar todo preso nele mesmo. Como se o seu sexo tivesse sido amassado ou batido com o cabo de um nariiri.¹²

— No começo é ruim. Depois você se acostuma, filho. Todos nós nos acostumamos. Torna-se até um conforto.

— E se a gente quiser fazer arilukre?¹³

— Tem uma pequena abertura onde a urina pode sair. Você vai ver que quando os dias passarem a gente se acostuma tanto que pode soltar a embira, lavar o nôon e não sentir dor alguma. Depois com o tempo ele volta normalmente para o lugar onde foi colocado.

Belerriro levantou-se da canoa e esfregou os rins. Espreguiçou-se.

— Agora você senta um pedaço dentro do rio. A água está morna e vai aliviar um pouco. Porque não é dor que isso dá, é só jeito ruim na barriga da gente. Amanhã você nem vai sofrer muito.

Kuryala desanimado sentou-se na água. O pai tinha razão. Aquilo o reanimava um pouco. Ficou com a água lambendo-lhe os longos cabelos e alisando o seu queixo.

Só saiu de dentro quando os arrepios do frio riscaram-lhe os seus fortes músculos.

Realmente não sofria dor, só o incômodo como se carregasse entre as pernas uma coisa que se tornara mais e mais pesada. Precisava fugir a tentação de tocar-se a todo instante.

Seu pai já acendera o fogo e já colocara o peixe no espeto para assar. Logo comeriam o gostoso tucunaré com a farinha de puba. Postou-se junto ao calor da fogueira.

Seu pai sorriu-lhe ainda com mais bondade.

— É, meu filho. Agora você já é um homem mesmo.

E diante da luz oscilante das chamas, disfarçadamente ficou a examinar o seu novo sexo. Aquilo que entre os índios chamavam de pinto de cachimbo.

Falou para espantar o seu encabulamento.

— Amanhã no tiorô¹⁴ vou fazer exercício de arco e flecha?

12. Remo.

13. Urinar.

14. De tarde.

— Vai sim. E por que não?

— Isso passa. Dormindo, tudo desincha.

Depois tomado de certa pena terminou a frase.

— Se estiver muito ruim, a gente só faz exercício com o seu arco que é mais macio.

• • •

— A gente precisa esconder bem a canoa. Vamos arrastar com tudo que é nosso até aquela mata bem cerrada de sarão. Primeiro, tire seu arco e suas flechas.

Olhou para Kuryala e sorriu para os seus olhos indagativos e perplexos.

— Não. Hoje não vamos fazer exercício com ele; é só para uma pequena viagem. Sim uma viagem. Foi por isso que comemos bastante Kuturá¹⁵ com Kanandé-Diró¹⁶ quando levantamos. Não vamos ter tempo de comer nada até voltar. E quando a gente chegar de novo aqui na praia já é de noite. Portanto, pegue seu arco, meu arco e minhas flechas. Eu carrego comigo o Uomã¹⁷ do Chefe do Serviço.

Separaram os objetos escolhidos e começaram a empurrar a canoa em direção à mata de sarão. Enfiavam os pés na água fria do rio sem medo de boró¹⁸. A areia estava dura e firme e boró só aprecia lugar lodoso ou beira de praia no meio do rio onde a areia seja fofinha para cavar o ninho e jogar a areia em suas costas pintadas. Tudo isso no raso para se aquecer aos raios gostosos do sol.

Esconderam bem a canoa e ainda quebraram galhos verdes de sarão para acabar de encobrir a ubá. Mesmo assim a exigência e a calma de Belerriro ainda o fizeram distanciar-se, parar um pouco para observar se o esconderijo estava de acordo como imaginara. Satisfeito, soltou um hum de aprovação.

— Agora, vamos meu filho. O caminho é aquele. Olhe todos os lugares por onde a gente vai passar e procure nunca esquecer nada.

¹⁵. Peixe.

¹⁶. Farinha de puba.

¹⁷. Machado.

¹⁸. Arraia de fogo.

Colocou o machado no ombro e seguiu fazendo com que Kuryala seguisse rente a seus pés.

Deixaram o rio para longe, contornaram dois pequenos lagos que nunca Kury pensara existir. O sol já ia bem alto quando enveredaram por um caminho desagradável, uma estrada de tabocal, cheia de espinhos, que precisavam olhar o chão para não ferir os pés e não desgrudar os sentidos de qualquer ruído suspeito.

— Aqui nesse caminho de bambu, Aloé¹⁹ gosta muito de fazer estrada. Daqui ela liga o rio ao mato cerrado como a gente está fazendo.

Calaram-se e andaram mais. Melhor seria caminhar calados para que nada escapasse dos seus sentidos. Agora o cenário tinha-se transformado. O mato acabara. O céu permanecia a descoberto onde o sol de fogo castigava o corpo se parava o vento. Os mosquitos tentavam penetrar nos olhos e picavam as costas nuas. Felizmente, Kuryala estava se habituando à nova forma de seu sexo e começava a dar razão à sabedoria dos velhos. Daquela maneira sentia-se mais abrigado de qualquer perigo. Bem que o pai lhe falara o que certamente também o seu pai lhe dissera, que aquilo era o pai da vida e precisava de muito cuidado.

Uma súbita parada de Belerriro fez seu corpo estacar e o seu coração assustar-se de leve. Se não fosse a presença confortadora dele o coração estouraria de medo. Medo de tudo. Parou e a vida parecia paralisada. Não havia vento. Não havia um bicho ou uma áve que assustasse com a presença dos dois. Era um mundo morto de Kunin.²⁰

À frente deles havia uma lagoa de águas turvas, paradas e lodosas. O capim que surgia em alguns lugares aparecia seco e amarelado. As árvores que surgiam entre suas águas estavam secas e sem folhas, quase pretas levantando galhos recurvados para o alto. Tudo dava medo.

Belerriro suspendeu o braço e riscou uma direção.

— Nessa época devia ter secado mais. A chuva foi muito maior

19. Onça pintada.

20. Alma.

aqui do que eu pensava. Mas ali, está mais raso. A água deve bater até o joelho.

Observou o filho e sorriu-lhe. Queria apazigar em seu íntimo certamente o medo que sentira outrora.

— Preste atenção, filho. Não fique com borborema²¹. Aqui é lugar que ley-rekan²² faz ninho. Mas ley é bicho bobo. Se a gente apertar o pescoço dele, ele perde a força e solta o que tiver segurando. Pode ser bicho ou índio. Se ley enroscar muito é só furar ele com a ponta da flecha que ele solta tudo. A gente não vai encontrar nenhum deles. Mas só estou ensinando pra você aprender. Eu vim aqui muitas vezes antes e sozinho. Nada me aconteceu. Vamos.

Patinharam pelo fundo meio lodoso e impressionante. Mas aquilo tudo não levou muito tempo. Mas o suficiente para Kuryala respirar aliviado quando alcançaram o outro lado.

Sentaram-se e com a ponta do arco limparam a lama pegajosa entre os dedos dos pés.

— Todo esse lugar tem um dono. É de avô daquele menininho Uassariá. Quando nasceu o neto ele foi logo dando de presente todo esse lugar. Aqui é que se encontra a lagoa onde existe tanto colhereiro, o uraré mais cor-de-rosa do Bêérokan. Quando a gente quer vir pegar enfeite e lóri-lóri tem que pagar um preço dividindo quase a metade das penas que caçar. Quando é para fazer Larretô grande, a gente só pode caçar se pagar metade de todas as penas. Foi ele que descobriu primeiro o lugar e ninguém pode fazer isso sem licença dele.

— E você falou com ele?

— Não. Porque não vim pegar pena de Uraré. Pra isso não precisava trazer o Uoman²³.

— E pra que o machado, Uarrá?

— Você vai ver. Você vai ver. Mesmo que a gente não cace Uraré a gente passa perto da lagoa deles e você vai ver como é bonito. Vamos.

²¹. Medo.

²². Sucuri.

²³. Machado.

Tornava-se ameno caminhar no chão seco e duro. Sobretudo líveis da presença invisível e ameaçadora da sucuri.

Tchu, o sol, já tinha subido muito alto e escaldava o corpo de calor. Entretanto, a caminhada de Belerriro parecia não ter chegado ao meio. Sentia sede e já falara disso.

— Logo, a gente chega na lagoa dos urarés.

E de fato o capinzal foi se tornando verde e macio. Havia trilheiros de bichos amassando o capim, sinal de que se encaminhavam também para beber. Até o vento sabia onde moravam as águas e onde ficava melhor o lugar para ventar. O capim oscilava bonito e compassado ao seu sopro dominante. Começaram a galgar uma rampa de subida. Uma pequena subida só e a lagoa apareceu estendida como se dormisse. Era grande e só as suas margens se escamavam em marolas provocadas pela brisa. O azul do céu parecia ter-se mudado para as suas águas. As árvores em volta das suas beiradas estavam coalhadas de colhereiros. Uns faziam rodopios no céu pesquisando do alto a presença dos peixes. Havia também garças brancas, garças morenas, socós, marrecões e jaburus. Mas a presença maciça era dos colhereiros.

Belerriro fez-lhe sinal para que evitasse qualquer barulho que fosse perturbar aquela paz. Precisavam contemplar um pouco mais tanta beleza. Porque, por mais que as praias se enchessem no rio, de colhereiros, em nenhuma parte poderia existir tantos como ali. Ali, nas árvores, nos altos das palmeiras deveriam existir milhares e milhares de ninhos.

Belerriro fez sinal com as mãos que chegara o momento de assustá-los.

Bateram palmas violentamente e aconteceu aquela loucura. Aquele susto geral. Ouviu-se um barulho ensurdecedor de asas. Vôos procurando o espaço mais alto numa desorientação total. Não sabiam ainda para que lado fugir nem de onde e nem de quem vinha o perigo. Ficaram por um momento girando no céu. E todo o azul desapareceu para tornar-se aquela massa rósea entremeada de manchas vermelhas voando em círculos desesperados. Quando se aperceberam da presença dos homens, gritaram como se combinassesem um itinerário de fuga e foram para o lado do rio, à procura das praias abandonadas para acalmar o medo e retornar mais tarde quando mandassem um chefe de bando em reconhecimento saber se o perigo havia desaparecido.

Ficaram vendo o bando de aves sumindo no espaço até que Belerriro voltou à realidade.

— Vamos que temos muito trabalho pela frente. Você viu coisa muito bonita, mas agora vai ver duas coisas muito feias mesmo. Vamos.

Deixaram a lagoa, pegaram uma trilha de anta e foram descobrir um começo de mata.

— Vamos mais lá dentro. Tem uma mata linda. Tão bonita que não tem nem lokó nem mororã²⁴.

Marcharam mais Sempre Belerriro à frente de Kuryala. Conversavam como era costume dos carajás sem que fosse preciso se virar um para o outro.

— Está ouvindo o barulho do cantar dos nauíns²⁵.

— Eles estão cantando perto de dois berós-ariorés²⁶. Foi bom que você tivesse bebido água na lagoa porque a água ali a gente nem pode beber.

— Água ruim?

Belerriro sorriu.

— Não. Mas ninguém vai gostar de beber daquela água. Ali naquele lugar mais verde tem o primeiro beró. Não é fundo e você vai querer atravessar depressa.

A curiosidade dominava Kuryala. O pai não gostava de contar as coisas. Gostava de mostrar tudo quando chegava a hora. Fazia assim quando havia perigo e era uma maneira de não assustar antes de tempo.

Mas ao aproximar-se do regato suas pernas chegaram a tremer.

Dentro da água havia uma porção de cabirorós²⁷. Todos amontoados, como se estivessem descansando de uma grande pescaria. Com a presença deles, principiaram a abrir ameaçadoramente as bocas onde os dentes amarelecidos mostravam a realidade do perigo.

Sentiu o corpo preso ao chão e os pés grudados como se teimasse em não andar. Falou arrepiando-se todo.

— A gente tem que passar ali, pai?

²⁴. Mosquito e muricoca.

²⁵. Pássaros.

²⁶. Riachos.

²⁷. Jacarés.

— Tem. Não tem perigo. Não é cabiroró dos grandes. Eles ficam com medo e se afastam. Você vem bem junto de mim. A gente vai atravessar tão depressa que eles não fazem nada. Não tenha medo que eu já fiz isso muitas vezes e nunca me acertaram.

— Por que eles ficam todos aí?

— Não são todos. São poucos. Eles ficam juntos, porque de noite peixe foge da lagoa e escorrega pra cá. Aí é fácil eles caçarem peixe.

Olhou firme para o filho, encorajando-o.

— Venha bem junto a mim. Grudado nos meus pés.

Belerriro chegou-se bem junto do riacho. Segurou com força o cabo do machado e soltou um grito impressionante. Um grito como nunca Kuryala escutara antes de um índio carajá.

Os jacarés foram se afastando ao mesmo tempo que ele batia com força com o machado em seus corpos. Abrindo um espaço para a caminhada. Os animais ficavam tão assustados, tão amedrontados que saltavam desesperados para os lados, apenas ameaçando com as bocarras abertas. Das suas goelas escapava-se um cheiro pútrido e nauseabundo.

Em segundos, tinham alcançado o outro lado. O medo fizera com que Kuryala nem tivesse sentido os pés nem o frio da água.

O pai riu.

— Não quer beber?

Ainda nervoso Kury abanou a cabeça negativamente.

Os jacarés ainda abrindo as fauces ameaçadoras voltavam devagar aos lugares anteriores. Como podia um bicho tão ligeiro dentro da água funda ser tão lerdo em água rasa e em terreno seco?

— Como fede quando eles sopram na gente, não é pai?

— Sempre fede. Eles comem muita carniça. Eles limpam os bichos podres do rio também. Todo cabiroró fede assim.

— Ainda tem mais um beró-arioré?

— Mais pequeno. E se tiver secado muito, deve ter'jacaré bem pouco.

Por dentro, Kuryala desejava que isso acontecesse e seu desejo realizou-se. No riacho havia jacarés. Mas dispersados uns dos outros. E o fio d'água era apenas uma correntinha tênue.

Belerriro tornou a sorrir-lhe compreendendo a dissipação daque-la sua angústia.

— Estamos perto daquilo para que eu trouxe você. Olhe que mata bonita é aquela que vamos caminhar.

De fato a mata ensombrecia-se cada vez mais conforme a penetração. As folhas secas estalavam no chão. Vinha aquele cheiro de terra molhada subindo pelo nariz. Borboletas voavam entre os cipós dos grandes troncos. As árvores pareciam decretar um espaço grande à sua volta. Como se proibissem que qualquer coisa nascesse ali, além do mato rasteiro e pequenas trepadeiras. O vento trazia de longe o pio das jacutingas e dos mutuns. Até de bem longe, talvez perdida nas margens do rio distante, o vento trazia tambáu o pio taciturno das jaós.

Só então o pai virou-se para chamar-lhe bem a atenção.

— Olhe aquela árvore.

Soberbo, enorme, ereto, um landi dominava majestosamente todas as outras árvores.

— É o seu landi, meu filho. Levei muito tempo para descobrir um que fosse tão bonito como esse. Nunca vi um igual. E é seu. Eu disse: Esse landi vai ser do ...eu filho Kuryala.

Kuryala contemplava em silêncio. Não havia pelas matas perto da aldeia de Raumalo-Dessé nenhuma árvore. Nenhum landi que se comparasse em tamanho e força com aquele landi.

— É meu, Uarrá?

— É o seu landi.

Aí, Belerriro emocionado contou a história da selva em toda a sua importância.

— Com a força do Uomã a gente vai derrubar esse bonito pau de landi. Vamos cortar todos os seus galhos. E ele vai chorar quando cair. Seus galhos grandes vão abraçar os outros paus para não cair. Ele vai gemer até cair. Quando cair com barulho no chão e se soltar do pequeno tronco aí seu coração morreu e ele não chora mais. Então precisamos cortar todos os seus galhos. Deixar só um grande tronco todo reto. Porque daí vai nascer a sua primeira e bonita canoa, Kury. O resto você sabe. Mas é importante que, como seu pai, fale tudo. A gente vai deixar o tronco verde aqui. Dormindo por um ano. Depois o tempo da seca passa. Vem o tempo dos grandes trovões e das grandes

enchentes. E o tronco do landi permanecerá meio enterrado na água. Depois vem o tempo da seca. E a gente espera que o landi fique todo sequinho. Quando vier a outra temporada do trovões e das águas, a gente vem até aqui de canoa e arrasta ele para o rio. Ele fica amarrado até que as praias apareçam. Aí a gente leva ele para uma praia bonita e começa a descascar. E você vai ver como é duro e bonito a preparação de uma canoa que vai ser amiga da gente enquanto a vida dela durar.

Parou e Kuryala escutava encantado.

— Agora meu filho. Vamos trabalhar duro. Eu começo com o machado. Quando meus braços se cansarem você segura o machado. E quando você se cansar eu volto a cortar de novo. Assim vai mais depressa. A gente precisa trabalhar dureza porque antes que o sol durma, o landi tem que estar no chão e sem os galhos.

Olhou significativamente para o filho.

— Você não quer demorar e passar de noite lá no beró-arioré no meio dos cabirorós, quer? Quanto mais cedo a gente acabar, volta para a praia no Bêérokan e vai comer aquele peixe gostoso que está guardado no fundo do räuó²⁸.



28. Canoa.

Sétimo Capítulo

A CANOA DO AMOR

Mesmo ainda sendo um jovem e na categoria dos indolentes da tribo sua vida tornou-se uma cadeia de responsabilidades. Enquanto os outros amigos da sua turma continuavam na vida mansa de folguedos, de passeios, de lutas, de danças, de compridas conversas nas esteiras da casa de Aruanã, de horas compridas gastas em desenhos caprichosos gastos nos embelezamentos dos corpos, Kuryala trabalhava sempre. Belerriro dividia o seu tempo para que não sobrassem as horas e que nunca perdesse o senso da responsabilidade que o esperava: o comando da tribo.

Raras vezes podia comparecer a uma tarde e conversar à sombra das máscaras dos Diassós. Sempre o cansaço o dominava a ponto de conservar-se deitado, apenas ouvindo, vendo apenas a evolução, das danças amigas. Somente quando um desejo maior o invadia, aceitava um convite e matava a saudade daquele cheiro suado e azedo que impregnava na alma a excitação causada pelas máscaras do Debó ou do difícil Tiau-Ri.

Então, dançava horas sem parar, esquecido de tudo, perdido naquele encantamento selvagem, meio terno e meio bárbaro.

O tempo passava e mais duas vezes visitara o cadáver do landi derrubado. Dessa vez nem os jacarés ofereciam mais perigo. Os ferozinhos haviam secado e os bichos procuraram outro lugar para a pesca e a caça.

Com pedaços de galhos da própria árvore fizeram alavancas para revirá-la no chão. Ele teria que secar-se completamente de qualquer lado. E, à proporção que a madeira perdia o seu tom de vida, adquiria uma cor avermelhada de sangue.

E Belerriro sorria contente porque seus planos se realizavam exatamente como previra.

— Agora, é só esperar os grandes biús¹. E com biú o rio vai encher tanto que vai se ligar até aqui como se fosse uma grande lagoa. Quando chegar a festa do retô-rekan, o landi estará todo seco e boiando aqui mesmo. Não haverá correnteza que o carregue daqui. Então a gente arranja mais uma canoa. Você numa e eu na outra vamos puxar o pau até o rio. Depois vai ser duro rebocar esse peso inchado de água até Raumaló-Dessé. Duro porque não tendo praia a gente não vai poder usar a zinga. E não podendo usar a zinga, tudo deverá ser feito puxado com a força do remo. E isso vai levar muito sol.

Mas enquanto a chuva não vinha, precisava variar os seus afazeres de acordo com o tempo do seu pai que trabalhava muito. Acompanhava-o na pesca onde gastava horas e horas aperfeiçoando-se no exercício do arco e flecha. Seguia-o na roça para o corte da cana ou o plantio do milho. Para a derrubada e incêndio das matas na preparação das roças. Outras vezes tornava a viajar por novas matas no aprendizado de novos remédios tomando conhecimento com novas plantas e novas ervas. Entretanto, o tempo maior era gasto na derrubada de pequenas árvores para fazer os mourões e os esteios da sua futura casa. O seu Retô² que o enchia de orgulho. Seria uma casa bem grande como todo capitão de tribo merecia ter. Não media esforço em cortar novas madeiras para erguer o teto. Nunca reclamou de encher a canoa de palhas para cobrir o teto, nem do tempo perdido em bater a palha para formar a cobertura. Sabia que tudo aquilo seria dividido com alguém e seu peito se enchia de grande saudade de um vulto pequenino de longos cabelos negros que ele via sempre na sua lembrança. Nunca poderia esquecer aquela canoa partindo e a mão pequena dando o adeus pequeno com os dedos bem unidos...

Como por encanto, todos os seus colegas de tempo foram também se transformando em homens. Mas eles teriam mais tempo de rapaziada do que lhe coubera. Todos agora se orgulhavam de carregar entre as pernas o sexo em forma de feios cachimbos: Feios, para eles, enquanto meninos, mas masculinos, cômodos e práticos depois de homens. Realmente, sentindo-se acostumados com a prisão do sexo

1. Chuvas.

2. Rancho.

não precisavam mais se incomodar com os balanços naturais de qualquer correria, luta ou brincadeira. Os velhos sábios da tribo tinham sempre razão.

Uma tarde, quando o rancho estava todo pronto, todo cercado de esteiras de trançado largo de folhas de babaçu, foi orgulhosamente buscar Marixiro para mostrar o resultado do seu trabalho. Trouxe-a devagar, segurando docemente sua mão. E Marixiro fingindo espanto, um espanto como se nunca o tivesse visitado às escondidas em sua ausência, comentou muito feliz.

— É um retô muito bonito.

Depois pegou em suas mãos e alisou a brutalidade de tantos calos. Coisa rara em jovem na fase da indolência.

— Engrossou as mãos, mas ficou muito bom. Mais bonito e maior do que o retô que o seu pai Belerriro me deu quando casamos.

Kuryala convidou-a gentilmente.

— Vamos entrar.

Agacharam-se e penetraram pela porta baixa. Tudo cheirava ao verde da madeira e das palhas batidas. Tudo era novo. Então Marixiro falou pausadamente.

— Aqui eu vou trançar uma grande esteira com desenhos grandes. É onde você vai dormir com sua mulher e me dar muitos netos.

Depois caminhou até um canto.

— Aqui, num suporte você vai colocar um grande pote de água que minhas mãos vão fazer. Vou pintar desenhos bonitos mostrando as máscaras de Diassós. Depois, com o tempo, quando a água perder o gosto do suó³ e ficar muito fria e boa, o pote vai ficar todo molhado por fora e os desenhos morrem. Mas não faz mal. É assim mesmo.

Caminhou para o outro canto.

— E desse outro lado, meu filho ou sua mulher...

Parou e sorriu para Kuryala fingindo-se de esquecida.

— Como é mesmo o nome daquela jadomã que você gosta, que mora lá longe na aldeia de Cue-Beró?

— Você sabe, mãe. É Akurriro. Por que está mentindo pro seu coração?

3. Barro.

— É verdade. Eu esqueci só um pouco. Pois bem. Aqui, quando meu filho Kuryala capitão e carajá, chegar da pesca, Akurriro vai buscar na beira do rio, seu peixe, seu arco e suas flechas. E é aqui que Akurriro vai colocar.

Tornou a segurar as mãos de Kuryala e a alisar os seus calos.

— Você conseguiu fazer um rancho muito bonito. Um rancho bonito para um Ixandi-Nandô⁴ morar bem.

• • •

Somente vários sóis depois da festa de retô-rekan, quando a chuva se tornou enorme, que viajando em duas canoas resolveram ir buscar o tronco do landi. Mesmo com chuva era formidável viajar com o rio cheio. Só água ligando de margem à margem. E as margens repletas de garças brancas como se fossem nuvens pousadas. Mergulhões fugindo apressados caindo fundo no rio para depois reaparecer e riscar a água levantando vôo numa reclamação danada. Como se reconhecessem que se já era difícil pescar naquelas águas tão barrentas, pior se tornava com o ruído da canoa afugentando os peixes. Colhereiros, garças morenas, jaçanãs, as ciganas barulhentas, reclamando, brigando e acompanhando a viagem das canoas pelas ramas meio afundadas do sarão, jacutingas, araras e xexéus, fazendo o alarido da fuga na percepção de estranhos na paisagem. As canoas na correnteza deslizavam rápidas. Viagem de descida acabava logo. E a chuva não parava nunca, desabando sobre os corpos nus e desprotegidos. A velocidade da canoa impedia que os mosquitos devorassem os seus corpos, coisa que fatalmente se daria na volta ou quando abandonassem o rio em busca do local do landi morto. Tudo aquilo na descida era muito bom. Muito agradável.

Quando avistaram o landi, ele tinha se deslocado e se encontrava ancorado entre dois grandes troncos.

— Encheu mais do que eu esperava, filho. Se não fossem esses troncos, ele teria rolado e a gente ia procurar o bicho bem longe daqui. Vamos amarrar ele nessa parte maior da cabeça. Precisamos sair daqui

4. Capitão.

logo. Arrastar esse pau inchado não vai ser bom. A gente tem que chegar até na barreira grande de Cutia. Lá é alto. O chão está duro. Mesmo assim não sei se dá.

— Ainda está muito longe de chegar a tarde.

— Sei. Mas agora a gente vai remar subindo o rio. E esse landi fica pesando por três. Mesmo que chegue de noite, lá é o único lugar onde a gente vai poder dormir com essa chuva. A barreira é alta e a água do rio não invade. O chão é duro e de pedra não junta água. A gente faz uma coberta com a esteira e tenta fazer um reaut⁵. Só assim pode cozinar o peixe seco que traz e matar a fome. Nos outros dias, a gente tenta flechar algum peixe fresco e cozinar. Com a luz do dia tudo é melhor.

Amarraram o tronco entre a proa das duas canoas e começaram a desencalhar o landi. Tudo era tão difícil e duro. Mas Kuryala não devia desanimar. Apenas tirava o chapéu trançado de palha de buriti e enxotava às vezes os mosquitos que queriam entrar até pelos olhos. Quando conseguissem movimentar a pesada árvore, e as canoas adquirissem um pouco de ritmo, ia ser melhor. A praga com o movimento dos remos e o impulso dos braços desapareceria um pouco.

Ficou com os olhos cheios de gratidão quando divisou o rizão amigo. Ali, pelo menos, apesar da chuva, sempre havia um pouco de vento que espantava não só o calor do esforço corporal como os mosquitos ávidos de sangue. Remavam em silêncio porque cada palavra gasta significava desperdício de energia. Só diziam o que era absoluto e necessário.

— A gente tem que atravessar o rio e remar junto da margem.

— Hum.

Sabia o que o pai estava pedindo. Lá a correnteza era menor. Mas ao mesmo tempo se perguntava porque o rio ficava tão grande e tão largo no tempo das chuvas. Não queria desrespeitar Kanansiuê que era tão bom e tão amigo. Mas ele e muitos outros índios não sabiam e perguntavam por que Kanansiuê não tinha feito o Bêérokan diferente. Um lado que descia e outro que subia. Assim ajudava a vida de todo o mundo...

5. Fogo.

Chegaram quase mortos na barreira da Cutia. Respirou aliviado quando pôde levantar o corpo e estirar-se. Tinha a impressão que mesmo parado, os braços continuavam remando.

— A gente precisa amarrar muito forte as canoas por enquanto. O rio ainda está crescendo muito.

Subiram facilmente a barreira. Como podia ser? Ela agora era uma barreira pequena e próxima das águas. Quando chegava o verão, tornava-se tão alta, tão alta que era difícil transpô-la. Precisavam sempre procurar um lugar onde houvesse uma trilha de grandes animais. Agora, não. Bastava colocar as mãos e erguer o corpo.

Já era quase noite e a chuva continuava. Iria por toda a noite e continuaria sempre pelos outros dias. E mais outros dias viriam até que chegassem a vontade de parar de chover.

— Filho, vamos esticar a esteira debaixo desse pé de pequi, porque tem menos chuva. Depois vamos catar lenha e gravetos.

Armaram uma pequenina tenda onde colocaram a lenha em pé, apoiada na grande raiz do pequizeiro. Depois Belerriro pôs-se a balançar os gravetos no ar para secá-los um pouco.

— Arrancando um pouco de franja da esteira é mais fácil de fazer o fogo.

De joelhos, Kuryala colocou os pedacinhos da fibra da esteira e rodeou-os de galhos finos. Depois colocou pedaços mais grossos e, um pouco mais afastados, paus maiores aparados pelo machado do Posto.

— Não vai ser duro. Tori que tem tudo agora vai me ajudar. Eu troquei uma caixa de bósca e um uassassáriná⁶ de kadiurina⁷ por peixe. É pouca kadiurina e a gente tem que usar pouquinha para dar pro resto da viagem. Está na canoa, debaixo do banco. Bósca está junto num latãozinho.

Num instante Kuryala retornou com a garrafa de gasolina e a latinha que continha os fósforos.

Não foi difícil conseguirem o fogo.

— Agora, meu filho, enquanto o corpo não fica mais cansado. A gente vai trazer uma canoa. Soltar ela e botar aqui embaixo do pé

6. Garrafa.

7. Gasolina.

de pequi. Vamos virar ela para secar. Senão ninguém pode dormir nem um pouco.

Realizada mais aquela tarefa pesada, enfiaram pedaços de peixe num espeto e o colocaram junto ao fogo.

— O cheiro vai chamar mais muriçoca.

— Vai sim.

Enquanto o peixe se aprontava junto ao fogo, sem nada combinarem e menos antes que a noite se formasse de todo, foram mergulhar no rio para lavar a chuva do corpo e todo o cansaço da viagem. A água morninha do rio era diferente daquela chuva cansativa e monótona batendo todo o tempo sobre as costas, encharcando os chapéus e amolecendo os músculos e as palmas das mãos.

Depois subiram espadanando a água do banho e foram postar-se perto do fogo, esquentando o frio e abrigando-se na pequena cobertura daquela chuva que não parava nunca.

Quando o peixe ficou pronto, reavivaram mais o fogo e colocaram um punhado de folhas verdes e galhos tenros, umedecidos, para provocarem uma grande fumaceira. Sabiam que, com aquilo, afastariam o enxame das pragas e poderiam comer o peixe mais ou menos em paz.

De estômago cheio, a vida parecia outra. A chuva tornava a noite mais escura e as grandes árvores da barreira com a pequenina luz da barreira transformavam-se em grandes troncos negros, luzidios e ameaçadores.

— Agora, dormir.

Foram buscar na outra canoa o rolo das esteiras. Estavam molhadas. As de dentro menos do que as outras. Colocaram-nas perto do fogo e sentaram-se pacientemente para que elas esquentassem um pouco diminuindo a umidade. Os olhos agora começavam a fechar. O cansaço exigia o repouso.

Longe, os maguaris gritavam irritados com o fogo. Os bichos do rio, também assustados com o pequeno clarão, faziam ruídos de reclamação. Mas tudo aquilo era a selva. Era a vida deles e não fazia medo algum.

Suspenderam um pouco a canoa e colocaram as esteiras dobradas.

— Entra você primeiro, filho.

Kuryala penetrou embaixo da canoa e enrolou-se todo. Bastava um pequeno movimento para que até a sua cabeça ficasse coberta.

Com o braço sustentou a canoa naquela posição para que Belerriro também se abrigasse e se enrolasse na sua grande esteira.

Soltou o braço e a canoa emborcou de todo. Uniu-se rente ao chão. Daquele jeito nenhuma muriçoca conseguiria penetrar mais. E quando cobrissem a cabeça mesmo as que estivessem lá dentro iriam morrer de raiva porque não poderiam picar ninguém. E o que importava o zumbido de dez, vinte muriçocas para um corpo cansado, batido, moído de tanto esforço, de um dia infernal que não passava nunca.

Altas horas da noite foram acordados por um barulho diferente.

Belerriro suspendeu a borda da canoa e olhou o fogo. A chuva o tinha apagado. Não havia perigo de denunciar as suas presenças. Era canoa grande. Batelão de tori. Eles não tinham prática de nada. Vinham pelo meio do rio. Não encostavam nas margens com medo de que xavante e caiapó-de-beiço-grande pudesse aparecer e atacá-los. Deviam ser garimpeiros viajando para baixo. Remavam mal e conversavam alto.

— Eles vão ver a gente pai?

— Não. A noite está escura e o fogo apagou.

— Não vão ver a canoa?

— Não. O tronco do landi está cobrindo ela. Se olharem só vão ver o pau.

Ficaram calados ouvindo o barco se distanciando e a conversa dos homens brancos que não sabiam de nada se perdendo na noite, na chuva e na solidão da distância.

Dormiram de novo. Mas, de madrugada, Belerriro com o pé acordou Kuryala.

— Escuta aquilo, filho. Aquilo é bonito.

— O que é?

— Não está escutando? Borrolakre!⁸

A onça estava esturrrando com força e com raiva.

— Aloé, pai?

— É. Onça pintada. Macharrão dos bons. Está com fome.

8. Escute!

— Não tem perigo, pai?

— Não. Está catirará, catirará⁹. Está com raiva e com fome. Raiva da chuva que enche tudo e ajuda a capivara que nada mais de pressa do que ela nesse tempo.

Ficaram um pequeno tempo escutando a onça raivosa a esturrar.

— Está indo embora. Ficou do outro lado do rio. O rio é muito grande na chuva para ela se arriscar a atravessar. Cabiroró¹⁰ tem muito no rio por causa da água grande e cabiroró também tem muita fome. Por isso ela não vem. Agora está bom. Ainda dá pra dormir um pouco até que chegue a luz da manhã.

* * *

A dificuldade em fabricar uma canoa era o que tornava o índio cada vez mais seu amigo. Não tão importante como o seu filho, mas significando muito mais do que seu cão. Um índio podia bater no seu cão amigo, entretanto, jamais maltrataria sua canoa.

Depois de tanta chuva judiando o corpo, o cenário virara uma praia. A seca voltara. O céu se afogava no azul e as praias naquele alvor que doía na vista.

No começo, a mão habilidosa de Belerriro delineara os limites do tronco do landi. Era difícil crer que dali sairia uma canoa. Mas os dias passaram. E desde que o sol nascia, até o começo da sombra da noite, eles estavam quase sempre juntos se ajudando em sua fabricação. Demorou para que o seu primitivo formato aparecesse. Mas quando ela deu os seus primeiros sinais de existência, o coração de Kuryala exultou de contentamento.

Quem apreciava de longe divisava a vida dividida, dividida em quatro cores. O céu azul translúcido. A selva ao longe apodrecendo de verde. O rio grande esticado num espelho branco faiscante. E o vermelho mais vivo como se fosse grandes gotas de sangue que saltavam do landi lavrado. Os dois homens eram apenas dois pontos negros perdidos no revérbero do sol que comia toda aquela beleza de paisagem.

O machado fazia o ritmo da música. Parando só quando era

9. Longe, longe.

10. Jacaré.

necessário transferir-se de dono. E o que descansava ficava recolhendo as lascas rubras em volta da canoa e arremessando-as na água que beirava a praia. Os miguelinhos e os odiúras aproximavam-se com o som da madeira caindo, mas se afastavam desesperados porque aquilo não significava resto de comida nem corpo de gente para beliscar. Teimosos que eram, permaneciam naquela ronda de fome até que a canoa dos índios os levassem de volta à aldeia. Só então desapareciam na água mais funda do Bêérokan. Na manhã seguinte voltavam atraídos pela fome e pela esperança da comida. Certamente, permaneciam naquela ronda relutante até que os dois findassem a tarefa.

Quando eles paravam para banhar-se e minorar o fogo do calor batiam com as mãos afugentando-os. Porém quando precisavam comer qualquer coisa, mesmo que fosse banana ou farinha de puba pura, divertiam-se com os peixinhos cabeçudos e arremessavam-lhes alguns restos para ver a disputa maluca entre eles.

Quando o sol dava mostras de esconder-se, o pio da jaó no escuro da mata anunciava que mais um dia de trabalho se esgotara. E muitas tardes eles escutaram aquela lamentação amiga e encantadora. Aquele pio que sempre trazia um pouco de tristeza a quem o escutasse naquela solidão.

Uma tarde e o sol ainda tinha muito caminho a percorrer no céu, Belerriro contemplou a canoa. Era quase uma canoa. Sua forma estava exata e completa. Sorriu alisando o cansaço das suas mãos.

— Filho, essa parte do trabalho ficou pronta e muito boa. Essa canoa só precisa ser queimada na barriga e depois aberta com paus. Então o serviço vai ser mais leve. A gente lavra a parte queimada. Madeira fica mais mole porque fogo ajudou.

Olhou a tarde linda, o resto da caminhada do sol. As primeiras aves pescadoras girando no vento do céu, estudando as praias mais promissoras para a faina da noite. As nuvens vermelhas que se transformavam de vermelho para o róseo e deste para o dourado para cobrirem o sono do sol.

Sentou-se na areia sem pressa de nada. Só para ver aquela beleza de tudo. De tudo aquilo que conhecia desde menino e que era presente da bondade de Kanansiûê.

Bateu com a palma da mão contra a areia morna.

— Amanhã, praia amiga, nós vamos embora. Seus amigos jacarés vão voltar para esquentar o sol aqui na beirada. As gaivotas, também voltarão cavando ninhos nas praias e vai ser aquela beleza de pintinhos e pintões correndo malucos por todo canto. Tudo vai ser seu de novo. Depois o vento vai cobrir esses pedaços de madeira, o rastro dos nossos pés e os buracos que fizemos na sua terra. O machado não vai mais incomodar a sua paz.

Belerriro banhou-se e tocou os peixinhos aflitos com a mesma paciência de sempre.

Só então voltou para perto da canoa e deitou-se apoiando a cabeça entre os braços. Era gostoso sentir o quentinho da praia sobre as costas do seu cansaço. Tornou a descansar a vista nas coisas bonitas que observara antes e que agora aumentavam porque a noite começava a escurecer todos os tons da beleza da vida.

Fazia aquilo para descansar. Porque durante todos aqueles dias seguidos não tivera olhos a não ser para a canoa. Para que o trabalho de ambos se tornasse perfeito.

Kuryala voltava do banho e deitava-se a seu lado e na certa experimentava as mesmas sensações. Jaó soltou seu primeiro pio de abandono.

— Amanhã, filho, não vamos mais ouvir esse canto assim tão perto. Logo cedo vamos rebocar sua canoa para junto da prainha.

Um vento nasceu lá da ponta da praia e arremessou mansamente um pouco de areia sobre eles.

— Está na hora. O vento fala pra gente voltar para a aldeia.

Levantou-se e agora com a vista descansada pôs-se a analisar a canoa.

— Meu filho, você fez um trabalho muito bom, muito bonito. É uma canoa grande que vai caber bastante gente e vai ser leve e caminhadeira.

Kuryala riu.

— Não fui eu, pai.

Sem se desvirar da embarcação ele o contradisse.

— Não. Apenas ajudei. Essa é a sua primeira canoa. É sua. A sua primeira canoa. Quando meu pai, o seu avô Birirrôa, fez comigo a primeira canoa, ele também me falou assim.

Fez uma pausa como se fosse longe no passado e mastigasse as lembranças.

— É isso. Essa é a sua. Eu podia ter trabalhado muito mais. Deixei que você fizesse o maior trabalho. Então essa canoa é sua. Não quero tomar esse seu direito. Eu já fiz muitas canoas na vida. Canoas que trabalhei sozinho. Sozinho com o sol, com o vento e com Kanansiuê. Agora... Vamos. Sua mãe ia fazer um arroxikre¹¹ gostoso e eu estou com fome.

Puxaram a outra canoa para a água.

— Pai, eu vou remar no jacumã.

— Sim.

— Veja como a noite está tão linda! Vem chegando com todas as estrelas e como não tem lua, tudo que é estrela vem banhar no rio. Antes da gente chegar na aldeia Tahiná-Kan vai chegar e tocar todas elas pra longe como se o rio fosse só dela. Aí, o rio fica que é um brilho grande de issidiké.¹²

— Você fala bonito.

— Meu coração está contente. Por isso, você não vai remar.

— Não?

— Não.

— Você vai deitar no fundo da canoa e olhar tudo de bonito que aparecer no biu-ê-teki.¹³

— Carajá quando deita para outro índio remar é porque está matukari. Bem matukari.¹⁴ Está achando que eu estou matukari?

— Não. Só que você está cansado. O céu, bonito e eu quero remar agora, sozinho. Só isso. Você viaja os olhos em Tahiná-Kan.

Belerriro acomodou-se no fundo da canoa e fez das folhas com que antes haviam coberto a comida, uma espécie de apoio para a cabeça. Assim apreciava melhor tudo o que o filho desejava.

Dentro do peito o coração simples engrandecia-se. Seu filho fora um menino bom, estava passando depressa de um rapaz bom para um homem melhor. Sabia com orgulho que nunca os inás iriam ter um capitão como ele.

11. Comida.

12. Espelho.

13. Céu.

14. Velho.

Prólogo Geral A Sagração Cívica no Brasil

que tradição, que nome que permanece na memória de todos os cidadãos. Ela é sempre lembrada com grande veneração de todos, não só de sacerdotes, mas de todos.

Também não é menor honra nela vai pregar para todos

SEGUNDA PARTE

A Noite

Kayaria. Não precisa falar muito para dizer que sempre, em dias e horas diferentes, São Miguel aparece para todos os homens adorá-lo. Ele é sempre o anjo que nos guia de sangue. Ele viola de sangue

que se dava Irmão? Se fome amaldiçoar para que possa

que todos devem morrer todos e voltar para a vida. Sobre os mortos ele sempre vai para

que é morto, de pernas cruzadas, chão de lama, que é morto e volta viver

que é morto com os olhos a procura da vida e que

que é morto e devolve pessoas um lago grande, que é morto falso, acapalha as aguas e não tem a grandeza que tem.

Primeiro Capítulo

A SEGUNDA CANOA DO AMOR

Por mais que trabalhasse, por mais que remasse ou pescasse os pensamentos não se afastavam de sua cabeça. E o coração ficava dando aqueles pulos. Ora envolvidos de ternura, ora de sobressaltos, por vezes de nervosismo.

— Calma! Também não é assim. Você não vai pegar onça sem lança na mão?

Conversava no seu pequeno desassossego tentando apaziguar seus desacertos. Todo homem espera por aquilo. E você? Não é mesmo tudo que quer? Não é?

Sorria e continuava o trabalho que executava no momento, empurrando o pensamento para longe. Mas não adiantava. Era o mesmo que pedir a uma piranha que não gostasse de sangue. Lá vinha ele de novo.

— Afinal, Kuryala. Não precisa ficar morrendo antes do tempo. Você ainda tem uma semana, sete dias e sete noites. Sete sóis e sete noites...

— Isso é que me deixa Itianté¹. Se fosse amanhã ia ser muito melhor.

Resolveu abandonar tudo e voltar para a aldeia. Subiu no seu porto. Entrou no retô do pai.

— Nadí!

Marixiro sentada na esteira, de pernas cruzadas, cheia de fibras sobre o colo trançava outra esteira.

Sorriu e estranhou com os olhos a presença do filho naquele instante.

— Pensei que Kury estivesse pescando no lago grande.

— Fui. Mas vento forte, atrapalha as águas e não deixa a gente flechar nada. Por isso voltei.

¹. Doido.

Bebeu água no pote e sentou-se perto da mãe. Ficou observando a destreza com que suas mãos pequenas deslizavam sobre o trançado.

— Vai ser grande esse biré².

— Vai ser muito grande e o mais bonito que eu já fiz.

Parou o trabalho e dessa vez encarou o filho, sorrindo mais.

— É pra você.

Ele passou a mão entre a franja dos cabelos como para afastar uma grande preocupação. Levantou-se mas não conseguiu sair porque a voz de Marixiro pedia-lhe:

— Bunânkre, Dô³.

Obedeceu.

— Por que você está assim? De noite você dorme e rola na esteira. Fala e geme como se tivesse medo. De dia, você quase não quer comer. Quase não quer parar aqui no rancho. Faz dias que não deixa que passe óleo de babaçu nos seus cabelos... Por quê?

— Todo mundo fica assim quando chega esse momento, não fica, minha mãe?

— Borréto!⁴ Pode ficar um pouquinho. Mas não precisa. Tudo é tão bom e tão bonito.

— Mas é que demora muito.

— Já demorou mais. Quando seu pai saiu na viagem com Uadirema para falar com os parentes da jadomã⁵ lá na aldeia de Cué-Berô, demorou mais. E você nem sabia que ela ia aceitar, sabia?

Kuryala sorriu no seu desalento.

— Eu sabia que ela ia aceitar sim.

— Então ela aceitou. Agora está com os parentes na aldeia de Biton-Ire preparando o que tem para trazer. Preparando presente pra mim e para seu pai. Ela quer ficar mais bonita ainda e com as outras jadomãs corta as pontas dos cabelos que sobram, alisa a ponta das unhas que estão feias, passa com as outras jadomãs pozinho de concha de praia nelas pra ficarem bem bonitas. Aprendem com as mais

2. Esteira.

3. Sente-se, filho.

4. Não sei.

5. Moça.

velhas o que é que faz um homem gostar mais de uma mulher. Tem muita coisa pra demorar.

— Com você foi assim?

— Também foi assim. Com Akurriro vai ser mais ainda porque ela vai se casar logo com um capitão de aldeia. Você vai ter medo de daqui há pouco ser capitão de aldeia?

— Isso não. Porque como capitão eu é quem vou mandar nos homens e aconselhar em tudo. Foi assim que me ensinaram.

Marixiro riu.

— Ela nunca vai mandar em você. Quando a mulher gosta do homem que escolheu nunca manda, você adivinha e faz. Gostar muito é mais bonito do que tudo.

Ficou olhando a sua mãe cada vez mais admirado.

— Você sabe falar bonito, como qualquer mulher que sabe contar história de carajá.

Sentiu um bem-estar acalmando-lhe os anseios.

— Agora você está de novo como era, meu filho. Só vou lhe dizer mais umas coisas.

Procurou com os dedos onde estava o seu aricocó⁶. Kuryala não permitiu que ela se levantasse para ir buscar fogo no fogãozinho de pedra. Queimou uma réstea de palha e lhe entregou. Esperou que baforasse forte sentindo o aricocó aceso e só então sentou-se a seu lado.

— Você me disse que nunca gostou de outra jadomã antes.

— Foi.

— E que só se casaria se fosse com Akurriro.

— Tulê⁷.

— Por isso você fez uma casa, não foi?

— Meu pai trabalhou mais do que eu.

— Não importa. Você fez uma casa. Ali você vai levar uma moça. Vai trocar essa moça pela casa do seu pai e de sua mãe. Vai gostar dessa moça mais do que de sua canoa. Vai gostar mais dessa moça do que de seu pai e da sua mãe. Então, por que está com medo?

— Porque eu não vou gostar mais dela do que do meu pai e do que da minha mãe. Do que da minha canoa, vou sim.

6. Cachimbo.

7. Também

— Olhe, meu filho. Isso é assim mesmo. Eu também deixei o retô dos meus pais quando saí com Belerriro. Meu pai e minha mãe não se zangaram e nem choraram. E isso é que eu quero. Na minha barriga você cresceu. No meu coração você viveu. Nos meus braços você chorou. Agora você vai com quem gosta mais de você. E minha barriga, meus braços e meu coração vão ficar contentes porque você está fazendo aquilo que deve. Como rapaz muito bom. Como homem muito bom. E como o capitão carajá maior ainda que você vai ser.

Marixiro continuava calma e sua voz em nenhum momento fora traída pela emoção.

Seus dedos retornaram a trançação da fibra.

— Que é que você tinha vindo procurar no rancho?

— O Uomân⁸.

— Que vai fazer com ele? Está ali atrás do mourão.

— Vou fazer uma coisa. Eu já ia fazer isso antes de ter falado com você toda essa conversa. Agora vou fazer mais ainda.

— E o que é?

— Vou trazer muito coaru⁹ para perto da Prainha. Bem seco e forte. Vou cortar todo ele em pedaços leves que não machuquem. Vou fazer uma pilha muito alta. Ainda é muito cedo e dá muito tempo.

— Pra quê?

— Vou deixar tudo isso para você. Cubro tudo com folha de palmeira. Assim você não precisa ir procurar no mato como as outras mulheres. E nessa época do frio, ramalá¹⁰ fica na beira do caminho esquentando no sol. Fica mais fácil pra você.

— Você não deve fazer isso. Mulher sempre fez esse trabalho.

— Mas não devia. Porque é um trabalho muito duro. Não quero que minha mãe, velha, muito depressa e depois fique cansada quando segurar os netos.

Ela riu. Mas não concordava.

— Pois é o que vou fazer. Se os outros filhos não podem ou não querem fazer é porque não têm a mãe que eu tenho.

8. Machado.

9. Pau.

10. Cobra venenosa.

— Mesmo assim...

— Das-sós!¹¹ Se eu vou ser o maior capitão de aldeia dos carajás por que não posso fazer o que eu quero?

Bateu no peito forte e fez pose como se já estivesse reinando.

Ela balançou a cabeça e sorriu.

Ficou vendo o seu vulto com o machado no ombro desaparecer na descida do porto.

* * *

E chegou a hora da preparação das bodas. Toda a aldeia foi percorrida por um grito de alegria e anúncio. A canoa da virgem contornava a curva da ilha redonda. Um carajá pescador viera na frente, encostara a canoa numa praia e correra pela mata, pelas picadas e pelos cerrados, sem por um momento diminuir os passos da corrida. Chegara o mensageiro na aldeia, abrindo os braços e quase sem voz anunciou:

— A canoa de Akurriro está subindo o rio.

A novidade tão esperada percorreu de parede em parede de cada rancho. Toda a aldeia se contaminou da mesma alegria exuberante. Criou-se o primeiro problema.

— Cadê Kuryala?

— Foi pra roça.

— Foi bom.

— Ele não pode chegar de volta na aldeia antes da canoa chegar e a gente esconder a noiva.

Escolheram dois homens para caminhar em direção à roça. Caso Belerriro e Kuryala estivessem retornando mais cedo, davam-lhes a notícia e retardariam-lhes a chegada.

Era proibido o noivo encontrar-se com a noiva antes das cerimônias nupciais.

E todo mundo passou a viver para a festa. Para a primeira grande festa, porque a segunda, o próprio Kuryala pediu que fosse evitada. Eles prometeram que trocariam os capitães numa solenidade bem simples. O que importava para todos era o momento das bodas.

¹¹. Ora essa!

As ubás cortavam o Bêérokan em todos os sentidos. Precisava haver muito peixe. Muito pintado, muito tucunaré. Nessa hora, o harpão infalível de Uatau, o grande, estaria seguro no seu braço retesado. O seu porte atlético e bronzeado com os olhos fixos onde o pirarucu dormia sonolento madornava ao sol. O bote. O corpo fisgado. O salto. A canoa puxada como louca contra o sarão dos lagos. E Uatau sorrindo em seus grandes dentes brancos, em sua cara feroz, soltando corda para não zangar mais o bicho. Depois era só puxar o peixe enorme e cansado para o fundo da canoa. E depois também, toca a procurar outro, e mais outro e ainda outro mais. Festa de casamento de capitão. De capitão tão bom e ainda por cima tão moço, precisava ser regada à fartura.

Gente varava as matas atrás de caititu. Carne moqueada de porco-do-mato comida com óleo de tartaruga sem sal nunca faltaria numa festa daquela natureza.

Da roça, vieram as bananas e os tori-uanãns¹². Mandioca e Co-teruti¹³, daquelas tão doces que quando índio velho de beiço furado e sem força, mastigava contra as gengivas ressecadas, deixava escorrer uma baba amarelada que pingaria no peito e nas pernas.

Mulheres de peito batendo na barriga, preparavam os kalugis¹⁴ para que ficassem um pouco fermentado e azedinho. Quem não gostava podia beber o Kalugi comum e fresquinho.

Mandioca tinha sido afogada em canoas cheias d'água para azedar e ser transformada em farinha de puba. Gostosa de fazer pirão no peixe jogado dentro dos panelões que ferviam.

E toda aquela festança, aquele esbanjar de comidas, seriam utilizados por todos os membros da tribo. Homens, mulheres, velhos e crianças.

Entretanto os noivos, o motivo para tudo aquilo, talvez nem sequer tocassem em qualquer daqueles pratos.

* * *

Ao entardecer, começou a cerimônia do primeiro dia do casa-

12. Mamão.

13. Batata-doce.

14. De arroz e de milho.

mento de Kuryala com Akurriro. Tudo não passava de uma coisa muito simples. Os parentes da noiva dirigiam-se, ostentando uma dignidade impressionante, ao rancho do jovem nubente e carregavam todos os seus bens, todos os seus pertences para o rancho novo de Kuryala. E como o noivo era bem dotado e sobretudo por ser o futuro capitão carajá existia muita coisa a transportar. Os arcos de caça, as bordunas, as lanças, a zinga, os remos, as esteiras, o pote d'água novinho ainda recendendo a barro fresco, as cobertas, os cestos com o tesouro escondido das penas de arara-vermelha. Seus larretôs e lóri-lóris a serem usados em grandes dias de festas. Potes com cera para pregar pontas de flecha, outros potes contendo óleo de andiroba para curar dor de garganta e afastar mosquito bravo. Óleo de babaçu para usar nos cabelos e amaciar a pele no sol das grandes pescarias. Muita coisa no grande cabedal da riqueza de Kuryala.

Nessa noite o casal deveria dormir junto.

Desde que a tarde começara a se-deitar, as lutas se realizavam na praça da casa de Aruanã. Eram os lutadores vindos de baixo contra os desafiantes locais. Faziam desafios engraçados e elegantes. Tudo transcorrido em meio de grande limpeza e honestidade. Sempre os aplausos aos vencedores. Nada de diminuir os derrotados.

Os Bodus e os Diurés viviam em constantes correrias da aldeia para a festa. Com os braços suspensos, sustentando nas cabeças panelões e alguidares de comidas. Vinha peixe de toda espécie. Cozido, moqueado e assado. Carne ainda pendente nos espetos derramando sangue no chão e já provocando a aproximação de formigas carnívoras. Cestos abarrotados de mamão, banana e cana descascada. Pratos com batata-doce, maniocas e abóbora vermelha cozida. Potes de Kalugi e cestos de farinha cheirosa e caroçuda.

Quando a noite se fazia madura, trouxeram os dois para se encontrarem na escuridão do rancho. Nada de fogo, nada de luz. Era a primeira noite de amor.

Então, toda a aldeia estourava num festejo maior. As mulheres ficavam sentadas vendo de longe as danças sagradas do Aruanã. Também se serviam da mesma comida dos homens da casa de Aruanã. Moças-donzelas, saíam dançando com o corpo inteiramente nu, tendo só o sexo coberto com um pequeno rabicho de gameleira, iam nos seus

passos lentos e ritmados oferecer dádivas aos dançadores de Debó, Diaré-Renim e Iué-Rodi. Os movimentos realçavam os desenhos ne- gros sobre o corpo todo vermelho de urucum.

O pequeno povo do Serviço se aproximou com medo da festa mas pouco demorou. Ficava desconfiando de tudo. E se aceitava uma oferta, nada mais era do que uma banana ou um pedaço de mandioca cozida. Torciam o nariz ao avistarem as tartarugas sangrentas assadas no próprio casco. Enojavam-se ao saber que o peixe era usado sem retirar as tripas e o fel. Cada um no seu lugar. Portanto, era melhor só matar a curiosidade e retornar ao Posto.

E, no escuro do rancho, os noivos ouviam o barulho da festa e a alegria do pessoal da aldeia repercutindo em toda parte.

Quando estava perto de chegar a madrugada e que os cantos e as danças iam-se extinguindo aos poucos, um parente da noiva e um parente do noivo, vieram buscá-lo ainda no escuro. Carregaram-no para o rio. Esperavam que se banhasse. E levaram-no para bem longe. Era a sua vez de pescar junto de dois homens feitos, duros e intransigentes. Ficaria o dia no sol, na canoa, nas praias e nas lagoas, provando que saberia pegar o peixe com todas as artimanhas que os dois acompanhantes usavam. Estaria então provando que poderia sustentar sua noiva e agora quase sua mulher, sem depender de outrem.

E só à tarde regressariam. E o peito de Kuryala estava contente. Não que temesse qualquer competição na pesca. Seu pai Belerriro o preparara bem. Satisfeito, porque não era muito bom no mister de fazer fogo rolando o pião entre as mãos e enfiando a parte aguçada na madeira a ser incendiada, na madeira que provocava a primeira fumaça. Ainda bem que Kanansiûê o ajudara. Acertou na primeira experiência.

Recebeu uma ordem duramente.

— Abaixe a cabeça. Deixe seus cabelos caírem sobre o seu rosto.

Recordou-se que como noivo não poderia olhar nem enxergar ninguém da aldeia. Sobretudo Akurriro.

Obedeceu, mas antes de fazê-lo divisou que todos estavam na barreira esperando a sua chegada.

Sentiu a canoa aportando mas continuou na posição exigida. De barreira desceu de novo Uadirema que o ajudou a sair da canoa sempre mantendo as costas para a barranca.

Uadirema agachou-se, enfiou a cabeça entre suas nádegas, deu-lhe as mãos para que encontrasse equilíbrio e suspendeu-o sobre os ombros.

— Pode forçar os pés no meu peito. Ajuda você. Mas não levante a cabeça.

Sentia-se estranhamente carregado barranca acima, como se fora uma caça morta.

Quando chegou ao alto ouviu um ui geral de admiração. Gostavam e aprovavam o seu corpo inteiramente nu, coberto com grossas camadas de urucum como se fosse uma figura retirada de uma lagoa ensanguentada.

Grandes desenhos negros de jenipapo e tisna de panela, ornamentavam as curvas dos seus músculos, o redondo de suas nádegas e dos seus peitos e bíceps. Suas costas estavam caprichosamente desenhadas como patinhas negras de gato selvagem.

No pescoço e no peito forte, uma variedade grande de colares de miçanga, entremeando o vermelho com o branco escorregavam de um lado para o outro. Nos pulsos, os dessis¹⁵ de fibras de tucum pintadas de encarnado ampliavam mais a forma dos seus pulsos.

Os cabelos luzindo de negros, escorriam, untados de óleo de babaçu, sobre os ombros e brilhavam ainda mais porque os últimos raios de sol se infiltravam sobre os ranchos e baixavam sobre eles.

Kuryala estava lindo!

As pessoas em silêncio abriam alas à sua passagem. Ninguém comentava nada. Nada que pudesse incomodar a perfeição da sua imobilidade. Só conseguia divisar os pés de Uadirema percorrendo o chão da aldeia.

Pararam. Sabia do que se tratava. Encontrava-se de novo diante do rancho que custara a força dos seus braços e mais que isso, a força dos braços paternos.

Uadirema estava ofegante pelo esforço da caminhada. Foi-se abaixando, ajoelhou-se numa esteira e depositou o noivo no chão. E ali mesmo sem que ainda lhe fosse permitido entreabrir os olhos e levantar a cabeça, foi puxado por duas mãos que o obrigaram a se sentar. Veio uma velha da aldeia e colocou seus dedos, e depois suas mãos

¹⁵. Pulsciras.

dentro de uma vasilha de barro. Ficou cantando uma cantiga de bons augúrios enquanto esfregava com pridamente a palma de suas mãos.

Quando acabou, retirou-a e ficou alisando-as enquanto prosseguia naquele canto prolongado e monótono.

Ela pedia que suas mãos pescassem.

Que trabalhassem sempre.

Que nunca maltratassem ninguém.

Que só fizessem as boas coisas.

Que segurassem a mão da vida com paciência...

Quando parou com os velhos e magros dedos, suspendeu seu queixo e pediu-lhe que abrisse os olhos.

Por trás dela, em pé, maravilhosamente nua, com o corpo também pintado de urucum e com desenhos de jenipapo, encontrava-se Akurriro no seu natural vestido nu de noiva. Akurriro lhe sorria e em seu rosto existia uma promessa de compreensão, amizade e amor.

Era a segunda noite de núpcias.

Recomeçaram as festas, as danças e o banquete foi servido. As cantorias do Aruanã se prolongaram de novo até a madrugada.

Quando os primeiros raios de sol surgiram, veio aquele cortejo enorme que queria seguir os recém-casados até o banho no rio.

Então, essa era a derradeira cerimônia do casamento de Kuryala e Akurriro.

Eles ficaram dentro d'água um pequeno tempo até que os curiosos se afastassem.

Kuryala pegou nas mãos de Akurriro.

— Quando todos estiverem dormindo, cansados da festa, eu vou preparar uma canoa. A gente vai viajar devagarzinho pelas praias mais bonitas do Bêérokan.

* * *

Akurriro deitada na proa da canoa, olhava deslumbrada o corpo musculoso de Kuryala recortando-se contra a luz, contra o azul do céu mais ao alto.

Seu coração ritmava a felicidade. Diferente agora. Diferente do rancho escuro das duas primeiras noites de amor. Talvez o ruído de festa lá fora, o som dos uerus acompanhando os passos das danças.

Talvez os gritos de alegria da aldeia tivessem atrapalhado todos aqueles momentos. Os primeiros carinhos, os primeiros toques haviam sido como que medrosos e cheios de cerimônia. A sua primeira posse se deu mais pela dor do que pelo desejo ou pelo prazer. Era isso, o medo. O medo de se sentir numa terra estranha, ouvindo aquela barulheira que não acabava mais, tendo as mãos tão frias como quando carregava água no rio no tempo mais frio do ano. Pensava até em chorar, em dormir para que seu corpo perdesse a virgindade sem se aperceber. O coração aos sobressaltos medindo o cerco, os pedaços de cada momento. Entretanto, Kuryala atingido pela mesma emoção fora bom, fora doce, procurando não feri-la, não assustá-la, não magoá-la sequer.

— Não tenha medo. Tem que ser assim. É a lei da tribo. Eles querem assim. E eu que vou ser logo capitão, não poderia fugir disso... Olhe, quando tudo passar, quando a festa acabar, nós vamos viajar no rio e tudo vai ser muito bonito e diferente. Você vai ver...

Dizia sim, bem baixinho ao seu ouvido, como se temesse que alguém por perto viesse descobrir o seu temor.

Entregava-se mansamente para não dificultar o casamento esperado por todos. Tão aguardado mesmo. As mãos fortes dele tornavam-se leves e macias alisando suas costas, apalpando a dureza dos seus seios, escorregando entre suas costas. Seu rosto colando-se ao seu rosto, os cabelos de Kuryala misturando-se com os seus e a vontade de gritar fazia com que seus dentes mordessem um pouco fortemente os ombros do rapaz.

— Só um pouco. Um pouco mais... e a dor vai passar logo...

Agora ele estava ali, o corpo forte manejando a zinga. Cada músculo obedecendo à sua vontade e a canoa deslizando sobre a praia, beirando as águas transparentes. Podiavê-lo à vontade. Contemplá-lo todo tempo que desejasse. Aquele seria o seu homem para sempre. Aquele era o seu homem agora. Sua proteção, sua casa, sua alegria, seu cansaço e seu amor. Não era um dos mais altos inãs que conhecera em tantas aldeias visitadas, e sim dos mais fortes. E o seu rosto largo e o seu sorriso sincero preenchiam tudo que de bonito escolhera em seus sonhos.

Tivera até sorte. Outras jadomãs casavam com os homens que as famílias indicavam. Casavam muitas vezes sem ver o noivo antes.

Muitas vezes era um homem maduro demais para a mocidade de uma noiva. Mas, velhos ou feios, magros ou gordos, teriam que aceitar o marido escolhido e dividir tudo, e participar de tudo da vida comum de dois. Atendê-lo na esteira. Esperá-lo ao entardecer quando viesse da pesca para retirar não só o peixe como os apetrechos da pescaria. Pentear os seus cabelos e apanhar lenha no mato para cozinhar o seu peixe, sua abóbora, sua batata e qualquer caça que apanhasse. Trançaria suas novas esteiras assim como aprenderia a ralar a mandioca brava para começar o preparo da farinha. Era a vida e a lei de todos.

Com ela, não. Tivera muita sorte até.

Ele perguntou sem alterar a voz.

— Está dormindo?

— Não.

Retirou o seu encantamento do corpo de Akurriro e levou os olhos para a paisagem. Precisava agora descobrir uma praia bem alta no meio do rio onde a grande cheia tivesse abandonado muito tronco de árvore e que o bom sol com o calor do dia transformava em lenha forte, duradoura e seca. Uma praia bem alta onde pudesse armar um pequeno ranchinho de palha para abrigo de uns dois dias. No meio do rio numa ilha alta, estaria livre dos jacarés, dos xavantes ou de qualquer caiapó maludo que poderia aparecer na margem direita. De noite, à luz de um céu exagerado de estrelas, ouviriam os gritos de todas as aves assustadas tendo a luz da coivara para afastar as feras. As gaivotas e os camiás iriam reclamar horas seguidas até se acostumar que os estranhos não lhes queriam fazer nenhum mal. Nem estavam pensando em roubar os ovos dos seus ninhos ou os seus pintinhos ainda implumes. Com o correr das horas, bôto moleque viria gozar o sono deles. Bufaria jogando água para o alto até que se convencesse que ninguém se importava com as suas alegres brincadeiras...

— Kury!

— Hum.

— Eu gosto muito de você.

Ele riu.

— Eu sei.

Desfez-se com cuidado da zinga e sentou-se no jacumã empun-

nhando o remo. Decidira se afastar da praia e pegar a correnteza que carregava a canoa sem que precisasse fazer qualquer força.

— Eu também gosto muito de você.

— Eu sei.

Tinha vontade de caminhar como raloé-nin¹⁶ e deitar a cabeça no seu colo. Depois levantar a mão e ficar alisando o seu peito musculoso. Mas era cedo e ele estava procurando alguma coisa importante. Seu olhar agora buscando a distância indicava preocupação.

Passadas algumas remadas seu rosto voltou a sorrir.

— Era aquilo que eu estava procurando. Aquele beró¹⁷.

A gente vai entrar nele. Você nunca viu coisa tão bonita como vai ver. Como sol só agora está saindo mais e esquentando tudo, bicharada vem pra beira da barranca, pra pedacinho de praia, pra se esquentar ou beber.

Remou mais e Akurriro sentou-se de costas para Kuryala para olhar tudo que ele prometera.

A correnteza puxava a ubá com violência na descida e bastava apenas a habilidade de controle do remo para que a embarcação fosse dirigida. Ora evitando tranqueiras amontoadas, ora um tronco maior que se despedira das origens e atulhava o furo.

— O rio vai levar a gente sem fazer barulho. Assim bicho só vê a gente quando a canoa tiver chegado bem de pertinho.

Era uma festa de aves. Os colhereiros e as garças brancas caminhavam nas compridas pernas e enfiavam o bico nágua em busca de uma presa. Jacaré coscorento e velho procurava aquecer-se ao primeiro sol, já ia dando amostras de impaciência, movimentando as perninhas curtas, pressentindo a presença de algo estranho. Macacos levados pulavam nos cipós e devoravam as polpas brancas dos ingás.

Akurriro fez sinal com a mão pedindo silêncio e chamando a atenção de Kuryala para uma coisa que descobrira antes dele.

Numa praia mais distante, havia uma porção de antas e estas com os filhotinhos. Todos riscados como grandes cotias. Nervosamente agitaram as minúsculas orelhas e principiaram a mergulhar no rio

¹⁶. Gato-do-mato.

¹⁷. Furo.

buscando a sombra escura da outra margem para galgar a barreira e desaparecer na mata.

Sorriram dos bichinhos tão pequenos acompanhando as mães na travessia.

Marrecão passava rápido, caindo no rio, assustado, para depois aparecer com a sua cabeça esguia e movediça e procurar por aquele novo perigo caminhante. Desesperava-se novamente, ensaiava aquela corrida rasteira sobre as águas deixando atrás de si um rastro fininho de espumas e levantava vôo para pousar numa árvore qualquer. Quando sentia a presença da canoa, recomeçava tudo. Até que a sua cabeinha pequena acabava por descobrir que se não voasse para o lado da mata, não escaparia nunca da perseguição inexistente.

Mais adiante, os jaburus formavam círculos na areia. Em dado momento, resolviam andar e todos caminhavam. Obedecendo a uma ordem, paravam, faziam novos círculos, confabulavam, voltavam todo o caminho percorrido para de novo conversarem.

Akurriro não se conteve.

— Parecem os velhos de Cuê-Berô quando ficam falando sobre pescaria e viagem que vão fazer.

Kuryala sorriu.

— Parecem velho de Raumaló-Dessé quando se junta para dividir o pessoal que vai pescar e em que canoa vai ficar. Você está achando engracado? Pois logo eu estarei no meio deles, como um jaburu, distribuindo os carajás da pescaria.

Mesmo com a fala baixinha os bichos começaram a se assustar. De longe julgavam que era apenas um tronco rodando na corredeira. Agora o tronco trazia fala. E fala traz homem. E homem é inimigo. Foi um desespero só. Os jaburus correram pela praia longamente e alçaram vôo para a imensidão das correntes aéreas. Lá não havia perigo de nada. De lá poderiam ver tudo, ficar girando 'em círculos maiores observando quando o perigo se afastasse para o retorno à paz de sua praia. Já as garças-brancas, as garças-morenas, os colhereiros, os socós e outras aves voaram loucamente quase esbarrando nas copas das grandes árvores procurando o longe das lagoas calmas.⁰

longe da presença humana. Macaco guinchou e desapareceu na espessa ramaria.

— Foi tudo embora. Eu falei...

— Não importa. A gente está chegando naquela mata de sarão. O barulho que vai vir de lá espantaria todos os bichos.

Kuryala nem precisava adivinhar. Centenas de jacus-ciganos muito lindos e irritadiços suspendiam as penas das cabeças, jogavam a cauda para o alto e voavam quase caminhando pelas ramas do sarão. Era um chiado verdadeiramente surpreendente. Um barulho confundido com resmungo e bateção de asas. Eles se foram aborrecidos, como verdadeiros ciganos do rio, em busca de outros pés de sarão mais abandonados para comerem os seus frutinhos em paz.

— Lá está a ilha. Ali nós vamos morar uns dias. É uma praia linda. Ainda não foi pousada de ninguém e não atraiu muriçoca com o cheiro de gente.

Deixaram o furo e pegaram o rio novamente. Kuryala embicava a canoa em busca de um abrigo. Numa parte da praia que oferecesse água funda até encostar a canoa. Onde houvesse água branca e limpa. Longe do lodo e das arraias. Onde também fosse fácil subir e descer a altura da praia quando precisassem de água.

Enfiou o remo na praia dura e amarrou a canoa. Protegida pelos contornos do rio, não havia perigo nem de os ventos a arrastarem.

Subiu a praia e olhou a paisagem. Constatou satisfeito que acertara na sua previsão. Muita lenha seca se afogava na areia branca e fininha da praia alta.

— Vamos trazer tudo aqui para cima. As esteiras, panela, faca. Tudo que for preciso. O resto a gente vem buscar na hora aqui na canoa.

Executaram tudo em silêncio. Agora o corpo pedia um banho naquela água tão limpa e ainda morninha de noite longa. Olhou para Akurriro e perguntou:

— Kay morronkre?

— Corré. Dearã arorronkre¹⁸.

Mergulharam ao mesmo tempo e ficaram lavando o suor do cor-

18. Sim, eu vou banhar.

po. Entretanto, havia um calor maior que não passava com a carícia da água. Akurriro acariciou os cabelos molhados de Kuryala.

Kury compreendeu e também alisou os seus cabelos olhando docemente no fundo dos seus olhos. Agora não havia a escuridão da noite para esconder o bem-querer que os atacava.

Deslizou as mãos por suas costas e alisou suas nádegas arredondadas.

Akurriro espremeu-se contra o seu peito e dessa vez mordeu sem medo, seu queixo e beijou suas orelhas. Todo o seu corpo se agitava em arrepios de prazer.

— Kury...

— Vamos para a esteira...

Gemeu quase desesperada.

— Não Kury. Aqui mesmo na água rasinha.

E na água rasinha ela viu o homem abraçá-la como desejava. Na água rasinha, ela sentiu o homem tal como sempre quisera. Sem medo. Sem ninguém. Sem festa, sem barulho, sem hesitação. Só o céu, as nuvens, o mundo, ela e ele, o homem realizando o amor que prometera na escuridão de um rancho nupcial.

* * *

Depois do segundo banho mais calmo, subiram para a praia alta de mãos dadas.

— Você fica arrumando a esteira. Eu vou trazer lenha seca para perto. Para cozinhar e para aquecer o frio da noite.

— Eu vou ajudar.

— Não. Arrume as coisas que não são pesadas.

Ela obedeceu. O tique-taque em seu peito feliz parecia acompanhar as batidas do machado de Kuryala cortando e aparando a lenha ao longe. O dia estava simplesmente calmo. As gaivotas não gostavam de praias que não fossem muito grandes. Por isso não povoaram as areias da ilha. Um vento vindo de um céu azul sem nuvens levava para longe qualquer praga de mosquito.

Kuryala fez várias viagens trazendo a lenha aparada. Construiu uma pilha grande e calculou que já era o suficiente. Mesmo que viesse

aquele ventinho das madrugadas frias e gastasse mais madeira com labaredas maiores. Sorriu.

— Agora, eu vou atravessar o rio e vou buscar palha, folha de palmeira para fazer um abrigo contra o molhadinho da noite.

— Vou com você?

— Conrri-uá¹⁹. Você fica aqui. Fica olhando as coisas. Qualquer perigo, você grita. Você fica com o facão e o tonori²⁰. Eu levo facão e arco e flecha. Não demoro. Venho logo.

Soltou a canoa e sentou-se no jacumã.

— Você pode banhar como no tempo de menininha...

Afastou-se com uma rápida visão na saudade. Revia-se menino com tantos outros fazendo temporada de seca na praia com os pais. Eles ficavam pretinhos como ariranha molhada de tanto que se banhavam. Era menino e menina tudo junto...

Akurriro apanhou o tonori e foi estudar a praia, tentando descobrir as coisas. Se desse de encontrar cari dormindo no quentinho da areia rasa fisgava alguns com o tonori. Peixe-cascudo era bom mesmo. Quando quebrava sua casca aparecia aquela carne cheirosinha e de cor bem amarelinha. Kuryala ia gostar.

Mas nada achou. Só a selva verde e as grandes barrancas ao longe, em cada margem do rio. Voltou lentamente ao lugar do pequeno acampamento.

Ele estava custando tanto a chegar. Por que não o acompanhara? Não estava com medo. Medo de quê? Ali corria o Béérokan tão calmo que era bom como um pai. Perto, ela sentia perto, a presença de um Pai maior. O pai de todos: Kanansiuê. Mas, apesar disso, gostaria que Kuryala já estivesse regressando. Não tardaria muito.

Desceu até a beira d'água e sentiu que o sol esquentara demais as suas costas e seus cabelos. Sentou-se dentro do rio, tendo o cuidado de retirar antes o seu rabicho macio de gameleira batida. Molhou-se toda e perdeu-se em sua própria contemplação. Na água descendo no vão dos seus seios túrgidos. A água continuando e mergulhando no furinho do seu umbigo. Depois caminhando mais, atingindo suas coxas luzidias e voltando a pertencer ao rio. Deitou-se e sentiu-se beliscada

¹⁹ Não.

²⁰ Lança.

pela cupidez e voracidade das odiúras e dos miguelinhos. Aqueles peixinhos sempre pareciam sentir fome. Batia as mãos, uma na outra fazendo o som de uma palmada cava e eles fugiam espavoridos para logo retornarem.

Sentou-se mais no raso para não ser molestada e ficou fazendo o testamento do seu corpo. Primeiro alisou os dois seios quase voluptuosamente. "Isso, antigamente era só meu. Agora é dele também". Curvou as mãos como garras e arrepiou-se toda arranhando levemente as suas coxas. "Isso também era só meu. Agora é dele também." Depois, num gesto definitivo de entrega e posse, acariciou a flor do sexo, quase com inocência e ternura. "Isso era só meu também. Agora é todo dele".

Saiu dos seus devaneios com a batida do remo de Kuryala incendiando na borda da canoa.

Suspirou feliz. Tão bom que ele voltava. Ajoelhou-se fazendo da mão uma pala para defender-se da intensidade do sol e divisar melhor a aproximação da canoa. Parecia que ele remava no meio das palmas.

Encostou a embarcação.

— Trouxe muito. Tem madeira também pra fazer a sustentação. Logo a gente tem um retozinho. Na praia é fácil a gente fazer.

— Vai quebrar as folhas?

— Não. Isso só quando é um rancho de verdade. Aqui é só pra matar o sol forte até chegar o tiorô²¹ e tapar o molhadinho que cai com o frio da madrugada.

— Eu ajudo a levar.

— Só as folhas de palmeira. A madeira pesa muito.

— Eu preciso acostumar. Sou sua mulher. Logo tenho que aprender a apanhar madeira no mato.

— Eu vou mudar isso. Mulher minha não vai pegar madeira no mato.

— A mulherada vai falar. Vai dizer que eu não faço isso porque sou a mulher do capitão.

— Então você fala a mesma coisa. Eu não faço porque sou mesmo a mulher do capitão... e ele não quer.

Riram-se.

21. Tarde.

Quando acabaram o ranchinho, sentaram-se mirando a beleza do trabalho.

— Deveras ficou bonito.

— Ficou bonito sim.

Levantaram-se e limparam a areia que se colara nas pernas e nas nádegas.

— Agora vou ter que banhar.

— Vamos sim.

Correram para a água. E lá estavam os braços macios de Akurriro enlaçando o seu pescoço: Lá estava o seu sorriso gostoso soprando as suas orelhas.

— É melhor a gente parar. Eu preciso pescar.

— Pra quê?

A voz da índia estava lânguida e morna.

— Você não vai querer comer um peixinho fresco?

— Depois...

Não adiantava pensar em nada diferente daquilo. Os corpos moços se chamavam, se atraíam como ímãs.

Lado a lado, olhavam o céu e Kuryala riu.

— De quê?

— Estou pensando que se nascer um arioré nosso é capaz de sair um peixe em vez de gente.

— Você que é a mãe que sabe.

— Então eu quero um que não seja grande como um bedoleké²² nem pequenininho como sardinha. Eu quero um Benorá²³ que é mesmo o mais bonito.

— Então eu também quero um Benorá.

Kuryala sentou-se.

— Onde vai?

— Eu falei antes. Pescar.

— Para quê?

— Deará mari-uassá²⁴.

²². Pirarucu.

²³. Tucunaré.

²⁴. Estou com fome.

— Tem comida. Tem canandé-dirô²⁵, jatá,²⁶ coteruti²⁷. A gente come isso. Depois descansa o sol na esteira, no ranchinho. Quando ficar perto de tiorô a gente vai pescar. Mas aí você me leva. Não fico sozinha nessa praia, porque é hora de chegar Kunin²⁸.

— Corré²⁹. Mas tiorô a gente tem que pescar mesmo. Bem ali tem um lago de água boa pra flechar. A gente vai lá.

• • •

Como o céu parecia grande! Tudo crescia mais quando a noite vinha dormir sobre a terra e sobre os homens. O céu ficava quase preto brincando de entornar estrela dentro do rio. E eles estavam sós. Um pequeno fogo para afastar o medo, para aquecer o frio. A noite no meio da grande seca era fria que doía tocar os pés na areia da praia. Nem parecia a mesma areia que fervia com o sol de fogo do dia. De longe, os maguaris reclamavam roucamente contra a luz da coivara. Boto brincava de longe. O fogo que era pequeno no escuro da noite refletia-se longe nas águas do rio, dando a impressão de uma grande lâmina brilhante. O ranchinho abrigava bem contra o orvalho que pingaria depois que passasse a metade da noite. Manhã cedinho ele apareceria escorrendo água e pingando nas pontas maiores.

Conversavam baixinho. Podiam falar até alto, porque não havia perigo de ninguém escutar a conversa. Mas o gostoso mesmo era falar como se fosse segredo. Palavra suave de ouvido a ouvido.

— Kury!

— Hum.

— A gente ainda vai demorar muito viajando?

— Viajando, não. Passeando.

— É. Passeando, vai?

— Tenho muito lugar bonito para levar você. Lugar que conheço e que você vai gostar.

— A gente não pode ficar muito por aqui?

25. Farinha.

26. Banana.

27. Batata-doce.

28. Alma penada.

29. Sim.

— Não. Eu posso viajar mais com você de canoa. Ficar na praia e fazer um retôzinho. Depois ir noutra praia e fazer outro retôzinho. Aí eu vou noutra praia e faço outro retôzinho. Essa a gente demora um tempo mais porque tem que ser a última.

— E depois?

— A gente precisa voltar.

Ela calou-se um pouco e fez-se apertar nos seus braços fortes. Queria ter mais certeza de estar sentindo o momento.

— Vai fazer frio, Kury?

— Não. A esteira debaixo é grossa e a areia da praia está quentinha do muito sol que apanhou. E essa grande, que enrola a gente é muito grossa. Nadí fez pra que a gente não sentisse nenhum frio. Depois...

— O quê?

— Seu corpo assim junto do meu, esquenta muito.

— É seu corpo é tão quente como o fogo da coivara.

Calaram-se um pouco, mas a conversa renasceu como labareda que o vento acende.

— Você fica capitão...

— Sei...

— Vai viajar com outros inás...

— Sei.

— E me leva?

— Não. Você não pode ir. Se toda mulher quiser ir, vai acabar saindo briga nos acampamentos de pesca. Nenhuma mulher vai. Mas viagem de carajá não demora muito. Só ir até o Iaou-Beró³⁰ pegar tartarugas ou tracajá. Pegar ovo de tartaruga ou de tracajá e voltar logo. Ninguém fica muito com medo de Krixá³¹.

— Eu vou ficar triste.

— Não. Minha mãe é muito boazinha e fica com você.

— Mas sozinha, na esteira eu vou ter muito frio.

Ele a apertou fortemente.

— Não. Nunca. Você não sentirá frio enquanto eu for vivo.

30. Rio das Mortes.

31. Xavante.

Eu não deixo. Até a gente ficar velhinho eu vou esquentar bem você contra o meu corpo. Toda a minha vida.

Akurriro riu.

— De quê?

— A gente nunca vai ficar velhinho não, Kury?

Ele também riu, constatando a verdade dos dois corpos moços e duros se apertando morna e gostosamente.

— Até lá. Deve faltar muito tempo.

— Kury!

— Hum.

— Eu estou começando a dormir.

— É bom. Deite mais sua cabeça aqui no meu peito.

Ela obedeceu. Kuryala ficou passando seus dedos fortes entre os cabelos fartos e macios de Akurriro. Começou também a fechar os olhos. Abriu-os rápidos e descobriu que a fogueira ainda estava muito viva. Que esperaria ainda muito tempo para receber mais uma tora de lenha.



Segundo Capítulo

A LUZ

O desespero do seu coração escutava a voz viva de Chêerá contando. Arrepiou-se porque sabia que o velho índio já morrera fazia tempo e seu corpo no Uabdé deveria estar reduzido a um monte de ossos amarelados. No entanto, Chêerá falava. A voz vinha montada no cavalo do tempo.

"Kanansiuê estava deitado na rede. Descansava dos trabalhos do dia. Descansando porque até Kanansiuê se cansava. Ele fizera a vida. Criara tudo e a cada dia que se passava ia aperfeiçoando uma coisa. Uma hora aparava a margem do rio que ficara maior do que desejara. Outra vez cortava, aparava as folhas das árvores, corrigindo tudo. Colocando folhas maiores em árvores maiores e folhas menores em menores árvores.

Por isso estava cansado e dormia. Dormia no escuro porque naquele tempo ainda não existia a luz.

A sua sogra, que era uma mulher faladeira e que tinha muitas cabeças para quando brigasse, falasse por várias mulheres, veio visitá-lo. Tropeçou no casco de Otoni, a tartaruga, e caiu, ralando os braços e as pernas.

Começou a falar com uma só cabeça e a brigar como uma só mulher. Zangava-se com Kanansiuê, mas não estava de todo brava.

— Tu, Kanansiuê, que fizeste os rios, os vales, as praias do Bê-rotakan tão bonitas e macias, as aás das andeduras, o peixe, a caça... Tu que tudo fizeste, por que esqueceste de fabricar a luz?

Kanansiuê balançou a rede aborrecido.

A velha continuava reclamando com uma só cabeça e uma só boca.

— Eu sou velha. Não caminho direito. Tenho que andar devagar. Caio sempre e me machuco... Tu precisas fazer a luz!

No dia seguinte para evitar novos aborrecimentos e a presença daquela velha tão feia; para evitar também outras discussões com a mulher... Kanansiûê levantou-se bem cedo e saiu em busca da luz. Caminhou muito. Transportou-se para o lago onde todas as caças se alimentavam e paravam para beber.

Resolveu se transformar numa conrri¹. E se mudou numa negra anta luzidia. Cortou e enfiou um talo de imbauba no Reti² para poder respirar à vontade sem que ninguém percebesse. Deitou-se e fingiu que estava morto.

Vieram os mosquitos e perguntaram:

— Está morto, Conrri?

Como não obtivessem resposta combinaram.

— Vamos comê-lo?

— Não, falou o chefe dos mosquitos. Vamos esperar as moscas.

Vieram as moscas e uma delas perguntou.

— Está morto, Conrri?

— Vamos comê-lo?

— Não. Vamos esperar o urubu.

Vieram os urubus.

— Está morto, Conrri?

— Vamos comê-lo?

— Não — falou um deles — vamos esperar a chegada do Urubu-Rei.

Veio então o Urubu-Rei. Pousou no chão e olhou para Kanansiûê transformado numa anta.

— Está morto sim. Vamos comê-lo.

Aproximou-se e sentou-se na barriga de Kanansiûê.

Era isso que ele queria. Pegou o Urubu-Rei que não tinha penas no corpo e sim cabelos negros como os carajás e começou a enforcá-lo.

— Eu te matarei se não me deres agora mesmo a Luz!

— Não tenho, Kanansiûê. Não tenho. Não me mates!

— Pois te matarei. Dá-me a Luz.

E o Urubu-Rei, sentindo que morria, abriu os pêlos do peito e

1. Anta.

2. Ânus.

soltou Tahiná-Kan. Tahiná-Kan, a estrela d'alva, correu veloz em busca do céu.

Kanansiuê esticou o arco e a flecha partiu. A estrela d'alva ficou pregada na noite com a flecha atravessando a sua perna.

Kanansiuê não se encontrava satisfeito.

— Não é essa a luz que estou buscando. Essa é muito "arioré"³.

— Não tenho outra — gemeu o Urubu-Rei.

— Tens. Ou tu me dás o que eu quero ou te aperto o pescoço.

O Urubu gemeu desesperadamente e soltou, abrindo novamente os pêlos do peito cabeludo, a brilhante lua que fugiu e procurou o alto do firmamento.

Kanansiuê esticou o arco e a flecha voou certeira. Randô, a Lua, sentiu-se flechada na perna e prisioneira das nuvens do céu.

Nem mesmo assim Kanansiuê estava satisfeito.

— Quero a outra. A maior de todas. Essas aí pertencerão à Noite.

Apertou com mais força ainda o pescoço do Urubu-Rei.

— Já dei tudo que tinha, Kanansiuê. Sou pobre agora. Nada mais tenho para mim.

— Tu mentes. Se assim queres...

Forçou mais os dedos em volta do pescoço do Urubu.

Então Tchu, o Sol maravilhoso, soltou-se do peito cabeludo do Urubu-Rei e procurou a amplidão das alturas.

Kanansiuê retesou o arco e a flecha foi pregar a perna do Sol contra as paredes do Dia...

E até hoje é assim. Será sempre assim. Desde aquela hora a vida se encheu de luz.

As costas e o corpo de todos os índios tornaram-se cor de bronze. E os frutos douraram-se e as flores apareceram no esplendor selvagem de todas as cores. O Bêérokan iluminado transpareceu suas águas e mostrou a abundância dos seus peixes.

E a sogra de Kanansiuê ficou tão boazinha que não reclamou mais. Foi por isso que as cabeças que sobravam começaram a cair e ela ficou igual às outras mulheres com uma só cabeça e uma só boca.

3. Pequena.

E dessa boca só saía elogio para a beleza da vida que a luz do dia trouxera para todos os carajás" ...

Kuryala estremeceu. A voz de Cheerá calou-se perdida na distância da memória. Ouvira tudo como se ele viajasse a seu lado na canoa. Um mal-estar perpassou-lhe o íntimo fazendo com que a boca se entremeasse de amargor. Ficou retardando a remada e procurando ansioso uma praia bem abandonada. Tinha certeza que todos os outros índios pescadores que vieram pescar para o seu lado já haviam voltado satisfeitos com a pescaria e com os peixes cobertos com folhas de bananeira-brava.

A essa hora o mais atrasado deveria estar alcançando a curva da aldeia de Raumaló-Dessé, divisando as primeiras fogueiras em frente aos ranchos.

Embocou a canoa numa praia. Firmou-a num banco de areia, calçando-a com o remo. Subiu lentamente pela areia macia que dentro em breve principiaria a resfriar-se.

Foi sentar-se no meio da praia, num lugar escondido, para que quem passasse do rio não ouvisse a sua voz ou visse o seu vulto.

Cruzou os braços apertando a agonia do seu peito e baixou a cabeça. Poderia falar bem baixo porque. Ele o escutaria até mesmo se a sua boca se negasse a dizer uma só palavra.

— Kanansiuê, meu pai!

Soltou um soluço dolorido.

— Por quê? Por que está acontecendo isso comigo?

Kanansiuê ouviu seu chamado caminhando invisível na voz do vento.

— Você está me chamando, meu filho?

— Por quê? Por que está acontecendo tudo isso comigo?

O Vento contestou.

— Talvez porque ainda seja cedo. As vezes um filho demora muito a aparecer. Outras vezes também eles nunca aparecem. É preciso ter muita paciência.

— Não Kanansiuê. Minha mãe Marixiro sente falta de um neto para embalar em seus braços, mas nada me diz. Ela sabe esperar. Meu pai Belerriro está um pouco triste com isso, mas também espera. Minha mulher como eu muito queremos um ariorezinho, mas se ainda não

veio é porque não chegou o momento dele... Não. Não é isso, Kanansiuê.

O Vento perguntou apreensivo:

— O que é então, meu filho? A vida não tem sido boa pra você? Na aldeia todos os carajás o amam e obedecem; todos têm orgulho por você ser um capitão muito moço, tão bom e tão justo. Todas as aldeias do Béérokan sentem inveja de Raumaló-Dessé por não possuir um capitão tão grande como Kuryala. Sua mulher é calma, boa companheira e paciente. Sua casa está sempre limpa e sua comida, sempre gostosa...

— Eu sei, Kanansiuê. Faz mais de três secas que me fizeram capitão e eu procurei cumprir minha obrigação com os ensinamentos que recebi do meu pai e dos mais velhos da aldeia. Sei da minha mulher, do meu pai e do meu povo. Sou feliz com eles e por eles.

Soluçou quase chorando.

— Mas o que está acontecendo com os meus olhos. Kanansiuê? Diga-me o que está acontecendo com os meus olhos?

— Nada sei. Deixe-me ver.

Seus dedos de Vento suspenderam o queixo de Kuryala aproveitando a última luz do entardecer.

Kanansiuê ficou pensativo e em silêncio.

— Sabe, Kanansiuê, meu pai. Há pouco quando subia o rio, ouvi a voz da morte. A voz que falava pela boca já morta de Chéérá. Parecia que eu estava menino outra vez escutando sua história viva. Era sobre a luz. Como você tão sabiamente criou a luz na nossa terra. Ele está me dando um aviso triste. Ele está querendo falar de uma coisa que até agora ninguém notou lá na aldeia, porque eu esconde de todos. Quando você fêz a luz começou pela luz fraca de Tahiná-Kan, depois aumentou para a luz brilhante de Randô, a Lua. Depois, então, fez a luz maior crescer até chegar ao Sol. Não foi?

— É verdade. Foi a tanto tempo...

— Pois bem. Os meus olhos que você está vendo agora começaram a viver a história da luz ao contrário do que você fez. A luz do Sol dos meus olhos pouco a pouco estão voltando a ser a luz da Lua. E eu tenho medo. Medo de tudo. Um capitão para trabalhar para o bem

da aldeia precisa enxergar muito bem, ver tudo bem... Por que você não me fala nada?

A voz no Vento falou.

— Falar eu posso. Fazer alguma coisa é mais difícil. Você tem nos olhos uma doença que não é de índio. Pelo tanto que amei todos os meus índios, poucas vezes, em longos anos de muitas secas seguidas, encontrei alguém que estivesse com os olhos assim como os seus. Isso porque não é doença de índio. E não sendo doença de índio, Deus de índio que é pobre e pequeno nada poderá fazer. Isso que você está criando nos olhos é doença que só dá em tori. E só Deus de tori tal vez possa curá-la.

Kuryala torceu as mãos mais desesperado ainda.

— Então, tudo o que falei, tudo o que estou sentindo é verdade?

— É verdade. A mentira, para você nessa doença, de nada adiantaria e Kanansiûê mesmo sendo um deus pobre e pequeno, não pode mentir.

— E, meu pai, eu vou poder ficar muito tempo nessa parte da Luz da Lua?

— Se tiver sorte, demora um pouco. Muito tempo, não.

— Que posso fazer, Kanansiûê?

— Seu coração é justo, vai lhe ensinar. Primeiro precisa se acostumar que tudo agora tem que ser assim até...

— Chegar na parte da Luz de Tahiná-Kan?

Kanansiûê sorriu tristemente na voz do Vento e ficou sem vontade nenhuma de responder.

— Antes de você chegar até o pouco dessa Luz, já deve ter tomado todas as decisões.

— E quando essa última luz faltar e os meus olhos entrarem no peito cabeludo e escuro do Urubu-Rei?... Serei o mais triste dos índios Inás e não servirei mais para nada.

— Eu falei que você deve ter paciência e muita calma. Você tem uma mulher boa que lhe emprestará os seus olhos... Mas ainda é cedo para pensar assim. Do Sol até a Lua ainda tem muito tempo e seu coração irá se acostumando. Da Lua até Tahiná-Kan a demora é grande. Sua paciência crescerá ainda mais. Depois...

— Depois?...

— Depois, meu filho, eu olharei por você com os meus olhos...

Alisou com suas mãos longas de vento morno o rosto de Kuryala. Aquele gesto transpirava tal bondade que melhorou o ardor dos olhos umedecidos de Kuryala.

— Agora é hora de você ir. Eu preciso atender a outros chamasdos. Mesmo porque essa praia é muito perigosa. Você está do lado dos Krixás⁴. Não tem nenhuma arma boa. E essa época eles andam por perto em temporada de caça. Pela manhã eu vi fumaça de seu fogo indicando sua presença perto. Arakre, Dô⁵.

— Arerine, Kanansiê.

Voltou mais conformado para a canoa. Precisava convencer-se da realidade. Tal como Kanansiê, ele, um grande Capitão-de-aldeia, não poderia mentir. Sentia-se impressionado com a franqueza de Kanansiê. Além da verdade, confessara não ter força de curar uma doença que não fosse de índio. Que só deus de tori poderia curar doença de tori. E por que logo ele aparecera com uma doença tão diferente das que atacavam os membros da sua raça? Tori. Longe, muito longe, brotou uma minúscula semente de esperança. Os brancos agora chegavam sempre. Vinham chegando mais. Talvez chegasse um que fosse um grande Oroti-Bedu⁶ e curasse a noite dos seus olhos.

Remou com mais força. A noite que tinha a sua frente ainda era a noite de todos os carajás. Não a futura noite dos seus olhos. Precisava chegar na aldeia logo. Akurriro devia estar preocupada com a sua demora. A essa hora, na certa, caminhara por todas as canoas chegadas da pesca perguntando se alguém o tinha visto...

* * *

Era uma noite comum. A aldeia estava em paz. Dormiam para o lado do Serviço. Nenhum cachorro latia assustado. Como sempre havia frio e o céu esbanjava estrela. Uma ou outra penetrava pela frincha da palha do teto. Todas aquelas estrelas pequenas tinham escapado como sangue da perna flechada por Kanansiê, quando ele pren-

4. Xavantes.

5. Adeus, meu filho!

6. Curandeiro.

deu Tahiná-Kan pela perna, lá no alto do Biú-É-Teki para fabricar a primeira Luz.

Kuryala foi percorrido de um grande tremor. Voltava ao ponto de sua fuga. Talvez Kanansiuê estivesse cobrando mais cedo os seus conselhos.

Akurriro estranhou aquilo.

— Que foi, Kury? Você está com febre? Pegou maleita?

— Não. Não sinto nada.

— Mas você tremeu todo como quem tem febre...

— Não é nada. Não pense nisso.

Akurriro ficou alisando as suas costas.

— Kury!

— Hum.

— Você ainda gosta de mim?

— Só gosto de você. Por quê?

— Já faz tempo que você chega tarde. Chega quase de noite, depois de trabalhar grande e quando vai comer, quase não tem mais vontade de comer. Eu penso então que você está muito triste.

— É porque não tenho fome. Porque comi muito peixe com farinha na praia. Barriga inchou e encheu.

— Hoje você comeu ainda mais pouco. E agora tremeu. Então eu pensei: Ele não gosta mais de mim e nem da comida que faço pra ele, é?

Apertou-a com doçura.

— Não, não é.

Travava uma luta íntima. Não sabia se devia começar a contar a sua doença. Uma hora precisaria fazer. E por Akurriro, sem dúvida, deveria começar. Afinal era sua mulher e muito boa companheira. Pensou em Kanansiuê e na coragem de dizer a verdade. Resolveu-se.

— Eu tenho chegado muito tarde sempre, não é?

— É. Você vai na pesca, chega tarde. O último que chega. Vai na roça e só chega com a noite alta. Eu fico com tanto medo de tudo. De raloé⁷ e até de Kunin⁸.

7. Onça.

8. Alma.

— E por que você acha que eu chego tarde, muito tarde?
— Porque trabalha muito. Mais que todos.
— Não. Não é. Existe uma coisa triste atrás disso tudo.
— O quê?
— Nunca mais eu levei você para passear na praia, banhar e passar o dia, não foi?

— Foi.
— E você gostava muito disso, não é?
— É.
— E por que Kuryala não quer levar mais Akurriro para passear se também Kuryala gosta tanto? Que você pensa disso?
— Penso assim: você ficou capitão-de-aldeia. Ficou com muito trabalho e não dá de levar a gente mais para brincar.

— É mais que isso.
Aí, Akurriro se doeu toda. Sua voz falou quase chorando.
— Então eu sei. É porque eu não tenho pegado um filho na barriga. E um Capitão-de-aldeia deve ter um filho...
— Não. Não. Não fale assim.
Apertou-a com o maior carinho possível.

— Não fale mais isso. Pode ser que eu é que não possa fazer o filho na sua barriga. Depois, isso tem tempo. Demora. Tem vez que demora. Tem índio que esperou mais de cinco anos para ter o seu primeiro ariorezinho... Não, não é isso. Isso não seria tão ruim assim. É uma coisa tão triste que ainda nem falei com ninguém. Vou falar com você. Depois com meu pai.

Dominado pela emoção, Kuryala não se conteve. Escondeu o rosto entre as mãos e chorou muito.

Akurriro apreensiva confortava-o, sentindo-se descontrolada porque dificilmente um carajá, homem ou mulher chorava água. Carajá só sabia chorar cantando.

— Pare, Kury. Assim não. Ninguém pode ouvir isso. Capitão nem ninguém pode chorar assim...
Ele foi se acalmando.
— Espere um pouco e me conte. Se você não quer eu não digo nada pra ninguém...

— Hoje não posso contar tudo. Só quero dizer a você que estou muito doente. Muito doente mesmo.

Recuperou-se e sua voz saiu mais clara e equilibrada.

— Amanhã cedo, eu pego você e minha canoa e a gente vai passear muito. Longe da aldeia e de todos aí eu posso contar pra você.

— Então amanhã, você me conta. Agora quero que você durma. Durma muito.

Impressionada, Akurriro não conseguia conciliar o sono. Sentou-se e colocou a cabeça do marido sobre o colo e ficou cantando baixinho enquanto enfiava os dedos entre seus cabelos. Ele dormia, mas mesmo durante o sono era atingido por aqueles grandes tremores que a tinham assustado antes. Como se tivesse pegado alguma febre podre das lagoas.

* * *

— Você se lembra dessa praia?

Como Akurriro poderia esquecer-se? Ali fizeram o primeiro retozinho, o primeiro acampamento, na viagem nupcial.

— A praia está um pouco diferente. Está Kury?

— Não é isso. Canal passou mais para o lado da barranca esse ano e a praia aumentou de tamanho quando o rio secou. Por isso parece diferente.

Akurriro caminhou pela praia tendo a impressão de que tudo acontecera ontem. Tal a lembrança carinhosa que o recanto conservava.

— A gente banhou ali da primeira vez.

— Pois a gente vai fazer tudo de novo como na primeira vez.

— Tudo?

Ele riu.

— Sim. Daqui a pouco.

Falava sem querer levantar muito a vista para a mulher.

— Também não vou pescar como no primeiro dia. Trouxe comida. Hoje é só para passear.

Ia voltando para a canoa.

— O que foi?

— Esqueci uma coisa na canoa.

Debruçou-se na embarcação e retirou o arco e algumas flechas e um kubekré⁹ ainda meio verde.

— Não disse que não ia pescar?

— E não vou.

— Caçar então?

— Não. Espere um pouco que você vai descobrir. Venha comigo.

Andou na frente tendo numa mão o arco e as flechas e na outra equilibrava a melancia.

— Agora espere aí.

Jogou o arco e as flechas na areia e seguiu em frente com o kubekré. Criou um monte de areia e colocou-o no alto. Retornou para junto da mulher.

Apanhou o arco e a flecha preparando-os para acertar naquele alvo improvisado.

— Vou acertar no Kubekré?

— Vai sim.

Esticou a corda e disparou a flecha. Um zumbido e o Kubekré rolou do morrinho, atravessado pela flecha.

— Não falei?

— É. Agora espere.

Tornou a voltar junto do alvo, distanciou-se uns cinco metros, formou outro monte e colocou a melancia.

Voltou ao ponto de partida.

— E agora?

— Vai acertar.

— Não sei.

Retesou o arco e forçou a vista. A luz do sol doía um pouco contra o esforço feito com os olhos.

Soltou a primeira flecha e errou. Akurriro riu. Julgava que estava brincando com ela. Jogou mais quatro e só uma delas acertou o alvo.

Kuryala estava impassível. Um pequeno mal-estar agora mexia com Akurriro.

9. Melancia.

Distanciou o alvo mais dez metros. Voltou. Colocou-se em forma para atirar.

— E agora?

— Vai acertar tudo.

Demorou-se na mira e só Kanansiuê conhecia a verdade daquilo tudo. O esforço sobre-humano que fazia para divisar aquela simples melancia tão perto quando sua vista era perfeita.

— Kury você errou mesmo. Você não quis acertar...

— Não. Eu quis acertar. Eu não pude acertar. Nunca mais vou poder acertar.

Ela ficou tão entristecida que virou-lhe as costas como se antecipasse a tragédia que estava por vir.

— Isso mesmo. Sente-se. Assim. Sem olhar para mim.

— Eu falei que iria contar hoje para você. Estou começando a contar. Não quero que você sofra muito. Eu sofri. Mas agora vou me acostumar. Conversei no meu coração com Kanansiuê e ele me acalmou muito.

Calou-se e dominou totalmente a comoção.

— Já faz tempo que estou escondendo de todos. Mas eu estou muito doente, Aku. Muito mesmo. Foi por isso que eu comecei a chegar sempre de noite em casa. Foi por isso que só ia à casa de Aruaná quando estava noite escura. Foi por isso que quando todo mundo se reunia e eu precisava falar, abaixava a cabeça e ficava olhando sempre o chão. Por que você pensa que eu olhava para o chão quando falava ou só saía com as noites escuras ou voltava quando não havia mais luz?

— Todo mundo sempre fala que é bonito você conversar, mandar fazer as coisas sem levantar os olhos. Carajá diz que é respeito que você tem pelas pessoas mais velhas. Que você não quer que eles fiquem tristes quando sentem que um rapaz novo fica dando ordens...

— Não é isso. Isso tudo é bonito, mas é mentira. Nunca eu faltava ao respeito se falasse com eles olhando em seus olhos. Eu fazia assim para ninguém descobrir. Para ninguém olhar para mim. Você não entende? Para ninguém olhar dentro dos meus olhos...

Akurriro virou-se abruptamente.

— Que é que tem os seus olhos?

— Veja.

Ela se ajoelhou aproximando o rosto do seu rosto e ele suspen-deu o queixo para que a luz do sol invadisse bem o território da sua enfermidade.

— Kury! O que é isso?

Estava horrorizada.

— O que você está vendo?

— Não sei o que é. Uma coisa branca como pena de urá-urá¹⁰.

— Uma coisa branca como leite descendo pelos seus olhos.

— É isso mesmo. No começo quase nem eu notava. Agora está crescendo mais. Foi por isso que eu errei o kubekré tantas vezes. De perto ainda posso ver alguma coisa. De longe, tudo fica misturando.

— E o que você vai fazer?

— Não tem nada para fazer.

— Você que sabe de todo remédio, que aprendeu a curar de tudo...

— Isso nunca aconteceu com carajá. Nunca tinha escutado falar disso antes. Isso é doença de tori e só tori sabe curar. Cada dia vai ser pior.

Tornou a perguntar aflita:

— Mas o que é que você vai fazer, Kury?

— Já tenho pensado muito. Vou ter que deixar de ser o capitão da aldeia de Raumaló-Mandô-Dessé.

— Não pode. Você foi criado assim. Desde menino para ser o grande capitão. Todo mundo gosta de você. Não pode. Não pode.

— O que não posso é continuar a ser Capitão sem enxergar direito. E agora que esse branco nos meus olhos está crescendo mais depressa... eu logo vou acabar sem ver mais nada.

Akurriro estava chorando.

— Agora é você que chora. Venha cá. Não faça isso. Preciso da sua coragem. Assim você não me ajuda. Vamos.

Caminharam abraçados até junto do rio.

— Vamos banhar como antigamente. Como da primeira vez. Não quero que fique triste. Esse lugar só deve lembrar tudo de bonito

¹⁰. Garça-branca.

e alegre. Tão bonito como quando viemos aqui, fugindo daquele retô escuro onde a gente dormiu a primeira vez. Vamos.

O sol encontrava-se forte. Fazia calor e o vento arrepiava ondas pequenas como escamas brilhantes na água do rio.

Mergulharam tentando lavar aquela tristeza que atingia os dois quase em mesma proporção.

Akurriro sorria esforçando-se para disfarçar a sua dor. De agora em diante precisava de muita força para resignar-se à nova situação. Quando o branco da vista de Kuryala crescesse mais recairia sobre sua vida uma nova missão: seus olhos teriam sempre que enxergar por quatro. Para Kuryala deveria ser ainda mais penoso. Ter que abandonar o seu posto de capitão, depois de uma vida de lutas, preparada para tanto. E por quê? Por que tudo aquilo? Alguém teria tanta inveja assim? Alguém teria colocado um feitiço de cera e penas enterradas à porta do seu rancho para lhe trazer tanta desgraça? Custava a crer. Mas devia ser isso. Mesmo Kuryala sendo bom e sendo justo, o grande posto que ocupava junto à sua sadia mocidade acabaria por causar rancor a alguém. Fosse da aldeia de Raumaló-Dessé ou de outra aldeia mais abaixo. Iria procurar com calma e desenterrar o feitiço. Antes que o seu malefício atingisse mais do que os olhos de Kuryala.

Banhou-se sem entusiasmo tentando conseguir uma impressão contrária. Sorriu, correu na praia, quando sua vontade era deitar-se na areia, arrancar os cabelos e encher os céus com os gritos espavoridos das suas lamentações.

Nada parecia existir naquela praia. Nem sequer as suas antigas lembranças se assemelhavam verdadeiras. Continuavam os jaburus nos espaços traçando grandes anéis ao vento. Colhereiro coloria com o róseo de suas asas pedaços do céu azul. Maguari resmungava grunhento na mata do outro lado. Cigana agitava em bandos as matas de sarão como se quisessem expulsar os importunos.

No rio, as praias tornavam-se mais altas e mais secas e os sopros do vento, desarrumando as areias brancas formando cortinas douradas de pó, teimavam em jogar-se contra as suas pernas. No rio, ainda os miguelinhos e as odiúras continuavam famintos e agressivos, querendo saciar os seus instintos de qualquer forma.

Tudo estava ali como da primeira vez. Mas, se fixava qualquer daquelas coisas, sentia a impressão que a praia, o sol e a vida se encontravam completamente mortos. E sorria. Sorria mais. Sorriria sempre. Jamais Kuryala veria seus olhos molhados manifestando o menor sinal de pena. Nunca um gesto de compaixão. O maior capitão carajá não deveria estar à mercê da piedade de qualquer rosto humano. Sorriria até que a noite tomasse conta dos seus olhos. Até que o Urubu-Rei abrindo o peito cabeludo, satisfeito da sua vingança, houvesse recolhido os últimos raios de luz de Tahiná-Kan.

* * *

Tal como acontecera e fora desejado em sua posse de capitão, a sua renúncia realizou-se do mesmo modo. Ficaram reunidos, ele no centro e à sua frente os homens mais velhos e responsáveis da aldeia.

Foi duro de começar. Mas sua voz precisava sair forte, decidida e despida de qualquer emoção. Falaria breve e claramente.

— Os senhores confiaram em mim. Fizeram de mim um menino e um rapaz para ser o Capitão-da-aldeia de Raumaló-Dessé. Obedeci a todos e a tudo que me ensinaram. Mas agora não tenho mais condições para continuar tomado conta desse lugar. Eu gostaria, no momento em que fiquei aqui como Capitão, procurei ser honesto e trabalhador. Tentar que todos vivessem contentes e com muita paz. Acho que consegui. Agora chegou o momento de entregar a minha faca de chefe a quem melhor possa dirigir a aldeia do que eu. Aqui está ela. Lamento não ter tido saúde para continuar, pois gostaria muito, mas meus olhos não deixam. Alguém mais forte e mais perfeito do que eu tomará conta da aldeia melhor do que eu pude fazer.

Depositou a grande faca de madeira, de cabo trançado de lindos desenhos e com a folha toda pintada de vermelho, sobre a estcira onde se sentara.

Houve apenas um momento de silêncio, até que principiassem as louvações.

— Você sempre foi bom e trabalhador!
— Você dividiu o trabalho da pesca sempre muito bem!
— Cada canoa foi bem dividida em número de homens e igualdade de forças.

— Nunca permitiu que um carajá desrespeitasse a roça do outro.
— Fez todas as grandes festas como de Rotu-Rekan e de Rejô.
Rekan nos melhores dias do ano e na data certa.
— E sempre conseguiu que todas as festas fossem muito bonitas!
— Nunca a casa de Aruanã possuiu máscaras tão lindas!
— Você ensinou que os homens deviam ajudar as mulheres nos
trabalhos mais pesados.

— Você provou que não é feio homem carregar lenha no mato
para ajudar sua mulher, quando ela está com barriga grande!

— Nada faltou durante todo esse tempo em que você foi o mais
moço e o maior capitão dos carajás!...

Arueci apanhou a faca tribal do capitão e acrescentou:

— Nós pensamos muito e decidimos que essa faca vai voltar para
a mão do último capitão: Kurumaré. Ele ficará com o posto até que
se prepare com pressa um capitão mais novo. Mas você, Kuryala, fi-
cará sempre nomeado entre os carajás de Raumaló-Dessé, de capitão.
O grande capitão de honra, a quem sempre pediremos conselho e con-
vidaremos para o nosso conselho.

Parecia estranho, mas um índio maduro como Arueci, acostu-
mado à bravura da selva, estava prestes a emocionar-se.

— Por fim, todos nós agradecemos o que fez durante todos esses
anos e pedimos a Kanansiê que conserve por muito tempo os olhos
que Kuryala ainda tem. Esses olhos que só souberam ver o que era
bom e o que era certo.

Kuryala levantou-se. Nenhum dos seus músculos faciais traía a
sua emotividade.

— Agora eu vou. Tiototika e Arakre!

— Arerine e Tiototika!

— Obrigado e Adeus!

* * *

Passou a evitar a luz do sol e a intensidade do dia. Julgou que
isso adiantaria alguma coisa, mas a vista continuava a diminuir.

Executava todas as pescarias à noite, muitas vezes à luz de archo-
tes, mas até aquela luz depois de pouco tempo incomodava e cansava
o seu enxergar.

Só o tempo ia passando. Cada vez mais. Cada dia mais. Poucos passos faltariam para a sua grande noite. Procurava não se angustiar e entregar-se passivamente aos braços da sua fatalidade.

E com o correr dos dias, outro desgosto maior criava corpo. Já não o convidavam para tudo. O seu posto de grande capitão enterrava-se nas areias do uabdé do esquecimento. Nem Kurumaré quando dividia as canoas para a pesca no Rio das Mortes, lembrava-se de convidá-lo. Não se aborrecia com eles, embora aquilo doesse. Reconhecia que enxergando pouco poderia ajudar na remada, mas atrapalhar nas caminhadas e nas buscas de ovos de tartarugas pelas praias.

Conseguiu com o Chefe do Serviço um pouco de arame farpado e enquanto enxergava um pouco, cercou o fundo do seu rancho. Ali, ajudado por Akurriro, construía a sua pequena plantação. A sua roça. Não dava mais para acompanhar os outros as três léguas distantes onde se encontravam as grandes plantações da aldeia. Verdade que o presenteavam muito com bananas, maniocas, cana e tantas outras coisas. Mas não queria ser pesado a ninguém. Seu pai o estimulava muito. Pobre pai Beleriro: não tivera sorte nem com o capitão, nem com o filho que não conseguia lhe arranjar um só neto.

Enquanto isso, uma coisa estranha se realizava naquelas paragens. Os xavantes haviam se aproximado muito da região do Araguaia. Eles chegaram até a atravessar o rio e mataram um casal de velhinhos na Barreira de São Pedro, onde um branco chamado Ubaldino teimava em fazer a fazenda dele e não desistia por nada. Muita gente que entrava no Araguaia era bordunado traiçoeiramente pelos Krixás. Até dois pays^{10-A} (padres) tinham sido massacrados por eles...

Mesmo assim, tori não tinha medo de nada. Bicho danado. Agora já não era incomum, passar uma vez ou outra um batelão de garimpeiro buscando os garimpos do norte. Tori parecia gostar mesmo era de coisa perigosa. Tinham falado no Serviço, que branco estava ficando muito, e a cidade deles muito pequena para tanta gente. Por isso eles acabavam vindo morrer naqueles lados.

Depois dos batelões, outra novidade apareceu: era barco movido a motor. Bicho ligeiro danado. Das-Sôs¹¹. Eles corriam por cinquenta

^{10-A} Padres.

¹¹. Puxa!

canoas com os melhores remadores inãs remando na correnteza dia e noite. Paravam para comprar fruta. Trocavam tudo por fumo e rapadura. Coisa boa mesmo. Eles começavam a ficar olhando muito tudo que era índio nu. Riam dos noôns de aricocó¹² dos homens, mas ficavam muito tempo com os olhos pregados nos peitos duros das mulheres e das jadomãs. Igual quando gente do Serviço chegou ali. Agora tinha se acostumado.

Era uma festa quando se ouvia barulho de motor. A aldeia gritava e todo mundo corria para chegar primeiro na barranca e pegar um lugar bom. Bonito ver o bicho parando e batendo com o bico na barranca. E os toris tudo vermelhão na cara, sem costume de tanto sol. Barba por todo lado, só não cobrindo os olhos. Sucussiri de todo jeito: preto, amarelo, vermelho, laranja, até uns com fios brancos...

E lá vinha tudo de olho espantado espiar as coisas dos carajás. Foi aí que Kuryala reparou que seu povo tava ficando com vergonha de não ter coisa para esconder o corpo. Quando acontecia um Pay dar roupa pra eles e isso custava muito, eles usavam só para mosquito não picar as costas na pescaria ou na roça. Depois tudo ficava velho depressa e acabava logo. Voltava a ficar sem roupa e ninguém se importava com isso. Mas tori é bicho danado. Danado de sabido. Danado de esperto. Bom quando trocava caixa de bósca, quando arrumava anzol de pescar e linha fina e dura que nem piranha cortava com raiva...

E parecia que quanto mais os olhos perdiam a sua força, mais as notícias sobre os brancos aumentavam. Estavam fazendo rancho na barreira lá em cima. São Félix tava se enchendo de muito branco. De quatro ranchos que era foi ficando aquela grandeza que já era até difícil de contar.

Veio mais gente pro Serviço. Tinha que vir sim. Mais gente pra trabalhar na fazenda. Precisava sim. Eta gente danada! Tinha uns toris que eram danados pra gostar das bonequinhas carajás. Gostavam mas reclamavam que elas quebravam à toa. Parecia farinha esfarrinhando com a primeira batida. Era preciso arranjar um jeito de cozinhá-las. Sol só não dava. Aí carajá estudou, estudou, manejou,

12. Sexo de cachimbo.

manejou até que fez elas ficá mais durinhas, botando perto do fogo. Não muito perto porque senão rachava tudo. Durinha e mais "munitinha". Batia com o dedo, não quebrava e fazia tuiim! que nem os potes de barro de pegá água no rio.

Xi! Kuriala, a coisa vai mal. Agora para ver uma pessoa bem, precisa ser muito de perto. Os anos estão passando. Se não se aproximar só sabe se ela falar, não é? É sim...

É que o tempo está passando. Você não vê como começa a chegar branco cada vez mais. Isso é bom. Tori é um danado. Tudo isso aqui era muito grande pra gente. Índio era muito pouco para tudo isso. Agora até que é melhor. Carajá faz viagem maior e sempre topa com um rancho de tori. Vai lá. Troca presente. Dá banana, mamão, batata e bebe uma coisa gostosa e pretinha. Café. Eu falava de primeiro assim: gafé. Aí dixero: Gafé não, Kuryala — C.A.F.É. Aí aprendi. Tori é bicho danado. Danado de sabido.

Faz já tempos que um homem no Serviço botou aquela falinha que assobia e faz fiu-fiu. No começo foi duro. Mas tori é danado. Tentou. Tentou. Grudou bem os ouvidos naquelas rodinhas e acabou ouvindo voz de outro branco lá da cidade. Foi que medo, gente! Carajá danado de bobo pensou que tori tava era falando com Kunin¹³.

Aquele coiso foi que trazeu a novidade. Falava e falava a mesma coisa três vezes. Sorrodire! Nati! Natã¹⁴! Olhe gente, falou uma coisa que ninguém sabia. Carajá nenhum. Mas tudo estava ali querendo saber. Homem do fiu-fiu ficou até tremendo como se tivesse pegado febre das grossas.

— Que é?

Tinha carajá que era mais sabidinho e já entendia muito da língua de cristão.

— É Papai Grande.

— Quem é Papai Grande?

O homem coçou a cabeça sem saber como falar pra gente.

— É assim. Papai grande é o maior capitão dos toris. Sabe. Capitão grande, grande.

¹³. Alma do outro mundo.

¹⁴. Uma, duas, três.

Aí carajá pouquinho sabido perguntou, apontando pra pé de coqueiro.

— Grande assim?

Ele riu.

— Não. Homem como você, como eu. Mais é o capitão que manda em tudo que é tori.

— E que é que ele quer?

— Papai Grande mandou dizer que vai chegar barco grande pelo rio com muito tori. Tori muito vai fazer uma casa maior que a casa de Aruanã. Debó ituera¹⁵ casas de Aruanã. Pediu pra fazer um campo de avião. Avião sabe como é? Assim! Levantou os braços imitando passarinho.

— Jaburu?

— Não. Avião fala assim e roncou como aqueles bichinhos que iam lá em cima e que a gente chamava de birreauti.

— Birreauti.

— É isso mesmo. Ele vai sentar aqui.

Mas carajá também é danado de curioso demais.

— Cumô chama Papai Grande?

— Getúlio.

Falou uma porção de coisa comprida antes do nome de Papai Grande. Mas não dava ainda pra carajá saber não.

— Então só Getúlio. Vamos ver quem sabe? G-E-T-Ú-L-I-O...

— Todo mundo "sabeu".

E veio então o maior medo morar na alma de Kuryala. Seus olhos depois que entraram na Luz de Tahiná-Kan estavam ficando cada vez piores.

E ele pedia angustiadamente para que Kanansiuê o ajudasse. Que deixasse ele enxergar pelo menos até a chegada de Papai Grande Getúlio.

Dessa vez Kanansiuê fez uma força danada e o ajudou..

Vieram os homens rio abaixo com um barco enorme e fizeram o barracão.

Chegou antes dos homens um chefe novo do Serviço que era

muito bom chamado Alberico. Alberico olhava tudo para impressionar bem a visita do Presidente da Nação. Imaginem! Um Presidente que tinha coragem até de visitar umas brenhas daquelas só mais perto do que o cu da madrugada, era um herói. Um Deus. Claro que ia ajudar, ver aquela miséria toda que existia por ali. Se ia.

Depois Alberico comandou os homens na derrubada daquele amontoado de pé de mangaba lá no sul da aldeia. Limpou, brocou, rachou pé de cupim, aplainou. Fez milagre de santo maior. Ficou um campo de aviação de terra mas garantido. Dava um orgulho dando aquele feito!

Aí, um dia o Papai Grande chegou. Foi uma festa. Correu gente de todo mundo. Mataram um boi de dois quilômetros de carne macia para a festa. Branco que nunca tinha posto a cara na aldeia, deu o ar da sua feiúra.

Kuryala viu quando ele chegou no barracão. Quando parou antes com uma caixa grande de presente nas mãos.

Forçou a vista o mais que pôde.

— Mas aquele era o Papai Grande? Daquele tamaninho? Com aquela barriga rolando pra frente? Devia ser um danado pra daquele jeito chegar a ser Papai Grande. Ele parecia bom porque sorria sempre. Aí ele abriu a caixa. Dentro tinha um bando de faca bonito de todo o tamanho.

Ele perguntou pra Alberico:

— Quem é o chefe daqui?

Alberico ficou todo sem maneiras.

— Ele viajou.

Mas Papai Grande devia estar surdo pelo barulho do avião e da viagem muito grande não escutou a resposta, riu mais. Olhou em volta e divisou a figura nua, musculosa e impressionante de Uatau, rindo orgulhoso nos seus dentes perfeitos.

— Venha aqui, capitão. Eu trouxe essas facas para você.

Uatau recebeu as facas, apertou a mão amiga estendida e feliz da vida gaguejou:

— Tiotoitike!¹⁶

¹⁶. Obrigado.

Aí Kuryala sentiu-se morrer. Agora ele morria, mas tinha a certeza que já morrera no esquecimento de todos os carajás. Nenhum deles se adiantou para dizer:

— Não, Papai Grande. Não, Getúlio. O Capitão viajou. Mas aqui está o capitão de honra. Este é Kuryala, o grande capitão.

E todos então fariam o coro que não ouviu:

— Sim. Kuryala: Capitão é Carajá!

* * *

O dia encontrava-se calmo e muito quente. Os dois estavam sentados debaixo da mangueira que começara a crescer muito.

Kuryala tentou olhar para o rio.

— Aku!

— Hum.

— Já é bederuréri¹⁷?

Ela olhou para o dia e o coração saltou no peito.

— Sim, Kury. Está escurecendo.

— Mas faz muito calor ainda.

Olhou em direção dos pés e os pés tinham desaparecido. Voltou os olhos para o lado do rio e não havia nenhum rio.

Engoliu em seco.

— Aku!

Abriu os braços para receber o vulto que sentia aproximar-se. Apertou-a fortemente e falou sem chorar. Sabia que dgora em diante nunca mais choraria na vida.

— Aku!

— Sim, Kury.

— A noite chegou.

17. Já está escurecendo?

TERCEIRA PARTE

As Canoas

Primeiro Capítulo

O GRANDE AMOR AO PRÓXIMO

Sarmento abriu a porta da sala do telégrafo e saiu com a mensagem redigida à mão. Seu rosto redondo escondido pelos cabelos meio encarapinhados sempre por pentear relevando um tom vermelho adquirido pelo sol, apresentava uma certa dose de contentamento. Seus olhos azuis ampliados pelas lentes enormes dos seus óculos refletiam a alegria da novidade.

Saiu do barracão, caminhandoo naqueles botinões que outrora foram pretos, mas estavam acumulados de poeira branca, barro e arranhões, e se dirigiu para a casa da Chefia do Serviço.

Penetrou sem cerimônia no terraço que circundava a grande casa e foi anunciando a notícia.

— Chefe, temos visita. Vai chegar um avião da FAB, trazendo gente que vem visitar o Posto.

Entregou a mensagem. O Chefe gordo, suado, de pescoço atarracado, apanhou o papel e o leu avidamente.

— Não diz quem vem?

— Diz sim. Péra aí. Um capitão, um tenente, um telegrafista e um soldado. Isso quanto à tripulação. É porque eu fiquei tão alegre que não tomei nota. Mas me lembro.

— E que mais?

— Ah! Sim. Vem mais dois oficiais do Exército e mais dois médicos.

O chefe coçou a cabeça meio aborrecido pensando nas galinhas que criava com tanta dificuldade e que forçosamente teria que sacrificar para reforço da bôia.

Virou a folha de papel entre os dedos e reclamou azedamente.

— Sarmento, você nunca faz a coisa completa. Quando, diabo, chega esse maldito avião?

— Me esqueci de tomar nota, mas me lembro. Chega justo na sexta-feira.

— Sexta-feira que dia é?

— Depois de amanhã.

— Hum! Temos dois dias para arrumar a casa. Disseram a que horas?

— Horas de quê?

— Horas que chega esse avião?

— Ah! Sei. Pensava que o senhor tava falando na hora de arrumar a casa. Eles vão chegar na parte da tarde. Entre duas e três horas. Mas pode ficar certo que não chegam antes das cinco.

— Isso é uma porra! Vão chegar bem na hora de estragar meu fim de semana. Eu já tinha arrumado uma canoa boa pra sair com Arutana e pegar corvina na boca da ilha redonda. Tenho que desarrumar tudo.

O nervoso fez com que coçasse a cabeça de novo. E conforme aumentava a sua irritação, foi coçando o peito, depois debaixo dos braços onde a camisa suja mostrava nódoas de suor. Até que parou com os dedos desesperadamente no meio das pernas.

Sarmento por dentro ria do seu desespero. Aquele Chefê era como tantos outros que chegavam ali e descobriam o que era o fim do mundo. E sendo o fim do mundo, pouco havia que fazer. E fazer o que com o pagamento atrasando de seis para oito meses? Então o calor os comia. O rio falava: "num seja besta", venha pescar que é melhor. E era. Tinha que fazer muito pouco. Mandar roçar o campo de aviação, zelar pelas casas, cobrindo os buracos que o vento e a chuva faziam no telhado, dar uma espiada na fazenda e não se incomodar muito se o feitor da fazenda retalhava um gado de vez em quando, escondido. Escondido, para ganhar uns pequenos cobres ou fazer alguma troca com as lojas de São Félix. Afinal a filharada era grande e a mulher dele, uma tal de Dona Joana, baixinha e disposta, que nunca aparecia com a barriga ao natural. Sempre de quarto crescente.

O Chefê recompôs-se um pouco e Sarmento perguntou:

— Precisa de alguma coisa?

— Preciso sim.

Meteu a mão na cintura e retirou um bando de velhas chaves chocalhando.

— Pegue nessa compridona e me abra o almoxarifado. Por cima do depósito de arroz e atrás de umas pencas de banana que tão madurando tem um caixote. Você abra o caixote e veja se os bichos não comeram um rolo de papel higiênico. Se estiver lá me traga ele. Gente de fora vem com o rabo muito macio, não é qualquer coisa que serve pra eles. Também só ponho o rolo lá, na hora que o avião tiver baixando na poeira do campo. Pode ir.

Sarmento girou nos calcanhares e por dentro gozava o aperreio do Chefe. Agora a correria ia ser grossa. Iam chamar a mãe de Gentil para batalhar na cozinha. Ela até que fazia umas coisas bem gostosas, exagerando um pouco no peso da pimenta. Depois, ele chamava também a meninada índia para limpar a casa grande. Tocar morcego, queimar um pouco de capim verde para afugentar alguma muriçoca friorenta. Varrer o pó que o vento trazia do terreiro e até das areias do velho Araguaia.

Depois então, vinha o mais duro. O diabo da privada. A casa grande era a única que possuía uma privada e um banheiro. O chuveiro, uma adaptação de uma lata de querosene com um chuveiro soldado nela. A lata amarrada numa corda subia e descia para encher de água. Dava até um banhozinho agradável. Muito embora ali todo mundo preferisse a água gostosa do rio. Mas quem vinha de fora, deixando de reclamar e se conformando, logo se acostumava com ele. E mesmo todo mundo chegava dizendo horrores das piranhas a ponto de não se arriscar a um banho perigoso onde poderiam sair falando fino.

Sarmento entrou no almoxarifado. O cheiro de bolor com sujo de morcegos entrou-lhe pelas narinas. Caçou o rolo de papel higiênico seguindo o roteiro recomendado. Namorou as bananas penduradas. Mas as danadas se encontravam ainda um pouco de vez.

Trouxe o rolo até a claridade e riu gostoso. Era o último e estava mais amarelado do que maleita em rosto de caboclo. Tinha goteirado em cima dele e nas bordas o papel inchara um pouco. Em todo caso,

ainda dava para funcionar. Melhor aquilo do que folha de mato. E naquela época carrapato miúdo e ainda mais o micuim, infestavam tudo...

Saiu do almoxarifado não antes sem cobiçar as lindas bananas amarelando. Um pequeno desejo armou-lhe um plano. Quando elas estivessem se soltando das pencas, numa hora de escuridão onde ninguém aparecesse, não seria difícil pular aquela parede, descer pelos caibros com um saco e depois quando ouvisse a queixa: esses carajinhos são uns diabos!... Confirmaria com a cabeça: se são...

Voltou a pensar na casa grande. Em todos os seus detalhes. Nas redes que iriam armar. Nos lençóis pouco limpos que estenderiam em algumas camas, nos colchões de capim cheios de nós e caroços onde alguns dos visitantes desabituados ao balanço da rede, prefeririam ensaiar o sono. Numa coisa ia ser bom. Muito bom. O Chefe já devia ter mandado ordem para abater um gado gordo. E era muita carne para tão pouca gente. Portanto, todos do Serviço ganhariam suas partes.

Depois, já imaginou todos sentados na sala com os lampiões acesos, comendo com vontade, porque selva dá uma fome roxa. Viu os índios do lado de fora observando tudo. Com uma vontade danada de ganhar uma lasca, uma sobra. Pois sim, que ganhavam...

Com o rolo na mão, voltou a pensar na privada e no banheiro. Aí é que ia ser duro. Duro mesmo. Como a privada era por fora da casa, no lado do terraço interno, todo mundo usava ela. Nunca havia uma grande vigilância. Nunca havia uma grande vontade de limpeza. Então, aquele lugar usado quase sempre às escondidas, nas horas calmas da noite tornava-se o império da merda. A privada enchia tanto que o pessoal desistia dela. O chão parecia formigueiro de montinhos fedorentos. Agora toca a lavar tudo aquilo. Deixar limpo e cheiroso. Buscar potes de água no rio e chiquéte. Um pote, dois, cinquenta, mil. Bem feito pra todos. Não era isso o que queriam?

Voltou para o terraço do barracão e deu de cara com Dóttie sentada num banco, com as pernas muito finas espichadas. Ela estava mais horrível ainda. Deixara pintar seu rosto todo com metade do coco de babaçu enfiado no jenipapo. Aquilo marcava o rosto como se algumas patinhas de gato do mato tivessem passado nas suas rugas.

no seu rosto anguloso e magro. Debaixo dos seus óculos de aros volumosos seus olhos cinzas angustiados observavam os movimentos de Sarmento.

Ele suspendeu o rolo de papel higiênico e ela adivinhou a sua mensagem silenciosa.

— Gente?

— Sim, senhora.

Um rictus de dor e desprezo apossou-se de todos os seus feios traços.

— Vou sumir.

— Acho que não, Dona Dóttie. Pode até ser que seja bom. Vão chegar também dois médicos. Faz tempo que nenhum médico bota os olhos em cima dessa gentada toda.

Dóttie cruzou as mãos escondendo os dedos destruídos, onde as unhas eram manchas negras de antigas queimaduras contra o peito chato e desanimado.

* * *

Os homens sentavam-se no terraço nos toscos bancos de madeira. E mais ao lado, quase na penumbra, duas redes balançavam-se lentamente e os médicos repousavam nela.

Dentro da sala desfaziam a mesa do jantar. Na cozinha, alguns índios, principalmente as mulheres recolhiam os restos em cuias e panelas de barro a fim de levarem para os ranchos. Uma cachorrada magra e faminta rodeava impaciente o terreiro aguardando um osso ou uma sobra qualquer.

De vez em quando se atracavam, latiam, se mordiam na disputa da presa. Em seguida, um ganido maior substituía a pugna. O pau ou a borduna comera solta no lombo deles, apaziguando-os.

O Chefe colocara sua camisa nova, fizera a barba, penteara o cabelo rebelde e chegava da cozinha para fazer sala aos visitantes. O rangido das suas botas ressecadas anunciavam de longe a sua presença.

Recebeu elogios e sorriu.

— Estava boa sua janta! Um verdadeiro banquete.

— A gente faz o que se pode. Pena não ter nem um doce pra oferecer de sobremesa. Mas isso aqui é o trem mais dificilíssimo que existe.

— Ninguém se importa com a sobremesa. Eu, por exemplo, comi uma banana tão doce e tão cheirosa como nunca vi antes. Agora se aparecer um cafezinho, isso sim, seria muito bom.

O Chefe coçou a cabeça preocupado, desmanchando o cabelo domado com tanto esforço.

— Isso aqui é que tá mais difícil ainda. Vai pra dois meses que a gente não sabe o que é café por aqui. Pouco motor tem passado e quando cruza por essas bandas não traz café moído, nem para torrar. Uma verdadeira calamidade.

O capitão perguntou ao cabo.

— Você não tem um pouco de pó a bordo?

— Não sobrou nada. Preciso comprar quando chegar a Belém. Também o pessoal quer café a todo instante. O avião trazia três garrafas térmicas cheiinhas. Está tudo emborcado.

— Então paciência minha gente. Vai ser duro é amanhã de manhã.

O Chefe encheu-se de simpatias.

— De manhã tem o leite da fazenda que é uma beleza. A gente manda fazer uns bejus e, pra quem quiser, tem chá de vinagreiro adoçado com rapadura moída.

— Que é isso?

— É um chá que a gente usa nesses gerais. Da folha de uma arvorezinha. Fica gostoso e azedinho. Preciso avisar que açúcar também não existe por aqui. E quando tem, vem por um preço marmo.

Ficaram um momento em silêncio, talvez imaginando como seria o tal chá e a perspectiva do café da manhã.

Um dos médicos perguntou:

— Que são aquelas luzinhas lá longe na escuridão? .

O Chefe explicou:

— São carajás. Estão pousando na praia.

— Eles têm rancho lá?

— Não. Eles dormem na areia mesmo. Levam esteiras. É muito gostoso dormir na praia olhando esse ceuzão cheio de estrelas. De

agora em diante as praias vão ficando mais altas e mais secas. As noites vão esfriar, muriçoca abre unha e é uma maravilha. Aí tudo que é carajá deixa as barrancas e as aldeias e vão morar junto das águas do rio. Improvisam ranchos leves que quando voltarem as chuvas e as águas crescerem, desaparecem com as praias. Todo ano é a mesma coisa.

— Você vive sozinho aqui, Chefe? Como é mesmo o seu nome?

— José Jonas Abadia. Mas todo mundo me chama mesmo é de Chefe. Acho que o que tinha antes de mim também chamavam de Chefe e o que virá vai ser a mesma coisa.

O Chefe pensou um pouco se devia contar ou não, por fim resolveu a favor. Aquela gente estava de passagem. Dois dias depois voava para a cidade, esquecendo tudo. Que existia gente como ele perdida no fim daquele Brasil todo esquecido.

— Eu vivo mais uma negrona. Tenho dois filhos com ela. Menino e menina. Ela é lá das bandas de Tucuruí. Caboclona do Pará. Ela não quis vir não. Tem medo de tudo que é índio. Tudo pra ela é bugre traiçoeiro. Então ela ficou na Xarqueada. Sabem onde fica Xarqueada?

Ninguém sabia.

— É pra baixo quase duas léguas de canoa, uma légua e meia a cavalo ou três léguas a pé de Santa Maria.

Os pilotos ficaram intrigados.

— A gente não entende bem, seu Jonas. Toda légua não tem o mesmo tamanho?

— Tem o que? No cavalo a légua é mais perto porque é ele quem anda. Na canoa, a gente e ela anda, mas é o braço quem faz força. E de a pé experimente só, para ver como é longe.

Acharam graça na lógica da explicação.

— Tá certo. Mas onde é essa Santa Maria que a gente não conhece?

— Conhece sim. É que os senhores são pilotos novos por essas banda. Mudaram o nome de Santa Maria para Araguacema. Tão fazendo isso com tudo que é raio de cidade do Araguaia. Lá no alto tinha Leopoldina, hoje trocaram ela para Aruanã. Querem botar o

nome do começo do Rião em todas elas. Gente que é mais velha que nem eu não aprecia muito.

O capitão lembrou-se de outra coisa e mudou o rumo da conversa.

— Chefe, a gente que não vai ter o que fazer, o senhor arrumou uma pescaria pra amanhã? Falo isso porque quem é doutor vai ter que espiar índio que não acaba mais.

Riu da piada.

— Está garantida. Já combinei com uns índios. Uma bruta canona. E eles são bons de remo.

— Uai! No remo?

— É o jeito Capitão. O motor que tem aqui, sumiu no fundo do rio pra mais de sete meses. E assim mesmo só funcionava quando tinha vontade. Vai ver que no xengo-delengo do remo é mais garantido.

Dentre os visitantes havia um oficial da Aeronáutica que se divertia com a conversa, porque conhecia aqueles lugares e alguns de seus costumes. Gozava em silêncio ora o espanto, ora a decepção dos outros.

— Que me diz disso o nosso Major Souto, que na cidade é metido a sertanista experimentado? Até agora não falou nada.

Souto soltou uma grande risada.

— Estou é com sono. Daqui a pouco vou pegar é um bom berço. Está tudo bem. É assim mesmo.

A atenção de todos virou-se para um vulto que caminhava cambaleante em direção à casa grande.

O Chefe comentou:

— Sempre é assim. Aquele foi o primeiro que experimentou o gosto da pinga. É Deridu. Um índio bom. Trabalhador. Forte como um touro. Chega da pesca, vai vender o peixe em São Félix e bebe todo o peixe.

— Não é proibido vender bebida alcoólica aos índios?

— Que é, é. Tá cheia de tabuleta com a proibição escrita. Mas vá lá a gente descobrir quem foi que vendeu? Tinha um caboclo bom do SPI chamado Irineu. Bom mesmo. Ele veio fiscalizar um bandão de coisa errada. Foi lá chamar a atenção de quem vendia bebida contra a lei. Sabem o que aconteceu?

Fez uma pausa para ampliar a sensação.

— Pois é. Saiu discussão, bate-boca e alguém que ninguém sabe apagou o moço com um tiro de trinta e oito. Tá bem?

— Existem outros índios que se embriagam aqui na aldeia?

— Pra falar a verdade, mais três. O quarto que tinha um nome complicado veio bêbado de noite, rolou a canoa, caiu no rio e ele nunca que foi encontrado. Se não foi piranha foi Buiúna que comeu ele.

Um dos visitantes deixou escapar uma piada trágica.

— Dizem que cearense é que chega primeiro em qualquer parte, pra mim a cachaça chega primeiro.

O Chefe disfarçou um certo mal-estar.

— Só que Deridu não morre nunca afogado. Mesmo bêbado como uma porca, antes de viajar na canoa, ele enrola a corda do amarrar em volta da cintura. De forma que se a canoa virar ele fica boiando com ela.

Souto acendeu um cigarro olhando o caminhar em zigue-zague do bêbado procurando o caminho da aldeia. Ele passara vindo do porto em frente da casa grande, parou um segundo escutando a conversa e em seguida recuperara o desequilibrado caminhar. Nem sequer olhara para o lado donde provinha a conversa.

— Agora me lembrei de uma coisa.

— Então conte prá nós, Souto?

— É coisa daqui mesmo. Seu Jonas é capaz de responder. Cadê aquele moço, aquele bonitão de olhos azuis, muito alegre, queimado e forte como um touro? Ainda anda por aqui?

— Com essa descrição só pode mesmo é ser o vaqueiro Canário. Tá sim. Tá de viagem. Foi buscar uma encomenda de gado lá perto de São Pedro, na fazenda de Ubaldino. Foi mais outro pião.

— Você está gozando, Souto? Como é que tem um homem desses aqui?

— Que tem, tem. É um porra dum homem bonito mesmo. Agora o que faz por aqui e a razão de aqui estar, isso não sei.

— Acho que nem ninguém. Agora que tudo que é mulher que existe fica enrabichada pelo homem, fica. E o melhor é que ele papa tudo. Mulher que anda sozinha pelas praias é porque sabe que ele

aparece. Vem sorrindo com aquela conversa macia, tomam um banho na safadeza e se escondem no meio do sarão. Depois é só sacudir o corpo e jogar pra longe um pouco de areia e coçar as costas de algumas picadas de mosquitos.

— E aquela enfermeira velha?

— Dona Dóttie? Tá aqui sim. Só que ela quer ver o diabo e não quer ver gente branca. Amanhã ela tem que aparecer com as chaves da farmácia. Até que ela não é muito velha não. Tá é maltratada pela vida e pelos estragos da guerra. Ela tem uma paixão pelo Canário que mata até com os olhos a mulher que fala com ele.

Souto surpreendeu-se.

— Até a Dóttie?

— E por que não? Ela não tem o que as outras têm? Depois, aqui nesse cu-de-mundo, às vezes é melhor uma coisa dessas do que matar brasileiro na mão.

Foi uma risada só. Souto penalizou-se.

— Eu tenho muita pena dela. E se vocês soubessem a sua história, talvez nem rissem dela. Pensar numa judia, que matam suas duas filhinhas... que matam seu marido... que queimam os seus dedos a ponto de não ter mais unhas. Saber que ela foi torturada de todos os modos num campo de concentração. Pensando que ela ia levada com centenas de homens e mulheres juntos. Todos nus. Todos empurrados nos banheiros olhando para um chuveiro que poderia jorrar água fria, água quente ou então jatos de gás... Sabe lá o que é isso? Eu até me admiro dela ainda tentar trabalhar pelos outros. Dedicar-se tanto a esses índios tão abandonados, sem esperanças.

Calou-se e um dos médicos aproveitou o fim daquela conversa para mudar de assunto.

— Será que quando a gente chegar no Xingu vai encontrar os índios assim tão estragados?

— Não. Lá é lugar melhor. Nem todo mundo pode entrar lá. Só os privilegiados. Só as pessoas que interessam. Os índios são fortes, bonitos, bem tratados, estão nus, tem bons dentes... É um ponto de turismo muito preservado. Pra mim, é como se fosse um zoológico para a curiosidade dos civilizados... de certa posse.

Souto ergueu-se espreguiçando-se. Saiu do terraço e foi procurar

um lugar escuro para regar a terra. Ficou olhando o céu tão estrelado. Olhou para Tahiná-Kan, tão grande, tão linda, como se fosse uma estrela como tantas outras.

* * *

Aquilo então era a farmácia! Um quarto até grande para o vazio, para a pobreza de tudo. Os armários entreabertos mostravam as prateleiras quase abandonadas. Um ou outro vidro de remédio. Algodão havia, água oxigenada havia, mercúrio cromo havia. Seringa de injecção havia...

Os médicos coçavam a cabeça desorientados. Fixavam o rosto da enfermeira. Um rosto feio, doído, ansioso, pintado com patinhas de onça, cuja tinta preta revelava mais as rugas da face e o amarelecimento encardido de sol da sua pele.

— Mas esse não é o melhor Posto dessa Região, dona?

— Sim senhor. O Posto Indígena Getúlio Vargas. O maior de todos.

— Em todo esse abandono?

— Sim senhor. Nesse abandono todo.

— E como vamos fazer? Toda essa gente que está fazendo fila á fora vai precisar de remédios.

— Aqui eles só podem precisar do remédio que nós temos. Não se pode fazer milagre.

Aquilo foi dito com tanta tristeza que pela primeira vez fitou o rosto castigado de moça. Recordou-se que o vaqueiro bonito dormira com ela e que ela o amava. Que mundo perdido de tudo, meu Deus!

Dóttie tentou sorrir, mas até o seu sorriso saía triste e constrangido.

— Nessa gaveta aqui embaixo guardamos o nosso tesouro.

Um dos médicos forçou a gaveta.

— Desculpe. Está trancada. Não a deixamos aberta nunca. Alguém pode entrar por cima... pelo telhado.

Apanhou uma chave no bolso e destrancou a gaveta. Separados e bem arrumadinhos havia alguns comprimidos. Aralén, cafiáspririna, comprimidos de sulfa, uns vidros de xarope, mais comprimidos para dor de barriga e ainda outras coisas no gênero caseiro.

Dóttie apontou amontoadas algumas caixinhas de penicilina.

— São cinco. O nosso medo é que o calor as estrague. Agora, ampola de água destilada, viu? Tem bastante.

Um médico falou para o outro reagindo contra o desânimo que começara a infiltrar-se em seu ânimo.

— Leão, você que é mais moço, faça um favor pra gente.

— Já sei. Quer que vá buscar lá no quarto aquelas duas "brucas" de remédio. Eu já pensara nisso, só esperava ordens.

Depois que o médico mais moço retornou com os remédios, combinaram sentar-se em dois tamboretes no terraço e usarem a sua borda como mesa. Um ficou em cada lado e a fila dividiu-se em duas para que o trabalho rendesse mais.

Ao sol do meio-dia, um calor abafado atacava a ambos. Mas não desistiam.

Estava estabelecido que o almoço só sairia quando os outros retornassem da pescaria. Dóttie ficava no meio dos dois e entregava a medicina receitada, explicando ora em português, ora em carajá.

De repente as filas terminaram. Respiraram aliviados. Um começo de fome devia roer-lhes o estômago.

Dr. Leão observou para Dóttie:

— Pena que não tenha vindo um dentista conosco. Fez muita falta.

— Outra coisa também fez muita falta. Mas duvido que alguém possa trazer aqui nesse fim de mundo.

Olharam para Dóttie surpresos.

— Um raio X. Aí a gente iria ver como tem gente com os pulmões contaminados.

Dóttie recostou-se na parede e retirou os óculos para limpá-los com a ponta da blusa. O calor do dia ensopara o seu rosto, e as suas lentes grossas embaciavam-se.

Daquela posição, sem recolocar os óculos, sem fitar os homens falou quase implorando:

— Um dos senhores poderia examinar um amigo meu? É um velhinho. Antigamente ele foi o maior capitão de tribo. Era tão sábio que os brancos o chamavam de Dr. Ele sabia trabalhar com raízes e

curava tudo. Tudo, quando as doenças eram mais simples que as de hoje em dia.

— Pois que me traga o seu velhinho, Dona Dóttie.

— Volto já.

Entrou na cozinha e voltou caminhando devagar pelo corredor do barracão. Trazia um casal de velhinhos. A velhinha apoiava-se em seu braço e por sua vez o velho segurava a mão da velhinha.

— Eis aqui Kuryala. O maior capitão de todos os carajás.

O médico segurou a mão de Kuryala e trouxe-o para a luz do sol.

— Leão, você entende mais disso. Veja-o.

— Vamos lá. Levante bem o rosto meu velho.

Kuryala obedeceu.

— Catarata. Os dois olhos estão tomados. Ele sabe quando ficou assim?

— Eu sei. Perguntei a muitos índios. Pelos cálculos uns 17 ou 18 anos.

— Deus do céu! Quanto tempo.

— Há esperanças, Doutor?

— Quem sabe? Precisava fazer um exame melhor com aparelhos especializados. Aqui é impossível dizer. Só com uma operação poderia haver uma certeza. Isso mesmo num bom especialista...

— Ele vive pensando que enxergará de novo... Não há uma maneira, Doutor?

— Teríamos que tentar. Levá-lo para a cidade. Rio. Talvez São Paulo. Talvez se salvasse uma das vistas e com óculos fortes pudesse enxergar... Mas tudo isso no terreno da hipótese.

Dóttie implorou.

— Por que não o leva, Doutor? Seria um gesto de humanidade tão grande que até a gente poderia, quem sabe, acreditar nos homens.

Dr. Leão sorriu.

— Não depende de mim. Precisamos conversar com o Comandante do avião.

— O senhor conversa?

— Prometo.

Dóttie falou em carajá pedindo a Akurriro para levar Kuryala em direção da aldeia. Ficou vendo os velhinhos se afastarem como se fossem mais duas sombras contra o sol de fogo.

* * *

A primeira decepção chegou ao anoitecer. Dóttie tremia da cabeça aos pés.

— Não dá, Dona.

— Mas o avião está vazio, Comandante.

— É o que a senhora pensa. Temos que apanhar carga, no Xingu, no Gorotire e trazer gente de Belém. Se a gente fosse direto para o Rio ou São Paulo, ainda haveria uma possibilidade.

Nem sabia o que responder, foi caminhando desanimada para o lado do barracão, louca de desespero, louca de vontade de se perder para sempre na cegueira da noite.

Dr. Leão fitava o Comandante perturbadoramente.

— Não dava mesmo, Comandante?

O rosto afogueado de tanto sol, mostrou os dentes bem feitos e muito brancos.

— Você está maluco!

— O avião tem tanta carga e tanta gente assim para pegar?

— Ora, ora, Doutor! Índio é a coisa mais enjoada do mundo. Vai por mim.

— Mas é negar uma chance de um ser humano recuperar a vista!

— Naquela idade? É perder tempo. Depois pense bem na sua responsabilidade. Pra levar o velho, tem que levar a velha. Eles não se separam. Depois da alta no hospital, o senhor teria que ficar com os dois em casa. Eles não estão acostumados com a vida da gente. São demasiados sujos para isso. Estou falando no caso de um sucesso. E depois? Como o senhor os mandaria de volta? Para um avião passar por estas regiões leva pelos menos um séculos e metade de uma eternidade. Como o senhor os recambiaria? Não.

Dr. Leão ficou meio agastado.

— Está certo. O avião é seu.

— Não se zangue, amigo. Já imaginou levar aqueles dois tram-bolinhos com a gente nesse pinga-pinga que precisamos fazer?

• • •

De madrugada quase, Dóttie arrumou os dois da melhor maneira possível. Levou-os até o aeroporto. Ficou na casinha de palha onde os aviadores e os médicos passariam na certa.

E eles passaram. Nenhum deles observou a aflição do seu rosto. Só de longe, Dr. Leão abanou a mão num pequeno adeus.

O avião roncou. Correu na pista, fez a poeira necessária, alcançou o espaço e pouco depois sumiu no céu. Aquele céu que oferecia de graça, sem caridade alguma uma manhã tão cheia de cores. Aquele céu que não era de ninguém. Talvez nem de Deus. Só os pássaros e as grandes aves voavam indiferentes naquele amanhecer tão calmo.



Segundo Capítulo

AS SOMBRAS

Fazia muito tempo desde que aquele avião partira. Quanto tempo, Dóttie? Nem se perguntasse ao rio, saberia. O rio comia o tempo. Comia o Natal, o Carnaval, comia até a própria chuva. Digeria todas as praias. Ele sim poderia saber do tempo.

Dóttie sentou-se na amurada da casa. Acostumara-se a fazer aquilo todas as manhãs. Por ser aquele o "canto". Daquele "canto" podia observar a arara vermelha da manhã, como diziam os índios, nascendo em fogo e poluindo o rio de águas douradas. Também, dali, observava os pescadores retardatários indo para a pesca. Dali esperava que o dia se fizesse mais dia e que a canoa de leite vindo da fazenda lhe trouxesse a sua parte. Tudo seria distribuído com os carajazinhos tão lindos, tão peladinhos e tão alegres. Dava gosto passar as mãos naqueles cabelos negros e luzidios e macios. Que mistério havia entre os índios? Eles atingiam as mais avançadas idades. Enrugavam o rosto como jenipapo maduro. Entretanto, conseguiam atingir a morte sem um único cabelo branco. Vira entre os índios xerentes que estavam em terceiro grau de civilização, e moraram entre os brancos ... que adotavam os problemas e as dificuldades dos brancos, branquearam com a idade os negros e fartos cabelos...

Quantos anos, Dóttie? Quatro. Quase cinco, trinta, trezentos mil? Que importava agora o tempo que estava jogada ali. Vida é só respirar. Dormir e acordar. Dia e noite. Noite e dia. Importava que agora estava ali naquele "canto" que se tornara como parte do seu corpo. Parecia que ao encostar-se na parede adquiria coragem para esquecer tudo; atirar o passado para o lodo da distância. Uma força total para enfrentar o dia-a-dia e mastigar as horas ressecadas. Ali, Canário gostava de sentar-se. Ali, o vira pela primeira vez. Quase

nu. Lindamente nu. Enrolado numa toalha de banho deixando à mostra os seus braços fortes e o seu peito enorme. Balanceava as pernas sabendo que a beleza do seu corpo dourado causava admiração. O garanhão seguro e absoluto esperando que as fêmeas viessem se oferecer. E, por cima de tudo, incomodando mais o azul dos seus olhos e o louro dos seus cabelos encaracolados... "Ali" sentia mais a sua presença. Muito embora ele estivesse em toda parte. Quantas noites não acordara extremunhada e aflita como se ainda ouvisse no seu quarto ranger os punhos de sua rede. Também poderia ser a alma de Mariaualê balançando-se numa rede imaginária. Porque o quarto de Canário estava vazio e abandonado. Muitas vezes, à sombra da grande mangueira, fechava os olhos para não ouvir a sua gargalhada alegre e nativa brincando com os carajazinhos montando em seu colo, mexendo em seus cabelos. Felizmente, não escutava mais o barulho do corpo de Mariaualê, todo moço, todo virgem roçando-se no peito forte de Canário. Chegava até a perceber os gemidos do homem, no esforço de não desvirginar a menina... Outras vezes, mesmo de olhos abertos, via-se longe, escondida nos mourões distantes da fazenda, debaixo de toda a chuva, com os mosquitos devorando o seu rosto, observando a chegada de Canário à Fazenda. Era tão lindo. A tropa brilhando toda, dorso escorregadio, caminhando na chuva. E ele seminu, montando o cavalo baio, sem se importar com os mosquitos. Somente os olhos azuis, duros, fixos, responsáveis, observando a tropa penetrar no curral alagado onde a lama agitada se misturava com o excremento exalando um cheiro familiar de gado. Nesse momento, a chuva alisava seus cabelos rebeldes, escorria no seu peito largo como se fizesse em seu corpo um carinho habitual...

— Tá sonhando ou tá dormindo, Dóttie?

Fechou o leve sorriso dos seus sonhos e observou a índia Xire-téia a seu lado.

— Nem uma coisa nem outra. Estava esperando a canoa de leite.

— Mentira. Você nem viu quando eu cheguei.

— Fico distraída com o nascer do sol que é sempre muito bonito e a cada dia diferente.

— Dóttie tá mentindo muito!

Sorriu largamente.

— Talvez.

— Você, Dóttie, está sentada no lugar que Canário gostava sempre. Você olha como Kuryala e seus olhos não enxergam nada...
Aí você está é mesmo pensando em Canário. Não foi?

— Você tem razão.

— E por que você tem que se lembrar tanto dele, Dóttie?

Sentiu aquele aperto fervendo, aquelas garras finas na alma.

— Nunca estou me lembrando dele.

— Mas você num falou indagora que estava?

— É diferente.

Num desabafo inesperado, continuou.

— A gente só pode se lembrar quando esquece...

Apertou as mãos deformadas roçando os dedos retorcidos, procurando acalmar sua aflição.

— Mas Dóttie, Canário morreu faz mais de um ano.

— Pros outros. Para mim, não.

— Mas você precisa melhorar. Se não dói muito.

— Por quê? Só Carajá é que pode chorar e sofrer a vida inteira?
Xireréia balançou a cabeça negativamente.

— Hoje não é mais assim, viu? Só carajá velho. Só as velhas é que choram ainda muito tempo. No tempo passado é que todo carajá acreditava em muita besteira. Acreditava que morrendo ia viver em Tahiná-Kan. Hoje, não. A gente morre e vira terra. Então, como todo mundo tem que morrer, a gente chora só um pouquinho quando morre um parente.

Fizeram um silêncio comprido. Naquele momento a dor de Dóttie cresceu maior. Não acreditava no que estava vendo. Os índios zingando a canoa, aportando, e no seu centro o corpo morto de Canário. A marca escura do ferimento, a bala bem no coração. E Canário não podia morrer. Canário era como Deus: não podia morrer. Mas seus olhos azuis estavam fechados como se dormisse e guardava nos lábios um sorriso. Aquele mesmo sorriso com que se despedira da vida.

Os índios o queriam muito e choraram. E vieram os outros vaqueiros e fizeram o velório. Tudo tão triste, tão cruel, tão abandonado. Não havia uma flor para que se colocasse no caixão malfeito pelo Doca, marceneiro da Fazenda. Ela mesma o lavara e o vestira.

Alisara suavemente os seus cabelos louros. Vestira-lhe uma camisa vermelha como ele gostava. Uma camisa que escondesse qualquer gota de sangue retardatária. Assim ele devia dormir para sempre. Pela manhã, muitas canoas levaram o seu corpo, remando mansamente. E até o dia escondeu qualquer espécie de vento para que o rio virasse um espelho e contemplar a beleza de Canário em sua última viagem.

E Dóttie ficou recostada no pé de amarelão apreciando o cortejo a se afastar. Seus olhos estavam secos e duros. Chorava por dentro que machucava mais. Pensava nos conselhos que muita gente dera ao moço.

— Você mexe tanto com a mulher dos outros que um dia vai encontrar troco. Um dia alguém lhe apaga...

As mãos de Xireréia seguraram os garranchos de Dóttie.

— Tá bem Dóttie. Hoje você está mais triste que sempre. Eu gosto muito de você, sabe? Eu sou sua amiga. Não quero que você fique assim. Foi por isso que vim lhe mostrar uma coisa.

Pulou a cerca da sua dor e começou a voltar a realidade de sua vida. O rosto da índia moça trazia-lhe uma expressão meiga e amiga.

— Quer saber? Quer?

Dóttie sorriu.

— Está bem. Me conte.

— Olhe.

Xireréia suspendeu o vestido. Além daquilo, só havia por baixo a tanga de gameleira batida, o rabicho como se chamava por ali, cobrindo finamente seu sexo. A barriga começava a avolumar-se.

— Um arioré?

— Um arioré, Dóttie. E vai ser meu primeiro filho. E quero que seja um menino forte e bonito. Vai ser, Dóttie?

Observou o rosto da índia. Xireréia era diferente. Muito mais alta do que o tipo da aldeia. Ao contrário das outras mulheres, gostava de falar. O nariz era meio aquilino e o rosto alongado apesar de pequeno. Seu sorriso era rasgado, ainda bonito, se bem que as cáries já denunciavam devastação em seus dentes. Uma mulher alegre, simpática e que tinha um caminhar muito descansado.

— Vai ser bonito, Xireréia. O pai é mesmo Maluaré?

— Ele só?

— Pois Maluaré é o índio mais bonito da aldeia. E o pai dele, Maluá, apesar de estar ficando velho, é um homem muito bonito. Se toda a família é assim, seu filho vai ser também.

— Isso é bom. Os filhos de Maluaré fez em Erecoixaro, cada um é mais bonito do que o outro. Então quero o meu tão bonito como os outros filhos de Maluaré.

— Você é corajosa e sabe bem o que quer.

— Por que, Dóttie? Por que tomei o marido de Erecoixaro?

— É que você não se casou com ele, segundo a lei da sua aldeia.

— Ih! Dóttie, você tem cada coisa! Carajá não liga muito, carajá de hoje mudou. Gostou, casou. Gostou, trocou marido, trocou mulher... Você sabe de tudo, não sabe?

— Só sei o pouco que me contaram.

— Pois a gente pagou por isso. Pagou com a lei da dor. A lei do corroté¹ Primeiro, me pegaram eu. Meus parentes todos. Aí perguntaram se eu ia viver com ele mesmo. Eu falei que sim. E tome corroté. Apanhei tanto que fiquei de cara inchada, olho fechado, cabeça doendo de tanto que mulher me puxou cabelo. Fiquei deitada na esteira, gemendo baixinho minha dor para que ninguém visse. Durante dois dias até beber água parecia que eu engolia pedaço de osso na barriga. Depois passou. E tinha também aquelas velhas primas e tias, todas ixandú-dioré² que me xingavam e às vezes me davam ponta-pé na esteira dizendo que eu era só Konã³... Doeu, Dóttie. Mas era o que eu queria.

Dóttie sorriu.

— Você está rindo, Dóttie?

— Não se zangue. Eu pensei que se depois de todo esse sofrimento ele voltasse atrás e dissesse aos parentes que não queria você.

— Ele não era nem besta não. Porque aí quem pegava ele era eu. Tava doido de fazer isso. Eu matava ele de corroté. E se não matasse ainda era capaz de capar os cé⁴ com a boca se não tivesse uma faca com corte.

1. Borduna.

2. Filha da puta.

3. Puta.

4. Testículos.

Mas acalmou-se e voltou a alisar a barriga nua começando a arredondar-se.

— Passe a mão, Dóttie, você é enfermeira boa. Já dá pra sentir o ariore?

Fez-lhe a vontade, apalpando-a.

— Ainda é cedo, Xireréia. Talvez daqui a vários meses, a gente possa sentir. Estamos no começo da seca. Quando as chuvas vierem, aí sim.

Xireréia abaixou o vestido.

— Agora tenho que acabar de contar tudo.

— Tem mais?

— Comigo foi só. Precisa ver foi a surra que deram nele. Foram atrás de Maluaré que estava pescando. Um bandão de canoa. Parente-tudo homem. Cada corroté da altura de bater nos peito da gente. Ele viu e fugiu. A canoada atrás. Teve que entrar no lago. Aí não deu mais. Rodearam ele. Canoa de todo lado. E o pai de Erexoxaro perguntou a verdade. E ele falou que sim. Dali mesmo arrastaram a canoa dele até uma beirada do lago e desceram o pau até ele desmaiá. Rebocaram a canoa dele até uma praia do rio. Deram um banho nele. Ele acordou e tome mais pau. Chegou na aldeia carregado e de noite ainda levou mais corroté pra ver se desistia. Mas aí era besteira. Faltava pouco. Não podia apanhar mais do que já apanhara. Aí Maluá que é oroti-bedu⁵ fez tratamento nele com erva do mato e botou raspa de ipê-roxo nos lugares que doía, onde os ossos estavam inchados. Quando tudo passou, a gente ficou livre.

— Onde você está morando?

Sabe onde é a prainha? Embaixo de um pezão de pequi, ele fez um rancho pequeno. É só por enquanto. No tempo das águas, a cheia invade tudo ali. Quando tudo ficar mais calmo a gente vai fazer um grande retô⁶ na aldeia mesmo. É só.

— E Erexoxaro?

— Que é que tem Erexoxaro?

5. Médico.

6. Rancho.

— Ué! Você tomou o marido dela, não tomou? Ela ficou sozinha com quatro filhos.

— Que é que tem? É assim mesmo. Ela sempre era mais velha do que Maluaré. Os filhos já tem dois que podem pescar sozinhos. A menina sabe fazer Itxocó⁷ pra vender em São Félix ou pra tori que chega... Se não fosse eu, outra mulher acabava tomando ele.

— E que mais?

— Ora, Dóttie Ele fez nela quatro filhos que não morreram e parece que mais dois que não viveram. Não chega? Agora é a vez de fazer comigo. E eu quero uma porção também.

Voltou a alisar a barriga por cima do vestido. Tentava confirmar sua decisão.

— Quando chegar a minha vez de ficar velha e ele moço bastante, ele vai com outra mulher. Aí ninguém precisa bater nele nem nela. Mas por enquanto é minha vez de aproveitar.

Xireréia franziu a testa, ensimesmando-se. Não acabara ainda de contar "tudo".

— Sabe de uma coisa, Dóttie? Erecoixaro é tão boazinha. Antigamente, quando a gente arranjava anzol e "xibra", a gente pescaava na mesma canoa até chegar quase de noite. No fim, eu repartia os peixes, dando mais pra ela e pros filhos. Logo a gente volta a ser amiga, você vai ver e quem sabe a gente pesca de novo na mesma canoa?

Xireréia levantou o braço direito e com o indicador apontou a distância.

— Se você esperava mesmo a canoa de leite. Lá vem ela na beira do sarão.

Não adiantava Dóttie forçar a sua vista mesmo com as lentes possantes, só muito mais perto poderia enxergá-la.

— Você não vê lá. Mas ali no porto, no primeiro porto da aldeia, você pode ver.

Dóttie acompanhou o indicado.

Kuryala. Ele está limpando a canoa da água da noite e vai com Akurriro, sua velhinha, até São Félix.

— Fazer o quê?

7. Boneca.

— Visitar Hanna. Ele agora passa a manhã toda com ela, esperando.

Dóttie tornou-se estupefata.

— Esperando o que, Xireréia?

— Hanna disse que ele vai enxergar. Vai ver com os dois olhos. Que vai enxergar Deus.

— Ela é louca! Dar uma esperança que não pode cumprir.

Felix e vi o que ela faz.
— Eu acho que não pode mesmo. Outro dia eu estava em São

E — E o que faz?

— Bota os dois sentadinhos horas e horas. Primeiro dá um pouco de comida e isso é bom. Depois pega um livro de romance. Um livro pretão.

— Aquilo não é romance, Xireréia. Chama-se a Bíblia.

— Eu pensei que era. Tem muita história. Aí ela lê naquela voz que ninguém quase comprehende. Eu acho que nem Akurriro nem Kuryala comprehende nada de tudo aquilo. Eu mesmo entendi pouca coisa. E eles quase não sabem linguagem de tori. Depois Hanna disse que ele com uma semana já estava melhorando. Aí eu esperei os velhinhos de volta. Fingi que tomava um banho. Fui ajudar a empurrar a canoa só pra ver. Os olhos dele tava do mesmo jeito. Cada vez mais branco, mais branco.

— Como é que Kuryala rema se não pode enxergar?

— É fácil. Ele vai no jacumã, de piloto, e Akurriro fica na frente dirigindo a canoa com a fala.

— Sei.

— Dóttie, Hanna é muito burra, não é?

— Por quê?

— Você tá aqui e aprendeu língua de tori. Depois aprendeu linguagem de carajá. Ela está há tanto tempo e não fala nada de nada. Por quê?

— Por que, sei lá. Talvez porque eu sou judia, uma raça que aprende língua dos outros com muita facilidade.

Dóttie levantou-se; queria assistir do alto da barreira à chegada da canoa de leite.

— Não vai ainda não, Dóttie.

O rosto de Xireréia tinha adquirido uma grande expressão de angústia.

— Você precisa me ajudar.

Estranho que o rosto da moça naquele momento virara o rosto de uma mulher madura. Em um minuto, perdera toda a travessura e alegria da mocidade.

— Então ainda falta alguma coisa, Xireréia?

— Eu queria lhe pedir uma coisa. É sobre o meu arioré.

— O que é?

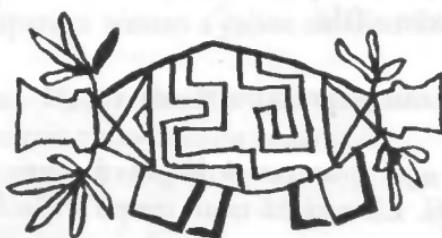
— É que... você sabe. Se quando ele for nascer, aquelas velhas ainda estiverem teburé⁸ comigo, só tenho minha mãe para me ajudar.

— Você não tem só sua mãe. Eu também irei ajudar. Era isso que você queria?

Todas as expressões da mocidade retornaram à sua face. Sorria agradecida.

— Tiotoitika⁹ Dóttie. Você é muito boazinha. Nunca mais eu converso coisa que faz você ficar triste. Sim? Nunca mais eu vou lhe falar de Canário...

Dóttie encaminhou-se sozinha para a barreira. Seu feio rosto oferecido ao calor do sol, exteriorizava agora todo o mundo morto. Sim, todas as sombras do seu mundo morto de solidão e de desânimo.



Terceiro Capítulo

A CAMINHADA DAS ÚLTIMAS ESPERANÇAS

Dóttie sentou-se no alto da barreira abrigando-se na sombra de uma peúva que ainda soltava um resto de flores brancas arrancadas por um vento indiferente. As flores caíam no rio, dentro das canoas, no chão da descida ou perto dos seus pés.

Limpou as lentes grossas dos seus óculos e dos seus pés e dirigiu a vista até uma fileira de formigas vermelhas que desciam até a beira do rio. Iam em busca de comida. De restos de peixe tratado, de caroços de farinha de puba escapada de algum weriri¹ furado. Eram calmas e disciplinadas. Uma, da grossa fila que descia, parava para conversar com outra da grossa fila que subia. Mas não demoravam muito para que o trabalho não se interrompesse por muito tempo. Pareciam obedecer sempre a qualquer ordem superior. Certamente, providenciavam o abastecimento do formigueiro. Mas para quê? Ainda era tão cedo para as grandes chuvas... Também o que importava o mistério das formigas vermelhas?

Chuva! Gostaria de chover dentro de mim. Talvez não sentisse a secura e a dureza da sua alma. Se por acaso o coração batesse mais rápido espalharia pó pelos pulmões, pelos rins, pelos intestinos. O corpo humano, diziam, possui quatorze metros de intestinos, tudo bem feito, enroladinho, colocado certo no campo certo até que um câncer chegava lá e estragava tudo. Mentira. Burrice. Ninguém sente que tem quatorze metros de intestinos. É muito para uma porcaria de uma vida...

Levantou a vista para a claridade do rio e os seus olhos cinzas doeram e se confrangeram com tanta luz. E do lado do rio das Mortes, a canoa de Kuryala, seu velho capitão, vencia a correnteza de su-

1. Cesto.

bida. Com dificuldade, com desespero, com força de velhice. Pobre velho doido! Lindo! Idiota e tão querido seu... Por que vida! Por que morte? Era isso. Voltava a se maltratar por dentro. Não adianta pensar que eu quero morrer. Já desisti disso. Se tivesse que morrer já teria acontecido nos campos de concentração. Ria, olhando os dedos. Foi sim, o pai de Canário que lhe disse. Comentara apertando os seus dedos de aranha queimados: você tem as mãos mais lindas do mundo!... Aquele sim estava morrendo. Também Mariaualê. Que linda que ela era: quinze anos. Os peitos novos fedendo a virgindade. O riso perfeito na boca rasgada e os cabelos negros oleados de babaçu... E ela pulando a janela do quarto de Canário. E os sorrisos, a falinha baixa, os gemidos do homem? E sobretudo, a maldade dela sempre apontando as suas mãos. "Dóttie tem mão de cotucuru²". Depois Mariaualê morrendo com a peste. Pele amarela, corpo esquelético, os dentes perfeitos sobressaindo-se no rosto cadavérico. A voz sumida que parecia com cheiro de podre... Mariaualê em seu colo chamando-a de mãe no último momento...

Olhou de novo a intensidade da luz no rio e a canoa de Kuryala ficando cada vez menor. Sentiu-se mais aliviada. Ele estava em pé com a zinga e Akurriro servindo de guia indicava todas as zingadas.

Baixou a vista para as formigas vermelhas que indiferentes permaneciam na labuta. Irritou-se.

— Suas putas!

O vento diminuía e os mosquitos apareciam. Estavam picando. Estavam machucando, doendo. Mas pelo menos não ficavam naquela burrice coordenada das formigas.

— Pois é, Dóttie. Você algumas vezes até que pensou em se matar. Foi ou não foi?

Sorriu bobamente. Feiamente.

— E de que adianta? Quem se mata é porque tem medo da morte e eu não tenho. Ha, ha, ha! Estou parecendo bêbada. Mas não estou, viu? Acontece que ninguém está me ouvindo, nem me vendo. Só eu me vejo. Isto é, em termos. Sou muito parecida com Narciso. Ele não podia ver a sua imagem... Eu também não posso. Mas o

2. Aranha Caranguejeira.

fato que a gente não morre de uma vez só. Eu morri lá — apertou as pontas dos dedos quase insensíveis. Depois, eu morri ali — apontou em direção ao cemitério dos carajás.

E naquele momento, a canoa de Kuryala, meu capitão, está sumindo na curva do rio — logo ele chega no povoado de São Félix. Vão amarrar a velha canoa numa tranqueira qualquer. De mãos dadas, unidinhos espremendo o cansaço do coração, ofegando de esperanças procurariam a casa de Irmã Hanna.

Sorria com desprezo pensando na figura da freira. Ainda bem que aquela puta amarelada de Deus desistira de salvar a sua alma. Esquecera de caminhar pela praia com aquelas saias compridas que o vento empurrava entre as coxas. Enfiando os pés grandes na areia com as sandálias numa mão e a outra tentando equilibrar o guarda-sol desbotado, esmurrado pelo vento da selva. O que matava era aquela expressão de desespero, de súplica, de eu "preciso-salvar-alguém". Os seus olhos sempre querendo chorar e sendo contidos e o seu cheiro azedo, podre, jamais contido. Hanna e eu, devemos ser as duas mulheres mais horrendas do mundo. Mulheres feiúras, mulheres W.C. Mas pelo menos eu não tenho aquele cheiro. O rio está ao alcance do meu corpo como está do seu. Mas ela não o usa, porque é pecado. O podre odor da santificação!

— Dóttie! Você não quer se salvar...

Toda amarela. A pele baça, a boca amarela, os dentes amarelos, as mãos sem sangue, amarelas. A sua fala, o seu inglês surgia de sua garganta, de sua boca em torvelinhos de palavras amarelas...

Ainda bem que aquela puta e santa sumira da sua vida. Ainda bem

De repente, Dóttie acertou as mãos enrugadas contra o peito seco. Estava comovida pela lembrança.

— Hanna!... Hanna!... Só existe você agora. Você que quer salvar alguém. Você que acredita em sua fé... Hanna, faça o milagre. Você é a última esperança daquele velhinho desgraçado.

Embora seus olhos não chorassem debaixo das grossas lentes, sentiu seu peito soluçar. Uma estranha humildade se apossara de seu coração e falava baixinho sem ódio algum.

— Sim Hanna, faça isso. Um milagre. Hanna, talvez essa seja a sua oportunidade. Faça, Hanna, e eu cairei de joelho; a seus pés, juro.

Eu pedirei perdão de toda a maldade que lhe quis. Eu beijarei seu rosto, suas mãos, seus pés. Não deixarei que me chame de irmã como tanto você queria, e sim, eu a chamarei de irmã... Faça o milagre Hanna.

Soltou as mãos e encostou-se no tronco da peúva. Fechou os olhos para não enxergar o rio, para não ver as formigas roliças, ver melhas e gordonas.

Se quisesse ouvir os ruídos da aldeia não conseguiria. Os gritos das gaivotas e dos camiás assustados na praia haviam desaparecido. Chico-preto que gostava de vagabundear aquelas horas na mangueira grande, emudecera de todo. Não ouvia nada e estava ouvindo suas lembranças. Se tapasse os ouvidos com força não conseguiria evitar aquela voz. E fazia tempo. Quanto? Quatro anos? Quatro chuvas? Três anos? Três chuvas?... Era difícil colocar o tempo em seu justo lugar.

Só a voz. Aquela voz.

— Deus do céu! Quanto tempo.

— Há esperanças, Doutor?

— Quem sabe? Precisava fazer uns exames com aparelhos especializados... com uma operação poderia haver uma certeza...

— Por que não o leva, doutor?

— Não depende de mim. Preciso conversar com o comandante. Depois, horas mais tarde com a presença do comandante.

— Não dá, dona.

— Mas o avião está vazio, comandante.

— É o que a senhora pensa.

Por fim, do lado de fora do barracão, ainda escutava a insistência do Dr. Leão.

— Não dava mesmo Comandante?

— Você está maluco.

— Mas é negar a chance de uma pessoa recuperar a vista.

— Naquela idade. Não dá... Índios sujos... Problemas... Índios sujos... Tem que levar os dois. Índios sujos... Depois terão que ficar na sua casa... Índios sujos... Vai ser difícil arranjar um avião que volta por aqui... Índios sujos... sujos... sujos.

Mesmo assim, de madrugada, levou os dois até o aeroporto. Passaram pelos três. Ninguém notou a sua aflição. Só de longe, Dr. Leão abanou aquela mão comprida. Aquela mão tão comprida. Aquela mão branca de oito metros. Aquela mão branca de mil quilômetros... Índios sujos... sujo... suj...

E o ronco do avião passando sobre a sua cabeça e a poeira cobrindo mais a pobreza daqueles índios tão sujos e miseráveis.

Foi dali em diante que cresceu mais em seu coração a raiva que possuía contra os brancos e todos os civilizados. Jurou espremendo a saliva amarga entre os lábios.

— Eu estou aqui como enfermeira. Mas de hoje em diante eu sou só enfermeira do serviço. Só trato um branco se for do Serviço. Mas qualquer outro filho da puta branco que não seja daqui, pode morrer junto dos meus olhos que eu ainda cuspo em cima.

— Dóttie!... Dóttie!...

Entreabriu os olhos, espantada. Todos os sons haviam adquirido a forma antiga. A aldeia vivia e pulsava. O vento voltara como por encanto e as gaivotas soltavam gritos estridentes para alguém que ameaçava a integridade dos seus ninhos lá nas praias.

— Que foi, Dóttie? Você está ibinaré?³

À sua frente, um menino sorria-lhe carinhosamente. Estava de cabelos cortados rentes e com a pele tisnada de jenipapo. Tornou-se quase difícil, à primeira vista, reconhecer o carajazinho que penetrava na adolescência.

— Sou eu, Dóttie, Aratuma.

— Eu sei, meu filho, eu sei. Ajude-me a levantar.

O bodu estendeu-lhe a mão gentilmente. Dóttie sacudiu a areia da roupa e o formigamento do corpo.

— O que quer você, Aratuma?

— Sabe, Dóttie. Cabeça dói grande. Você dá luarri⁴?

— Sim. Vamos lá na farmácia. Dóttie ficou pensando. Pensando grande e se esqueceu de tudo. Vamos.

* * *

3. Doente.

4. Remédio.

Foi até a cozinha no fundo do barracão. Passou pelo antigo quarto de Canário resignadamente como fazia todos os dias procurando não se lembrar. Estava velho o barracão enorme. A cada chuva piorava mais. A cada seca precisavam arranjar pimenta e queimar em brasa para afugentar a morcegada que aparecia. As grandes folhas de zinco do teto, necessitavam ser pregadas todos os anos quando passassem as águas e o tempo dos ventos doidos. O barracão do Papai Grande, mostrava buracos nas paredes e apodrecia-se nas janelas e nas portas. Iam remendando como podiam. Na cozinha, o estrago tornava-se maior. Muita gente cozinhava no fogão grande ora despencando aqui, ora ali. O barro rachado em todo canto e escorras por todo o canto, amparando a sua velhice capenga. O zinco do teto e as paredes substituíam o antigo branco-amarelado por um tisnado brilhante. Só o sol era maravilhoso e quente. Quente até demais, penetrava pelas frinchas, pelas frestas, pelos furos e finalmente livre e desabusado pela janela cambaia e entreaberta. Pela metade da porta empenada.

Dóttie achegou-se trazendo a panela com o arroz já catado. Ainda sobrara da véspera um pouco do peixe assado, presente de Ibrobedó. Dava e muito para o almoço e para a janta. Guardaria até um pouco para o casal de velhinhos quando chegasse de São Félix. Na certa, comeriam do que Hanna tivesse. A freira não passava metade de privação que eles todos na aldeia, principalmente os brancos passavam. A Ordem fornecia uma certa manutenção. E como Hanna nunca tivesse ninguém para escutar a chatice das suas palavras, certamente encontrava-se feliz por ter dois ouvintes naquele seu esforço, naquele arre medo de salvar alguém...

Enquanto Dóttie trabalhava, ia-se concentrando mais em seus pensamentos. Não sabia se era justo chamar os dois de velhinhos. Afinal, Kuryala não possuía tanta idade assim. Quando aportara ali pela primeira vez, os dois pareciam mais fortes e mais decididos. Depois vieram as desilusões, a fome... As humilhações e a fome. Sempre a fome e a fome. E por fim, só a fome. A fome e os olhos brancos sem poder acusar ninguém. A fome e o sorriso nos lábios. Nunca uma queixa contra nada. O meu velho Capitão e Kuryala tem que sorrir para a sua fome com dignidade.

Derramou o arroz na panela ouvindo diminuir o barulho da água

fervente. Todavia seus pensamentos continuavam a se embaracar.

Por que todos os cegos que vira na vida sorriam sempre? Dificilmente encontrara um tendo bons ou maus dentes que estivesse de lábios cerrados? A verdade é que todos disfarçavam a sua cegueira com a marca do sorriso...

A essa hora Kury e Aku estariam sentadinhos diante de Hanna ouvindo uma baboseira comprida, escutando as histórias do "romance preto e de capa ensebada", sem nada entender. O português de Hanna era pior do que papagaio de carajá imitando mulher zangada e brincando. Elas falavam por dez, matraqueando a língua.

Sorriu da lembrança. Mas o sorriso transmudou-se em apreensão. Ao entardecer retornariam as canoas da pesca e tudo bem. Mas as outras que chegassem de São Félix trariam na certa pelo menos dois índios bêbados e muita confusão na aldeia. Pancada nas mulheres e brigas com parentes. A terrível Arara Branca de Berixá, da história de Berixá, era a pior...

... — Bunankre, Dóttie.

Dóttie sentou-se na esteira oferecida por Berixá. Ela amassava o barro e fabricava pequenos itxokós⁵

— Tá passeando, Dóttie.

— Sim. Muito calor na casa grande. Saí.

Observou o sorriso de bondade da índia. Seus cabelos tão lisos e tão brilhantes. O pano sujo que enrolava o seu corpo deixando à mostra os seios que chamavam a velhice.

— Suas bonecas são muito bonitas, Berixá.

— É. Amanhã seco no sol. De noite queimo com lenha. Já apanhei coaru⁶ no mato. Depois pinto. Depois meu marido Atauzinho vai no São Félix, vende. Aí eu compro teki⁷ Aí eu trabalho mais e Atauzinho leva de canoa em São Félix, eu ganho ubetá⁸. É sempre assim. Ele também faz Cáua-Cáua⁹ pra ajudar. Sempre assim.

— Ainda bem que Atauzinho não bebe e traz tudo para você.

5. Bonecas.

6. Pau.

7. Pano.

8. Cobertor.

9. Boneco de madeira.

— Atauzinho não bebe. Mas inã son-êre¹⁰ tá gostando de beber Krukrujé¹¹. Você viu. Uassabédo, quase um menino, foi lá, bebeu Krukrujé. Veio só e doente na canoa. Caiu no rio. Bêérokan levou ele catirará¹². É sempre assim.

Olhou Dóttie com os seus olhos de bondade e sorriu. Amassava o barro de novo e seus dedos ágeis davam forma à matéria.

— Por que tem de ser sempre assim, Berixá?

— Porque é.

— Mas antigamente não era assim.

— Não era. Carajá só morria de velho, de picada de cobra, de "luta" de onça, de febre ibinare. Tudo era de carajá. Apontou o céu, o rio e as matas. Agora, pode ser a aldeia de Biton-Ire, pode ser a aldeia de Cuê-Beró, a de Grisosti, a de Jabotá e até aqui em Raumaló-Mandô-Dessé. A gente só tem um pedaço de terra. Da fazenda até na roça e pra lá um pouco mais da Prainha. Tori veio chegando, veio chegando. Tori muito, mais que areia da praia. Como Tori tem que ser muito, foi tomando mais terra de índio, porque precisa de muita terra. É sempre assim.

Levantou uma bonequinha entre as palmas das mãos e sorriu com os mesmos olhos da mesma bondade.

— Tá munitinha, não tá, Dóttie?

Voltou à sua tarefa e continuou a falar.

— Krukrujé... tem outra de nome Orrã¹³. Essa ainda Carajá gosta mais. Meu filho inda está de bodu. Pois foi, Dóttie. Ele bebeu Orrã. Meu filho Maloíre. Dormiu como doido na esteira. Atauzinho e eu. A gente agarrou os braços a noite inteira. Ele vomitou. Chorou e de manhã ficou com a cabeça muito doendo. Pai dele levou pra banhar. Quando melhorou eu falei assim de bom:

— Dô-ú,¹⁴ por que você bebeu Krukrujé?

— Foi Orrã, mãe.

— Por quê?

10. Muito carajá.

11. Cachaça.

12. Longe.

13. Tatuzinho.

14. Filhinho.

— É gostoso, docinho e a gente vai esquentando, parece que quer voar que nem nauín¹⁵.

Olhou Dóttie e sorriu.

— É isso que tudo fala. É docinho. É gostoso. E depois vem mais tori. Vem sim. Cada dia vem mais. Tem sempre mais gente no Serviço. Agora chegou Fundação com muita gente. Agora vai chegar mais gente da FAB... Vem muito Briquêcauti¹⁶. Piloto vai dar Kadiurina¹⁷ pra quem tem rudi¹⁸ e pra gente fazê fogo ni viaje. Tori sempre é muito bonzinho, muito mesmo. Se não tivesse tori eu não trabalhava boneca pra comprá pano e ubetá. É sempre assim.

— Mas em São Félix pagam mal o trabalho de vocês.

— É. Mas é melhor do que fazê de troca cuns mascate que vem aqui na aldeia. Os trem deles é melhor, mas você tem que dar três latas de Kadiurina cheia de itxokó¹⁹ por um pedacinho de pano. São Félix é melhor. É sempre assim.

Dóttie observava perplexa a mulher. Suas palavras não traduziam um só minuto de revolta ou raiva.

— Você gosta de tori, Berixá?

— Gosto. Tori não é ibinare.

— Mesmo que ele dê Orrã a Maloíra e ele possa um dia ir pro fundo do Béérokan? Tori não presta, Berixá. Tori é malvado.

Ela parou as mãos no barro e pensou um pouco. Pela primeira vez comentou sem aquele sorriso de bondade.

— Tori é bom. Ajudou muito a carajá. A gente era dono de tudo mas a vida era muito ruim. Quando a gente não tinha cobertor, no frio, passava a noite fazendo foguinho de cada lado da esteira para esquentar. Foi tori quem acabou com isso. Quando me dói barriga, cabeça, você me dá remédio, não dá?

— Está certo. Mas é muito pouco por toda essa maldade que estão fazendo com vocês.

— Eu uma vez pensei como você. Depois pensei mais. Bastante. Padre de cara vermelha falou que tori tem Deus. E que Deus de bran-

15. Passarinho.

16. Avião.

17. Gasolina.

18. Isqueiro.

19. Boneca.

co pode ser também de carajá. Padre foi Taroi²⁰. Índio inã pode ter Deus de branco e não pode nem ir visitar cidade e casa de branco? Tem que ficar preso toda vida aqui? Então eu vi que padre branco falou mentira. Que carajá tem é Kanansiuê. Só Kanansiuê. Deus de tori é muito grande e forte. Ensina a fazer barco, avião, Makauá²¹ e tudo de bonito. Kanansiuê é bom. Gosta de carajá, mas ele é deus pequeno. Por isso carajá faz canoa, remo, arco e flecha; e mulher, boneca, esteira e comida. Tori tem sempre que ser melhor.

— Mesmo tomando as terras como você falou?

— É.

— São uns desgraçados, Berixá. Se o rio parasse tomavam até o rio de vocês.

Aí Berixá riu, pensando pela primeira vez se o rio parasse.

— Nunca o rio vai parar, Dóttie.

Dóttie suspirou desanimada.

— Pois eu sou branca, branca como a praia. E mesmo sendo branca eu odeio os homens porque eles não prestam. Os brancos não prestam. Odeio pelo mal que me fizeram. Odeio ainda mais por desgraçarem a vida de vocês que não merecem.

Berixá sorriu para Dóttie. Tentou passar a sua mão em seus ombros mas retirou o gesto por vê-las tão sujas de barro.

— Não fique assim teburé²² Dóttie. Se você quer, Berixá conta uma história que ouviu do avô, quer?

Era tal a brandura na voz que a judia foi acedendo.

— Assim é melhor.

Parou com o trabalhar na cerâmica e limpou as mãos no pano enrodilhado no corpo.

— Eu sou mulher carajá do outro tempo, Dóttie. Tá tudo diferente agora. Mas inã ficou assim porque não quis escutar o que Kanansiuê pediu. Primeiro, carajá nunca devia ter saído do fundo do Béérokan como saiu. Kanansiuê pediu. Ninguém escutou. E saindo de lá ficou sabendo que um dia ia morrer, sentir dor, doer no parto e em tudo. Foi assim. Por isso o Krukrujé é outro jeito de morrer que

20. Mentirosa.

21. Espingarda.

22. Zangada.

Kanansiê deu de castigo. Aí é que vem a história que escutei do meu avô. Nunca esqueci. Quando tori começou a chegar aqui na nossa grande terra, no nosso grande rio, Kanansiê reuniu todos grandes capitão-de-aldeia e avisou:

— Tori vem. Mas cuidado. Coíra!²³ Coíra muito. Eles vão dar a vocês um uériri bonito e bem trançado. É presente. Vocês vão aceitar mas não abram o cesto. Nunca. Se abrirem, estão perdidos!...

Tori veio. Chamou todo capitão-de-aldeia e entregou o cesto de presente. Aí carajá dançou e cantou muito e a festa foi grande. Tori foi embora e ficou de voltar bem de pouquinho. Foi o que foi fazendo. O cesto ficou guardado num retô grande bastante tempo. Aí um falou: que será que tem dentro? Mas tempo passou sem que ninguém tivesse coragem de abrir. Até que um rapaz segurou o cesto e sacudiu. Viu que tinha coisa se mexendo lá dentro. Todo mundo pegou pra sacudir. Aí outro escutou no cesto e ouviu fala de bicho. Todo mundo ficou com mais vontade de ver lá dentro. Até que o velho Larrori falou: e se a gente fizesse um "rue"²⁴? Só um ruezinho para espiar. E pegaram cum uma ponta de "uerrê"²⁵ e iam começar o furinho. Alguém lembrou. Kanansiê falou pra ninguém bulir. Não é bom furar com a ponta da "brecha". E Larrori colou o olho pra olhar. E não queria sair mais dali. Quando tirou o olho, sua cara estava cheia de alegria e falou. É a coisa mais bonita que eu vi...

Outro carajá grudou o olho e falou contente: Kanansiê está dando pra inã o presente mais bonito.

Uma velha tomou o lugar no furozinho.

— São quatro araras. Cada uma mais bonita do que a outra...

Criança pediu pra ver.

— Eu queria uma arara pra mim.

Veio outro homem.

— Uma é vermelha, toda vermelha, como a tinta do urucum. Outra é tão verde como a folha verde da palmeira babaçu depois que chove. Outra é mais amarela e mais bonita do que a cor do sol. E a

²³. Cuidado!

²⁴. Buraco.

²⁵. Flecha.

última é a mais bonita de todas. É toda branca. E tem pena que parece luz de estrela. Luz de estrela branca.

Agora todo mundo sabia o que tinha dentro, mas ficavam com medo da ordem de Kanansiuê.

Depois de muito sol o medo começou a morar entre os índios carajás. Vinha índio de toda aldeia olhar o furo para ver as araras. Sempre a branca era a mais bonita.

Uma velha falou.

— Kanansiuê não ia dar isso pra gente pra deixar sempre presa lá dentro...

— E se fica lá dentro tudo vai morrer de fome...

— E se não bebe água, vai morrer de sede...

— A gente pode tirar elas do cesto e prender pra que não fuja.

— Isso mesmo. Até ficar mansinha de tudo.

E decidiram abrir o cesto. Nem foi preciso prender nenhuma arara. Elas era tudo bem mansinha. Davam a cabeça pra coçar, comia milho e bebia kalugi na palma da mão. Elas foram crescendo muito, muito. Ficara quase do tamanho de cachorro grande. Cada uma com sua pena mais bonita com a luz do dia. Voava todo tempo perto do rio, mas sem fugir. Era aquela beleza que nunca ninguém viu. A arara branca era a mais querida. Começaram a emprestar uma arara de cada vez para as outras aldeias. E foi aquela alegria. Todo mundo queria agradar, abraçar as araras. E a mais abraçada era a arara branca. E os homens é que gostava mais da danada...

Depois elas voltaro das viage e ficaram fazendo poso num grande pé de pequi. Veio chuva e passou. Veio sol e veio praia de novo. Um dia quem chegou numa nuve azul foi Kanansiuê.

Aí todo mundo tremeu e ele nem perguntou nada. Já sabia de tudo.

Sentou-se numa esteira, olhou pra todos e balançou a cabeça.

— Vocês estão itiantés²⁶! Vocês agora vão morrer ainda mais berabique²⁷.

E foi falando já sem raiva.

26. Loucos!

27. Depressa.

— As araras presas dava pra vocês viverem mais. Que loucos! A arara branca presente dos toris é a cachaça que vai matar vocês no rio. Que vai fazer vocês brigarem e se matar. A arara verde, presente dos brancos é a tuberculose que vai comer com a tosse, o corpo, a garganta, a carne de vocês. A arara vermelha, presente de tori, é o sangue que eles trazem grudado nas mãos, no coração, seguindo onde ele pisar. É sangue de índio que mataram, sangue de branco que mataram, sangue de bicho que estão acabando no mato. Sangue de peixe que estão acabando no rio. A arara amarela é o desespero que vai ficar sempre com vocês. Por não poder fazer nada, nada e saber que os toris vão chegar sempre, sempre. E vocês vão morrer sempre e sempre sentindo todo o tempo a arara amarela bater as asas em cima de qualquer inã.

Parou de falar e olhou os índios carajás com pena e muito triste.

— Então, inã vai matar logo as araras...

— Agora é tarde. Elas já desapareceram, vocês não podem fazer mais nada. Quando vocês descobrissem o que eram as araras... elas voariam pra bem longe, procurando outra gente para matar...

Levantou-se. Espreguiçou-se. Abriu os braços e Kansnsiuê voou catirará²⁸ até se perder no azul do biú-é-têki²⁹.

Dóttie fitava impressionada o rosto da índia. Suas mãos voltaram à calma do seu trabalho. Como podia numa linguagem tão pobre contar uma história tão expressiva assim.

E Berixá perguntou, sem ao menos levantar os olhos da sua tarefa:

— Gostou, Dóttie?

— Sim. Pena que as araras não tivessem morrido antes de sair do cesto.

— É sempre assim. Você não sabia que eu contava história?

— Nunca soube.

— Cada aldeia sempre tem uma pessoa mais velha. Ou homem ou uma mulher que aprende pra contar. Aqui em Raumaló-Mandô-Dessé, sou eu. Eu estou ficando velha.

²⁸. Longe.

²⁹. Céu.

— Você não é velha ainda, Berixá.

Ela riu gostoso.

— A gente trabalhando ni boneca se esquece de fumar. Nem dá tempo de acender o aricocó.

Então, Berixá parou um pouco e fitou demoradamente o rosto de Dóttie como quem esperava toda a franqueza na pergunta que iria fazer.

— Você acha que eu sou mentirosa, Dóttie?

— Não. Por quê?

— Porque eu fui taroí³⁰ agora.

— De que maneira?

— Contando essa história de arara. Berixá ficou ouvindo muita gente velha contar coisa e aprendeu. Berixá também aprendeu a fazer história. Pensar em história. Nunca que Kanansiuê falou nada disso. Nem que deu cesto de arara. Tudo mentira. Você não zanga?

— Quer dizer que Kanansiuê não trouxe cesto de arara vermelha, verde, branca e amarela?

— Não. É mentira.

— Ele pode não ter trazido cesto algum. Mas eu nunca vi ouvi uma história tão bonita e tão verdadeira.

— É porque você é boazinha, Dóttie.

Mostrou uma boneca modelada na mão.

— Esse itxokó é o mais bonito de tudo. Eu vou acabar pra você. Amanhã quando o sol chegar de novo bem quente eu vou sacar ela.

Dóttie sorriu.

— Você quer dizer que quando o sol voltar como uma grande arara amarela. Não é assim?

Berixá sacudiu a cabeça afirmativamente.

— É. Sempre foi assim.

30 Mentirosa.

Quarto Capítulo

ARARA VERMELHA

Uá Konän

Uá Konän

Uriterê Ixiquierrê anrrá-idê

Uá Konän

Konän ararine.

Kaú bidi Tabô uitirrê

Inã-rréa-manrré

Quiá remantarré

Iamarã Ruberi ridiroirê

Rrân

Rerrân...

Dóttie balançava-se na rede e foi despertada das suas preocupações pelo canto do Aruanã. A noite devia caminhar alta pelas estrelas da madrugada e um friozinho agudo soprava pelos buracos do barracão. Aquela canção ela conhecia. Era bonita. Andeciuala às escondidas copiara para ela. Não traduzira todo o seu significado porque isso era proibido. E apesar da decadência dos índios, certas coisas sagradas eles ainda temiam, respeitavam. Estavam dançando uma cantiga das máscaras de Ueru. Uá Konän, sabia bem o que queria dizer. Minha puta. Depois, ligando com outras palavras e o arerine do estríbilo, descobrira que o autor da cantiga compusera em louvor da sua puta que viera, que retornara. Sorriu.

Continuou balançando a rede, enfiando o pé contra a parede. Gostava de ouvir o Aruanã. Todos eram diferentes em passos e música e havia gente que não notava nada. Recordou-se de duas profes-

soras que estiveram em Santa Isabel, numa temporada, fazendo escola, tentando ensinar índio a ler. Eles quase enlouqueciam de noite, com as cantigas que não paravam nunca. Tudo igual. Tudo igual. Aquelas vozes agudas, lá nas alturas... Foi até bom. O Aruanã tocou-as para longe antes do tempo. Não podia conciliar o sono. As araras de Berixá estavam voando baixo em sua angústia. Nunca vira um quadro tão bem pintado da desgraça e da ambição humana. Aquela lembrança chegava a secar-lhe a garganta, mas não se decidia a buscar uma caneca d'água no pote. Tornava a ouvir a cantiga da prostituta repetida centenas de vezes e a imaginar os passos e o barulho da palha das máscaras quando elas executavam um rodopio mais rápido. Entretanto, o que mais a atormentava era não ter sido procurada até o anotecer por Kuryala e Akurriro. Talvez Hanna os deixasse dormir num canto qualquer da sua casa. Havia espaço lá. Pelo menos estariam mais abrigados do frio do que no próprio rancho. Zombou da sua estupidez pensando no milagre de Hanna. Consolava-se em seu coração certificando-se de que se emocionara sinceramente naquele pedido e naquela promessa. Depois das araras de Berixá, voltava a descrever em tudo. Os brancos só traziam o mal em todos os seus atos e em todas as suas raízes...

Tentou balançar a rede batendo com o pé como se conseguisse acompanhar o ritmo da dança do Ueru. Tentou várias vezes mas descobriu ser impossível. Não se iludia que estava procurando um meio de trazer o sono aos seus olhos tão cansados.

Talvez eles se distraíssem em São Félix, visitando casa de conhecidos, na esperança de ganhar uma roupa velha ou até comida e com isso não perceberam o entardecer. E naquelas tardes, sempre aparecia um banzeiro perigoso para qualquer canoa sadia quanto mais para uma canoa manejada por um cego.

— Sabe, Dóttie, antigamente não era tudo tão feio assim...

Lá vinha Kuryala com aquelas conversas, muitas vezes difíceis de ser compreendidas, contudo saborosas.

— O Bêérokan era lindo, tinha jaburu que fazia nuvem. Gaivota que enchia praia. Jacaré que você nem podia distrair que virava a canoa. Tartaruga botava tanto ovo, tracajá também. Mas era um tamanho tão grande de ovo que carajá enjoava de comer. Aí elas fica-

va em paz. Ir pra roça, só de muita gente junta, aloé, a onça pintada podia aparecer com susto. Ali onde Birreauti senta. Onde fizeram campo de Birreauti descer e voar, tinha tanto ixan¹ que a gente matava eles correndo de borduna na mão. Era munito. Bicho ficava bravo vinha prá cima, a gente pulava de lado e dava de corroté nele. Ibotuque arirubuna ixã aon-êre². Era bonito. Hoje num tem nada. Quaji mais nada. Marisco de branco. Turismo de branco acabou com tudo.

Dóttie abandonava-se aos pensamentos porque o sono não vinha mesmo.

— Eu sei, meu velho Capitão Kuryala. Eu mesmo já vejo a diferença do que as coisas eram quando cheguei e do que as coisas são ultimamente. Também vejo que o branco, o civilizado cresce como a erva daninha. Que a arara amarela de vocês nada pode fazer contra essa invasão.

— Sabe, Dóttie, aí foi engraçado mesmo. Veio um Pay gordo, vermelho e de barba muito branca. Civilizado chamava ele de Padre Hipólito. Foi no tempo que São Félix ainda nem tinha 50 marrandô... Inda nem num era esse mundão de gente que tem lá hoje. Aí esse Pay casou gente lá. Aí ele veio pro lado de cá e viu a gente tudo de sem roupa e achou que Deus não queria aquilo. Falou premeiro com Uataú que entendia língua de tori. Que índio que quisesse casar, dava um ubetá, um calço, dois camiso, um manelo de cozinar, de ferro e dois caixotinho de bosca. Aí Maluá que era capitão da tribo, chamou nós e perguntou quem quiria. A gente tava quase cum brebu³ de aceitar, pensando que podia dar feitiço. Que tori também podia fazê coaru⁴. Você sabe, Dóttie coumo é carajá quando vê trem que num sabe o que é. Quem disse pra fazê foi Canário.

— Canário?

— Canário já estava aqui desde esse tempo?

— Tava sim. Ele era menino que nem Andeciuala quando veio de premera vez. Aí ele foi pro posto do Tapirapé, mas num gostou, veimbora logo.

1. Porco-do-mato.

2. Todo mundo matava muito porco.

3. Medo.

4. Feitiço.

— Ele era bonito naquele tempo?

— Munito, munito! Nem num tinha sucu-siri⁵.

Aí Kury riu.

— Assim num é bom, Dóttie. Você tem que esquecê Canário. Ele já foi faz já tempo. Já deve sê marrando de Tahiná-Kan e num dói mais.

— Está bem. Que fez Canário?

Controlou-se, mas não deixou de sentir aquele puxão na alma e os olhos úmidos.

— Aí, Canário falou de amigo. Todo mundo deve casá. Ganha presente e casamento não vale, só pra branco. Pra inã casamento só vale quando é inã quem faz. Então vocês casam tudo. Aí o Pay gordo de barba branca juntou nois de dois a dois, casava e dava presente. Num era ubetá muito das boa, mas servia pro frio. Calço ficava grande demais, a gente tinha que encolher as pernas dela. Mas foi bom. De noite Canário se deitou no biré⁶ da gente lá na casa de Aruaná e riu muito da história.

Todo mundo se riu.

— Mas num foi só isso. Canário deu um pulo que nem gente que aranha coturutu mordeu. A gente pensou que ele tinha ficado itianté.

— Vocês sabem de uma coisa? Quem é que qué ganhar tudo de novo?

— E cumo a gente ganha?

— Casando outra vez.

— Pay vê a gente e num fais isso.

— Faz sim. Eu ensino.

— Mas ele botô nome no papele. Como chama? Kuryala e Akurriro. Ele vai vê papele, num casa nem dá presente.

— Pois casa. É só fazer cumo ensino. Assim. Quer ver? Bem. Padre Hipólito é um velho muito sacana! Ele está comprando vocês pra Deus e isso é errado. Amanhã de noite ele vai viajar pra Bitonire⁷. Lá ele fica uns dois dias como fez aqui. Então hoje depois que

5. Barba.

6. Esteira.

7. Aldeia de Fontoura.

Lorobto⁸ tivé se deitando, falta 3 horas pra madrugada. Todo mundo sai de canoa levando mulher. Viaja duro e nem pára em Biton-Ire. Vai até Crerrā-auá⁹. Lá todo mundo pinta cara de bidiná¹⁰ e de urucum. Pega cabelo e prende atrás. Outros fazem desenho no rosto com bastante risco, sempre mudando o cabelo. Como se todo mundo tivesse preparando uma festa grande como a de Kotu-rekā.¹¹

— E quando fala cumo chama?

— Já disse: casamento de tori não tem feitiço, é besteira pra inā. Já disse que esse Pay é sacana grande. Cada um pega um nome que num vale. Tudo que é home fica se chamando com nome de bururá¹². Você vira boró¹³. Você, benorá.¹⁴ Você, djutá¹⁵... assim.

— E mulher?

— Inventa nome que quiser. Tuburú¹⁶, lonrari¹⁷, reti¹⁸, ariku-kre¹⁹, xuquexucré²⁰ e pronto. Ái carajá gostou da idéia da safadeza de Canário. Riu tanto que se sentou nas esteiras. Fomo lá, Dóttie, e deu tudo certinho. Pay nem num viu nada. A gente ganhou presente tudo de novo.

— E você e Akurriro como deram o nome?

Kuryala ficou meio indeciso para responder.

— Não vai dizer que falou uma bobagem daquelas pro padre...

— A gente fez sim. Depois Canário riu muito. Pay perguntou cumo chama? Akurriro falou: Noiriçá.

Dóttie interrompeu.

— Que bonitinho. Noiriçá-flor. E você?

— Quando veio com cumo chama eu falei: Arikukre.

8. Cruzeiro do Sul.

9. Aldeia de Mato Verde.

10. Jenipapo.

11. Tartaruga grande.

12. Peixe.

13. Arraia-de-fogo.

14. Tucunaré.

15. Piranha.

16. Piolho.

17. Carrapato.

18. Bunda.

19. Cagar.

20. Copular.

— Isso sim. Muito bonito. Uma flor se casar com um cocô! E você Kuryala, o maior capitão caraíá de todos os tempos!

Notou que o cego encabulara um pouco e encheu-se de estranha meiguice.

— Não tem importância. O padre mereceu. E Canário fez muito bem ensinando vocês todos. Acho que se eu tivesse uma hora assim, também faria o mesmo.

Canário... Canário... Empurrou o balanço da rede porque o dia ainda ia demorar muito e o danado do sono não vinha. Muitas vezes pensara na história do casamento de Kuryala. Daquela vez fora enganando o padre. Tinha um sabor picaresco. Mas o outro padre...

— Se chegue, Dóttie. Venha espiar!

Xireréia estava aflita na porta da farmácia.

— Vem espiar, Dóttie. Vem ver o que está chegando.

Correu para a porta do barracão e do terraço divisou a causa da aflição da moça.

Subindo pela ladeira do porto do Serviço vinha um padre magro, mirrado, feio de doer, de óculos, um cabelo suado grudado na cabeça todo avermelhado. Como avermelhada era sua barba eriçada, mal tratada e antipática. Todavia não era aquilo que causava a afobação da índia. A seu lado, vestidos de calça e camisa cáqui, de botinas pretas, com os cabelos bem penteados de franjas bem cortadas na fronte e tocando até o ombro, caminhavam dois xavantes. Cada um portava uma mala com tamanha elegância e indiferença como se nada levasse em suas mãos.

— Krixá, Dóttie.

— É Xavante, sim, Xireréia. E como estão civilizados.

Dóttie ajeitou os óculos para observar os vultos já de costa se encaminhando para a casa grande do Serviço.

— Quem diria? Aqueles índios que eram o terror da selva "estavam" assim.

— Será que vão ficar, Dóttie?

Pelo jeito e pelas malas, acho que sim. Quem não gostar é o chefe que não vai com a cara de padre.

Da aldeia bando de caraíás, atraídos pela novidade e com aque-

la mania de querer fazer logo amizade, já começavam a se postar nas janelas.

— Tá bom, Xireréia, tenho muito que fazer. Tou fervendo seringa para ir na aldeia dar injeção nas seis mulheres tuberculosas.

— Só que não são só seis.

Dóttie que principiava a entrar, voltou-se interessada.

— Que é que você falou, Xireréia?

— Sete. Beluá nessas duas noites está tossindo que não deixa ninguém dormir nos ranchos perto.

Dóttie comentou desanimada.

— Deve ter pegado.

— Deve.

— Xireréia, por que não ensina as mulheres a fazer como você, a não beber água na caneca nem no pote de casa que tem doente com tosse?

— Eu já falei que falei que foi muito. Mas, Dóttie, carajá é assim mesmo. Prefere creditá que foi feitiço do que que pegou doença no copo.

— Mas você não bebe?

— Eu não bebo. As outras bebe. Depois que morrer muita gente e que for de viaje para o uabdé²¹ aí elas começa a creditá. É assim mesmo.

— Vou levar comprimido e injeção prá Beluá também...

Durante dois dias os xavantes fizeram aquele sucesso. Mas o carajá tão dócil, tão amigo começou a se magoar com aquelas presenças. O padre, que por sinal era Frei Joaquim, lá das missões do rio das Mortes, não deixava que eles falassem nem respondessem a qualquer pergunta. Bastava a aproximação de um índio e eles viravam as costas e penetravam na sala ou se escondiam no quarto. Nem para banho se dirigiam às águas mornas do Araguaia, usavam toalhas e sabonetes, dados pelo padre e a intimidade do chuveiro do Chefe.

Em compensação, D. Joaninha brilhava estrelas nas chispas dos olhos e espremia ternura nos bagaços magros dos dedos quando falaava em Frei Joaquim.

21. Cemitério.

— É um santo, D. Dóttie. Infeliz de carajá que num tem um santinho daquele pra tomar conta. A senhora descubra a diferença. Carajá tudo mulamboso e sujo. E eles dois? lindos. Limpinhos que nem Príncipe de história de Trancoso. Frei Joaquim faz missa todo dia seis da manhã lá na gruta de Nossa Senhora de Lourdes, onde era o cemitério velho dos carajás. Aquela gruta mais linda que o antigo Chefe do Serviço, seu Dorival, mandou erguer e que esse Chefe nem num liga, tá deixando tudo no abandono, capim em volta, pedaço de pedra quase caido na cabecinha e na coroa de luz da virgem. Que pecado!

Vendo que Dóttie ouvia a sua conversa sem se desligar do seu serviço na enfermaria ela prosseguia.

— A senhora já falou mais ele, D. Dóttie?

— Nem tenho intenção disso.

— Pois que é uma pena. Precisa vê os olhos dele quando reza a missa. Tem tanto brilho que parece que ele está enxergando e conversando direto com Deus. Parece que na missa os dois ficam conversando, conversando...

Dóttie que se distraíra um pouco, voltou à realidade com o fim da frase.

— Quem, D. Joaninha? Quem são os dois que ficam conversando durante a missa? Os xavantes?

— Mas eu nem falei de xavante.

— Então, quem eram os dois que conversavam na missa?

— Xi! Dóttie, a gente está conversando de surdo. Falei de Frei Joaquim e do meu Santo Deus.

— Ah!

— Os dois xavantes ficam vestidos de coroinha e respondem à missa, direitinho, direitinho. Uma coisa linda, parece que a gente tá vendo duas estampa de São Luís Gonzaga. Eu sei que a senhora não acredita, mas aí está. Xavante que era a raça mais matadeira e maluda desses gerais ficou mudada desse jeito. Agora diga quem pode fazer isso. Só um santo?

— Que santo? São Luís Gonzaga?

— Não, D. Dóttie. A senhora confunde tudo. São Luís Gonzaga ficou já lá trás na conversa.

— Tá certo. A senhora desculpe. Mas estou de costas e esse curativo que estou fazendo nesse danadinho desse carajá tem que ser feito com muita atenção para não doer.

— Não há de ser nada. Mas que ele é um santo. Lá isso é. Quando eu mais João morava lá na Piabanha, quatrocentas e oitentas léguas daqui do Araguaia. Lá no fundão do das Mortes, eu visitava a missão deles em Santa Teresinha. Foi lá que eu vi Frei Joaquim fazer coisas de arrepiar os cabelos. Só vendo para acreditar. Bicheira de boi ele ponhava as mãos e bicho saltava de uma vez. Gente que tinha osso com rumatismo, trúquete, alisava os dedos na dor e curava o osso. Dor de olhos, qualquer raio de dor. Até uma velha, a velha Sidônia, que dizem que a dor que tinha verrumando na barriga, era crise de alprêndice, ficou sã desde que Frei Joaquim rezou...

Aí, quem deu um pulo foi Dona Beróca-Pega-Febre.

— É de vera o que tu tá falando, mulher?

D. Joaninha fez uma cruz na boca e outra no peito.

— Quero morrer da gota serena se essa boca tá mentindo.

D. Beróca-Pega-Febre suspirou:

— Num vou deixar que ele viaje sem que fale com ele. Quem sabe se ele rezando meu baço, eu fico livre de pegá febre todo ano...

— Vai, mulher, vai sim. Ninguém tem nada a perder tentando uma coisa. Mas que Frei Joaquim é um santo. É. Feinho, chochinho, magrelo, mas com olhos e mão de santo milagreiro.

Dóttie acabara o curativo, deu um tapa nos ombros do indiozinho e falou carinhosamente:

— Uedérri, você não pode molhar o pé no rio, hoje e amanhã. Até ficar bom.

Falava aquilo, certa de que o menino no dia seguinte voltaria choroso, com o pé molhado e o talho cheio de lama da praia. Deu de ombros. E daí?

Virou-se para D. Beróca sentada no banco. Era uma branca. Uma branca dali. Amarela. Sempre amarela de febre. Rosto inchado, pernas inchadas, olhos tristes. Tão miserável e pobre como qualquer índio.

— O que é que a senhora deseja?

— A criançada lá em casa tá cuma obradeira das grandes. Tá

dum jeito que meus dedos já doe de tanto lavá roupa de corpo, de cama e rede velha. O jeito que tem é deixar tudo de camisinha só com os objeto pra fora.

— Vamos ver. Vamos ver.

Remexeu no armário e descobriu um vidro de remédio. Pegou também um monte de comprimidos e entregou à mulher.

— Dê uma colher a cada um depois de cada refeição.

D. Beroca ficou perplexa, meio apalermada olhando para Dóttie, o que aumentava mais a sua ruína física.

— Não entendeu?

Falou devagar e com paciência.

— Dê uma colher para cada criança logo após as refeições. Depois do café da manhã, do almoço e da janta. Está bem?

D. Beroca abaixou os olhos e quando os levantou, pareciam mais sapirodados porque se encontravam turvos d'água.

— Vai ser difícil, Dona. A gente só pode tê um almocinho muito ruim...

Dóttie engoliu em seco. Tinha razão Canário quando falava com aquela destampação toda. — Éta vidinha filha da puta!

— Está bem. Espere eu acabar. Vou lhe conseguir um pouco de arroz da minha cota e cada manhã traga uma vasilha que eu lhe dou um pouco do leite da fazenda. Quando vier muito, dou mais. Quando vier menos, dou menor quantidade.

— Obrigado, D. Dóttie. Deus lhe pague. E nas piúlas como faço?

— De manhã, na hora do almoço e depois da janta.

Aí, D. Beróca-Pega-Febre abriu um sorriso no rosto feioso.

— Agora eu acho que vai dar.

Saiu e foi andando até debaixo do mangueirão. Sentou-se nas raízes para esperar o término do trabalho de Dóttie.

Chegou a vez de D. Joaninha.

Depois voltou-se para atender D. Joaninha. Era outra branca. Tão miserável quanto a primeira. Mas feliz. Observou um pouco seu rosto sempre contente. Estranho e nojento o mundo. Havia os que acreditavam, se enganavam acreditando em tudo. E havia os outros — eu sou assim — que se enganavam não acreditando em nada.

— Pois é, D. Joaninha. Quer dizer que o homem é um santo!

— Que é, é.

— Bem, eu gostaria de ter um santo assim para curar os meus doentes. Com essa falta de remédio seria uma sorte. Mas vamos ao seu caso. De que está necessitando, D. Joaninha?

Pela primeira vez, a mulher emperrou para falar e naquele átimo de segundo, Dóttie viu todo o tamanho de sua miséria. Viu o seu rancho lá no fundo da Fundação Brasil Central, cheio de crianças remelentas, sem roupas e também precisando de tudo. Aquelas crianças que testemunhavam que João, o seu marido, existira fazia pouco tempo. Que partira, uns diziam para o garimpo do norte. Outros falavam que cansara da vida de pobreza e um pobre só vive melhor do que muitos pobres juntos...

Esperou com calma até que ela recomeçasse a falar.

— Sabe o que é, D. Dóttie. Até que é uma coisa sem muita importância. É uma pequena coisinha que quando trabalho debruçada na minha máquina de mão, costurando para fora, me incomoda um titico.

Parou e não desembuchava. Dóttie se impacientou um pouco.

— Mas que coisa é essa afinal?

— De muita importância não é. Isto é, talvez pra senhora não seja, mas pra mim faz muita falta. Eu vim pedir pra senhora se queria me fazer umas pinzeladas na garganta. Pinzeladas de iodo. Pode?

— Mas está com dor de garganta? Pra isso tenho remédio mais eficaz.

— Não, não é dor nenhuma. Só uma incomodaçãozinha bem embaixo na güela. Dois dedos debaixo do gogó. Isso me prejudica muito porque esses dias quase eu não tenho podido falar.

Dóttie sorriu. É, meu querido Canário, vidinha filha da puta sim. E onde está você meu Kuryala, capitão e carajá? Onde terá adormecido seus olhos sem dias, seu corpo só noite?

O padre. Padre, não. Frei Joaquim. Balança rede. Balança mais, com mais força ainda. O sono não vem é porque o corpo não pede. Reclamar? Por quê? Olhe pra trás. Olhar pra trás? Pra quê? Balance rede, gostosa. Cante essa cantiga enjoadinha aí nos punhos. Cantiga feia, monótona, pobre, sem o ritmo gostoso da dança do Ueru, onde

o homem está contente porque a sua puta voltou. Cantarolou: "Uá Konân Roireri"...

O Padre não, frade. Frei Joaquim. A boca de D. Joanhina esticou-se com mais de três quilômetros e envolveu a aldeia, contornou a FAB e só voltou depois que engoliu toda a população da Fundação Brasil Central.

— É um santo.

— Não diga, mulher.

— Juro. Tem mão que cura tudo.

— Cura?

— Cura.

— Cura espinhadela caída?

— Cura.

— Cura dor de olhos?

— Cura.

— Cura bussú de índio?

— Se bussu de índio é o mesmo que caganeira de branco, cura.

— Cura gonorréia de índio que mulher dele pegou com soldado da FAB?

— Respeito, sim? Essas coisas feias a gente não fala a um santo.

— Então ele cura? Cura? Cura?...

— Cura. Cura. Cura... Cura tudo. Vai lá minha gente.

E quem tinha dor foi. E o terraço do casarão do Chefe do Serviço de Proteção aos Índios metamorfoseou-se num pátio dos milagres. Foi branco, foi mulato, foi preto, foi índio e foi Kuryala.

E no começo o Frei Joaquim da Santidade se apiedou da sua velhice e da sua cegueira. Rezou e abençoou os seus olhos com seus dedos de luz de estrelas e falou coisas tão bonitas que Kuryala nem ligou muito para aquele cheiro de suor misturado com cheiro de carpato e formiga que saía do seu corpo.

E Dóttie a tudo assistia com o coração se avolumando de expectativa.

No terceiro, Kuryala ao vir tomar o leite da manhã, trazia o rosto inundado de felicidade.

— Sabe, Dóttie, Zuaquim é bonzinho mesmo. Só diz coisa pra

mim que é boa. Que eu vou ver. E só não vê quem não tem vontade de enxergá.

— Que mais ele lhe falou?

Fez aquela pergunta sentindo um ardor molhar-lhe a saliva.

— Contou coisa de Deus. Que Deus de tori é o mesmo de ibo-ruque²². Que dearã²³ também vou ver ele. Só querer. Contou de tudo que de monito Deus fica fazendo. Que lá no biú-é-teki²⁴ ele mora com tudo mundo. Lubuk²⁵, tori e inã. Que lá num tem musca de Aruanã, não. Mas é múscia mais munitinha. Que muito home vira passarinho e voa cum asa, só pra ajudá, ajudá sempre...

— Falou de homem que vira passarinho?

— É. Vira passarinho mais não deixa de andar também que nem home. Você sabe o que é isso, Dóttie?

— Acho que sei. Ele não falou o nome?

— Falou, sim. Mas isquici. Quando quero lembrar sai uma coisa que nem beju.

Dóttie sorriu.

— Não é anjo?

— Isso, Dóttie. Anjo. Anjo. Anjo.

Ficou repetindo para não se esquecer mais.

— Você é danada de sabida, Dóttie. Sabe de tudo.

Olhou para Kuryala e seu rosto tinha adquirido uma expressão alegre de uma velha criança.

Até perdeu a vontade de xingar o frade. Afinal ele estava proporcionando um contentamento ao coração do velho. Pena que depois tudo aquilo ia ser muito pior.

— Pegue. Tome o seu leite.

As mãos de Kury estranharam a vasilha.

— É o meu copo. Você está feliz e só por isso vai beber no meu copo.

Sorveu os tragos devagarzinho aproveitando o gosto do leite friinho e puro. Parou na metade.

²². De todos.

²³. Eu.

²⁴. Céu.

²⁵. Preto.

— Ele perguntou uma coisa e eu disse que falava cum você. Áí ele falou muito pra num esquecer. Perguntou se Akurriro e eu foi batizado. Depois contou o que era e falou que sem isto nunca um dia eu ia enxergar Deus. Que era melhó.

— Você não deve fazer. Senão você vai pra esse céu do frade, mas nunca vai encontrar mais o caminho de Tahiná-Kan. Portanto nunca mais vai encontrar tanto carajá amigo que viajou pra Ela.

Kuryala ficou pensativo.

— Assim ele num cura meu branco no olho.

Dóttie foi rápida na jogada.

— Então está certo. Você fala assim. Diz que Dóttie falou que você fica batizado se ele curar os seus olhos. Áí sim. Eu acho que vale a pena.

Kuryala sorriu de novo.

— Dóttie eu drumo e sonho que tou ficando melhó, sabe? Você faz uma coisa pra mim, fais, Dóttie, me leve lá na janela.

Dóttie carregou-o pela mão. Com o rosto, Kuryala procurava a arara amarela do sol.

— Cáá, tá bom. Tem sol forte. Pegue na sua mão e abra meus olho, Dóttie.

Dóttie tremia a sua comoção por dentro.

— Agora olho bem e fale se eu tou ficando melhó.

A voz de Dóttie paralisara-se na garganta.

— Mariú-béque²⁶, Dóttie.

— Estou espiando bem.

Mas o que ela via era o branco tão branco como o resto do copo de leite que ele trazia na mão e que em sua cegueira não descobriria um lugar para depositar.

— Está?

— Não dá pra notar muito. Assim como demorou a crescer. Vai demorar a diminuir. É muito pouco tempo para Dóttie saber. Vamos sair do sol.

Trouxe o índio e sentou-o no tosco banco de madeira de seus pacientes.

— Olhe, Kuryala. Eu também não enxergo bem. Uso óculos.

²⁶. Fale.

Com esse sol forte do Araguaia, minha vista fica cada vez mais fraca. Quando a gente tá na cidade grande de tori, precisa de dois em dois anos fazer óculos novos. Os meus estão velhos e fracos. Porque desde que cheguei aqui, nunca mais pude trocar eles.

Como o desaponto permanecesse no rosto do índio, aumentou a sua desculpa.

— E mesmo Dóttie está ficando muito velha. Já não é como menino que tem vista boa até para catar carrapato-micuim no corpo da gente. Vamos. Beba o seu leite. Você se esqueceu.

Ele bebeu.

— O leite está bom esse ano. Chuva foi boa, capim bastante e vaca muito gorda.

Kuryala concordou.

— Capim bastante e vaca tá gorda.

— Cadê Akurriro?

— Foi apanhá pau no mato. Lenha pro fogo. Despois ela vem. Ái, tá na hora da gente ir rezar cum o Zuaquim. Sabe, Dóttie, ele tem a mão fininha, fininha, parece mão de jadomã²⁷ quando reza nos meus olho...

Os galos cantaram para o lado da aldeia. Índio pescador já saía cantando em sua ubá, dando volta na prainha. Madrugada estava na hora. E o sono não vinha. Também, daqui a pouco nem valia mais a pena.

Frei Joaquim irrompeu pela enfermaria todo arrepiado como um galo que penetrasse numa rinha.

— É a senhora, D. Dóttie?

Ela se encontrava na mesa de curativos, soltou tudo e falou para a índia.

— Espere que eu já volto.

Controlou-se para não rebentar.

— O senhor está invadindo o meu consultório. É um pobre quarto mas é tudo que temos para tratar dos doentes.

Ele recuou até o terraço e Dóttie o seguiu com calma.

— Me desculpe.

²⁷. Moça.

O frade sentou-se na mureta do terraço.

A enfermeira cruzou os braços escondendo as mãos.

— O que o senhor deseja?

A voz surgia miúda e angustiada.

— Por favor, é sobre o índio cego.

— Pois não.

— Eu não sei o que fazer. Estou ficando louco e sem paciência.

Não sei quem meteu em sua cabeça que eu o faria enxergar. Agora é dia e noite ele em minha perseguição. Reze meus olhos... Reze meus olhos...

— Será que alguém daqui meteu essa idéia em sua cabeça?

— Não sei quem seja, se daqui ou da Cochinchina. O que não posso é ficar todo o tempo com aquele índio sujo e esmudado todos os momentos no meu caminho. Toda hora, todo minuto, todo o dia...

Dóttie engoliu uma nova explosão. Não adiantaria. Aquele só seria atingido se falasse com calma. Era um branco e para tanto exigia a sua calma de ex-civilizada.

— Posso lhe fazer uma pergunta?

Frei Joaquim levantou os olhos.

— Que foi que veio fazer aqui?

— Ora. Esperar o avião mensal do Correio Aéreo Nacional. Cheguei uns dias antes para garantir o lugar. Não pensei que fosse atrasar tanto... Por quê?

— Porque o senhor se enganou na escolha. Talvez fosse melhor esperar o avião em um lugar melhor. Aqui como o senhor mesmo diz e eu confirmo, só temos índios sujos, pobres, bêbados, sem roupa, desdentados. Tuberculosos e cheios de blenorragia adquiridos com os brancos.

O frade estava meio lívido. Procurou se desculpar.

— Não estava querendo ofender.

— Nunca ninguém está querendo ofender, é claro. Mas é bom que veja a diferença da vida. Esses são os índios que temos que ajudar. Não estamos aqui para brincar de bonecas. Entende o que digo?

Ele espremeu as mãos.

— Eu sei. Está falando dos meus xavantes...

— Sim e não. Acho bonito o que o senhor "pode" fazer por eles. É lindo não permitir e ajudá-los a que não se transformem em molambos. Eu mesmo admiro a independência e a coragem desses índios no que toca a defesa de seus direitos e a noção da propriedade de suas terras que eles começam a ter ... Isso é lindo. Só não admito é que eles pensem que são superiores aos carajás. Isso não veio deles, tenho certeza. Doença e pobreza a gente não pega só olhando. O senhor entende, não?

— Talvez a senhora tenha razão. Mas acontece que eles são muito retraídos e desconfiados.

— Um pouco mais do que isso. Eles são terrivelmente bestas...

O padre fitou o rosto feio, duro, decidido e calmo da mulher sem saber que atitude tomar.

Mas Dóttie antecipou os fatos.

— Vamos falar do cego. Aquele cego sujo e esmulambado outrora foi o maior e mais querido capitão dos carajás. A civilização o fez assim. O senhor quer que o tire de lá, não?

— Por favor.

— Eu não posso. Seria roubar a sua esperança. Ele iria julgar que eu não permiti a sua cura. Que proibi a sua cura. O senhor é quem vai lhe dizer a verdade. É sua obrigação desde que engrossou as suas esperanças.

— Eu?

— Sim. Ele me contou que o senhor prometeu que ele veria a Deus. Que encontraria a Deus num céu muito bonito cheio de anjos que voavam como passarinhos... não foi?

— Bem. Eu estava falando no sentido figurado. Estava falando que ele podia enxergar no íntimo, na pureza da alma.

— Tudo isso ele já fazia antes. Não era preciso o senhor vir até aqui para ensinar-lhe. Vir de tão longe, pra nada ...

— Mas que diabo! Eu não vim ensinar nada a ninguém. Sou apenas um pacato homem que veste um hábito de frade que veio só esperar um avião que desgraçadamente nunca parece chegar.

Engoliu contrariado como se arrependesse do jorro daquelas palavras precipitadas.

— Não espalhei para ninguém que era santo nem que fazia mi-

lagre. Quando muito pedi que rezassem ao bom Deus ou a Nossa Senhora do Rosário para ajudar em qualquer aperto ou precisão. Isso e o auxílio de algum remédio que servisse pra alguma dor. Só isso...

Calou-se.

Dóttie caminhou até a ponta do terraço e voltou. Parou a dois metros do religioso e o mirou naquela derrocada humana sentindo até um pouco de piedade. E foi essa piedade que a fez sorrir. Mas controlou-se, preferindo rir na alma. Em um segundo voltou longe, lá na dobra bem amassada do passado. Uma coisa simples. Engraçada e também muito triste.

"Dois anos depois de escapar dos campos de concentração, chegara um farrapo humano ao Rio. Vinha em companhia de uma judia alemã chamada Louise, também toda rebentada pelos tormentos que muitos judeus agüentaram e subsistiram. Louise estava pior. O seu coração pifava. Ficou com ela em casa dos seus parentes. Suas noites eram cheias de pesadelos e de acordar sobressaltado. Depois vinha aquele cansaço no coração que a tornava imprestável para o resto do dia.

Os seus parentes trouxeram um especialista de coração. Diziam que se tratava de uma sumidade. E Dóttie no quarto ao seu lado. Nunca se separavam. Tinham jurado. Um monte de farrapos, junto, resiste mais ao vento do que um molambo solitário...

O médico veio, examinou, examinou sem nada comentar. Era um homenzinho pequeno, sumidiço nas roupas que pareciam sempre maiores, de pescocinho fino e mãos ossudas. Os aros dos óculos pareciam imensos colocados no nariz fino e aguçado. Sentou-se numa mesa, apanhou o receituário e escreveu uma letra tão bonita e bem feita que nem parecia de médico.

Quando saiu, Dóttie tomou-lhe as mãos.

— É um grande médico. Você vai ver.

Foi aí que Louise soltou uma risada gostosa e comentou em alemão: Als Arzt kann er gut sein; als Mann ist er eine Scheisse!

Agora Dóttie estava ali vendo aquela mortalha humana se estreçalhando a seus pés. E pensava como Louise. Um pouco mais do que Louise dissera. Pensava em holandês sem ter alguém para comentar:

— Como homem ou como santo, você é uma bosta!...

Voltou a postar-se junto ao frade.

— Bem. Que decisão tomou?

— A gente tem que falar a verdade.

— É. A realidade é uma verdade cruel. O senhor se vai e ele fica pra mim nos seus trapos, completamente cego, ajoelhado na sua praia com os dedos tentando reconstruir o seu castelo, a sua ruína. E dessa vez o vento arremessou tudo muito longe...

Ele ergueu-se.

— A senhora não poderia? Por favor...

— Não, nunca.

— Mas por quê?

— Olhe bem pra mim. Eu sou feia, velha, magra, horrorosa, mal vestida. Está vendo? Nem sapatos tenho. Só essas botinas velhas... Veja mais. Olhe as minhas mãos. Não vai me dizer que são as mãos mais lindas do mundo?

Voltou a escondê-las, entrecruzando os braços. Balançou a cabeça quase desanimada ante o estupor do frade.

— Minhas areias estão espalhadas muito longe e eu nem tenho mãos para reconstruir nem a sombra do meu castelo.

Aí, Dóttie endureceu de novo. Detestava mostrar suas fraquezas aos outros e logo quando se tratava de um elemento branco.

— O senhor, viu! O senhor que começou tudo vai dizer a verdade. Só a verdade. E não me diga que para um religioso isso não será fácil...

— Fácil, por que, Dona?

— Porque...

E mastigou cruelmente as palavras.

— Porque o senhor é um S A N T O!

Desorientado o religioso saiu caminhando tropeadamente. Alguém índio que o visse de longe poderia até pensar que ele bebera Krutujé. Aos poucos foi se equilibrando. E só então o vento forte que vinha da praia começou a bandeirar a sua batina contra o vão das pernas.

Dóttie encostou-se no mourão do terraço. Seus olhos iam se turvando a ponto de embaciarem a lente dos seus óculos.

Conversava com o desalento do seu coração.

— A verdade é que eu tenho inveja do senhor. Tenho sim. Eu gostaria tanto de que todos os meus carajás fossem lindos, limpos e tão bonitos como os seus xavantes... Queria sim. Só que eu nunca lhe diria isso, seu santo homem de bosta...

• • •

Bateram na porta do seu quarto e a voz de Taxirimani reclamava.

— Dóttie. Ei Dóttie. Tá drumindo ainda?

Abriu a porta rapidamente, puxando a saia para a cintura.

— Ih, Dóttie, leiteiro da fazenda já veio. Leite tá lá. Eu traxe uma lata. Me ajuda que tá danada de pesada.

Era lindo o leite branco escapando da vasilha e respingando o corpo escuro do menino.

— Pronto. Vamos botar ali no lugar dela.

— Qué que você drumiu tanto, Dóttie?

— É que dancei Aruanã a noite toda. Cantei cantiga de Debó, aquela que fala assim: Uá Konã arerine...

Taxirimani deu uma risada.

— Dóttie tá mentira. Mulhé num dança Aruanã. Mulhé num vai lá no retô²⁸ grande. E nem mulhé tori cumo você pode dançá Aruanã.

— Eu já vi mulher na casa de Aruanã, Taxirimani.

Estava espicaçando o menino.

— Mentira. Viu não. Mulher vai lá fica Konã de todo homem...

Mas não é bom falar nisso.

— Então vamos, vamos. Vamos buscar as duas latas de leite que estão na beira do rio.

Pronto! Estava recomeçado o seu dia. O dia lindo de sol quente que continuaria assim por mais quatro ou cinco meses. Depois o tempo esquentava. Vinha aquele calor de torrar. Outubro. Novembro. As primeiras chuvas. Tempo de caju, de mangaba, de murici e de pequi. O rio emagrecia as praias e engordava as águas. Todo bicho de areia ia procurar outra morada. Do raro jacaré até a tartaruga qué dentro

28. Rancho.

de pouco tempo tendia a desaparecer. As garças, os colhereiros, mangarais e socós. Jaburu e marrecão... Todos procurando um mundo mais garantido e mais longe. O mundo das lagoas. Depois o rio saía do seu curso, invadia barreira, campo, cerrados, alagando tudo. Ligando-se às lagoas e enchendo, reforçando estas de novos peixes e criação. Jacaré velho corria para aquelas paragens mais calmas e garantidas. Toda a bicharada de pena que vivia assustada com a presença cada vez maior dos homens e das carabinas 22, também se refugiavam naqueles recantos. Por seis meses, teriam um pouco de paz. Depois recomeçava a perseguição e a matança. Desde os mariscadores impiedosos até as caravanas dos turistas que cresciam a cada ano. Bicho de pena vivia com tanto medo que se se batesse uma mão contra outra fazendo aquele ruído típico da 22, eles levantavam vôo, espavoridos e desorientados. Era o homem branco, Dóttie. É o seu "grande e querido" homem branco.

Não quero é pensar agora nisso. Já pensei uma noite longa em tanta coisa triste que não vou matar o meu dia com mais tristeza. E mesmo porque ainda falta muito tempo para essa desgraceira toda.

Lá vinha Dóttie nos seus botinões velhos que nem prestavam mais para soldado, carregando a lata de gasolina cheia de leite. Taxirimani, a seu lado, transportava a outra com menos dificuldade.

Precisava dividir o leite em porções maiores e menores. Primeiro para criança índia, depois para criança branca. Depois para mãe pobre branca ou índia muito precisada. Recolhia um pouco para si. Muitas vezes também acabava presenteando a sua minguada parte.

— Taxirimani.
— Já sei.
— Você vai pra mim?
— Que é que você me dá?
— Seu interesseiro, todo dia você quer uma coisa? Pensei que era meu amigo.

Ele ria ainda com os seus dentes de adolescente, quase ainda um menino. Dentes que mais tarde o açúcar e a cachaça iam devorar.

— Sou amigo sim. Mas você pode dar uma coisa, não pode?
Ela sorriu da simplicidade da conversa.

— Nem tenho mais nada. Ontem você levou aquele caquinho de rapadura do armário. E era tudo que eu tinha.

— Se você for no São Félix, quando dinheiro chegar, aí você compra bolacha doce pra mim?

— Compro, safado. Mas isso pode demorar mais de quinze dias.

— Não faz mal. Deará tiocrene²⁹

Estendeu a mão num gesto muito de branco.

— Toque.

Ela apertou-lhe a mão e riu. Onde diabo tinha aprendido aquilo? Possivelmente com gente do Serviço ou da Fundação. Os danados aprendiam tudo com facilidade.

Acompanhou o índio virando e derramando a água velha do seu pote. Viu-o munir-se de um remo, sumir na descida da barreira e pouco mais era um minúsculo ponto que enfrentava a correnteza do Araguaia para ir buscar água no rio das Mortes que do outro lado corria limpa, verdinha como caldo de cana.

Depois da distribuição do leite, atenderia Akurriro e Kuryala. Atenderia como? Eles continuavam desaparecidos desde ontem. Nem sabia se tinham retornado da casa de Hanna. Quando for à aldeia aplicar a injeção passo no retôzinho deles. Em todo caso é melhor esconder a parte dos dois.

Foi então que apareceu uma figura cheia de alegria e sol. Xireréia. Pela mão trazia o seu filho. O filho que tivera com Maluaré. Ia ser um índio comprido como a mãe. Estava um pouco languêncinha, mas com o tempo pegava corpo. Éta bichinho duro para querer nascer!

Na outra mão, Xireréia trazia um machado.

— Dóttie...

— Hum!

— Truxe nosso filho.

— Já sei. Já sei. Só é meu filho nessas horas, não é?

— Ih! Dóttie, você tá ficando tão malvada, tão assassina.

Dóttie desatou a rir com as expressões de Xireréia.

— Eu? Eu pelo menos não ando de machado na mão por aí...

²⁹ Eu espero.

Ela riu. Seus dentes que antes eram tão bonitos começavam a desaparecer na frente.

— É não, Dóttie. Sabe o que é... é que eu vou ter que travessar o Bêerokan e apanhar lenha boa lá pras beira da lagoa. Deixo Culherête cum você. Ele tá ainda mole como sapo novo pra pisar naquelas lama de lá. Cum você sei que ele fica bem e num sofre. Preciso comprá vestido e cuberta. Lenha é pra queimá meus Itxokós.

— Pra vender em São Félix?

— É pra vender em São Félix.

— É tão bonito tudo que você faz. Só você faz aqueles bonecos grandes e tão bonitos. Como é que você chama?

— O rambu³⁰ é konoí. A Raunquide³¹ é Mariaualê.

Dóttie ficou pensativa. A Mariaualê que conhecera era linda. Talvez Xireréia batizasse as suas bonecas pensando nela.

Xireréia adivinhou seus pensamentos.

— Konoí é nome de índio velho de aldeia lá de baixo. Mariaualê também. Dóttie, pessoal fala que Kuanadiki faz Itxokó mais bonito que eu. Você acha?

Dóttie levou um tempinho pra responder.

— Não acho assim. Todas as duas fazem bonecos muito lindos. Kuanadiki faz de um jeito e você faz de outro. Mas pensando bem, eu particularmente, gosto mais dos seus.

— Ainda bem. Porque se você gostasse mais dos dela eu te sentava o machado nas perna.

Riram-se da brincadeira.

— Posso deixar Culherête cum você?

— Você sabe que pode. Cadê Maluaré?

— Ih! Dóttie, os home de hoje são uma titica. Tá lá durmindo na esteira. Veio da roça ontem cum um berrurá cheio de trem. Morreu de cansaço e agora vai dormir até rachar.

— Não diga isso nem brincando. Com esse sol e com esse calor trazer um berrurá cheio nas costas e na cabeça lá da roça... Puxa!

30. Homem.

31. Mulher.

— Eu sei. Tou falando de brinquedo. Dóttie. Num deixe Culhete ir pra beira do rio não, viu? Esse minhoca ainda nem num sabe nadar.

— Pode ir em paz que não deixo. Ele vai ficar brincando com caixa de remédio até você chegar.

— Isso é bom. Ele gosta muito.

Encostou o machado num canto, limpou com as pontas dos dedos finos as remelas do menino e falou com aquela doçura que só índio sabe falar.

— Dê-ú³² Nadí³³ vem logo.

Passou a mão nos cabelos excessivamente oleados da criança e saiu com o machado no ombro, muito comprida, muito contente, sempre feliz.

Dentro em pouco, quando Dóttie levantou a vista para o rio, Xireréia remava longe e a canoa tornava-se um fio comprido e magro contra a luz do sol, procurando a outra margem.

• • •

Foi só um tiro. Um tiro grande e possante que cortou a paz da aldeia e a calma do coração de todos. De onde veio? Foi bem dali. Uma correria danada apareceu de todos os cantos. Por um momento prolongou-se um silêncio terrível. Depois, então, gritos se sucederam misturados com choro.

Teuarrure veio correndo buscar Dóttie.

Teuarrure foi contando na caminhada.

— Foi Maluaré. Ele matou Iroá.

— Por quê? Iroá tão bom?

— Iroá tava cachaceiro de Orrã. Maluaré dormindo cansado da roça. Iroá mexeu com ele. Maluaré mandou ele embora. Falou que não queria brigar. Iroá mexeu mais. Maluaré disse que ele tava de Orrã para ir embora. Só queria descansar. Aí Iroá pegou um corroté³⁴ e começou a bater nele. Maluaré ficou bravo, pulou, pegou arma que

32. Filhinho.

33. Mamãe.

34. Borduna.

tava pendurada, 44, deu só um tiro aqui — apontou o peito — Iroá rebentou todo e caiu na esteira.

— Vamos mais depressa. Teuarrure.

— Você num vai fazer nada, Dóttie.

Agora aparecia gente de toda parte. Da FAB, do Serviço, Da Fundação e mais índio que chegava da roça e da pesca.

Teuarrure foi abrindo passagem e Dóttie penetrou no rancho. Era uma sanguiceira só. Os olhos de Iroá estavam entreabertos guardando uma expressão mista de dor e de espanto. No peito, um rombo de beiradas queimadas e arroxeadas. Filetes de sangue ainda escorriam por ali. Pedaços de costela estavam se confundindo com mais sangue que se empoçava na esteira. O tiro rebentara a espádua e a omoplata e partira o braço direito numa fratura exposta lambusada de vermelho.

Dóttie ajoelhou-se. A saia tingiu-se de vermelha. Nada havia a fazer. Apenas com jeito foi abaixando as pálpebras do índio morto.

Sentou-se na ponta da esteira sem saber o que fazer ou o que falar. Sem querer fitar alguém ou demonstrar qualquer gesto que dissipasse o tremendo abafamento que sentia.

Foi despertada pela fala de Temacuíra, o filho de Iroá com Colhê-rede.

— Ele matou meu pai. Eu vou matar ele.

O único irmão de Iroá falou com os outros parentes.

— Nós vamos matar Maluaré.

O velho Maluá saiu do rancho depressa para procurar o seu filho e avisá-lo que fugisse.

Ibobredu deu a mão a Dóttie e levou-a para fora do rancho.

— Venha, Dóttie. Você está branca como gente que morre. Vamos andar. Até o fim da aldeia. Venha comigo.

Saiu com o rapazinho.

— Mas por quê? Iroá, tão bom! Maluaré um índio tão correto, tão trabalhador. Agora vão matá-lo.

— Pegam ele não. Eu sei.

Sem querer, encontrou-se em frente ao retô de Berixá. Ela não fazia Itxokó, mas trançava um lóri-lóri.

— Sente, Dóttie. Sente.

Virou-se para Ibobedu.

— Vai lá dentro e traga água pra ela beber. Ela melhora. E Dóttie bebeu devagar. Depois ficou longamente fitando a calma e o trabalho de Berixá. A perfeição com que ela entrelaçava as penas transformando-as em pequenas flores.

— Você soube, Berixá?

Ela apenas abanou a cabeça afirmativamente.

Estava recordando-se do corpo de Iroá todo imerso naquela sangueira com os ossos do braço partido.

— Você tinha razão, Berixá. Todas as araras estão voando muito baixo. Sua história estava cheia de verdade. Só verdade. Todas as araras já tinham aparecido. Faltava só essa: a arara vermelha.

— Eu sei. Mas agora a arara vermelha vai sempre aparecer. Sempre aparecer.



Quinto Capítulo

CANOAS

— Dessa vez não estou brincando não!

Os meninos repararam no rosto de Dóttie. Jamais a mulher falara tão sério e tão duro. Parecia até quando ela brigava com tori.

— Um de vocês vai me levar do outro lado do rio. E vai ter que ficar esperando até que eu volte.

Olhou Andeciuala, Ibrobredo, Taxirimani, Teuaxure e Idioraro.

Eles encontravam-se indecisos. E Dóttie sabia que bastava um sorriso, apenas um sorriso, e qualquer deles se ofereceria. Mas os nervos estavam tensos e os músculos da face encontravam-se empedrecidos.

Andeciuala decidiu.

— Eu levo você, Dóttie.

— Então, vamos.

Caminharam para o porto das canoas.

Andeciuala falou mansamente.

— Dóttie té teburé?¹

— Não estou zangada.

Pararam no alto da barranca.

— E agora, o que foi Andeciuala? Esqueceu o narirri?²

— Tem na canoa.

— E então?

— Você não pode ir assim, viu? Sol muito quente. Precisa chapeu na cabeça. Precisa botá botino nos pés. Pé de Dóttie é muito fininho vai cair a casca.

— Do jeito que estou nada vai me fazer mal. Dioirakrê!³

1. Zangada.

2. Remo.

3. Vamos!

Sentaram-se e com o pé Andeciaula empurrou a canoa para que logo alcançasse o ímã da correnteza. Remou mais, com bastante calma. Com medo até que qualquer remada em falso fosse fazer Dóttie ficar mais zangada ainda.

No meio do rio quando já vencera a força do rio, não se conteve e perguntou docemente:

— Dóttie vai banhar, vai?

A voz veio dura. Mas dessa vez de um modo que acalmou toda a sua inquietação.

— Não. Não vou banhar. Eu não estou zangada com nenhum de vocês, meu filho. Só estou assim porque vou fazer uma coisa muito triste. Mas eu gosto que você esteja remando tão bem para mim. Agora eu não vou mais falar.

— Sei.

Dóttie conversava igualzinho a qualquer carajá. Permanecendo de costas, sem ao menos virar-lhe o rosto. Sorriu. Era melhor remar quieto e cada vez, mais depressa.

Foi encostando a canoa na margem e procurou uma praia que estivesse bem sequinha. Evitando que a enfermeira pisasse nas lamas podres das últimas chuvas.

— Aqui tá bom, Dóttie?

Ela ergueu-se na canoa parada e aprumada na areia. Fez palas das mãos encobrindo a brutalidade da luz do sol de meio dia.

— Está bom.

— Pode saltar. Você desce, pisa nessa água limpinha que não tem boró⁴. Depois eu puxo canoa e espero você a vida toda.

— Arakre, Andeciaula!

— Arerine!⁵

— Tiotoitika!⁶

— Dê-ssõ⁷

Dóttie caminhou pela praia branca em fogo. De certo modo, o menino tinha razão, mas as suas preocupações anestesiavam suas sen-

4. Arraia-de-fogo.

5. Até logo!

6. Obrigado.

7. De nada.

sações físicas. Nenhum vento riscava as águas que bordavam as areias da praia. Os miguelinhos e as odiúras surgiam atraídos pelo rumor dos seus pés quando, inconscientemente, era obrigada a descer de uma praia mais alta e pisar dentro do rio. A blusa colava sobre os peitos magros. Parava para beber e jogava água sobre seu rosto afogueado e sobre os cabelos empapados de suor. Umedecia o corpo, mas tudo de uma maneira desinteressada e rápida. Sua caminhada pelas suas observações ainda estava no começo. Nem adiantava virar-se para avistar a canoa de Andeciuala. Na certa, ela se escondera numa daquelas muitas curvas que deixara para trás.

O cansaço e uma certa fraqueza disritmavam seu coração. Não desistia. Só faltaria encontrar Hanna com o seu guarda-chuva desbotado passeando pela praia em suas rezas, convidando-a para abrigar-se à sombra da sua caridade. Putona! Viraria um esterco ao sol, mas não aceitaria tal convite. Sentou-se um pouco dentro do rio e molhou-se toda. Talvez aquilo fosse um gesto desnecessário porque dentro de cinco minutos, com o calor daquele sol, tudo estaria como se nunca tivesse entrado nágua. Nem sequer deveria ter cedido à tentação. Porque agora, o desespero a empurraria de vinte em vinte minutos à procura d'água. Sua garganta pedia, seu corpo suplicava. Sua miserável vida exigia.

Adiante, na praia, havia uma sombra comprida, ligando a praia ao rio. Podia ser uma canoa. Porém sua fraca vista por mais que a forçasse nas lentes grossas não a ajudavam muito. Forçou a caminhada. A esperança dava-lhe novo ânimo. Quase corria quando parou junto a um tronco morto e negro de uma palmeira trazida pelas cheias e aprisionada entre o rio e a praia.

Refrescou-se toda. Pelo menos a árvore servia-lhe de descanso. Ficou um momento refrescando os pés e jogando conchas de água morna sobre sua fraqueza.

Recobrava o ânimo para caminhar. Agora não deixaria mais a beira da praia. Mesmo porque seus pés não suportariam aquela areia fervente. Não encurtaria distâncias. Bolhas começavam a surgir nas pontas dos dedos e nos calcanhares.

— Vamos, Dóttie. Tudo isso não é nada. Pense. Tudo isso não é nada. Você vai encontrar.

Deveria ter caminhado mais de duas horas e o sol já não estava tão fervente como antes. Até que as vezes uma rajada de vento surgia dos cerrados de Mato Grosso. O sol diminuía sim. Mas o suor aumentava e principiava a atrair mosquitinhos dolorosos e quase invisíveis.

— Vamos Dóttie.

Era mais agradável caminhar olhando a margem do rio, assustando algum peixe que esquentava na beira e fugia espavorido riscando a superfície como navalhas afiadas. De vez em quando, erguia a vista à frente buscando o que procurava. De novo outra palmeira se distendia entre o rio e a praia. Dessa vez nem teve vontade de apressar os passos. Teria a sua utilidade. Sentar-se. Encharcar o corpo, os cabelos. Friccionar os tornozelos inchados pelo esforço. Só isso...

Todavia, quando seus olhos distinguiram bem o tronco, seu coração quase saltou pela boca. Era a canoa. Aquela maldita canoa que quase a estava matando.

Caiu de joelhos a seu lado e alisou-a. Era ela, sim. Sua desgraçada canoa! Sua canoa vagabunda!

Pela última vez banhou-se no rio e sentiu todo o corpo arrepiado como se os mil dedos da maleita estivessem fustigando a sua espinha.

Olhou o sol e este principiava a baixar. Devia ser mais ou menos três horas da tarde. Os jaburus voltavam a voar alto no céu. Fazendo círculos no céu com uma elegância perfeita. Conheciam todas as correntes do vento.

O ardor da areia diminuía. E suas bolhas nem incomodavam tanto como antes. Se a canoa estava ali, era porque...

Descobriu o vulto dos velhinhos, encostados num pé de imburana arrastado pelas águas, mas que ficara plantado na areia num arremedo grotesco de árvore.

Deviam estar cochilando naquela meia-sombra, porque nem sequer sentiram a sua aproximação. Se fosse um bicho, um animal selvagem... Talvez eles estivessem ali para isso, até para isso, indiferentes a tudo.

Acordaram assustados. Akurriro balbuciou.

— Dóttie!...

Kuryala entreabriu os olhos de leite e a boca descaiu desgostosamente.

— Sim. Sou eu, Dóttie. Idiarrure me disse que viu a canoa de vocês vindo para esses lados.

Quedavam-se em mutismo angustioso.

— Eu fiquei preocupada. Três dias e três noites que espero a volta de vocês. Isso não se faz com os amigos.

A apatia parecia ter tomado conta dos velhos.

— Eu vim buscar vocês.

Contrariado Kuryala replicou:

— Nunca vou mais pra Raumaló-Dessé. Não vou.

— Por quê?

— Não vou mais.

Dóttie muniu-se de paciência. Pelo menos agora Kuryala estava mantendo um diálogo.

— Mas se querem ficar na praia, precisam achar um bom lugar. Aqui não é bom.

— Aqui é bom.

— Como é bom? Vocês estão em frente de um furo que vem do lago. Lugar perigoso. Pode vir jacaré, leí⁸ até onça.

— De noite a gente faz reautú⁹.

— Mas aqui é muito frio.

— Igual lá da aldeia.

— E o que vocês estão comendo?

Hanna deu Kanadé-Diró¹⁰ e um pedaço de Bororena-dé¹¹. Akurriro ganhou uaxi¹² e xibra de Bento da Luz. A gente pesca de noite, quando kuturá¹³ fica mansinho.

— É uma pena. Lá aldeia, tem vindo um leite tão bom e tão gordo. Leite muito! E mataram um boizão grande e tem carne muita...

— É...

8. Sucuri.

9. Fogo.

10. Farinha.

11. Carne.

12. Anzol.

13. Peixe.

Estavam magoados, machucados e tristes os dois velhinhos. Precisava mudar de tática. Teve um estalo de sorte. Precisava de provocar-lhes um impacto.

— Vocês souberam que Iroá morreu?

Os dois se remexeram nervosamente.

— Morte feia. Mesmo. Iroá morreu.

— Quem matou Iroá? Moço bom. Moço trabalhador...

— Maluaré.

Os dois quase se levantaram.

— Maluaré? Maluaré é moço bom e trabalhador.

Então, Dóttie calou-se esperando uma reação que não se fez de morar.

— Fale, Dóttie. Iroá morreu. Maluaré matou. Fale...

— Eu não ia falar muito porque você não quer mais saber da aldeia de Raumaló-Dessé. Mas agora que você quer saber eu vou contar.

E relatou o fato tragicamente como acontecera. Como seus olhos desgraçadamente tinham presenciado. Com aquele mesmo gosto amargo que lhe voltava à boca toda a vez que se lembrava do fato.

— E Iroá?

— Emendaram o braço dele, vestiram um pano grosso no seu peito depois que todo o sangue secou. Pintaram ele e foram enterrar no Uabdé dos carajás.

— E Maluaré?

— Está sumido. Os parentes de Iroá juraram sua vida. Vão matar ele. Aí ele sumiu.

Foi então que veio uma pergunta muito triste e muito sentida.

— E Maluá? Maluá que é pai de Maluaré e que era muito meu amigo. Des que a gente era menino?

— Maluá é seu amigo, Kuryala. E você, Kuryala, é amigo de Maluá. Ele está muito triste. Chora muito. Precisa da sua palavra de amigo. Hoje em Raumaló-Dessé, tem pouca gente da idade de Maluá. E você é um desses amigos, Kury...

— É. Eu preciso falar com Maluá...

Calaram-se. Ainda não estavam decididos a voltar, mas começavam a demonstrar aquiescência. Dóttie resolveu fazer outra exploração.

— Passe Kuryala as mãos aqui nos meus pés...

Ele obedeceu.

— Coitada de Dóttie!

— Coitada de Dóttie — confirmou Akurriro.

— Bicho que mordeu?

— Não. Areia muito quente de sol. Dóttie não tem chinelo.

Vai por aí queimando os pés.

— E agora? Farmácia está longe, Dóttie.

— Eu sei. Está do outro lado do rio. Eu deixei Andeciuala lá

ad outra praia catirará me esperando. Agora não vou poder andar até

com esses pés...

— Coitada de Dóttie!

Um vento vindo da selva começou a espantar os mosquitos e amenizar o calor.

— Ventinho bom está aí! Kury!

— Hum?

— Você veio pra cá por causa de Hanna?

O rosto de Kuryala traduziu uma grande dor e contrariedade.

— Eu sei que foi. Você não precisa falar. Eu falo. Eu sempre fui sua amiga. Você acha que eu machucava os pés assim se não fosse sua amiga?

— Você é amiga.

— Pois bem. Você procurou Hanna porque pensava que ela ia fazer você ver de novo, não foi?

— Corré¹⁴.

— Já sei. Falaram que ela rezando também podia fazer você ficar bom.

— Corré.

— Por isso você ia todos os dias na casa dela?

— Corré.

— Mas você esqueceu daquela vez do Padre, nem sei mais o nome daquele desgraçado?

— Zuaquim.

— Pois então Frei Joaquim?

¹⁴ Sim.

— Você não entende, Dóttie. Quando a gente já viu e fica cego sempre tem vontade de ver outra vez, idiôma.¹⁵

— Sei. Por isso você acredita em que possa fazer um milagre...

— Não sei que é milagre?

— É assim. Se Zuquim curasse seus olhos era um milagre. Se Hanna curasse seus olhos era um milagre. Mas nenhum tori sabe fazer milagre. Só médico pode, quando tem tempo, fazer operação.

Olhou o rosto de Kuryala e pensou no avião roncando sobre a aldeia levando para longe a real e única esperança.

— Pois é, Dóttie...

A emoção foi tomado conta do velho. Agora ele ia desabafar.

— De vera, fui lá. E ela leu história comprida, comprida naquele livro dela. Falou de Deus. De coisa que a gente num entende bem. De um homem que pregaro num pau. Depois falou numa coisa muito feia; precisou falar muito para eu aprender. Inferno.

— Falou de inferno para você? Ela é louca!

— Falou de inferno cum uma porção de deu-bicho-do-mal assim que nem lateni que assusta criança. Mas lateni só brinca para assustar. Lá não, eles cortam, queimam tori, espetam tori. Coisa feia. E falou que Deus manda tudo que é home ruim pra lá... Depois leu tanta coisa. Falou de uma cheia tão grande que só uma canoona trepou no monte. Tanta história difícil. E ela que fala trapaiado. Tudo difícil. Aí eu perguntei.

— E meus olhos, Hanna?

— Que é que tem seus olhos?

— Tá tudo no mesmo. Você fala, fala e eu quero ver.

— Mas eu estou ensinando você a ver para dentro... Enxergar Deus no coração...

Dóttie sorriu entristecida.

— A mesma coisa do Frei Joaquim.

— De vera, a mesma mentira de Zuaquim.

Fez uma pausa e engoliu a emoção secamente.

— Sabe o que fiz, Dóttie? Eu falei. Você me dá um pouco de farinha e um pouco de carne. Ela deu. Ela me levou até a canoa e

15. Outra vez.

perguntou se eu vinha amanhã. Aí eu falei. Hanna, você só fala mentira. Só mentira e eu não venho mais. Aí eu peguei a canoa e saí. Akurriro disse que ela ficou chorando muito e que limpou o nariz com a camisa dela.

— Então você veio praqui?

— Foi.

— Eu sabia de tudo. Mas não podia lhe falar que Hanna não ia fazer você ver de novo. Nem Hanna, nem Zuaquim. Mas a gente não pode tirar a esperança dos outros.

— Hanna não presta.

— Não é só Hanna que não presta. Tori nenhum presta. Nem Hanna, nem Zuaquim, nem ninguém.

— Mas você também é tori.

— Não sou. Os toris também mataram minhas filhas e meu marido. Os toris queimaram os meus dedos. Você já segurou os meus dedos uma vez e sentiu. Os toris tomaram também minha casa, meu quintal, minhas galinhas e minha criação. Um tori tão igual como esse que torna sua serra, acaba com o seu peixe e a sua caça. Se você ainda acha que eu sou tori. Eu não me zango. Só que eu sou sua amiga.

Calou-se. Akurriro comentou baixinho para Kuryala.

— Ela está chorando pouquinho.

Aquilo emocionou o velho.

— Dóttie.

— Que é?

— Você é tori, mas é amiga e boazinha.

— Está bem. Agora vou aproveitar que o sol não está muito quente e vou andar bem devagarzinho pela beira d'água até chegar onde está a canoa de Andeciuala.

— Tiocrêne.¹⁶

Aquilo sim era um milagre.

— Eu levo você lá na minha canoa.

Ela riu.

— Está bem.

Quando se encontravam instalados na canoa e que Akurriro

16. Espera.

dirigia a embarcação com os seus olhos e a sua voz, Dóttie jogou a cartada definitiva.

— Agora tem muito leite e muita carne em Raumaló-Dessé. Leite do bom. Carne da boa. Acho que você devia voltar comigo para a aldeia, Kuryala. Carajá não vai caçoar nem mexer com você. Todo mundo só pensa na morte de Iroá. Só choram os cantos da morte de Iroá. Depois, você não pode deixar de falar com o velho Maluá... O velho Maluá está triste e chora dia e noite.

Kuryala ficou um momento pensativo antes que tomasse uma decisão final.

— É, eu preciso falar com meu amigo Maluá...

Aí, Akurriro falou bem baixinho para Dóttie:

— Foi bom você buscar a gente, Dóttie. Eu estava morrendo de medo, de noite nem dormia de medo e de frio também. Se você num chega a gente acabava morrendo mesmo.

* * *

Com os pés cheios de bolhas, Dóttie armou uma rede no terraço do barracão. O vento fraquinho da noite amenizava os aperreios do dia. Sentia-se em paz por ter conseguido trazer de volta o seu querido Kuryala, capitão e carajá. Restava balançar-se um pouco, até que o gelo da noite esfriasse as queimaduras do corpo, depois de um dia tão árduo. Fechava os olhos para descansar. E logo outro problema ameaçava grave. Onde andaria aquela louca da Xireréia? Tinha uma novidade para contar-lhe. Um segredo importantíssimo. E logo agora ela desaparecia com o filho. Talvez procurasse descobrir o esconderijo de Maluaré por qualquer canto? Num rancho na roça? Num quarto da fazenda? Em qualquer lugar que aquele cerebrozinho doido estivesse desconfiando.

Adormeceu. Quanto tempo, nem sabia. A rede estava gelada. Seu corpo, seu rosto, seus cabelos, também. Acordou com alguém que se dirigia para o barracão.

Uma lanterna elétrica riscava a noite calma e escura como uma estrela bêbada. Quem chegava não conhecia o caminho e alumiava o

chão com medo de pedra ou de cobras. Ao longe, no fundo da aldeia, os cães ladraram estranhando a luz.

Era um branco e um carajá desconhecido.

— Boa noite.

— Boa noite.

— É a senhora que é a enfermeira do Serviço?

— Sim.

— É que a gente somos um grupo de mariscador. Tou cum um homem ferido lá no barco. E tem também gente com febre brava. É pra senhora ir lá tratar do povo.

— Ferido de que?

— De faca. A senhora sabe cumé. Depois de um dia danado no meio de sol e de mosquito, pegando dureza, os menino precisa de noite distraí o frio e o abandono. Sempre bebe um pouquinho mais da conta. Se enfezaro e um levou o troco maior.

Dóttie virou-se para o carajá.

— De onde você é?

— Krerrã-auá.

— Tem mais carajá com você?

— Mais dois, Uricy e Andedura.

— Ele dá Orrã para vocês?

— De dia no marisco e de noite no acampamento.

O homem estava espantado ao ver como aquela dona tão feia sabia manejar a língua dos bugres tão bem.

Voltou-se para o homem.

— Eu não vou não. Vocês são mariscadores. Estão dando pinga para esses carajás. É proibido por lei. Não vou não. Todo mariscador é igual. Pega os meninos, aproveitam a sabedoria deles na caça e quando termina o marisco... heim?... Enchem os pobres de pinga, pagam uma porcaria e dão umas miseráveis moedas. E eles voltam para a aldeia com fome, sem dinheiro, com febre desses lodaçais e ainda por cima viciados. Pode dar o fora moço, que eu não vou.

— Mas dona o home tá perdendo muito sangue. Isso é falta de caridade fazê isso nesse cu da madrugada.

— Pois, então, não perca mais seu tempo. Vá remando pra São Félix. Lá tem farmácia, remédio e gente pra tratar. Meu remédio é

muito escasso e eu não vou gastar com cachaceiro que só aparece pra fazer desgraça: acabar com as ariranhas e as onças; e o pior, estragar a vida dessa gente.

— Pois então só tem um jeito. Vou lá na casa do Chefe e contá que a senhora se negou e que ainda está ofendendo a gente.

— Pode ir. Mas vou lhe explicar uma coisa antes. O Chefe e eu nos damos muito bem. Cada qual é dono do seu trabalho. Ele fica lá mandando nos trabalhadores da roça, das estradas, do campo de aviação e olhando o que se faz na fazenda. Aqui nunca se mete. Eu estou com os pés numa desgraceira, mas vou lhe seguir para ver três coisas. Primeiro: quando ele perguntar se tem licença para entrar aqui no Serviço. Segundo: quando ele lhe perguntar se dá cachaça pra índio. Terceiro: quando ele for lá no seu batelão, se é que é um só. E tirar todas as suas peles e os índios, de lá... Quer ir?

O homem olhou a enfermeira com raiva e enfiou o chapéu de palha na cabeça. Seus olhos brilhavam como relâmpagos.

— Um dia a senhora paga.

Cuspiu de lado e lançou a praga.

— Um dia a senhora vai arder nas fornalhas do inferno!...

Dóttie riu.

— Ih! Moço, eu já estive por lá e não é tão quente assim...

O índio retornou com o índio. Logo, logo, a estrela bêbada buscava o caminho do porto. O vento trazia uns longínquos cochichos e o som do remo fendendo a água anunciaava o afastamento das canoas.

Dóttie estava calma. Brancos filhos da puta! Desamarrou a rede do terraço e foi procurar a velha cama de colchão de palha todo empelotado mas que se tornava macio como pluma quando o corpo e a alma apostavam para ver quem se encontrava mais cansado.

Dormiu logo e sonhou que estava de novo na canoa com Kuryala e Akurriro. Vinha um vento gostoso do rio que dava uma paz imensa. Kuryala falava sem máguia alguma.

— Sabe Dóttie. Foi melhor assim. Médico não deixou meus olhos olhar. Zuaquim não fez milagre e queria que eu visse Deus por dentro. Hanna também fez assim com história muito grande e com inferno de lateni malvado queimando e espetando os homens brancos. Se médico que podia, não quis. Se Zuaquim que não podia, me enganou.

Se Hanna que também não podia queria que eu visse um Deus de tori que eu não podia ver... foi melhor ficar com o deus dos inãs. Kanansiuê é Deus pobre e muito bonzinho. Porque se tori não presta, Deus dele também não presta. Kanansiuê não fez os índios, os inãs pra queimar eles depois no fogo e furar com garfo e espeto, não é? Então o Deus de tori não presta, não é Dóttie?

— Não, não presta. O Deus dos toris é um Bussú-Rekan¹⁷ que ninguém pode entender. Mas assim é melhor. Agora que você sabe de tudo, vai sofrer menos. Agora o meu grande Capitão Kuryala e Carajá vai ficar mais calmo.

A canoa deslizava e a paisagem era tão bonita que espantava Dóttie. As margens estavam repletas de rodas de mururê e muitas de canaranas. As garças e os colhereiros pousavam-se nelas e não fugiam. Baixavam as cabeças ao aproximar das mãos para que coçassem as suas plumagens sedosas.

— Kury, o que acha que Kanansiuê vai fazer com Iroá e com Maluaré?

— Nada. Eles vão se encontrar com os outros. Vão para as estrelas como qualquer carajá. Tori emprestou makauá¹⁸ pra Maluaré matar porco que estragava sua roça, não foi? Maluaré não tinha arma assim. Iroá bebeu krukrujé que branco viciou ele, não deu? Se branco não desse a arma, se branco não desse Krukrujé. Iroá estava vivo na pesca e Maluaré fazendo roça pra sua família. Kanansiuê é bonzinho.

Dóttie sorriu da sua lógica. Segundo o que se contava, os índios que não se batizavam iam caçar nas grandes campinas e pescar nos grandes rios das estrelas. Iam ficar com Kanansiuê. Era desvantagem que os padres os retirassem para um céu duvidoso e um inferno tão quente.

A aldeia estava aparecendo na grande curva do rio.. A tarde morria de tudo se agasalhando em nuvens róseas e douradas. Os jaburus giravam no céu nos últimos vôos que precediam a noite. Começavam a luzir defronte dos ranchos, os primeiros e indecisos fogos das coivaras.

17. Bosta grande.

18. Espingarda.

— Dóttie, só vou contar uma coisa que você não sabe. Nunca contei pra ninguém. Eu queria dormir como árvore, como pedra, como canoa. Como tudo que não sonha. Aí eu não sofria mais. Porque o que dói é você sonhar. Sonhar e ver o rio como você via. Ver o peixe que você pescava pulando na sua mão. Olhar o verde do mato lá longe apertando a mão do céu. Chegar nas lagoas e espiar o bandão dos colhereiros mostrando as asas cor-de-rosas contra o céu tão azul. Ver tudo. Até os peixinhos miguelinhos e odiúras quando ficam na água clara perseguindo o caminho dos seus pés... ver tudo isso no sonho que você sonha e acordar de novo e sempre... noite.

Dóttie teve um sobressalto e sentou-se na cama. Sonhara. Passou a mão na roupa e estava ensopada de suor. Tudo um sonho. Só num sonho o velho índio falaria tão bonito e tão correto. Sem misturar o seu português estropiado com o carajá, fazendo pausas difíceis para que a língua pudesse acompanhar o seu pensamento.

Precisava molhar a garganta. Derramou uma caneca na boca, permitindo que a água gelada pela noite fria se esparramasse pelo busto magro.

— Nunca pensei. Nunca pensara nisso antes. Se uma pessoa que deixou de enxergar quando sonha volta a ver tudo de novo? Isso era realmente uma coisa terrificante.

Parou um instante e teve uma vontade incrível de olhar tudo. Olhar satisfeita por poder olhar. Olhar satisfeita antes que seus olhos se fechassem pela morte. Olhar seu mundo pequeno, miúdo e miserável. Desde o contorno do pote à cabeceira da cama. Desde o colchão enrugado até as frinhas da janela que anunciava a luz de um novo dia.

• • •

— Rodando a ilha, Dóttie, tem um furinho que vai dí num lago grande. Nas beiras tem um matão de sarão muito grande.

Taxirimani e Ibróbedu tinham se oferecido para trazer Dóttie. Isso porque ela estava rindo como sempre. Assim era bom ficar com a enfermeira.

— Vamos chegar, sem fazer barulho. Ela está lá. Com canoa e menino. Faz dois dias que espera.

Aportaram na praia e fizeram o resto a pé.

— Bem ali, tá vendo, Dóttie?

A canoa estava dentro da mata de sarão e escondida com ramos quebrados começando a se ressecar. Podia-se ver que era uma canoa pronta para uma emergência. Uma canoa que esperava alguém para uma fuga.

Andaram mais e ela estava ali. Sentada junto de um fogo. No fogo, um espeto com um peixe assando na brasa. O cheiro começa a chegar às narinas. O menino estava adormecido numa pequena esteira à sombra de um pequizeiro. Sem levantar a vista ela falou:

— Que é que você quer Dóttie?

— Vim buscar você.

— Está perdendo seu tempo.

— Talvez. Posso sentar?

— Sente. Ali tem ovo de tracajá. Tá cozido. Ele anda saindo mais cedo esse ano.

— Que louca! Você não sabe que quando é tempo de tracajá na praia, vem onça e tudo que é raio de bicho atrás deles?

— Sei.

— E você com essa criança sem uma arma, sem nada.

— Quem falou? Olhe no pé de pequi, ali detrás. Tem um facão-
zão. Na canoa tou com o arco e as flechas de Maluaré e também um tonori¹⁹ grande que foi Maluá que me deu pra trazer. De noite, faço fogo e bicho nenhum que num apareça não. Do jeito que tou, corto tudo em pedaço.

Os olhos de Xireréia chispavam. Dóttie acreditava mesmo que aquela mulher danada era capaz de tudo.

— Mesmo assim você devia voltar comigo.

— Não.

— Você está esperando que Maluaré saia de onde está escondido pra encontrar você aqui? Eu sei. Aqui era o ponto que vocês sempre se encontravam antes de viver com ele.

— Pois é. E ele vem. E a gente vai de canoa lá pra baixo. Nunca mais que volta.

¹⁹. Lança.

— Voltam sim. Nenhum carajá que nasceu em Raumaló-Dessé pode viver muito longe sem voltar.

— Se eu pudesse eu queimava toda essa casa de lá com carajá dentro, com casa de Aruanã, máscara de palha e tudo. Um fogo só.

— Ele não vem, Xireréia.

— Tem que vim.

— Não vem. Essa é a terceira noite que você vai esperar por ele. Você acha que se ele pudesse ter vindo já não teria feito?

— Ele não vem. Não porque não queira. Ele está preso.

Xireréia fitou Dóttie duramente dentro dos olhos.

— Dóttie você está dizendo mentira pra mim. Tá mentira só pra eu voltar com meu filho.

— Não. Nunca faria isso com nenhum carajá. Por que vou fazer com você que é mãe de nosso filho? Maluaré não vem mais porque está preso na FAB. Esconderam ele lá para que não o matassem.

Toda a dureza de Xireréia se desmoronou. O rosto adquirira uma palidez acinzentada. E sua boca tremia.

— Que é que vão fazer com ele?

— Você não viu o avião que chegou inda pouquinho em Santa Isabel?

— Só ouvi o barulho do briquecauti. Num vi não.

— É o avião do Correio que vai amanhã cedo para o Xingu. Vão levar Maluaré lá pro Xingu. Seu Orlando Vilas Boas vai cuidar dele até que se esqueçam por aqui...

Ela sentiu tamanho desamparo que foi sentar-se perto do filho adormecido e pegou no colo, apertando a criança docemente contra o seu peito.

— Não é melhor, agora que você sabe de tudo, ir comigo?

Xireréia baixou os olhos e respondeu emocionada.

— Pra quê? Ninguém pode falar com ele. Pode?

— Ninguém. Ninguém mesmo e esses meninos prometeram que não vão contar nada até o avião ir embora.

— Fico aqui. É o mesmo ver o avião partir daqui...

Depois ergueu os olhos cheios d'água.

- Era melhor que tivesse matado ele.
- Não fale assim. Quando passar tudo ele volta para você.
- Não. Ele fica por lá. Eu vi retrato de mulher do Xingu. Tudo índia bonitinha, de dente bom, de peitinho bonito e duro. Maluaré não vai viver sem mulher. Lá, homem pode casar e viver com muita mulher numa mesma casa. É o que ele vai fazer.

Parou um instante e falou de novo. Dessa vez o seu rosto estava inundado de lágrimas.

- Melhor perder meu homem para morte do que pra outra mulher.

Dóttie nem sabia o que argumentar mais. Tudo que dissesse não teria importância diante daquela confissão tão crua.

- Vai embora, Dóttie. Eu não tou teburé²⁰ com você. Eu vou comer meu peixe, meu ovo de tracajá e vou viajar com Culherête para Biton-ire. Fico lá na casa de Pereira que é Ixandi-Nandô²¹ de lá. Ele é parente de minha mãe que morreu. Lá eu vou trabalhar grande pra mim e pra meu filho. Vou até ensinar boneca que eu sei pra mulherada de lá em troca de comida ou de outro trem.

Não havia outra alternativa.

- Então eu vou. Sentirei a sua falta Xireréia.
- Dearã, Tulê²².
- Cuide bem de nosso filho.
- Corré²³.

Mesmo assim alguma coisa prendia Dóttie ao solo.

- Você vai voltar logo, não vai? Lugar nenhum no Bêé-rokan é mais bonito que Raumaló-Dessé.

— Só vou voltar, Dóttie, quando eu sentir a morte de Maluaré aqui no meu corpo.

- Está certo. Só vou falar mais uma coisa.
- Fale.
- Se você não voltar no tempo das águas, posso botar Kuryala e Akurriro no seu rancho abandonado?

²⁰. Zangada.

²¹. Capitão.

²². Eu também.

²³. Sim.

— Pode botar hoje até. Mas num tou dando não. Quando voltar, boto quem tá pra fora.

— Obrigado. Arakre!

— Arerine, Dóttie!

* * *

Estava de novo em sua velha rede esticada no terraço do rancho grande que um dia fora novo. Fora feito bonito e caprichado para receber o Papai Grande Getúlio Vargas. Diziam que ele tinha dormido onde fazia sua farmácia agora.

Sorriu por dentro. Papai Grande. Grande merda! Que fizera pelos índios? Nada. Sorrira. Fumara charuto grande, prometera. Ficou chamando Kutaria, o filho de carajá de afilhado. De Getulinho. E foi tudo. O pouco que sabia descobrira por Kuryala que ainda tinha um resto de vista e precisava chegar bem perto para reconhecer as pessoas e as coisas ...

Avião. Avião é Birreauti em língua de homem e briquecauti em linguagem de mulher. Dóttie sorriu de novo. Por que as mulheres falavam diferente dos homens? Por que tornavam uma língua já tão difícil, mais difícil ainda? Pois é. Avião levou Maluaré para o Xingu. Canoa levou Xireréia, antes tão alegre, para Biton-Ire. Avião viajou para o rio das Mortes, Xingu. No Xingu, no posto Capitão Vasconcelos, ficara Maluaré. Depois foi lá no Gorotire, no Xicrin, onde índio tinha batoque de jatobá no beiço. Nunca vira, mas tinha muita vontade de ver de perto. Depois avião fez tudo de volta e já estava pousado no campo de Santa Isabel para amanhã bem cedinho voltar pra Goiânia. Não estava nem triste nem se sentia muito alegre. Apenas fazia o jogo das palavras dos carajás. Pensando curtinho. Falando tudo curtinho, com frases curtas. Era difícil mas gostoso de tentar. Pena que Xireréia se fora. Bom que Kuryala morava num rancho que tinha menos frio e na chuva, entraria pouca água...

— Dóttie!

Sentou-se na rede. Estava tão distraída que nem sentira a presença do índio.

— Ah! É você, Karovina?

— Sou eu.

Falava português corretamente. Um dia fora levado para o meio dos brancos, fizera curso de apicultura, fez serviço de exército. E pra quê? Estava tão índio quanto os outros. A única diferença é que falava português perfeitamente e não gostava nem de pensar em Krukrujé.

— Você não ouviu ruído de um motor?

— Ouvi sim, mas bem longe. Pensei que estava sonhando.

— Foi não. Tem um motor parado no porto. E é grande.

— E a gente está cheia de novidade. A casa do Chefe está acesa e chegou gente lá do Xingu que vai pra Goiânia.

— Você não foi lá?

— Fazer o quê?

— Reclamaram que você devia ter ido lá conversar. Conhecer o pessoal do posto do Xingu.

— Não tenho o menor interesse. Quanto menos branco a gente encontra e conhece na vida, melhor. Só uma coisa eu gostava de saber deles. E como ficou Maluaré lá?

— Falaram que está muito bem e já arrumaram roça para trabalhar.

— Então era tudo que eu desejava. Pronto.

— Mas eu acho que você vai ter que ir lá. Mandaram que eu viesse chamar você.

— De jeito nenhum.

— Eu acho que você devia ir, Dóttie. É melhor pra você.

— Estou cansada. Trabalhei duro o dia todo e não vou. Afinal o que eles querem de mim?

— Muita coisa. É por causa do motor que chegou. É gente que veio lá de baixo. Lá de longe. Tem gente com maleita e também uma mulher que está quase parindo. No barco não tem ninguém pra auxiliar.

— Eu não tenho nada com isso. Não é gente daqui. É branco de fora e eu já disse que não vou. O Chefe sabe que não vou. Por que me chamou então?

Karovina ficou parado olhando a zanga da mulher. Esperou um momento de calma e perguntou:

— Que é que eu digo lá, Dóttie?

— Que eu não vou. Que não trato de ninguém. Que estou fora

de horário de serviço. E que ninguém pode me obrigar a fazer o que não quero.

— Está bem.

Karovina virou as costas e caminhou para a casa acesa do Chefe. A resposta veio mais rápida do que se esperava.

O Chefe vinha acompanhado de um homem baixinho de barbicha e um piloto do avião.

O barbicha estava em pé de guerra. Nem sequer saudou a enfermeira. Foi logo desatrelando uma voz um pouco esganiçada, mais ainda por causa da raiva que o atingia.

— A senhora sabe quem eu sou?

— Sei.

— E por que a senhora não obedece as ordens que recebeu?

— Eu não recebi e nem recebo ordens aqui.

— Tem coragem de negar socorro a uma infeliz que está quase morrendo? Arriscando a vida de duas vidas?

— Não estou em serviço. Não é gente subordinada ao meu serviço. Trabalhei o dia inteiro. Não passo o dia passeando como o senhor pensa e temos muito pouco recurso para atender a um parto complicado.

— Pois bem. Escute bem. Eu estou mandando que a senhora vá imediatamente naquele barco atender os necessitados.

Dóttie se enfezou. Aí, ela voltava a ser a mulher de mil fôlegos que enfrentara campo de concentração, câmara de gás e mil torturas.

— Pois eu lhe digo que não vou. Que aqui o senhor não manda é nada.

Ele gaguejou um pouco e comentou fervendo de indignação.

— Pena que isso não esteja se passando no Xingu.

— Pegue o avião que está no campo. Leve a mulher pro seu Xingu e obrigue sua enfermeira a fazer o que o senhor "manda". Aqui a conversa é outra. Nós estamos no Araguaia...

Ficaram se encarando com a mesma raiva por uns segundos.

— Então não obedece?

— Não vou. E sabe de uma coisa: Boa Noite!

A voz cresceu em esganiçamento.

— A senhora vai pagar por tudo isso. Amanhã eu vou para Goiânia e de lá para o Rio...

Ela riu cinicamente, desafiadoramente.

— Então que faça uma boa viagem e que o avião não caia.

Virou as costas e penetrou no barracão. Ia em busca do seu colchão empelotado, macio como espuma do rio. Aquela doçura acabava acalmando tudo.

Depois de deitada, quando o coração ficou quieto no peito, ficou se conversando.

— Por pouco você ia, não Dóttie?

— Por pouco. Afinal eu também já fui mãe e a criança que nasce não tem culpa de nada.

Suspirou profundamente e continuou.

— Se não fosse o modo tão estúpido que aquele "tapete"... Riu gostosamente. Gostoso mesmo era xingar em francês. Se ele me pedisse com educação eu acabava indo. Primeiro com raiva. Depois me esquecia de tudo e ajudava o neném a nascer.

Coçou a cabeça.

— Sabe de uma coisa, Dóttie?

— Mais ou menos.

— Você acabou de ditar a sua condenação...

Riu, os olhos estavam começando a se fechar. Aquele colchão macio executava verdadeiras mágicas. Levava para longe todos os espantalhos desagradáveis de barbicha, todos os pesadelos aborrecidos.

Bocejou forte e antes de adormecer de todo ainda teve tempo de acalmar seu coração.

— Durma, sua boba. Nada de pior poderá me acontecer na vida do que já me aconteceu. Portanto, Bussu... Bussu... e Bus...su...

Sexto Capítulo

O GRANDE FRIO, A GRANDE VIAGEM E A PEQUENA CANOA

Aí, que as grandes noites iam crescer cada vez mais de frio. Talvez também porque o calor do sol dos dias tão quentes não esquentavam mais seu corpo e nem o de Akurriro. A velhice também crescia o frio. Ninguém podia provar isso. Somente os velhos como ele. Então, quando a noite dobrava a caminho da madrugada, um vento gelado deslizava pelo chão do rancho e vinha doer, penetrando pelas fimbrias da velha esteira que enrolava os seus corpos. Dormiam bem agarradinhos para que o calor dos dois corpos ajudasse um pouco. Difícil e custava muito um cobertor adquirido dos toris. Tinha gente que chegava até a aldeia e trocava uma coberta e que não era das melhores, por três cestos de Itxokós¹ e muitos Cáua-cáuas². Depois essa gente ia para a cidade e vendia todo aquele material por muito dinheiro. Outros índios, outras mulheres faziam esse negócio. Sabiam que estavam sendo roubados, mas era melhor do que sentir o frio que estavam sentindo agora. Akurriro envelheceu muito e suas mãos velhas não podiam mais fabricar itxokós. Com o tremor dos seus dedos, saíam bonecas tortas, feias e disformes e todo mundo caçoava dela. E ele, Kuryala, nem sequer podia manejar o facão na madeira de sarão para fabricar um cáua-cáua sequer.

Por isso eles, logo que aparecia o bederuréi³ da noite, se recolhiam e se enrolavam bem juntos na esteira, porque a primeira parte da noite não surgia tão gelada.

Kuryala sorria. Relembava que, quando casara, prometera a Akurriro:

1. Bonecas.

2. Boneco de madeira.

3. Escuro.

— Você nunca vai sentir frio. Eu estou sempre perto e abraçarei seu corpo.

Dizia aquilo sentindo uma felicidade muito grande dentro do peito. Porque naquele tempo seu peito era muito forte e muito quente. Agora na verdade, parecia precisar mais do calor de Akurriro do que ela do seu.

Longe, na casa de Aruanã, estavam fazendo uma pequena festa de nove dias e o festeiro era Andeciuala Rituera, filho de Indiarrina, um índio carajá tão forte que pagara sua vida ao preço da tuberculose dos brancos.

— A festa é de Rítu, não é Kury?

— É.

— Ele é muito bom, não é Kury?

— É sim.

— Pena que não é nosso parente.

— Ele é bom, mas não é nosso parente.

Sabia porque Akurriro falava assim. Se fosse parente podia ir até a festa dos Diasós⁴ e comer. Sabia que Akurriro pensava nas panelas de Kalugi⁵, nas panelas de mandioca cozida, nos pratos de peixe frito, nos pratos de batata-doce cozida e tão cheirosa, nas panelas fundas de peixe cozido com farinha-de-puba. A fome que lhes fustigava o estômago parecia trazer presente até a sua esteira o fantasma do cheiro de tanta coisa boa. Na verdade, de tardinha, só haviam comido um pedaço meio verde de kubêkré⁶ e aquilo não alimentava muito. Se tivessem filhos sempre seriam presenteados com alguma coisa.

— É. Ele não é nosso parente.

— Bom mesmo é quando tem as festas de Kotu-Rekan e de Retô-Rekan. Aí a gente pode ir e comer muito. Todo mundo da aldeia fica convidado.

Kuryala sorriu e pensou que essas festas já haviam passado e só no fim das águas e no começo das secas elas voltariam...

4. Máscaras.

5. Bebida de arroz.

6. Melancia branca.

— Vamos escutar os cantos de Aruanã e dormir. Amanhã, Dóttie vai dar pra gente, Bororena-Rukansé⁷ e Bororena-Dé⁸.

— Vai sim. Dóttie é boa e é amiga.

Ficaram em silêncio, muito juntinhos, ouvindo as músicas, ouvindo os cantos, uns bem conhecidos durante a vida e outros novos de novos compositores.

Kuryala ficou passando as mãos docemente nos cabelos oleados de Akurriro. E então dormiram. Dormiram muito.

* * *

Kuryala acordou com o barulho da aldeia. A esteira encontrava-se entreaberta e distendendo o braço sentiu que o sol da manhã andava pelo chão do rancho e vinha aquecê-lo um pouco. Ficou fechando e abrindo os dedos sem se importar com o tempo. Por certo, Áku aproveitara o seu sono forte para sair da esteira e dar uma volta pelos ranchos. Sempre voltava com alguma coisa. Uma penca de "manana", um pedaço de "manlioca" ou com um pouco de sorte, talvez um lobó presenteado por alguma sobrinha. Forçou as narinas e sentiu que Áku nem fizera o fogo no pequeno fogão de pedra antes de sair. Demorou um pouco de tempo até resolver-se a fazer um esforço maior com o corpo. Estranhamente, a ponta da esteira estava presa em qualquer coisa. Um peso a sustinha. Sentou-se de uma só vez e começou a apalpar com as mãos naquela direção.

Seu coração quase se petrificou. Nem podia respirar. Era Áku. O seu corpo rolara um pouco para fora da esteira e encostava-se num mourão do rancho. Seus dedos foram sentindo a dureza e a frialdade de suas carnes.

— Áku!... Áku!...

Sua voz saía estrangulada.

— Fale.

Percorreu sua barriga fria. Tocou seus braços hirtos. Pousou a mão e depois encostou o ouvido contra o corpo parado. Tudo era silêncio.

Abriu a boca desdentada e soltou um grito pavoroso.

* * *

7. Leite.

8. Carne.

Kuryala estava sentado numa esteira grande, de pernas cruzadas, e mãos descansando inertes sobre as coxas maceríssimas.

Parentes longes, uns dois sobrinhos ainda meninos de Akurriro, uns velhos da aldeia faziam-lhe companhia em silêncio.

Seus olhos brancos encontravam-se parados como um céu sem nuvem. Um céu brando de tristeza. Kuryala cantava a sua dor. Chovava como era costume dos carajás sem deixar cair uma lágrima, mas cantando sempre com a voz triste, pausada e dolorida.

- Você foi embora, minha mulher.
- Você que era boa e que era amiga.
- Você que viveu sempre ao meu lado e no meu rancho.
- Você que repartiu as viagens da minha canoa.
- Você que comeu do peixe da minha pesca.
- Você que era boa e que era minha amiga.
- Você foi embora, minha mulher.

Balançava o corpo e a cabeça. Batia com as mãos nas coxas. Respirava forte para recomeçar a chorar o seu canto de morte.

- Que você faça uma viagem muito boa.
- Que encontre a alegria no mundo de Tahiná-Kan.
- Que Kanansiúê esteja esperando por você lá bem longe.
- Que na sua viagem, você não sofra fome, não sinta frio e não tenha medo. Medo de nada.

Aí, Kuryala parava um pouco e abaixava a cabeça sem modificar a posição do corpo. Tinhama-no trazido ali a fim de prepararem o corpo de Akurriro para a viagem sem retorno. Seu corpo magro seria completamente desnudado e as velhas e as parentas iriam lavá-lo. Com respeito e calma. Faziam tudo aquilo tão suavemente como se lavassem o corpo da própria morte. Muitas pensavam que ainda poderia doer um movimento feito com menos suavidade. Quase não falariam e se tentassem, a voz não passaria de simples sussurro para não acordar o "kunin" da morta, a alma da morta. Alguém lhe presentearia com um rabicho novo de casca de gameleira batida, para cobrir a nudez do seu velho sexo. Depois, passariam óleo de babaçu em suas pernas, seu ventre, seu peito seco e seus ombros. No rosto somente um pouco. Preferiam fazer uma pintura de urucum sobre os olhos

cerrados e executar alguns desenhos com tinta de bidiná⁹ de maneira bem simples. Penteariam os seus cabelos à medida que o oleavam também.

Kuryala recomeçou a sua cantilena.

— Que grande viagem você vai fazer.

— Pela primeira vez, você vai viajar numa canoa que não é a minha canoa.

— Eu vou sentir sua falta.

— Você era boa e era amiga.

— Você que me emprestava os seus olhos para que eu pudesse ver.

— Nunca poderei olhar para Tahiná-Kan, lá no alto do biú-e-teki¹⁰ para ver se você mora nela.

— Meu rancho era pequeno com você. Agora vai ficar muito grande sem você.

Tornou a parar e abaixar a cabeça. Quase tocava o peito magro com a ponta do queixo fino.

Alguém aproximou-se como se fosse uma sombra e tocou em seus ombros. E lhe falou ao ouvido.

— Meu tio. Está chegando a hora. A gente tem que levar você até a beira do rio. Como quer fazer? Muitos de nós tem um räuó grande e pode levar o corpo até o Uabdé.¹¹

A voz de Kuryala endureceu.

— Não. Quero levar o corpo na minha canoa. Um de vocês pode ir na frente da canoa como ela fazia e falar para onde devo remar.

— Está bem, meu tio.

— Tem que ser. É a última viagem que a gente faz na mesma canoa.

— Então vamos. Vamos devagar. Não fique nervoso nem zangado. Na vida, todo inã chega nesse ponto. Ninguém sobra. Devagar, porque Ibóbredu passou por seu rancho e agora é que começaram a costurar o corpo dentro da esteira.

9. Jenipapo.

10. Céu.

11. Cemitério.

— E como é a esteira?

— Nova e bonita. Com uns desenhos trançados em preto. Foi presente da velha Rerakre, que melhor sabe fazer esteiras.

* * *

Muitas canoas acompanhavam o séquito. Os remos batiam brando ritmando o compasso da remada nas bordas da canoa. Subiam o rio e cruzavam a correnteza aproximando-se do lado de Mato Grosso, região antigamente cheia de medo e de pavor, por causa dos Crixás¹² e Kralanrús¹³.

A canoa de Kuryala, por não ser muito grande, levava o corpo amortalhado ao centro, Dóttie que fizera questão de acompanhar o enterro e, na proa, o moço Idiarrure que, segundo as leis dos carajás, logo seria um homem maduro. Seus músculos fortes ainda começavam a denunciar um certo arredondamento, sinal de que a mocidade desejava ficar para trás.

O vento vinha fraco com o começo do entardecer. Nem adiantava repetir que o pôr-do-sol logo começaria a se formar com o mais belo colorido das nuvens. Quando se tornava róseo e dourado, diziam que era o colhereiro baixando para dormir nas praias. Quando se transformava naquele avermelhado maravilhoso, todo mundo sabia que era andedura¹⁴, chegando para dormir e no dia seguinte, bem cedo, ir caçar com Kanansiúê.

— Tio, pode descansar o remo que está aparecendo praia no raso do rio e eu vou trabalhar a zinga.

— Está bem. Idiarrure.

Dóttie olhava o corpo do índio arremessar a zinga para a frente e puxar a embarcação com mais rapidez. Podia viver mil anos e nunca esqueceria aquele movimento tão lindo, mais parecendo uma dança. Depois voltava a fitar o velho, duro, impassível, com os seus olhos apagados de branco, dirigidos para a frente como se adivinhasse os lugares por onde a canoa riscava o rio.

O coração confrangeu-se. O que seria do velho sem os segundos

^{12.} Xavantes.

^{13.} Caiapós.

^{14.} Arara-vermelha.

olhos? Sem a paciência daquela velhinha mirrada, chupada como bagaço de cana? Morrera de quê? De velhice mesmo? De frio? De fome? Na certa morrera com a falta de tudo aquilo que a velhice precisa. Enquanto permanecesse ali poderia amparar o velho cego. Mas quanto tempo poderia garantir isso? Com aquela política de comadres do Serviço de Proteção aos Índios? E de mais a mais não podia esquecer sua origem estrangeira. Por qualquer motivo e desde que aparecesse uma brasileira disposta a assumir o seu cargo, seria logo mandada embora. Felizmente para muitos e para sua limitada segurança, ali era como os caboclos diziam: o cú da madrugada.

Idiarrure comentou:

— A gente passou bem pela frente do lago da fazenda.

Kuryala respondeu.

— Eu sei. Você deve estar vendo a curva de Raumaló. Logo, logo, deixa a zinga e vamos remar de novo. Estamos perto do Uabdé dos inãs.

Quando Idiarrure sentou-se, recolheu a zinga com cuidado para não bater no corpo morto no centro da canoa. Aproveitou para sorrir porque lembrou-se de uma coisa, olhando Dóttie.

— Dóttie, você vem muito aqui nesse lado?

— Muito pouco.

Sabia o que o índio estava querendo dizer. Sabia também que ele continuaria a conversar embora lhe desse as costas. Esse era um velho hábito dos carajás a que custara acostumar-se. Enquanto ele não se certificasse do que queria, não pararia de perguntar.

— Dóttie, você veio mesmo só para acompanhar o corpo de Akurriro?

— Dessa vez, foi.

— Você tem muitos amigos no uabdé dos inãs?

— Você sabe. Quando deu aquela peste muita gente amiga foi enterrada aqui. E eu vim muitas vezes. Isso não faz mal, faz?

— De vera, não.

— Quando você vem a São Félix fazer alguma compra, você não salta na praia e não vem andando para passar no Uabdé?

— Sim. Nas poucas vezes que vou a São Félix, faço isso. Não é proibido, é?

— Sei. Sei.

Remou mais e tornou-se pensativo por mais uns segundos. Dóttie sabia que o ataque não parara. Podia adivinhar até onde Idiarrure pretendia chegar. Nem poderia zangar-se com o rapaz. Tudo aquilo era produto de curiosidade. Nunca de uma maldade estudada.

— Sabe o que é, Dóttie? Ninguém sabe uma coisa.

— Se souber eu digo.

— Pois é isso. Você sabe. O Uabdé dos inãs é bem ali. Aí você anda bem pouquinho tem o Uabdé dos toris, não tem?

Dóttie sorriu.

— Tem.

— Então por que Canário que era bem tori, foi plantado no cemitério dos carajás?

Sentiu uma certa opressão, mas dominou-se. O que adiantava qualquer coisa agora no horizonte de um mundo totalmente perdido?

— Deve ser porque Canário falou para alguém que se morresse queria ser enterrado ali.

— Mas por quê?

— Todo mundo sabe que ele gostava muito mais dos índios do que os brancos. Se ele gostasse dos da sua raça não morava a vida toda na selva do Bêérokan.

— É. É isso mesmo. Você também não gosta dos toris, não é?

— Não gosto. E se você quer saber, eu também pediria como Canário fez. Pediria para ser plantada no Uabdé carajá.

Idiarrure calou-se, observou as canoas da frente que começavam a aportar na barreira, transpondo uma subida até o escondido cemitério carajá.

— Já estamos chegando, Tio.

Dóttie observou Kuryala e viu que todo o seu corpo estremecia.

Mas ele guardou uma dignidade de grande capitão. A dignidade de Kuryala: capitão e carajá. Falou com voz segura.

— Cuidado com o corpo. Eu quero levar nas mãos a penca de banana madura e o prato de peixe frito com farinha. Nessa grande viagem, ela não sentirá fome. Nenhuma fome. Nunca mais terá fome.

• • •

Durante três dias e três noites ficou como se tudo também tivesse morrido. Deitara-se na esteira sem vontade de nada. Era como se o mundo da sua cegueira tivesse se alastrado em seus ouvidos. Parecia desinteressado de escutar. Como se a fala houvesse desaparecido de sua garganta para sempre. Não fora seu respirar ritmado e todos o julgariam outro morto.

Na manhã do quarto dia Obedo apareceu.

— Você não morreu ainda, Kury. Então você precisa viver. Dê-me a sua mão.

A voz de Obedo parecia vir lá longe do fundo do Béérokan.

— Sou seu amigo e velho como você, Kury. Eu também já tive minha mulher que morreu. Me dê a sua mão.

Sentiu que a mão de Obedo segurava o seu punho.

— Você vai comigo. Vamos banhar. E você fica logo bom. Venha.

Nem sabia porque estava obedecendo. Caminhou quase abraçado ao amigo e desceram o trilheiro da barranca bem devagar.

— Agora vamos entrar na água. A água do Béérokan cura tudo porque também é nossa mãe. Kanansiuê disse.

Mergulhou o corpo sem que Obedo despregasse a mão do seu pulso.

— Só um pouco mais. Outra vez. Você vai viver de novo.

Voltaram lentamente pela barranca e Obedo sentiu o grau de fraqueza que o velho amigo estava sentindo.

Sentaram-se na esteira lado a lado.

— Trouxe banana madura e pacu frito e mais farinha. Quero que você coma comigo. Vamos.

Colocou a cuia de coité cheia de alimento entre as coxas de Kuryala. Sorriu de alegria quando viu que suas mãos procuravam a comida.

— Amanhã você estará mais forte. E no outro dia, vai ficar todo bom. Precisamos fazer, continuar com tudo que os nossos pais faziam. Sei que você vai me dizer que a moçada não acredita nessas coisas hoje. Mas nós somos os últimos e poucos velhos da aldeia.

Obedo dizia aquilo um pouco magoado. Tudo mudara muito. Ninguém mais fazia questão de ficar casado a vida inteira. Os moços

ainda gostavam de fabricar as máscaras de dança e dançar o Aruanã. Porém poucos deixavam marcar o seu rosto com o Omarira, o círculo tribal embaixo dos olhos. Nenhum deles queria usar o noôn, amarrado em forma de cahimbo como sempre fora regra antigamente...

— Kury, você precisa ficar forte para chorar, para cantar a morte de sua mulher.

Só então Kuryala falou com a voz cheia de desespero.

— Não posso, Obedo, meu amigo.

— Um homem só não pode quando morre. Você não morreu

juda.

— Eu morri.

— Você gostava de Akurriro, Kury?

— Corre.

— E ela gostava de você

— Corre.

— Você diz sim. Você diz sim. E não quer cantar o choro da sua morte. Se fosse você que tivesse morrido, Akurriro cantaria a sua morte?

— Sim. As mulheres são mais duras e mais fortes do que os homens. É por isso que elas têm filhos e os homens não têm.

— Então hoje de noite eu venho chorar para ajudar você. E dois dias mais eu choro também. Agora eu vou sair, porque Dóttie vem dar uma injeção em você que faz você ficar muito forte. Arakre!¹⁵

— Arerine!¹⁶ Tiotoitika!¹⁷

* * *

Texibré entrou agachado no rancho de Kuryala.

— Você mandou me chamar, Kury?

Reconheceu a voz de outro velho. Outro amigo.

— Sim. Eu preciso de você.

Kuryala esfregava as mãos sem saber como começar.

Texibré tirou-o do embaraço.

— Obedo já me falou.

¹⁵. Até logo.

¹⁶. Até logo.

¹⁷. Obrigado.

— Tudo?

— Tudo não.

— Olhe Texibré, Obedo me ajudou três noites a chorar o meu canto de luto. Agora eu não posso mais. Meu coração está tão triste que não pode deixar que minha voz cante.

— Eu sei. Já passei por tudo isso. Eu também perdi minha mulher. Você esqueceu?

— Não esqueci. Mas sua mulher não era os seus olhos...

Calaram-se emocionados.

— Eu quero pagar você para cantar o meu choro de morte. Você é o que eu acho que canta melhor essas coisas. Sempre foi.

Texibré pensou um pouco antes de se decidir. Finalmente inquiriu:

— Mas como pode você me pagar, Kury?

— Tenho duas coisas. Esse rancho. Mas esse retô não presta muito. Está velho e no tempo das chuvas cai até muita água dentro. A gente precisa escolher lugar para dormir. E eu preciso de um lugar para morar porque não tenho parentes nessa aldeia. Nenhum parente que eu tenha lá pra baixo vai querer tomar conta de um velho cego. Logo, o rancho não pode ser.

— E a outra coisa?

— Uá Râuó¹⁸.

— Você não pode ficar sem canoa, Kury!

— Pense bem. Eu posso. Pra que uma canoa? Seria preciso uma pessoa pra me levar todo dia até o rio. Outra pra me guiar. Outra para colocar uaxixá¹⁹ no uaxi²⁰. Outra pra recolher o peixe. E mesmo eu estou muito velho. Tem razão os moços que não me levavam mais para subir o Béérokan e ir pescar nas águas do Iaou-Beró²¹. Quando remei até o Uabdé de Raumaló é que vi que não presto mais para canoa.

Texibré sentia pena.

— Você fala a verdade, Kury?

— Você alguma vez me viu mentir?

18. Minha canoa.

19. Isca.

20. Anzol.

21. Rio das Mortes.

— Não. Minha canoa é boa, segura e não faz água dentro. É
ira e boa de viagem.

— Eu sei.

— Aceita? Se não vou ter que chamar o pequeno Uataú que
não canta bem como você, mas também canta.

— Quanto tempo tenho que chorar?

— Chorar, cantar bonito todo o resto do meu luto. Depois
durante as três luas que vierem, em cada uma delas você chora três
noites. Aí, não precisa mais. Se mais tarde precisar, e meu coração
deer muito, aí quem chora sou eu.

— O que pediu chega pra você?

— Chega Texibré. Nós somos os últimos velhos da tribo. E eu
já fui chamado por todos como um grande Ixandi-Nandô.²²

— Nunca esqueci disso, Kury. Você foi grande capitão, bom e
direito.

— Então você começa hoje?

— Começo.

— Minha canoa está no porto de Telorroni, lá em cima. Diz
ela que você é melhor amigo do que eu.

Texibré colocou a mão sobre os ombros do cego.

— E não se esqueça de uma coisa quando sair, Texibré, meu
amigo.

— O quê?

— O Narirri²³ está encostado bem junto da entrada do rancho.



²². Capitão de tribo.

²³. Remo.

Sua Órbita Capital

Sua Órbita Capital

QUARTA PARTE

A Volta para a Estrela-d'Alva (Dateriambu, Tahiná-Kan!)

QUARTA PARTE

A Vozes para a Escola d'Alva
(Dilettante, Tschink-Kau.)

Primeiro Capítulo

SEM ÓDIO NO CORAÇÃO

Nada havia que lhe desse mais a sensação de morte do que sentir-se naquela espreguiçadeira velha e suja. Manchada de tudo. De cor indefinida. Quem a trouxera para ali? Ninguém possuía a menor idéia. Encontrara-a jogada, coberta de pó e barro no fundo do galpão, pingada de goteira e sujeira de morcego. O pano encontrava-se bom e a madeira ainda forte. Com três dias de paciência, esfregação e sol, ainda teria muita serventia. Agora não se podia definir mais a antiga cor do seu panejamento, mas o que importava? Sua finalidade era ser transportada depois de encerrado o expediente da enfermaria e colocada debaixo da mangueira copada. E entre o ver de um pôr-de-sol exageradamente belo e ouvir o bater dos remos do retorno dos índios pescadores, Dóttie podia fechar os olhos e esquecer ainda mais. Suspedia os braços magros e deixava-se acariciar pelo vento cego que não fazia questão da beleza em seu rosto. Fechava os olhos para aprender a morrer. Um pequeno e sadio cochilo era de seu direito em todas as tardes calmas. E calma se encontrava a vida. A aldeia respirava a paz. Se havia algum índio bêbado, e devia haver vários, não estavam conturbando o ambiente. Sequer os cães latiam assustados por qualquer motivo. A paz. O sono. A morte. O sono é que ajudava todo mundo a morrer. Diziam: Dormiu, descansou, não sofre mais... Talvez fosse boa essa adaptação, porque os homens enlouqueceriam com a idéia da morte se não dormissem nunca. Se tivessem a idéia que só poderiam dormir de uma vez quando a morte viesse. Nesse ponto, a vida não era tão filha da putazinha — como falava Canário... Sorriu na sua doce entrega sono-morte.

Estremeceu. Também, porque haver pesadelos numa hora dessas?

Ressoavam aos seus ouvidos as palavras de Atauzinho. Pronto, mesmo de olhos fechados perdera o seu treino para a morte nessa tarde.

— Dóttie!

Ergueu seus olhos do curativo para a janela da farmácia.

— Atauzinho!

Nunca aquele índio se aproximara de sua casa ou do seu trabalho. Estranhava o fato.

— Está doente, Atauzinho? Quer remédio?

— Não, Tiotoitik¹.

— Como vai Berixá?

— Tá bem. Tá na aldeia, trabalhando boneca.

— Por que veio? Maloíre tá kukrujé?

— Pouquim... Pouquim... Já durmiu na esteira.

Poucos índios falavam com tanta educação e tão maciamente. Era uma família que nunca se queixava de nada, aceitando qualquer infortúnio sem qualquer revolta, até com uma certa passividade doentia.

Voltou ao curativo e esperou que o índio justificasse a razão de sua presença. Ele observou interessado o trabalho de Dóttie e quando sentiu que não podia importunar falou de novo.

— Dóttie!...

— Sim. Atauzinho.

— Eu vim lhe contar uma coisa.

E naquele arremedo de português com carajá transmitiu-lhe a novidade. Hanna partira. Hanna que para eles era a mulher feia e amarela, do guarda-chuva velho, viajara. Contou que presenciara tudo da venda de Quiriba onde fora comprar tecido com o dinheiro da venda das bonecas. Que ela veio da casa dela, em pleno sol de fogo, tentando carregar uma mala grande numa mão e uma sacola na outra. Que parava a todo instante, arfante e tentando readquirir forças até a ladeira do porto. Talvez lá, alguém se oferecesse para ajudá-la. E durante o longo trajeto da sua casa até o povoado, ninguém, nem um menino, nenhuma mulher ou um homem se oferecera, penalizados do seu sacrifício. Ao contrário, havia um prazer sádico em todos os

1. Obrigado.

olhares que acompanhavam a odiosa caminhada. Gente até se punha na janela e nas portas para rir do seu fracasso. Sua cara molhada de suor e seus cabelos empastados aumentavam o feio dos seus traços e o desespero da sua angústia. E ela parava e ia. Passava a sacola para a mão direita e a mala grande para a esquerda. Andava um pouco ampliando cada vez mais o seu desequilíbrio, sentindo os ouvidos estalarem não tanto pelo esforço feito mas pela ampliação das gargalhadas debochadas. Não entendia tudo que lhe falavam. Mas era a linguagem do ódio e do desabafo.

— Você não ajudou, Atauzinho?

— Eu logo, logo, não queria não. Mas fui lá. A mulher me espiou como se eu fosse um Kunin^{1.A}.

— Deixe eu passar, por amor de Deus!

— Me dê que eu levo... E ela não queria dar. Aí ela me deu o malo grande... Sabe, Dóttie, ela chorou como criancinha ariore.

Dóttie sentiu um nó na garganta. Por pior que fossem as criaturas humanas doía ver uma humilhação. Mesmo com suas mãos quase mutiladas e sem gostar de Hanna teria ajudado a carregar a sua grande mala. Pelo menos a fazer um revezamento até que chegasse ao porto. Os brancos não prestavam mesmo. Nem para os próprios brancos nem para os pobres índios. Tinha sido necessário um velho índio para ajudá-la...

— Ela quis me dar nherú².

— Você aceitou?

— Não. Nem falei com ela nada. Nem esperei ela falar tiotoitika...

Dóttie adivinhava o porquê daquela recusa. Atauzinho era primo longe. Daqueles parentescos que não acabam mais. Primo longe de Kuryala e não perdoara Hanna ter enganado o velho Capitão. Prometendo que curava os seus olhos e enganando o tempo todo. Muito embora tivesse vontade de usar sua franqueza índia.

— Você é mentira! Você falou mentira pra meu primo Kuryala...

Qualquer branco naquele momento teria se vingado e destamparia um desabafo cruel. Ele, não. Um índio, um selvagem, um bugre, apenas virou as costas para não escutar as palavras de agradecimento.

^{1.A} Alma.

² Dinheiro.

Apenas se apiedara de uma criatura desgraçada e torturada pelos seus semelhantes.

Dóttie abriu os olhos e a noite começava a se condensar. Os pedaços de negrume comiam os restos vermelhos do ocaso. Negro e velho o guarda-chuva de Hanna que não caminharia mais pelas praias assustando o resto das gaivotas que ainda escapavam à fúria sanguinária dos turistas. Negro e velho, desbotado e triste, o guarda-chuva de Hanna. Hanna sentada no fundo do motor que partia. Ela e o piloto. Porque as mulheres que viajavam em sua companhia afastavam-se da sua presença. O ronco do motor, a hélice provocando estrias na água e um barco não muito veloz subindo o rio. O rio, aquele mesmo Béérokan tão cheio de histórias lindas escondendo em seu segredo todos os fracassos de Hanna, da sua fé, da sua catequese. E Hanna também se perdia ao longe como um ponto negro devorada pelo próprio guarda-chuva.

Dóttie sentou-se e espreguiçou-se. Porque interromper tão horrivelmente o exercício do seu sono-morte? Que pior pesadelo poderia existir? Quis tapear-se caindo na realidade. Hanna encontrou o que quis. Ninguém conquista amor com a dureza. Pensou em si mesma — nesse ponto eu sou um fracasso também. Talvez tenha mais sorte. Veio a lembrança das frases desbocadas de Canário: — na vida, a gente muitas vezes tem que fritar um pedaço de merda para tentar fazer um torresmo...

Levantou-se. Eram aquelas cartas. Aquelas cartas escritas tão inflexíveis para a Diretoria da sua Ordem. Como era o nome? Sei. Old Mission's Tribus. Hanna fazia aquilo que exatamente aquele povo da FAB gostava de falar. Uma palavra nova e sugestiva que se embranjava com facilidade naquela selva longínqua: fofoca. Ela intrigava o gordo do Irmão Dick, tão bonacheirão que gostava mais de pescar do que ficar lendo o "romance preto" para o povo de São Félix. Ele se deixara absorver pelo encanto, pela magia do rio. Era melhor assim. Fofoca. Ela queixava-se que o Irmão James pensava mais na horta, em matar formiga que devorasse a sua plantação de tomate e pimentão, do que na construção de uma igrejinha tão necessária ao lugar. E justamente ele enganava a ordem que estava providenciando aquele mister. Mais de três anos e o que se via? Seus pés de laranja grandinhos

quase florescendo, suas hortaliças quase dando para vender e a igreja? Fofoca... E tanto escreveu e tanto fofocou, que se cansaram, chaman-
do-a de volta.

E agora, Hanna, para onde? Oito dias subindo um rio no meio de
um pessoal que a odiava, não deixando nem que dormisse perto no
acampamento ou comesse junto deles nas horas das refeições. Até
chegar à Burdine, a antiga Leopoldina (Burdine dos Carajás). Até
Leopoldina perdera a beleza do seu antigo nome pela imposição dos
brancos invasores. Agora estava nos mapas como Aruanã.

E de Aruanã, Hanna? Um caminhão transportará você até Goiâ-
nia. De Goiânia, Rio ou São Paulo. E de lá, a confusão, o cosmopo-
litismo e o barulho de Nova Iorque... Os velhos da sua Ordem esta-
vam numa segunda Inquisição decidindo o seu destino, ou uma nova
missão ou a trilha da renúncia.

Fez-se de todo a noite, mas Dóttie voltou a sentar-se na cadeira
para sentir o vento frio chegando das praias próximas. Talvez aqueles
bafios de frialdade a acalmassesem um pouco. Verdade que não odiava
Hanna. Nem era digna de ódio. Talvez até fosse honesta em seus
princípios de fidelidade. Era isso. E por que eu vou me preocupar mais
com Hanna? Por quê? Afinal que é que eu tenho com isso? Eu não
quis e nem desejei a sua partida. Não fui motivo para tanto. Mas já
que você se foi, tenho que confessar também a minha verdade. Já
que você se foi... pelo menos vou ficar livre de sua presença pra
sempre. Ela que já era tão pouca vai agora se tornar definitiva. É
isso mesmo. E por favor. Você estragou minha tarde, meu relax, o
momento que eu mais consigo me recompor de um dia quente e cheio
de trabalhos. Que você seja feliz, viaje bem, consiga dormir bem nas
pousadas das suas praias... Tudo isso, viu? Por que do contrário acabo
mandando você para o buraco mais fundo do inferno...

Levantou-se, fechou a cadeira, como se naquele fechamento es-
condesse para sempre as lembranças de uma mulher amarela, que
existiu e não existiu, que esteve e que não esteve. Em suma, uma
mulher-enterro.

Caminhou com a cadeira nas costas e resolveu procurar o leite
que deixara talhando na cozinha. Com o calor do dia, estaria na certa
uma coalhada maravilhosa. Se os carajazinhos não tivessem subtraído

uma nesga de rapadura que escondera em seu armário, ainda ficaria mais deliciosa. Isso mesmo. Ponto.

* * *

Kuryala chegara cedo, trazido pela mão caridosa de algum menino da aldeia. Não houvera bem amanhecido e fazia frio. Sentado no terraço do barracão de Dóttie, ele tremia muito. Apertava os braços, cruzava-os escondendo as mãos nas axilas. O corpo encontrava-se desabrigado. Somente uma velha calça, assim mesmo toda rota e mal cheirosa. Logo Dóttie acordava e dava café quentinho e ia esquentar. Sabia que ia esquentar o corpo mas não o medo que atacava o seu coração. Ficou atento a qualquer barulho no interior do barracão. Ainda era muito cedo. Tinha até galo retardatário ainda chamando o sol.

Tinha tori caminhando para o lado do porto deles. Estavam indo buscar água, tomar banho ou lavar a cara. Ouvia bem o caminhar dos chinelos e das botinas chiando em cima do caminho pedregulhoso.

Algum carajá também atrasado passou batendo remo na beira da canoa. Ia para a "besca". Pegar pacu, tucunaré, pintado, piau. Tudo peixe bom. Muitas vezes ele também fora. É. Kuryala hoje não é mais "Maxandô e Ueriribó"³. E agora não adianta nem pensar. Nem canoa Kuryala tem mais. Peixe só quando ganha de um amigo tão velho como eu mais que ainda pesca porque tem dois olhos que não são brancos Amigos velhos como eu que pescam quando têm anzol ou ganham algum "nherú"⁴ para comprar lá no São Félix. Por que de "brecha" e arco não dá mais não. Braço deles tamem ficou fino, magro e cum pouca força. Quando Maluá, Texibré, Atauzinho, Obédo, Uraíde, Komantari velho pega peixe, dá sempre um pra Kuryala. E dá já prontinho. Assado ou cozido. Kuryala nem pode fazer Reautu⁵ no rancho, porque é cego; gente que mora junto do lado dele fica cum medo que pegue fogo na aldeia. E mesmo. Carajá tá tudo pescando.

Distraíra-se um pouco dos seus pensamentos e das suas preocupações por alguns momentos. Mas logo, logo, eles estavam voltando.

3. Macho novo e forte.

4. Dinheiro.

5. Fogo.

Aquilo fazia seu corpo tremer com mais frio e a garganta engrossar de um jeito ardido como quando ele pegava gripe que apareceu com branco. E gripe vinha toda hora. Era ruim que era danado. Doía a garganta e nenhum carajá agora sabia ir buscar óleo de andiroba. Óleo amargo que passava tudo esfregando boca lá dentro, no fundão. Aí vinha Dóttie com injeção que ardia e curava. Mas só quando era gripe. Quando branco passava ni carajá a tiberculose, num servia de nada a injeção de Dóttie. Tiberculose dava uma uató⁶ que queimava o peito. comia as carnes todinha. Carne do peito, da bunda, das pernas, das costas. Era tossir grande e carne diminuindo. Homão assim grande como Kuranía foi ficando magrinho, magrinho e amarelo. O povo é que contava tudo isso. Não podia ver. Mas sabia que quando tori emprestava tiberculose pra carajá, podia fazer viaje que quisesse porque ela não era cumo a maleita que viajando fica boa. Pedro Grosso, o maior pescador de arpão dos Inãs. Num tinha pirosca ou bedoleké⁷ que fugisse da sua pontaria. Pois Pedro Grosso pegou tosse, pegou pontada e morreu noite e dia de tanto tossir. Idiarrina também. Podia contar nos dedos da mão e dos pés o tanto de carajá que morreu de tiberculose. Mulher muita tamém. Outra Marixiro, o mesmo nome de sua mãe, Butiéro, Narrúria, Anarríro, Beleuáre e nem precisava pensar mais. Nunca mais a aldeia dormiu em silêncio. Tinha vez que carajá tudo tossia mais do que cachorro latindo pra Randô⁸.

Solzinho estava lambendo pedaço da sua perna quando Dóttie abriu a porta. Viu os seus estremecimentos.

— Você está aí. Entre. Mas está morrendo de frio! Pegue. Bote essa blusa velha nas costas que eu vou lhe dar um pouco de café.

Depois pensando melhor, resolveu puxar o índio pela mão e levá-lo para junto do calor do fogão, na cozinha.

— Aqui está bom.

Kuryala bebeu o café.

— O leite está pra chegar. Depois eu lhe dou uma caneca.

O cego riu e começou a tremer de novo.

— Por que você está tremendo?

6. Tosse.

7. Pirarucu.

8. Lua.

Passou a mão na testa de Kuryala para verificar a sua temperatura.

— Não. Febre você não tem.

O rosto do velho estava congestionado. A emoção tomava conta dos seus traços. Queria falar e não conseguia.

— Que tem você, Kury? Vamos. Acalme-se. Fale... assim... Fale. A voz saiu trêmula a custo vencendo o choro.

— Dóttie, tão dizendo na aldeia...

Dóttie sentiu um arrocho no coração.

— Que é que estão dizendo?

— Fale que é mentira, Dóttie, Fale...

As lágrimas desciam daqueles olhos opacos. Sentou-se a seu lado e passou os braços sobre os seus ombros.

— Você vai dizer que é mentira, não é, Dóttie?

— Não meu amigo. Seria mentira se eu dissesse que não era verdade. É verdade sim.

— Mas num pode, Dóttie. Num' pode, Dóttie. Você não pode ir embora.

— Não posso fazer nada. Veio ordem mandando Dóttie voltar e Dóttie tem que voltar.

— Hanna foi embora. Foi. Mas Hanna é Ibinare⁹. Num presta. Ninguém gosta dela. Nem tori nem carajá. Foi bom ela ir embora. Hanna só falava mentira. Dóttie não, Dóttie é boazinha. Tudo que é carajá gosta dela. Tudo. Dóttie não pode ir.

Ainda bem que ele não enxergava seus óculos embaciados pela cegueira da emoção. Ergueu-se e tentou dominar-se. Limpou os óculos na fralda da blusa.

— Você vai ver que vai chegar aqui uma enfermeira melhor do que eu. Uma enfermeira moça, bonita. Vai tratar Kuryala tão bem como Dóttie.

— Não vai, não. Só Dóttie sabe tratar Kuryala. Nem carajá mais gosta de Kuryala. Só Dóttie é que diz que eu sou Capitão e Carajá. Antes de você vir até Raumaló-Dessé, tinha enfermeiro. Um, dois, porção deles. Nenhum tratava de índio. Pegava remédio da farmácia e vendia pra outros toris, de São Félix e de Mato Verde.

9. Má.

Pegava leite que chegava da Fazenda e carne tulê¹⁰ e vendia. A gente vinha tudo e eles falava. Num tem. Deu pouco. Acabou. Toda hora era Ituéra¹¹...

Dóttie não ignorava nada do que o índio se queixava. Nada. Quando ali aportara, aquela farmácia era o reino de nada. Do nada com titicas de morcego por cima de caixas e de bulas vazias. Tivera que esperar novas remessas, pedir mais, comprar alguma coisa do seu bolso com o seu modesto estipêndio. Nem chegara a odiar aqueles enfermeiros como os outros brancos. Os desgraçados apareciam ali cheios de filhos e a necessidade morava em suas sombras. O dinheiro do Serviço chegava com atraso e as dívidas e os empréstimos em São Félix surgiam com rapidez. Julgar o quê? Acusar o quê? Melhor era fechar os olhos e esperar que chegassem os novos remédios e readquirir a confiança daqueles índios maltratados.

— Dóttie não pode ir. Deixar nós tudo. Kuryala vai morrer. Sem leite, sem "arroi", sem café e sem bororena-dé¹².

Dóttie precisou mentir.

— Tudo vai continuar igual. Falei com o Chefe e ele vai dar ordem para o enfermeiro ou enfermeira continuar dando tudo para Kuryala. Pode ficar confiante.

Ele calou-se pensativo e os seus olhos opacos pareciam procurar inutilmente a direção do seu rosto e dos seus olhos.

— Você vai quando, Dóttie?

— No primeiro avião que passar do Correio.

— Kay manakrê?

— Voltar? Quem sabe?

Precisava continuar na mentira.

— Logo que deixarem eu vou voltar. Não posso vir para trabalhar, mas no tempo das férias, numa folga qualquer...

— Dóttie!... Tiotoitika!¹³ Você nunca falou mentira, mas agora está taroí¹⁴. Eu sei. Tudo que Kuryala tinha, morreu. Meu pai e minha

¹⁰. Também.

¹¹. Acabou.

¹². Carne.

¹³. Obrigado.

¹⁴. Mentira.

mãe que nunca viram o filho meu. Minha mulher, minha canoa. Meu rancho está morrendo. Tudo morreu mesmo quando Kanansiê falou que eu tinha doença de olho de branco...

Não conseguia contestar. Também de nada adiantava. Era melhor deixar que o velho continuasse em sua insólita e verdadeira litania.

— É assim. Kuryala está velho. Velho que tem olho ainda pode prestar para alguma coisa. Kuryala vai esperar até a hora que Kanansiê me dê a mão e me leva para Tahiná-Kan... Áí sim. Tudo acabou.

Calou-se e Dóttie nem sabia que decisão tomar olhando aquele velho molambo de tristezas. Ele ia esperar. E apesar de tudo que passara não perdia a esperança no seu Deus tão pobre, nu e desamparado. Estranho que os índios não se suicidassem. Os velhos da velha Europa em grande quantidade encontravam a solução dos seus problemas nas cavernas da morte. Durante todo o tempo que por ali permanecera jamais escutara que algum índio tentasse contra a própria vida. Podia ser que em casos de doença eles se entregassem para morrer mais rapidamente, mas nunca executavam um ato de brutalidade contra a existência.

Sorriu, pensou em qualquer palavrão que Canário diria numa ocasião assim, mas não se sentiu encorajada de pronunciá-lo. Estava farta de xingar a vida de merda e ofender a moral das prostitutas que afinal nada tinham com a infelicidade dos outros.

Entretanto, agora eles estavam aprendendo a se matar. Sim. Havia dois suicídios à disposição. Quase uma meta obrigatória. Ambos se desenvolvendo devagar e traiçoeiramente. Primeiro a arara-verde-datuberculose. Segundo, as penas doces e brancas de arara-branca-dacachaça que tornava tão bêbadas as canoas produzindo o afogamento dos seus donos. Tudo aquilo se tornando uma herança fortuita de todos os brancos que chegavam sempre e que cada dia aumentavam mais...

• • •

Índio nunca fora muito de dizer adeus. Adeus só para quem vai viajar numa viagem de sombras, acompanhados de maniocas, banana e batata-doce. Só quem vai ser enterrado do outro lado do rio, no

uabdé de terra, de silêncio e de mistério. Adeus justamente era para dar a quem nunca mais poderia responder. Só.

Por isso, além de Taxirimani e Ibrobedó que vieram carregando a mobília dos seus dois velhos sacos de viagem e Kuryala, não havia nenhum outro amigo da tribo. Todos pensavam que ela voltava um dia. Que gostavam dela não duvidava um só instante. Só sentia falta do rosto de Xireréia. Do rosto de antigamente. Alegre, descontraído, debochado, gaiato, sincero. Onde andaria com o seu filho, o "nossa filha" como chamava Culherete, por ter ajudado no parto? Longe, amargurada, se conformando aos poucos, perdendo a vontade de sentir o machado na humanidade ou de riscar um fósforo para incendiar a aldeia. Doida querida!

— Ibró, quando avião for embora não se esqueça de levar Kuryala até o seu retô.

— Sei, Dóttie. Levo meu tio de volta.

— E você, Taxirimani, quando pescar, dê sempre um peixinho para ele. Lembre-se que eu pedi isso.

— Corré, Dóttie. Vou encher ele de peixe quando pescar.

Sorriu daquela promessa e observou com um dedo mindinho de saudade o rosto moço e bonito dos dois índios. Eram mocinhos lindos. Sorriam na brancura dos dentes perfeitos. Ainda tinham permitido que lhes cortassem no rosto a marca do "omarira". Muitos outros mais jovens se rebelavam contra essa iniciação tribal. Besteira. Doía pra burro e fazia o rosto ficar muito feio. Coisa de velho bobo! Depois quando vinha gente por ali ficava perguntando, gozando até: — por que é que carajá tem quatrólho?

— Vocês também prometeram a Dóttie que nunca iam beber Krukujá e Orrã.

— Bebe nada, Dóttie. Aquilo é danado de ruim.

— Quando eu voltar e descobrir que vocês pelo menos experimentaram, visto roupa de Lateni e desço de corroté¹⁵ nas pernas de vocês.

— Faz o que, Dóttie!

Riu da brincadeira.

15. Borduna.

— Duvida?

— Duvido. Dóttie não bate em índio porque é boazinha. Depois, mulher não veste máscara de Latení.

Ibró pensou antes de perguntar.

— Você vai voltar mesmo, Dóttie?

Não teve coragem de mentir.

— Não. Não vou voltar mais.

Falava baixo porque estavam um pouco distanciados de Kuryala sentado num banquinho do aeroporto.

— Você tem que voltar sim. Senão eu e toda a moçada vai beber e você tem que voltar pra bater na gente como prometeu.

Não queria, mas aquela declaração de amizade pesou em sua obrigatoriedade renúncia.

Felizmente começou a chegar um pessoalzinho de São Félix que ia cavar uma passagem de carona até Goiânia. Tinha gente com malas, sacos, cachorros, papagaios, tartarugas e até um com esperança de levar uma velha bicicleta enferrujada. O sargento desanimava a todos. Mas ninguém arredava o pé. Na crença de que naquele fim de mundo, se o comandante de avião tivesse uma pontinha de coração, espremia todo mundo para caber na viagem.

— Sei não. É o Major Alencar. Quando ele chegar é quem vai decidir. Agora, avião não é arca de Noé...

Um amarelo sem dentes e compridaços, com uma toalha de banho das mais vagabundas no pescoço sorriu vitória.

— Nesse caso, Nonoca pode ir?

Puxou a manga do sargento insistentemente.

— Nonoca pode ir?

O sargento com aquela paciência de dezoito mil quilometros indagou chateado:

— Quem é essa Nonoca de que fala?

Ele apontou a bicicleta velha encostada no mourão da cerca. O sargento retirou o casquete meio desesperado, coçou os cabelos puxando pro sarará, depois desesperadamente, mais desesperadamente, meteu a mão entre as pernas e coçou o saco, com medo de que estourasse.

— Ainda mais essa, meu Deus!...

— Quer saber de uma coisa? Pegue naquela geringonça e esconde lá atrás dos pés de mangaba. Se o Major Alencar descobrir que você tem um tesouro daqueles, nem deixa você pensar em vôo. Manda você ir pra Goiânia, direto na sua Nonoca...

Dóttie sorriu. De repente a vida deu um puta estouro como diria Canário. Dentro da sua maior depressão sentiu vontade de rir e vontade de não odiar mais todos os brancos. Aquela gente ali não merecia raiva nem vingança. E descobriu que esconderia de si mesma um sentimento bonito e nobre: que amava o Brasil. Só no Brasil havia gente assim? Gente ainda assim. Uma terra tão grande com tanta coisa ainda para arrumar. Uma terra com tanto sol e semeada de abandono e negação. Que gente linda! Sem dentes. E daí? Ela também não tinha dedos. Com febre, amarelada. E sua pele não era um mapa de rugas? Daí saíam as Donas Berócas-Pegam-Febre, Donas Joaninhas, até os Fecis Joaquins sujinhos e imundos absorvidos pela pobreza do ambiente tentando fazer alguma coisa.

— Você está rindo, Dóttie? Ainda agora você estava que nem gente que vai chorar?

— Descobri uma coisa.

Pensava na velha Europa. Na decadência de tudo, no bolor do infuturo que lá existia. Exatamente isso, infuturo. Tudo velho, podre, vivendo do passado e da tradição. Tudo realizado e arrumado. Arrumado e realizado. Pouco antes de viajar para o Brasil andara numa rua de fantasmas de Munich. Tudo limpo, certo e organizado. A guerra que matara a mocidade trazia aquele "corre-corre" lento dos velhos. Dos velhos que como Kuryala não esperavam mais nada. Porque tudo estava feito e arrumado. Até as árvores e o mato dos grandes jardins estavam cortados certos, limpos, iguais, impersonais e arrumados. Se acaso uma pequena lufada de vento, um vento velho e civilizado, escudia suas folhas, logo eles voltavam à perfeição do arrumado...

Sorriu mais. Eles estavam mal vestidos? Estavam sim. E daí? Pela primeira vez importou-se com a sua própria elegância. Sua meia grossa de algodão tinha uma cor desagradável. Seus sapatos tipo professora americana estavam sujos, empoeirados e com barro secular grudado nos saltos. Sua saia não era tão velha, era azul-marinho da mesma cor da blusa. Um costume. Um "tailleur". Ha-ha! Nem sequer

se preocupara em arranjar um ferro para alisar o seu amarfanhamento. Os seus cabelos estavam penteados, cortados curtos, repartidos no meio. Nem sabia ao certo como classificá-los. Encontrava-se de tudo em sua cabeça. Um velho louro, queimado de sol, se avermelhando nas pontas. E do lado do rosto uma invasão linda de cabelos brancos se misturando naquela confusão. Suas sombrancelhas imitavam, combinavam com aquela ambigüidade de cores. Para finalizar, uns óculos de aro de tartaruga de lentes fortíssimas, mas que já se anunciam enfraquecidas aos seus olhos. Nem iria se admirar se ao saltar em Goiânia ouvisse alguém comentar para outro alguém.

— Uma bruxa saída do forno!

Isso mesmo. Exatamente isso. Uma bruxa velha saída do forno. Não estava nem melhor nem mais mal vestida do que os breves companheiros da jornada.

Sorriu mais. Com gosto. Vou dar um jeito de arrumar um pouco essa terra. Essa terra de liberdade e esquecimento, por outra parte é minha. Vai ser minha e ninguém me toma.

Foi presa de pânico. Suas pernas tremeram e seus olhos se embaciaram. Seu coração foi serrado em dois. Começavam a accionar os motores do avião. Tinha que partir. Apertou Kuryala contra o peito, contra a alma, contra o coração. Fez o mesmo com os dois rapazes e sentiu-se puxada pelo seu nome. O Sargento pronunciava seu nome completo de um modo grotesco e irreconhecível. Era ela. Quem nesse mundo de Deus poderia se chamar Dorothie Ifigenia Koeller Schulmann?

Sentou-se espremida nos bancos laterais mal conseguindo um bico de uma janela para espiar, para dizer adeus.

A arca de Noé levantou vôo. Deslizou sobre o campo deixando uma nuvem de poeira em sua rota. Ainda pôde ver alguma coisa. Muito pouca coisa do estreito mundo da janelinha. Mesmo assim percebia o Araguaia. O Seu Bêérokan transformado em uma linha de prata, cada vez mais fino se perdendo num adeus indiferente.

Voltou a cabeça e fechou os olhos. Nada de olhar para trás. Só de longe em longe recordaria a imagem maravilhosa de Canário, dos índios; das suas cantigas. Seu novo destino era arrumar. Arranjar um verdadeiro emprego de arrumadeira. Não podia negar que Canário

fora o seu mais belo sonho e pesadelo. Sorriu por dentro para que ninguém a bordo observasse as suas emoções. Isso mesmo! Canário em outra dimensão que desconhecia, estava fazendo força para ajudá-la naquele momento. Ele fazia parte do seu estouro e da sua recém-descoberta. O amor da sua nova pátria livre. Estava num lugar tão maravilhoso que ela como mulher podia dizer, desabafar no momento que quisesse, soltar a sua voz com a maior sonoridade: — Éta vidinha filha da puta! Ninguém proibia nada. Ali naquela terra, estrela era para viver no céu, criar esperança para os índios que morriam, nunca para ser colocada sobre o peito num desenho amarelo, nem condenar ser humano a qualquer humilhação.

O calor do interior do avião parecia ter aumentado mais. Pudera, no mínimo ele absorvera duas horas de sol. Um sol de meio-dia que poderia estar atingindo até quarenta e nove graus. Também o ruído do motor se ampliava no espaço penetrando doridamente nos ouvidos. Parecia criar uma qualidade nova de calor. Uma dimensão surrealista: um calor ensurdecedor... Riu. Mas continuou rindo nos seus mistérios que criavam vida e interesse, inesperados.

— E agora Dorothie Ifigênia (detestava escrever Iphigenia) Koeller Schulmann? Agora é o que você já pensou. Basta ampliar os seus planos. Você é enfermeira não é? Sou. Bem. Chegando ao Rio, recebe o seu dinheiro atrasado e...

— Fica em São Paulo?
— Não.
— Rio?
— Não. Nem Rio. Nem Porto Alegre, nem Belo Horizonte.
— Onde então?
— Dorothie Ifigênia vai voltar para Goiânia. Eu tenho diploma de enfermeira. Estudei depois que saí do campo de concentração. Terminei o curso no Rio... Pego, arranjo um emprego em hospital. Mas hospital pequeno sem H grande. Vou trabalhar arrumando essa gente pobre. E vai ser fácil, sabe, Dóttie?

— Por que, Dorothie Ifigênia?
— Porque vou ser o tipo da enfermeira caseira. Não tenho pacientes. Não gosto de amigos. Vou viver dia e noite para o hospital

sem h grande. Quando muito, em dia de milagre vou a um cinema e fico num lugar bem escondido. Depois...

— Depois que ficar pronta Brasília e está quase prontinha, Goiânia vai ser uma cidade ainda mais importante. Aí eu vou comprar uma coisa com as minhas economias. Uma televisão. Boto no meu quarto bem baixinho pra não incomodar ninguém. Se ainda tiver fraqueza de saudade, nos dias dela, vario os convidados. Um dia trago minhas filhas. Elas eram lindas. Trude e Lillian. Posso trazê-las porque nos sonhos elas nunca morreram. Convido outra vez meus índios; eles vão se divertir um bocado. Outra vez posso até convidar Canário. Sei que ele vai achar um troço besta dos diabos, mas...

Suspirou fundo e resolveu repreender-se.

— É melhor, Dorothie Ifigênia Koeller Schulmann deixar de sonhar. Já que decidiu os seus planos. Cortou o cordão umbilical do desânimo e das tristezas... Já que está se interessando tanto pela vida, o melhor é despertar.

Abriu os olhos. Pouca gente acordada. O chacoalhar monótono do avião atacava aquela humanidade de abatimento e sonolência. Como a viagem ainda demoraria muito, tinham resolvido dormir. O tempo se esgarçava mais depressa. Sorriu, porque até o calor agora estava mais brando e menos ensurdecedor.

Principiou a analisar os companheiros. Cachorrinho viera. Pappaio também cochilava, fincando as garras nas pernas do dono para não cair. Araraúna linda dormia tranqüila em seu poleirão. Major Alencar estava de bom humor e a arca de Noé encontrava-se completa.

Lançou o olhar para todos os cantos. Faltava o rapaz magro e desdentado. Na certa não permitiram que Nonoca embarcasse.



Segundo Capítulo

PAPAI GRANDE: CORAÇÃO VAZIO

A notícia estourou violenta como bomba de matar peixe nos escondidos do rio. Só que aquela bomba não era proibida. Saiu do telegráfo da FAB caminhou pela Fundação Brasil Central, propagou-se pelo Serviço, rolou pela aldeia até chegar aos ouvidos de Kuryala.

— De véra?

— É verdade sim. Papai Grande vai mandar uma porção de tori na frente pra fazer uma casa boa lá pros lado das terras da Fazenda (eles mesmos sabiam que as terras não eram mais suás) e quando ficar prontinha vem num grande avião visitar a gente aqui na Ilha. Vai poupar só no Bebebuté¹ e em Raumaló-Dessé. Vai ser é bom pra tudo que é carajá.

Kuryala abanou a cabeça negativamente.

— Não vai ser grande nem bom. Ele pode vir. Mas não vai fazer nada para Inã. Nem daqui, nem lá de baixo.

— Como é que você sabe?

— Eu ainda via um pouco quando faz muito tempo outro Papai Grande também veio. Também fizeram uma casa que era grande. Tori chegou de motor, descendo o Béérokan. Ele riu. Falou. Riu. Falou. Abraçou. Fumou charuto grande. Riu. Falou. Abraçou. Foi embora. Disse que ia fazer muita coisa pra carajá. E fez? Se fez, o que foi que fez? Nada. De tudo que ficou foi o barracão velho. Ele dormiu no quarto da frente onde Dóttie trabalhava na Farmácia. Foi só.

— Mas esse não é assim não.

— Como você sabe?

— O Tenente mostrou cara dele no Cruzeiro. Falou assim: Eta

¹. Ilha do Bananal.

homão bom! Bom que dói. Esse vai visitar a gente muitas vezes. Por isso que vai fazer um casa de Alvoradinha pra ele morar.

— Que é que é casa de Alvoradinha?

— O Tenente mostrou retrato. Alvorada é uma casa maior do que toda essa aldeia. Fica lá na Brasília. É lá que Papai-Grande fica morando. Aqui ele faz casa pequena igual aquela. E como é ariorezinha vai chamar Alvoradinha.

— Hum.

Kuryala escutava emudecido em sua descrença.

— E tem mais. É um homão contente, gosta de cantar, tocar violão que nem o Sabino-vaqueiro de Barreira Grande. Diz que gosta de dançar, de festa e de baile. Mas num pense que é baile de sanfona pé-de-bode que nem o filho do Cassianinho toca não. É gente como abelha. Eu perguntei também isso e o Tenente riu.

— Não, seu bobo. Sanfona não entra em baile de Papai Grande. Lá tem muito homem tocando muita coisa diferente. Mostrou no Cruzeiro. Falou o nome de tudo. É mais eu não aprendi mesmo. Só sei que vai ser bom.

— Não vai prestar pra nada.

— Nem diga assim, Kuryala. Vem um bandão de gente. Vão encher a aldeia, a mulherada toda de presente. Um avião cheiinho de trem. A mulher de Papai Grande traz outra mulherada rica e vai ser uma porção de gente comprando boneca e enfeito de índio. Vou mandar minha mulher Debutire e minha filha Rucanáro fazer boneca dia e noite. Eu mesmo vou trançar arco e borduna do maior pau de landi que tiver...

* * *

De noite, no frio da sua velha esteira Kuryala estava cismando. Fazia tempo que não desejava participar de uma reunião dos homens da aldeia. Mas amanhã quando se decidissem a conversar sobre a viagem de Papai Grande, daria um jeito de surgir por lá. Não acreditava que alguém escutasse hoje em dia as palavras de sabedoria e os conselhos dos velhos mais experientes. Os tempos haviam mudado. E quase todas as leis se encontravam esmagadas pela ironia e desprezo. No seu tempo tudo era tão bonito e sincero. Somente uma coisa ainda

conseguiam respeitar. Era o medo do feitiço. O feitiço tinha força e poder que ninguém sabia de onde vinham. Resguardadas de qualquer destruição encontravam-se as máscaras sagradas dos Diasós². Essas arnavam-se intocáveis e respeitadíssimas. Só houvera um caso com um índio lá de Cuê-Berô, chamado Koboí. Tinha um homem grandão e laranjo chamado de alemão que o Serviço deixava entrar em toda aldeia, com carta da cidade. Ele falava que trabalhava no Museu. Como ninguém sabia o que era isso, ele ensinou. Que Museu era uma casa muito grande onde gente como ele viajava comprando coisa de índio pra guardar. Tinha coisa de todo canto. Do Araguaia, do Xingu, do Javáé. Ele quis por que quis levar duas máscaras de Aruanã. Ninguém deixou que não era doido. Ele disse que dava dinheiro. Mostrou dinheiro. Levou índio que era meio safado até no seu barco e prometeu ainda duas garrafas de Krukrujé. E o medo do feitiço de Kanansiê? Deixa pra lá, seu moço. Ele foi embora meio zangado, mas rindo, dizendo que acabava achando um carajá que aceitasse o seu dinheiro e a sua pinga. Até que topou com Koboí.

— Tás cum medo?

— Num é isso, dotô.

— Tu é home ou num é? Faz no meio de mato. Mato tem palha. Você esconde tudo. Em três dias prepara. Traz tudo pro barco. E olhe que beleza danada?

Mostrava o dinheiro sacudindo no vento e a pinga balançando na outra mão.

— Tá?

— Tá.

Koboí fez máscara, escondeu, entregou. Ganhou nheru³ e Krukrujé. Ficou doido de contente. Foi tomar banho no rio e beber da sua pinga. Aí Kanansiê pegou ele bem pegado. Só chegou a beber uma boca bem cheia de krukrujé... Ramalalá-cascavel apareceu no sítio escondido e veio vindo, veio vindo. Mordeu ele bem lá na barriga da perna dele. Foi aquele susto e aquela dor. Kanansiê tava vingado. Máscara é coisa que quando se mexe só se paga com a vida. Feitiço.

2. Aruanã.

3. Dinheiro.

Feitiço bravo dos grandes. Urubu voando por cima foi que fez carajá pescador descobrir o corpo de Koboí cheio de mancha escura, com a boca escura com bexi⁴ saindo entre os cacos dos dentes. Morto de olho de vidro, com medo grande de quem está enxergando Kunin de dia. Em volta dos seus braços havia ainda pedaços trançados de embira que ele usara para prender as palhas da cintura dos Diasós. Aquilo serviu pra que ninguém nem pensasse mais em brincar com coisa sagrada nem com feitiço bravo dos grandes, de Kanansiuê...

Papai Grande. O primeiro foi um erro danado. Serviu para confundir tudo. Para estragar um pouco a força do capitão de aldeia ali em Raumaló-Mandô-Dessé.

Kuryala sorriu no tempo. E justamente naquele tempo seus olhos se encontravam nos últimos momentos da luz de Tahiná-Kan.

Naquela época, tudo era mais difícil para saber das coisas. O faladorzinho fiu-fiu nem sempre deixava falar direito ou escutar quem estava lá longe. A voz vinha, assobiava e sumia. O homem ficava rodando umas rodinhas até tudo voltar de novo. Que o Papai Grande vinha, vinha mesmo. Chegou o barco, descendo de Burdine⁵. Com aquele povão todo queimado de sol, esfregando a bunda de ficar todo o dia sentado dentro do barco viajando. Pensavam que não chegavam mais. E nem tinham um ou dois dias para descançar. Toca a fazer o barracão. Toca a fazer limpeza em volta das casas. Tudo tinha que ficar bem limpo e bonito.

Pegaram um caixotão grande como ninguém vira antes, abriram ele e de dentro da sua barriga puxaram um bando de calça e camisa verde. Roupa velha de soldada. Cada índio que fosse falar com Papai Grande precisava vestir aquilo. Nada de pinto nem de bum-bum de fora. Eles falavam engracado. Riam apontando para as coisas dos índios. Nenhum índio antes tinha notado aquilo ou rido daquilo. Mas qualquer branco que chegava a primeira coisa que fazia era olhar, mostrar com dedo e rir grande, rir grande. Uns chegando até a tossir. Dava até para desconfiar que eles também não tinham aquilo. E tinham sim. Só que nenhum índio caçoava ou estranhava quando eles iam lá pra Prainha banhar. Até uma vez ele falara para Maluá.

4. Espuma.

5. Leopoldina.

— Você viu, uana⁶? Tori fica rindo do noon⁷ da gente todo tempo.

— Tori é bobo mesmo.

— Você já viu eles tomando banho?

— Vi sim. Muita vez. Quando de tarde, venho da pescaria e passo com a canoa na Prainha. Por quê?

— Então você sabe do que falo. Noon feio é o deles. Cada coisa parecendo corroté⁸. Coisona grande e cabeluda. Cheia de sucussiri⁹. Tem gente que parece até guariba. Sucussiri em todo corpo. E nenhum lâ¹⁰ fica rindo e apontando com a mão pra eles. A gente abaixa a cabeça e passa na canoa.

— É porque tori é itianté¹⁰ e ri por qualquer coisa.

— Vou deixar pra lá.

— É melhor mesmo.

Depois a reunião dos homens onde todos queriam participar para organizar a maneira melhor de receber ao Papai Grande. Nunca um Papai Grande pensara em visitar uma aldeia de índio. O branco mais importante tinha sido Rondon. Rondon com um bando de soldados. Mas não tinha até nada de grande. Era até um homem bem pequeninho e feio de meter medo. Só que ele era tão bonzinho e falava mundo. Bonzinho mesmo. Agora Papai Grande precisava mais. Mais dança bonita. Convite de gente lutadora, dos mais fortes de cada aldeia lá de baixo. Isso sim. Quando Papai Grande já estivesse ali, eles acenderiam as fogueiras de palha na beirada da barranca alta para alumiar o rio. E o pessoal lá de baixo também saía da Prainha com corpo pintado e desenhado. Com os colares de miçanga mais bonitos e na cabeça os larretôs de todas as cores. Cabendo em cada canoa um Larretô todo branco e redondo — O Larretô-randô¹¹. Cada canoa vai levar dois homens com fogo feito de resina de cajueiro dentro de pedaço de taquara grossa. Isso demora mais e alumia tudo. E Papai-

⁶. Primo

⁷. Sexo.

⁸. Borduna.

⁹. Pêlos.

¹⁰. Doido.

¹¹. Cocares enormes e de grandes plumagens.

Grande vai ver o rio pegando fogo na noite escura com os homens pintados, remando, agitando as tochas, aumentando a beleza das plumagens no balanço do vento da canoa.

Tudo combinado para ficar mais bonito para que ele nunca se esquecesse dos Inãs de Bedebuté¹²

No conselho dos velhos continuou a grande pergunta que pairava entre os brancos. Por onde viria o Papai Grande? Chegaria de avião? Ou como os outros brancos que vieram construir o barracão, vencendo a distância do Rio Araguaia. A caixa do fiu-fiu emperrara uns dias e quando recomeçou a funcionar, tudo ainda estava a pé. Papai Grande vinha sim. Faltavam comunicar como. Depois de muito confabular, os inãs chegaram a uma conclusão mais certa. Papai Grande chegaria pelo rio. Claro, vendo coisa que nenhum tori da cidade conhecia. E como Papai Grande, ele ia gostar de saber de tudo, conhecer tudo. Ele não era bobo de chegar no birreauri¹³. Tinham falado que vinha muita gente e muita gente não cabia num bichinho tão pequeno. Era isso. Não tinha o que errar. Foi por isso que de acordo com os mais velhos da aldeia, Kurumaré tomou a decisão de arranjar uma comitiva de vinte homens fortes, os mais representativos da tribo. Sobretudo, os que não possuíam mulher briguenta nem cheia de ciúme. Tudo teria de ser com muita paz para receber o Papai Grande.

Quando tudo estava pronto resolveram partir. Mais de cinco canoas, das maiores, com gente que remava duro mesmo. Burdine ficava longe que não acabava mais. Era dormir nas praias só bem tarde. Parar mesmo com noite feita. Levantar de madrugada e tome remo e zinga. Parar só para as necessidades, uma pescaria ligeira ou fazer um peixe no espeto comido quase sem sentir o gosto, para recomeçar as remadas. E quando Kurumaré e sua turma já havia atingido mais da metade daquela longa jornada, Papai Grande baixou em Santa Isabel num avião grande que tudo que foi índio se admirou que pudesse parar naquele campinho. Dava medo que ele fôrassse o resto do mangabal que ainda ficara em pé.

Kuryala riu das lembranças. Longe, longe, na memória, o Papai Grande estava menor, mais gordo e mais barrigudinho. Rindo e fu-

12. Ilha do Bananal.

13. Avião.

mando, fumando e rindo. Apertou a mão de tudo que era índio e eles ficaram espantado que a mão de Papai Grande era muito cabeluda, que nem Aranha caranguejeira.

— Não tem capitão?

— Capitão tem.

— Capitão tem.

Todo mundo do serviço embarçado sem saber o que dizer.

— Cadê o capitão da aldeia?

— Viajou.

Papai Grande com aquela caixa de Maú¹⁴ aberta na mão que era beleza. Tudo brilhando na luz do sol.

— Viajou?

— É que ele pensou que o senhor chegava lá pelo norte, na cidadenzinha de Leopoldina e viajou pra esperar o senhor lá.

— Será que volta logo?

— Volta, não senhor. Até lá, de subida, na canoa, leva mais de vinte dias.

— É uma pena. Não posso esperar.

Papai Grande voltando a sorrir novamente olhou todo mundo. Tudo enfiado nas roupas largas de soldada. Só um se negara a vesti-la, Uataú. Uataú, todo nu e desenhado de jenipapo, exibindo seu corpo musculoso de campeão caraíá de todas as lutas.

Papai Grande riu pra ele. Uataú riu pra ele.

— Venha cá.

— Você recebe no lugar do Capitão. Você tem tudo para ser um belo capitão!

Uataú nem sabia o que fazer. Seus olhos ficavam vendo que cada faco era mais bonito que o outro. Tinha faco pra tudo. Pra espistar cabeça de piranha. Destripar caça, arrancar escama de pirarucu, pequenininho até que dava pra fazer aricocó¹⁵ de madeira, ou raspar madeira para Cáua-Cáua.

Agradeceu. Papai Grande foi lá dentro enquanto todo mundo

14. Faca.

15. Cachimbo.

ficava pegando no presente. Demorou um pouco. Parece que estava apertado. Depois começaram a preparar um churrasco muito grande. Foi aquela festa. Todo mundo comeu carne vermelhinha e cheirosa com farinha de puba.

De tarde o Capitão Uataú trouxe o filhinho dele, seu arioré Cutaria. Papai Grande pegou ele no colo, encostou o rosto barbado no menino e ele chorou. Aí falou muito amigo.

— Quero que ele tenha o mesmo nome meu. Vou ser seu padrinho. Ele vai ter nome de cristão: Getulinho.

Uataú estava contente porque era o índio que mais Papai Grande gostou. Por isso ficou sendo capitão pra sempre. Carajá teve que se acostumar a viver com dois capitães. Um escolhido pela aldeia e o Capitão de honra escolhido pelo Papai Grande. Deu ordem e até hoje ainda é assim. Uataú ficou recebendo nherú¹⁶ toda vez que gente do Serviço recebe. Até hoje, que está velho, ficando magro, feio e sem dente e andando meio torto porque cobra venenosa picou ele na perna, ainda recebe dinheiro de Papai Grande.

Ele não demorou muito. Falou que tinha pressa.

— Tem muita gente, muito índio subindo o rio para ver o senhor.

— É uma pena. Mas a viagem, mesmo de avião, é longa e demorada e eu preciso retornar à Guanabara.

Ninguém sabia o que era Guanabara, mas ninguém perguntou. Podia ser a mulher dele e ele se zangar.

Mandou roncar o birreauti grande, subiu, riu, apagou o charuto e catirará arakre¹⁷.

Foi mesmo que nunca tivesse vindo ali. Fez alguma coisa prá índio? Fez nada. Fez coisa pro seu afilhado Getulinho? Nunca nem que se lembrou. Assim ele se lembrava daquele Papai Grande que nada tinha de grande, com a barriga redonda, rindo, fumando charuto e trazendo briga na aldeia com a história de dois capitães. E tudo aquilo, naquele tempo, estava lhe custando o restinho de força que fazia para enxergar.

16. Dinheiro.

17. Adeus, bem longe.

Kuryala mexeu-se na esteira.

Agora vinha outro. Faziam logo Alvoradinha. Ia trazer muita gente. Aquilo não era bom. Todo mundo falava que era um homem muito alegre, que gostava de festa, que tocava violão e que gostava de dançar...

* * *

Na reunião dos velhos da aldeia dessa vez havia uma novidade, a casa de Aruanã estava cheia. A sua praça arredondada na frente, encontrava-se repleta de esteiras. Todo mundo queria participar e ouvir o que seria combinado na recepção do Papai Grande. Tinha homem, jovem e até os bodus e diurés. Todo mundo mostrando um interesse fora do comum.

Todas as vantagens da vinda do Papai Grande já haviam sido discutidas favoravelmente. Havia um fascínio geral na expectativa. Gente chegando: mãos cheias de presentes. Mulheres chegando: mãos cheias de dinheiro. Dinheiro que dava pra comprar muita coisa, roupa, camisa, calça, até vidrinho de água-de-cheiro. E quando aquele povão fosse embora contava na cidade o que vira de bonito. Aí aparecia novo povão curioso e alegre. Gente chegando: mãos cheias de presente. Mais mulheres chegando: mãos cheias de dinheiro...

Aí Kuryala chamou dois bodus e apoiando-se neles pediu para também falar. Era dos mais velhos e conhecia a vida. Portanto possuía esse direito.

Houve um silêncio geral.

O cego ao contrário do que fazia antigamente, levantou o rosto para cima sem pejo de mostrar seus olhos opacos.

— Não vou falar muito. Nem vou lembrar a todos, o tempo em que fui capitão de carajá.

Ouviu um aparte debochado.

— Melhor, a gente já ouviu mais essa história do que quando carajá nasceu no fundo do Béérokan.

Mas Uederré irritou-se com o moço e o repreendeu:

— Coíra¹⁸! Deixe o velho falar. Todo mundo falou. Se não quer ouvir vai embora. Fale, meu bom Kuryala.

Kuryala sorriu.

— Tiotoitika!¹⁹ Branco não vai vir com mão cheia de dinheiro. Mulher não vai vir com mão cheia de presente. Sempre que vem mais branco é pra fazer carajá ficar mais pobre e mais doente. É pra roubar o pouquinho que a gente ainda tem. É. Sempre tem sido assim. E você sabe que no tempo passado não era assim. Por que esse Papai Grande tem que vir? Fazer o quê? Vai trazer gente com arma. Muito avião e matar a gente. Todo carajá de Raumaló-Dessé. Tomar tudo da gente. Vem gente e vem soldada. Carajá não devia querer isso. Estou avisando, porque sou muito velho. Branco só sabe ganhar da gente. Branco nunca que perde. Quando dá uma coisa deixa cinco desgraça junto caindo na cabeça da gente. Branco deu camisa, deu roupa, deu coberta, deu vestido pra mulher. Mas branco deu mesmo? Ou trocou roubando? Roubando nossos itxokós, nossos arcos, nossas esteiras, nossos lóris-lóris, nossos narirris, nossos larretôs. Nunca dão nada sem receber mais. É tudo verdade. De graça só dão três coisas: caça para vocês negociarem perdendo mais, tuberculose e aguinarréia que vocês passam nas mulheres. Desde que eu sou gente, cada vida de um inã custou uma caixa de bósca. Cada camisa, qualquer presente vagabundo, um pedaço da terra da gente. Você não querem se lembrar disso. Eu me lembro do outro Papai Grande que esteve aqui e que nada fez para índio. Perguntem a Texibré, Maluá, Obedo ou outro que estava naquela época que ele veio.

Alguém comentou.

— Agora é diferente, Kuryala. O tempo passou. Esse é outro Papai Grande. É amigo de todo mundo e só vem pra ser bom, ajudar a gente.

— O outro também falou assim.

— O que é que você quer que carajá faça?

— Pedir para Papai Grande não viajar aqui.

Houve um murmúrio geral de descontentamento.

18. Cuidado!

19. Obrigado.

— Ninguém vai fazer isso. Kuryala ficou maluco!

— Não fiquei maluco. Posso não ver, mas sei o que estou dizendo. Eu avisei. Eles vão vir e matar todos nós.

— Escute, Kury, esse é mesmo diferente. O outro quando veio morou no barracão bem no meio da gente, não foi?

— Foi sim. Ali mesmo onde Dóttie morava.

— Esse outro não. Nem quer ficar perto de índio para não atrapalhar. Vai fazer Alvoradinha. Tá fazendo tudo lá na terra da Fazenda.

— Antes do primeiro Papai Grande, a terra da Fazenda era dos Carajás. Depois Serviço apanhou pra eles. Quem foi que deu essa terra pra Fazenda? Você? Eu? Komantari? Tequára? Ninguém. E ninguém pode dizer nada. Por isso agora você mesmo está falando que Alvoradinha vai ser na terra da Fazenda. Antes do primeiro Papai Grande chegar, tudo era da gente. Agora vem o segundo, e tudo isso aqui, esse lugar lindo que é Raumaló-Dessé vai ser tomado para eles. A gente acaba morando esprimida naquele pedacinho da Prainha. Não digam que não avisei...

Calou-se e pediu a um daqueles Bodus que o levasse até o seu rancho. Alguma coisa do que dissera devia ter impressionado. Eles sabiam que era verdade. Mas o que podiam fazer? Se fossem brigas, perdiam tudo de uma só vez. Então era melhor ir perdendo tudo bem devagarzinho até se acostumar.

Mal o seu vulto se afastava, Kuryala ouvia os comentários.

— Está maluco.

— É. Mas ele falou muita verdade.

— A gente tem que ter paciência. Ele está muito velhinho...

— O que ele está mesmo é cada vez mais itianté²⁰. Cada dia fica mais. Sempre eu encontro ele. Uma vez pedem que o deixem na praia ou na barraquinha da Prainha e fica com os olhos pra cima falando com Kanansiuê...

— Eu sei. Também já vi. Mas deixe o velhinho em paz. Nunca fez mal pra ninguém. E meu pai dizia que ele foi um grande capitão.

20. Louco.

A pista do campo de aviação estava pronta. Tinha tamanho suficiente para pousar até avião de grandes vôos. Gastaram tanto asfalto, desperdiçaram tanto que os camburões cheios que sobraram foram rodados de qualquer maneira para debaixo dos pés de pau. Com o sol em brasa eles rachavam, estouravam e deixavam escapar aquela baba grossa e negra que escorria afogando o mato, os grilos e as formigas. Com Papai Grande era assim. Tudo no máximo. Como se alguém fosse se importar com vinte ou trinta camburões de asfalto, outro tanto de cimento e outros materiais, com um homem que fazia milagres com a miséria do povo. Um homem que sorrindo sem se abater com coisa alguma construía uma cidade de uma noite para o dia. No Brasil ou vai ou racha! Se não se fizer de uma vez, nunca se faz. Afinal o campo continuaria sempre a ter grande utilidade para os minguados aviões da Vasp, o intrépido Correio Aéreo Nacional e alguns turistas enfarrados do bulício das grandes cidades.

Alvoradinha estava lindo. Pronto. Pronto tudo. Tudo pronto. Só faltava o dia de Papai Grande baixar dos céus. Que festa! Que beleza! Que alegria! Que simpatia! Nunca as terras da Ilha do Bananal viveram tal comoção e tal impacto. Deus pisando a terra teria os mesmos tapetes de boas vindas. Baixou avião que não acabava mais. Falou o Chefe baixinho pra que ninguém escutasse: era o cordão dos puxasacos.

Festas. Abraços. Comes e bebes. Alegria. O futuro do mundo estava ali. Todos unâimes em concordar.

— E essa dança?

— É o Aruanã.

— Interessante. Interessante.

Pausas. Sorrisos. Abraços e bebes sem comes.

— Todas essas máscaras são iguais?

— Não, Presidente. De duas em duas elas se modificam. Como os passos, como o ritmo, como as canções.

— Ótimo! Ótimo!

Pausas. Um certo desânimo na fisionomia, mas toca a sorrir. Papai Grande não pára nunca de sorrir. É uma simpatia. É um amor!

— Estou ficando meio zonzo com essa dança. Afinal é um pouco monótona. Um pouco monótona.

Sabiam que não era a monotonia da dança que causava aquela sonzinha, mas foram reconhecidamente simpáticos em concordar.

— Claro. Mesmo quem mora aqui, fica chateado com essa ceteação.

Encheram um pouco mais seu copo. Gelo não faltava. Ninguém esquecera nada nos aviões.

— Puxa!

Falaram em seu ouvido.

— Agüente um pouquinho mais. Só dois minutinhos. Daqui a pouco a gente pode ir de barco ou de jeep até o Alvoradinho. Lá a gente troca esse horror pela música do Dilermando.

Sorriu. Isso. Ele é danado de bonito. Muito mais do que na fotografia. Toda a humanidade dali achando. Branco, preto, mulato e índio. Até os protestantes de São Félix que eram uma raça à parte estavam concordando. Ainda por cima um pedaço de homem. Uma tora!

— Na verdade eu gostei mais das lutas que fizeram de tarde.

— Sem dúvida. São muito atraentes. Tem mais movimentos.

Alguém mais alto, esqueceu-se da presença do Papai Grande e reclamou muito infeliz.

— Ô porra dos diabos! Bateram no meu uísque e ele derramou todinho nessa esteira. É um desperdício.

— Chiu, rapaz. Respeite a presença.

— Será que ouviu?

— Acho que não. O barulho da dança não deixou, mas toma cuidado com o seu modo de falar...

Um sorriso. Um bocejo. Boa noite. Ciau! Amanhã a gente volta. Todos concordaram.

— Tadinho de Papai Grande. Ele está cansado. Precisa dormir o sono dos anjos.

No jeep, murmurou quase amargurado.

— Não acabava mais. Não acabava mais.

— Por hoje acabou.

— Vai dizer-me que tem mais amanhã?

— Tem sim. Eles estão fazendo segundo eles, as mais bonitas demonstrações de música e dança para o senhor.

— Imagino. Vamos deixar para pensar nisso amanhã. Agora só quero chegar no Alvoradinha, tomar um banho e dormir um sono só.

Olhou a noite estrelada e o jeep caminhando meio aos solavancos entre as árvores baixas do cerrado.

— Faz até um friozinho aqui. Não esperava isso.

— Nessa época faz. Daqui a dois meses começa um calor de rachar até de noite.

* * *

Tudo se repetiu com o mesmo entusiasmo da festa da noite anterior. Tudo. Mas quando começaram aquelas danças, Papai Grande estava que não podia mais.

Falou baixinho a um seu acompanhante:

— Que coisa chata e alucinante, meu Deus!

Dilermando ouviu.

— Sabe o que estou pensando? Essas figuras grandonas e grotescas mudando de ritmo e dançando em compasso de samba?

Papai Grande riu com satisfação.

— Seria gozado. Seria gozado mesmo!

— E se a gente desse um jeito?

Papai Grande ria continuando o colóquio:

— Deve ser perigoso tentar.

— Nada deve ser perigoso para o Papai Grande.

Trataram de fazer o Chefe se aproximar do violonista. Ele aproximou o ouvido para escutar. Meneou a cabeça negativamente.

— Não dá. É é perigoso.

Puxaram de novo seu ouvido para escutar baixo. Refutou ainda a idéia.

— Mas por quê?

— É dança sagrada. Eles são capazes de matar por essas máscaras. Acho que é a coisa que eles iam fazer por último nesse mundo.

Tornaram a cochichar-lhe o desejo do Papai Grande.

Olhou o rosto simpático do homem que sorria sempre. Mesmo assim preferia não tomar nenhuma decisão. Os homens, passados dias voltavam pra Brasília e era ele quem teria que enfrentar os carajás. Mas também se se negasse a atender o pedido, quem voltava pra

Goiânia era ele. Um dilema. Contudo, a sorte estendeu a ponta da asa a seu favor. Havia alguém que queria os favores do Presidente. Alguém que conhecia bem os carajás e outros índios daquelas regiões do Brasil Central. Era esperto demais e já se inteirara do assunto.

— Se o senhor quer, arranjo um meio.

— Não se arrisca?

— Existem outras coisas que convencem mais do que as palavras quando falham. Vou sair um instante.

Foi seguido de longe pela curiosidade do Papai Grande.

O homenzinho meteu-se perto dos índios e conversou com um deles já um pouco velho.

— Venha cá, Kurinan.

Segredou o que o Papai Grande queria.

Kurinam ficou meio assustado.

— Não tem perigo. E você não vai deixar Papai Grande triste. Vai? O homem veio de tão longe só para ver e melhorar a vida de vocês... E depois...

Falou grudando bem os lábios no ouvido do índio.

— Duas?

— Duas só pra você. E dessas que não tem aqui. É especial. É fácil. Você vai, leva lá dentro da casa de Aruanã e diz que é pra esquentar o frio. Só um pouquinho pra esquentar o frio. Que é que tem? Tori bebe sempre que tem festa. Até o Papai Grande segura no copo, não segura?

— Está bem.

— Posso contar? Então vou arranjar a coisa. Espere um pouco aqui.

Voltou feliz para junto do Papai Grande e cantou sua vitória.

— Só falta o violão e esperar um pouco.

— Violão ficou na casa do chefe.

— O Violão! Sim o Violão! Cadê o violão? Então vai buscar o Violão. Corre pra buscar o Violão. Violão veio correndo. Violão chegou. Foi um pulo.

O homenzinho foi até a caixa de bebidas e retirou aquilo que procurava.

* * *

Sob o aplauso dos brancos e de todos os assistentes eles dançaram bêbados. Mal conseguiam equilibrar os passos nem ritmar o chochalho com aquela música diferente que o tori executava ao violão. Tornava-se uma coisa pândega, maravilhosamente gozada! Papai Grande ria se deliciando com aquele quadro patético. Aquelas enormes figuras de palha, titubeantes, esdrúxulas, fantasmagóricas, quase se aproximando da queda, como pitorescos joãos-teimosos. Ficavam torcendo para que um deles no meio de toda aquela confusão se esparramasse no chão com aquele chiado de palhas se amarrostando. Mas os danados eram duros. E Papai Grande ria mais. Os seus comparsas da ordem da "chaleira" aplaudiam estrepitosamente, tentando ampliar a satisfação do Presidente. O caos se manifestava entre todos os dançadores. Não sabiam distinguir mais nada. O álcool e a barulheira faziam uma zoada ensurdecadora em suas cabeças e as máscaras esquentavam mais os seus rostos do que todo o sol do meio-dia. Houve até a mistura das danças naquele esforço difícil de dançar ao compasso da música nova a que nunca tinham prestado atenção antes e que Papai Grande mandava tocar. Tiau-Ri na sua desorientação pegava na mão da máscara de Debó. Yuê-Rodí se embarracava com as saias mais compridas do seu novo e desabituado companheiro. Wuobessé cometeu o absurdo de se prostituir com o Diare-Renin. Até o Deus-bicho-domal, o Lateni, dançou ridiculamente a solidão da sua inocência e da sua insólita maldade. Tudo era motivo para riso, deboche e chacota. Até que Papai Grande cansado da sua pequenina travessura, sentiu o rosto também fatigado de sorrir.

— Agora já chega!...

— Chega sim. Está de bom tamanho.

— Se chega, já está começando a encher.

Levantaram-se espreguiçando ainda guardando o resto da cômica noite até ali realizada.

— Levantar acampamento.

Alguém fez com a boca uma imitação do toque de recolher. Tututu tutu-turu-tutu...

— Alvoradinha minha gente.

E partiram dentro da noite cheia de estrelas, levando toda aquela alegria anterior.

Surgiu uma espécie de pânico entre os mais velhos da aldeia. Nunca se vira aquilo. Tornava-se até difícil recolher alguns dançadores que sem resistência queriam cair na esteira e dormir ali mesmo nos trajes sagrados.

Aquilo tornava-se proibido. Um Aruanã só poderia ser desvestido no interior da casa sagrada.

Foram levados, carregados, arrastados. Uns choramingavam o efeito da pinga exagerada. Outros revoltavam-se e queriam brigar. Pouco a pouco foram cedendo e em meia hora as máscaras encontravam-se depositadas nos seus cavaletes e os homens embolados nas esteiras, uns sobre os outros, com a dor de cabeça aparecendo grande, misturando gemidos e vômitos que percorriam qualquer parte de qualquer corpo que se encontrasse mais próximo.

E nessa noite, o velho Kuryala chorou na noite da sua cegueira. Todo o seu peito era uma chaga. De agora em diante teria medo até de falar com Kanansiuê.

— Eles vão morrer. Morrer ainda mais. Nunca um índio fez uma coisa assim com as máscaras sagradas dos Diasós. Eles vão morrer. Estavam todos bêbados. Poderia até perdoar um carajá que vendesse escondido a qualquer branco uma máscara de Aruanã. Se ele precisasse de dinheiro pra comprar remédio para um filho doente ou para cobrir a nudez do corpo da sua mulher e o seu. Esconder a sua vergonha dos brancos. Mas não. Eles venderam as máscaras por Krukrujé. Por safadeza. Eles levaram as coisas mais sérias de um índio, as coisas mais sagradas, para que tori risse e caçoasse. Kanansiuê deveria ter assistido tudo. Kanansiuê, tão bom, tão amigo, estaria no alto da serra mais alta com a cabeça entre as mãos e choraria como ele, toda a sua deceção...

E o Alvoradinho foi muito visitado. Vinha sempre muita gente. Gente nova e diferente. Agora o índio não tinha mais curiosidade e fora relegado a um plano corriqueiro.

Num fim de semana dos mais comuns entre a alegria de um drink, uma cantiga de violão e um bate-papo informal surgiu a mais nefasta e encantadora idéia.

Papai Grande chegou a estremecer de espanto. Sem dúvida a idéia era gozada e fascinante — AUDACES FORTUNA JUVAT!

— Um hotel?

— Exatamente, um hotel.

— Aqui, na Ilha do Bananal?

— Justamente aqui. Seria uma sensação. E quem fez uma maravilha como Brasília não pode parar...

Papai Grande sentiu as cócegas da vaidade constante e um arrependimento construtivo de um fabuloso empreendimento.

— Eu estava pensando em fazer um grande hospital...

— Uma coisa não impede a outra.

— É verdade.

Depois foi todo mundo falando na mesma coisa. Hotel. Atração. Uma maneira de beneficiar os pobres índios. SAFARIS. Os pobres indiozinhos se integrando nas pescarias e nas caçadas. Comércio de Cerâmica. As pobres indiazinhas vendendo o seu material (se bem que um pouco grotesco, mas o povo adora coisas extravagantes!) inextinguível de potes tortos e bonecas bundudas. Cartazes em todo canto. Em avião. Ônibus. Revistas. Uff!...

— Mas tinha que ser uma coisa de muita classe. Isso tinha. Comunique-se com Oscar Niemeyer etc. e tal...

O Chefe do Serviço abanava a cabeça ante tantos planos que viriam.

— Mundão de dinheiro para construir um hotel de luxo num deserto e a gente aqui com cem contos pra tratar de 398 índios por ano, nesse posto. Pelo barato dizem que vai custar quatrocentos e cinquenta milhões. E foi. Se não foi isso, com as "defesas", deve ter custado muito mais.

— Papai Grande, isso dá samba!

— Faz um samba, Dilermando.

— Já batizaram aquela empresada maravilhosa de Bananília. E na sua solidão, Kuryala ouvia. Só ouvia. Ficar mais triste não conseguia: coração não dava mais.

Falou com os índios. Não reprovou a dança sagrada dos bêbados. Só disse que Kanansiuê ia castigar.

Riram-lhe em pleno rosto.

— Você conversou com ele, Kuryala?

— Kuryala conversou.

Várias risadas.

— Kuryala quanto mais velho fica, mais doido se transforma!

— Eu sei. Mas veja quanto tori está vindo para trabalhar no Hotel. Nem pediram licença a carajá pra fazer hotel.

— Aquilo vai ser bom, Kuryala. Papai Grande falou.

— Kuryala também falou e carajá não acredita. Os homens estão chegando. Cada vez mais tori chega e toma o que é nosso. Kuryala falou.

— Falou bobagem. Papai Grande disse que fazia e está fazendo. O primeiro, você está certo, não fez foi nada. Mas esse sim...

Kuryala levantou-se e comentou suavemente.

— Papai Grande é como Seró-Rekan²¹. Faz barulho, fede muito, mas passa também...

De noite, lembrou-se de Dóttie porque estava fazendo frio. Mas era outra conversa. Recordava-se que os primeiros pays²² davam roupas porque diziam que ficar nu era feio e era pecado. O mesmo pecado que Hanna lia no romance preto. Dóttie ficara até zangada.

— Isso é burrice, Kuryala. Nunca foi pecado nem feio. Pelo menos eles deviam dizer que roupa era bom para não deixar mosquito morder o corpo, nem sol queimar a pele demais...

Fazia frio e a esteira não esquentava muito. Precisava de uma calça e de uma camisa. Para esconder a nudez do corpo feio, velho e magro, onde os ossos começavam a saltar da pele. Precisava de roupa para minorar o frio que crescia tanto nas madrugadas das noites tão longas. Fazia tempo, tanto tempo que Dóttie voara e desaparecera no céu. Ninguém sabia dela. A coberta que lhe deixara também desaparecera do meio da sua esteira enrolada num dia que fora até as casas do Serviço, ver se conseguia um pouco de "arroí" para matar a fome na barriga. Dóttie tão boa e tão amiga. Ainda bem que ela nem ia saber que os índios dançaram o Aruanã, completamente bêbados e que Papai Grande estava fazendo um hotel nas terras dos Inás, como se tudo fosse dele. Como quem faz uma plantação de banana no fundo do rancho.

21. Peido grande.

22. Padres.

Terceiro Capítulo

A CACHOEIRA

Para certas crianças a figura magra e ossuda, com aquela calça verde de soldado toda esfarrapada, passou a ser um objeto de temor. Não que o velho índio pudesse castigá-los como o Lateni com sua borduna, mas dava medo e os mais velhos falavam dele até empregando a palavra Coarú¹.

Já os meninos fugiam da sua aproximação temendo que ele pedisse qualquer coisa. Ou que lhes desse a mão a fim de apoiar-se e chegar até à cerca de arame farpado e de lá caminhar segurando os espinhos pontiagudos até as casas dos brancos... Ou que lhes ordenasse uma travessia no rio, onde sozinho no meio da praia ia falar com Kanansiué.

Os brancos também se escondiam dele. Ou cerravam as janelas sem fazer ruído ou permaneciam no interior das casas em silêncio sem responder aos seus apelos.

Aquilo era cruel. Chegaram a explicar-lhe.

— Sabe, Kuryala, uma vez ou outra a gente pode dar um pouquinho de arroz. Mas a gente também é pobre e tem muito filho. Dinheiro do Serviço chega atrasado e quando chega vem pouquinho... Outra vez.

Conhecia as casas pela contagem dos passos. Visitava-as alternadamente. Até que resolveram mesmo que não podiam mesmo dar mais nada.

— É que Kuryala tá velhinho. Não tem canoa. Não pode pescar.

— A gente sabe disso. Mas a vida também é dura pra gente...

— É que Kuryala tem fome. Um pouquinho de "arroí" é gostooso.

1. Feitiço.

— Nem a gente tem arroz hoje, Kuryala. Por que índio não ajuda você? Carajá devia.

— Kuryala não tem parente. Amigo velho dele tá tudo *morreno*. E Kuryala tá tão magrinho. Tá cum fome grande. Barriga até dói de fome.

Penalizavam-se com os olhos brancos do cego, com sua magreza e sua humildade. Doía mais é ficar vendo sempre o seu rosto rindo, rindo.

— Tá bem. Vou ver se lhe arrumo um tiquinho de farinha de puba...

E Kuryala caminhava, indo e vindo. Escorregando os dedos pela cerca de arame farpado, contando com os pés as casas dos brancos.

E agora o sol se tornava mais quente, o dia sem vento e a fome torturando mais o seu estômago. Tentara a barreira do rio, vendo se alguém lhe dava um peixe pescado na véspera. Sentia o cheiro das tripas retiradas e jogadas nas águas. Hoje ninguém mais comia peixe sem limpar. Os brancos haviam ensinado tudo. Sua presença era tão notada como as pedras das barrancas ou como as sombras das árvores que todo mundo pisa sem sentir.

Desistira. Tentar o caminho da Fundação nem valia a pena. O povo ainda era mais pobre ainda. E mesmo porque na véspera andara por lá.

Melhor seria voltar à cerca de arame farpado.

E lá vem ele.

— Kuryala, Capitão e Carajá!

Sem orgulho, sem ninguém e com fome. Muita fome. Tanta fome. Só a fome.

— Pois então, não é que eu vejo o meu velho amigo Kuryala, Capitão e Carajá!

Parou todo arrepiado. A fome estaria fazendo seus ouvidos escutarem a voz de Kunin em pleno sol do dia quente?

Prestou mais atenção. E a voz se fez de novo.

— Pois é. O meu velho e querido amigo Kuryala, Capitão e Carajá.

Sem poder recomeçar a andar, baixou a cabeça e respondeu na maior tristeza:

— Não. Eu não sou. Só estou com fome.

— Não é mais Kuryala?

— Não. Eu tenho fome.

— Nem Capitão?

— Não. Eu tenho fome.

— E nem sequer Carajá?

— Não. Eu só tenho fome.

— Pois então eu vou passar a sua fome. Pense que você está comendo um Benorá^{1-A} frito e cheiroso com muita farinha. Olhe que cheiro ele tem!

Estranhamente Kuryala foi sentindo aquele cheiro apetitoso e o estômago começou a encher-se com o gosto do peixe. Sua boca parecia não querer parar de mastigar e engolir. As forças começavam a temperar a fraqueza da sua inanição.

— Não está bom o peixe?

— Muito bom.

— Agora beba um pouco de Kalugi.

O estômago farto foi refrescado pela suave bebida de arroz.

— Tão bom como nos velhos tempos. Nos velhos tempos que você se julgava Kuryala, Capitão e Carajá.

Kuryala pôde prestar mais atenção àquela voz.

— Senhor, eu ainda não sei quem me fala. Mas a sua voz só tem sido de bondade.

— Até minha voz você esqueceu, Kuryala. Vê quanto tempo faz que você não me procura? E eu senti tanto a sua falta. Porque poucos são os inãs que me trataram como você me tratava.

Kuryala estremeceu todo. Por pouco não caiu ajoelhado ali mesmo.

— Não. Não faça isso. Aqui não. Iriam pensar que você está ficando ainda mais louco.

Fizeram uma pequena pausa até que o coração de Kuryala se acalmasse de todo.

— Eu queria tanto falar com o Senhor.

— E por que não o fez?

1-A. Tucunaré.

— Tentei muitas vezes no meio das praias chamar o seu nome.

— Eu sei. Eu vi. Eu esperei.

— Não podia falar. Meu coração estava muito triste. Pensei que o Senhor não quisesse mais conversar comigo nem com qualquer outro índio carajá.

— Por que não falaria com você?

— Depois que eles ofenderam a sua Paz e o seu mundo de estrelas, dançando bêbados nas máscaras que sempre foram feitas em sua Honra...

— Mas você não é culpado do que os outros fizeram. Você chorou sobre toda aquela desgraça...

— Vamos.

— Aonde?

— Você não tem mais fome hoje. Então vai se sentar até que o sol fique mais frio debaixo da grande mangueira do porto. Então você descerá para o porto de Tebocúa. De lá eu o esperarei na praia e quero que você converse tudo que dói no seu coração.

— Ninguém me levará até o outro lado do Bêérokan.

— Alguém o levará. E eu o espero. Agora vamos. Basta acompanhar o vento dos meus passos e você chegará até à mangueira sem esbarrar em coisa alguma. Vamos.

* * *

— Agora deve ter chegado o momento.

Kuryala ergueu-se do banco e abandonou a redonda sombra que oferecia a mangueira frondosa. Não era difícil a caminhada, mesmo sem qualquer pessoa a dirigi-lo. Acabaria por encontrar a cerca de arame farpado que limitava a aldeia com os brancos. Seus dedos tateando a cerca o levaram até a passagem. Pronto. Agora estaria passando frente ao retô de Karovina. Alguém do interior lhe deu um boa tarde, mas não se ofereceu para guiá-lo. Respondeu e continuou. Necessitava de toda a atenção com os pés e as pontas dos dedos. O porto de Tebocúa era o segundo. Se passasse o primeiro corte do primeiro porto ficaria desorientado e não estaria cumprindo o com-

binado com Kanansiê. Felizmente esbarrou com o terreno abaixado e suspirou aliviado. O segundo corte não se distanciava muito. E logo se anunciou na ponta dos seus dedos dos pés. Bastava apenas seguir o seu aprofundamento, até encontrar uma borda onde apoiar as suas mãos. Daí não encontraria nenhum mistério mais. Fazia tudo com calma porque a ladeira um pouco íngreme ameaçava suas passadas de escorregar. Os seixinhos doloridos de pedra canga, sempre rolavam com a areia tentando o equilíbrio de qualquer pessoa.

Sentiu o frio do rio e o barulho das águas deslocando as canoas amarradas. Pisou na água e foi acompanhando o balanço da primeira canoa. Tocou-a, procurou um lugar e sentou-se continuando com os pés náguas para refrescar-se.

Não havia o barulho tão conhecido de qualquer índio estar se banhando. Entretanto, aquela hora se transformava num convite sempre agradável. Ficou esperando e sentindo os miguelinhos beliscando as crostas dos seus pés maltratados.

Agora chegava alguém. Alguém que descia a barreira com agilidade e segurança. Devia ser homem, porque pisava muito forte. Ariscou uma saudação:

— Dateriambu!

— Arerine, Uladô!²

Não dava para reconhecer o dono da voz.

— Amon-bô, Kay?³

— Quitará.

— Ah! Sei. Quitará. Filho mais velho de Uereá.

— Sou.

— Vai banhar?

— Vou. Mas não aqui. La na água morna do praião, do outro lado. Por quê? Quer banhar lá?

— Kuryala não quer banhar. Kuryala gostaria de ir lá na praia grande. Preciso ir lá.

Quitará mostrou-se mais curioso olhando o velhinho cego.

— Fazer o quê? Ainda é cedo para encontrar ovo de tracajá.

2. Boa tarde, tio.

3. Quem é você?

— Não vou atrás de ovo de tracajá, nem de peixe, nem de nada disso.

Quitará sorriu. Nem precisava dissimular porque o velho não enxergava as expressões do seu rosto. Ia descobrir o que era.

— Está bem, Uladô. Eu levo você na canoa se quiser ir.

— Você leva?

— Levo sim. Eu já disse que vou para o lado de lá. Vamos.

Ajudou o velho a sentar-se e remou. Deu vontade de cantar e Quitará cantou em voz alta.

— Você não devia cantar tão perto da aldeia.

— Por quê?

— Senão descobrem quem é você quando cantar debaixo da máscara do Aruanã.

Quitará riu. Que bobagem. Ninguém mais ligava para aquilo. Só os velhos ainda pensavam naquela besteira. Todavia, resolveu fingir que concordava com Kuryala.

— De vera, é mesmo.

Remou mais forte e em silêncio contemplando a calma do rio. Não se ouvia nem um só ruído de motor vindo de baixo ou de cima. Raro era o dia em que eles deixavam de cruzar o Araguaia. Ora levando gente. Ora levando peixe, ora levando couro de caça. Tinha também os motores dos marreteiros que faziam as três coisas, levavam passageiros, compravam peixe e negociavam com couro de caça. Davam a vida por um ariranha ou um couro de jacaré. Ariranha quase que não se via mais. As pouquinhas que ainda existiam sumiam-se no mundo longe das lagoas mais difíceis de chegar...

— Pronto, Uladô. Vou parar a canoa aqui. Praia limpa de Boró⁴ e boa de banho. Aqui eu fico. Aqui você desce também.

Deu a mão para baixar a Kuryala.

— Quer que eu o leve?

— Não. Obrigado. Caminhar na praia não tem segredo.

Entretanto, o velho sentara-se na areia esperando alguma coisa.

— O que foi?

— Quero ouvir você banhar e depois ouvir canoa indo embora.

4. Arraia-de-fogo.

Aquilo intrigou mais a Quitará.

— Não quer que eu leve você para Raumaló-Dessé, Uladô?

— Não. Eu vou demorar. Quando acabar eu venho até aqui e grito, pedindo canoa pra vir me buscar.

— Vou banhar logo.

Despiu-se e mergulhou com força na água morninha. Borrifou água pro céu. Sacudiu os cabelos. Mergulhou um pouco e soltou algumas braçadas para impressionar o cego. Depois fingiu-se cansado. Postou-se ao sol como a secar-se, demonstrando fazer tudo com a maior naturalidade. Vestiu-se e falou:

— Bem, Uladô, já que você não quer que eu espere, vou voltar.

Empurrou a canoa para o fundo.

— Arakre!

— Arerine. Obrigado.

Remou com decisão e colocou a canoa contra o vento que vinha para a praia. Ficou travando a embarcação com o remo e vendo de longe o velho encaminhar-se para o interior da praia. Remou até o furo, para passar o tempo, e depois retornou forçando a canoa contra a correnteza, mas evitando o mínimo barulho.

Aportou em outro canto e desceu. Quitará sentiu-se um pouco inquieto. Não fora a sua grande curiosidade desistiria de tudo. Ainda olhou para o alto céu e viu que os jaburus puxavam a tarde para a terra naquele convite particular.

— Agora já faz tempo e eu posso espiar.

Mesmo sabendo da cegueira de Kuryala continuou evitando o vento que denunciasse a sua presença. Caminhou esgueirando-se pela mata de sarão. Ali estaria mais seguro. Mesmo porque alguém que por acaso passasse no rio não o pegaria naquela espionagem.

Já divisava o vulto do velho. Ele estava sentado na areia e olhava para o alto. Por que fazia tudo aquilo se nada enxergava?

Aproximar-se-ia mais e mais. Ele estava falando com alguém. O velho estava realmente louco como falavam na aldeia?

Queria voltar e sentir um pouco de respeito, mas não conseguia; tudo aquilo se transformava numa atração incontrolável. Agora teria que saber de tudo. Agora poderia contar o que de fato existia nas

conversas de Kuryala no meio da praia, no meio de toda aquela solidão.

Rastejou mais e procurou uma maneira de ficar quase cara a cara com o cego.

Quitará começou a tremer como se tivesse pegado a malária das águas podres. O medo apertou o seu peito e se quisesse gritar não poderia. Apertou a garganta seca num gesto de desespero. Tentou tapar os ouvidos mas suas mãos não se desgrudavam da garganta.

Aí ele escutou horrorizado que uma voz macia e calma conversava com Kuryala. Que seus olhos brancos estavam erguidos para o alto e uma luz avermelhada escapava como se fosse a luz de um fósforo se acendendo.

Agachado e nervoso conseguiu, sem poder desvirar-se, retroceder até o sarão e limpar com a mão o suor que invadia todo o seu corpo. Um suor frio e doentio. Kuryala conversava com os Kunins. Kuryala estava conversando com a alma de quem já tinha morrido.

Dominou-se e apavorado correu para a canoa e remou a toda pressa como se todos os jacarés do Bêérokan estivessem perseguindo a sua fuga.

* * *

— Por que o Senhor parou de falar, Kanansiû?

— Precisei escutar um pouco.

— Pensei que o senhor tivesse ido embora.

— Não. Não faria isso. Apenas tinha um índio tentando escutar a nossa conversa e eu o assustei. Agora podemos conversar.

A calma voltou a morar no coração de Kuryala.

Kanansiû o inquiriu:

— Onde mesmo nós tínhamos parado?

— O senhor estava dizendo que todo carajá que nasceu no fundo do rio...

— Ah! Sei. Eu ensinava a você um jeito de diminuir a sua dor. Todo carajá nasceu no fundo do rio e você sabe disso. Aí Carajá

desobedeceu, passou o "RUÊ BÉÉROKAN" e veio morar na terra. Antes ele não morria. Desobedeceu e começou a morrer. Não é?

— Foi, sim Senhor.

— Mesmo saindo do fundo do rio, nunca o carajá deixou de ser um homem do rio. Por isso cada um tem o seu rio próprio dentro do coração. Esse rio ele pode fazer mais bonito ou mais triste. Depende dele. E cada carajá parece que procurou sempre fazer o seu rio mais triste e mais feio. É uma pena tudo isso. Pouco posso fazer por eles que não me querem mais. Mas com você vai ser diferente. Todo rio dos Inãs imita o Béérokan. E o Béérokan termina nas grandes cachoeiras do norte. O seu rio, Kuryala, está bem longe, lá no norte. As cachoeiras e suas águas estão chamando você.

— E que posso fazer, Kanansiúê?

— Estou aqui para ajudá-lo. As dores de cada rio se amontoaram nas pedras e nos grandes e pequenos saltos. Você precisa descer a cachoeira e aliviar todo o seu sofrimento. Aquilo que você guardou para você em vez de falar comigo. Aquilo que durante anos você não teve com quem falar.

— Agora entendo.

— Você está ouvindo o barulho das quedas.

E Kuryala passou a ouvir aquele barulho soturno das águas despencando pelos canais, redemoinhando pelas pedras, esbofeteando as barrancas e descarnando as grandes raízes das árvores.

— Fale comigo. Posso empurrar a sua canoa?

— Estou pronto. Pode, Kanansiúê.

• • •

— Na minha vida que está longe não vou falar muito porque a dor que fica longe também vai ficando cada vez menor. Mas, doeu tanto, Kanansiúê. Doeu perder minha vista e deixar de ser o Grande Capitão que todos esperavam. Doeu nunca ter aparecido um filho para clarear o negror da minha noite continuada. Doeu, Kanansiúê, ir sendo deixado de lado para tudo. Não ser nem sequer considerado um

5. O buraco do Araguaia.

membro da aldeia. Perdi minha grande roça e reduzido a uma pequena plantação atrás do meu retô. Nem isso respeitaram muito. Aproveitavam da minha escuridão para roubar a minha manana quando estava boa, o meu milho ou a minha manlioca. Doeu ver que tanto tori chegando sempre e ensinando tudo de ruim para o meu povo. Ensinando que o corpo sem roupa era vergonha e motivo para rir. Começando a tomar a terra da gente e a gente sem poder fazer nada. Doeu saber que lugarzinho que nem São Félix ou Mato Verde foi ficando cidade grande de branco e carajá diminuindo sempre. Lá em cima a aldeia de Burdine que era de muito índio ficou pequeninha e carajá foi abandonando tudo. Assim fizeram com aldeia de Cocalinho, de São José, de Luiz Alves. Chegava gente e empurrava carajá para pedacinho de terra pequeno, pequeno que mal dava pra gente andar...

Kuryala foi tomado de emoção e calou a voz.

— Kury!

Kanansiû voltou em sua grande bondade.

— Sua canoa parou em uma pequena pedra. Essas coisas eu acompanhei com você porque você falava comigo. Vamos, procure o canal, vou empurrar de novo a sua canoa.

* * *

— Minha mulher morreu. Essa pedra foi muito grande, Kanansiû. Quase acabou com a canoa da minha vida, você sabe. Depois Dóttie foi embora. Veio Papai Grande. Tanta festa. Tanto Krukrujé. Tanto branco chegando mais. Índio trabalhando em construção, ganhando mais dinheiro, querendo ser igual a branco. Branco entrando na vida de índio sem respeitar. Hotel crescendo. Dinheiro era tanto que Chefe ficava com pena de ter tanto lá e faltar tanto no Serviço. Com aquilo acabava a pobreza de Santa Isabel e de Fontoura. Foi aquela mistura ruim. Carajá querendo aprender depressa tudo de tori. E não sabia aprender direito. Cadê que deixou fazer mais o círculo redondo embaixo dos olhos, mostrando a marca da tribo? Pai nem se importava mais que filho fosse Diuré ou Bodu. Hotel crescia. Ficava bonito. Hospital crescia também. Ficava bonito. Dinheiro que não faltava. Hospital até que já podia trabalhar sem ter parede pronta,

sem ter teto pronto, sem ter porta pronta, sem ter até médico ou enfermeiro. Deu que deu de índio ficar doente. Krukrujé já era chamada de pinga e de cachaça e aparecia na aldeia. Branco trazia garrafa. Era proibido. Índio trazia garrafa. Era proibido. Indio ficou doente mesmo antes de Hospital ficar pronto. Tíberculose e tosse, febre e muita aguinorréa. Não tinha ninguém para tratar. Todo mundo apodrecendo. Aí Hotel ficou pronto. Muita festa. Hospital ficou pronto. Mais festa. Dinheiro muito. Muito dinheiro pra se gastar. E depois, Kanansiuê?

— Você sabe melhor do que eu.

— Depois foi como se aquilo morresse tudo. Papai Grande enjouou. Achou que era longe. Hotel durou nove meses, nove luas. O tempo que mulher cresce menino na barriga e que bota pra fora. Nove meses, nove luas. Tanto dinheiro morrido. Pessoal foi deixando ele lá. Vaca veio deitar onde branco se sentava pra beber cerveja. Chuva chegou estragou tudo. Faz cinco secas, cinco anos de tori que ele está caindo cada vez mais. O chão está cheio de bussú⁶ de boi e de vaca da Fazenda. Puseram umas tábuas pra ninguém subir lá em cima, tapando a escada. Janela ficou caindo, aparelho, que diziam, era pra não fazer calor dentro ficava enferrujado e começando a despencar. E o Hospital, Kanansiuê, deu na mesma. Ficou uma coisa danada de grande. Cheio de cama, cheio de coisa de médico, pra cortar, pra costurar, pra curar, pra matar. Ninguém veio prali. Hoje chuva pinga lá dentro no tempo das grandes águas. Serve pra cachorro se esconder nas camas estragadas e fazer xukre-xukre⁷. No Hotel, diz que venderam uma porção de trem. No Hospital, também diz que venderam outra porção de trem...

Parou um pouco e Kanansiuê tornou a empurrar a sua canoa achando que aquela pedra realmente tinha sido demasiadamente grande.

* * *

6. Merda.

7. Copular.

— Doeu tanto no Senhor, como em mim, o que os carajás fizeram naquela noite?

— Tantas noites os carajás me fizeram sofrer que não sei da qual você me está falando.

— Da noite das máscaras bêbadas.

— É. Foi muito triste mesmo. Nem é bom de se recordar.

— Eu sempre pergunto a mim mesmo, mas agora gostaria de perguntar ao Senhor. Kanansiúê se lembra que Inã levou cachaça aos outros lá dentro?

— Kurinan.

— Foi por isso que ele... foi o primeiro?

— Por mim não. Nunca me vinguei de índio algum. No peito de um Deus só deverá existir amor. Mesmo sendo um Deus em escala menor como eu sou. Aquilo foi castigo das próprias máscaras. Foi uma maldição. Quem desrespeita qualquer delas acaba perecendo de morte horrível. Pode ser branco ou carajá.

— Então é isso. Kurinan foi o primeiro índio encontrado afogado. Os peixes tinham comido seus olhos e sua boca. Os mandis roeram os dedos das mãos e dos pés e arrancaram a sua língua. Ele voltava bêbado na sua canoa. Era de noite. E a noite estava escura.

Kuryala organizou os pensamentos do seu rio. Continuou descendo a cachoeira e confessando-se.

— Wassabédo era tão mocinho quando Krukrujé levou pro fundo, pro lodo, pro mistério do rio. Nunca ninguém achou o seu corpo. Foi com o seu pai Deridu que ele aprendeu a beber. Tão mocinho.

— Mocinho também era Kobirréti. Casado de pouco. Wassabédo não dançou mas ajudou Kobirréti a vestir as máscaras. Deixou um menino lindo que foi sendo criado pela dor de Uraíde, o velho pai. Kobirréti tinha uma tiberculose diferente. Dava umas feridas de sangue e pus no pescoço. Também não possuía nada de cara quando encontraram o seu corpo.

— Komantari não morreu no rio mas deu doença nele que vomitava sangue. Um dos índios mais fortes. Um carajá que podia dizer que gostava de beber Krukrujé até não poder mais parar. Morreu todo cercado de vermelho lá na esteira dele. E depois de Komantari novamente o Béérokan devorou outro índio puxando-o para as suas águas

com o anzol da cachaça. Era o quase velho Uederré. Homem teimoso e de opinião tava ali. Mas ninguém melhor no arpão e na flecha não podia haver. Os urubus é que denunciaram o seu corpo muito longe. Mas inchado do que bôto morto na praia, estufando sempre no sol de fogo.

E o rio agora estava viciado tinha fome de Inã. Talvez revoltado com a desobediência deles em terem vindo morar na superfície da terra, exigia agora a sua volta de qualquer forma. Foi por isso que toda a aldeia chorou e se lamentou quando o Bêérokan puxou Aratuma para os mistérios do seu escuro. Tão moço. Quanto tempo? Em tempo de branco não devia ter ainda dezessete anos. Foi tão dolorida a presença do corpo-menino estirado na esteira, que até Uadimani, que já fora Oroti-Bedú⁸ voltou a ter fé nele mesmo e rezou o seu corpo. Mas o corpo de Uadimani não teve ninguém para rezar quando uma semana depois caiu da canoa e rolou dentro das águas com o estômago se queimando de Krukrujé e impedindo o nariz de respirar, forçando a boca a se abrir para engolir a água da morte...

Kuryala foi derrotado de novo pelas emoções. Tornava-se pesado o passado reaparecendo em formato de pedras. Grande e cruel se manifestava a cachoeira da dor. Mas toda a cachoeira era muito grande. Tudo que era carajá conhecia o tamanho das que havia lá pra baixo. Três léguas, meus senhores, falavam os brancos. Longe que não acaba mais, tudo coberto de espuma da carreira das águas diziam os índios carajás...

— Ainda falta, Kuryala?

— Um tanto pouquinho. Desses coisas que ainda doem, sim.

— Então, pare um pouco. Respire e descanse. Renove o ar do pulmão e a coragem do coração. Se você quiser eu converso um pouco enquanto você repousa.

— Isso é bom.

— Eu posso falar de quê?

— De uma coisa, Kanansiuê. O Senhor que lida com índio, que conhece outras tribos, sabe de alguém que tenha sido tão maltratado pelos brancos como a gente Inã?

8. Pajé.

— A minha região é todo o vale do Araguaia e o Rio Javaé até o Rio do Côco. Nessa parte, nunca houve índio que fosse tratado assim como o carajá. Meus irmãos que são também outros deuses pequenos como eu, tomam conta de outros índios. E com eles tudo é muito diferente. Meu irmão Karandiuê toma conta dos xavantes. Os xavantes o conhecem por um nome diferente. Nunca os brancos — como ele mesmo me conta sempre — vão fazer o que fizeram com os carajás, em se tratando dos xavantes.

— O Senhor conhece a história dos crixás (xavantes), Kanansiúê?

— Você também conhece um pouco. Teve um preto Galdino que foi marceneiro no Serviço que contou a vocês o que eram e como foram os xavantes.

— Muitas vezes eu não entendo direito o que tori está falando. Por que não me conta Kanansiúê que sabe fazer carajá entender tudo?

— Foi assim. Xavante era muito índio. Muito, como formiga. Eles se dividiam em três nações. Cada nação tinha um capitão. Primeiro tinha o capitão Apuena lá em cima onde hoje é o Posto Pimentel Barbosa. Depois tinha Terezassú. Um capitão muito grande e muito bravo. Foi ele que esteve bem ali no morro de Raymundo Morais e matou João Irineu, o filho, e o outro filho que provocou toda a briga chamado Luciano. Esse ficou que nem morto. Mas não morreu. Quando veio socorro dos brancos, só souberam quem era João Irineu porque ele tinha o peito muito cabeludo. Ficou esmagado de borduna. Aí tori armou uma armadilha pra Terezassú e matou ele e mais 22 xavantes lá pelos lados da Lagoa Grande. Só que ninguém ficou sabendo de nada. Foi o maior segredo. Nunca mais se ouviu falar em Terezassú. O povo dele foi fugindo pro lado do Xingu. E o terceiro era Urubuenan. Urubuenan foi ficando manso, deixou de matar gente. Então fizeram perto das terras que ainda eram suas a cidade de Xavantina. Tempo passou. Urubuenan se vestiu também e vivia lá na cidade pedindo coisa. Aí o povo tori falou. Esse índio chato vive pedindo tudo. Vive trazendo gente dele para pedir coisa. Pensa que nosso trem não custa dinheiro e trabalho. Aí começaram a botar Urubuenan pra fora. Ele esperou juntar muita gente e falou triste.

— É. Xavante era brabo. Vinha branco. Branco matava xavante. Xavante matava branco. E xavante fugia. Aí branco vinha de novo

procurar xavante. Branco matava xavante. Xavante matava branco. Os dois fugiam. Voltava branco ainda. Tudo acontecia, morrendo mais branco e mais xavante. Até que xavante não matou mais. Deixou de ser brabo. Aí branco achou bom. Veio de muito. Foi fazendo casa, fazenda, roça, fez até Xavantina na terra de Urubuenan. Foi fazendo tudo e acabando com a caça e a comida do xavante. Acabou com tudo. Agora xavante ficou bonzinho, sem terra, sem caça e com fome. Xavante vem pedir comida. Branco não dá e manda xavante embora. Pra onde Urubuenan vai? Pra todo canto branco acabou com tudo e só deixou a fome pra xavante...

Kanansiuê foi quem se emocionou dessa vez.

— E sabe o que foi que teve?

— Mais ou menos, Kanansiuê.

— Os brancos resolveram matar Urubuenan. Ele era muito chato. E mataram mesmo. Foi então que xavante resolveu não se entregar mais. Começou a compreender que acabava perdendo tudo se deixasse branco chegar com a sua conversa de bom amigo. Brigou, lutou e hoje eles continuam com as terras dele. Carajá, não. Foi dando tudo com um sorriso. Acreditando em tudo. Desde qualquer branco marreteiro até um Papai Grande que quisesse se divertir.

Aí Kanansiuê espreguiçou-se e quase se lamuriou.

— Vamos parar por aqui. Quem tá descendo a cachoeira da dor é você e não eu. Deu pra descansar um pouquinho?

— Deu. Também agora estou meio desanimado. Não tenho muita coisa para doer.

— Mas acabe tudo. Vou empurrar de novo a sua canoa. Vamos.

* * *

— Tem também o caso de Ararue, Kanansiuê. Ele não gostava muito de Krukrujé nem de Orrã. Até que um dia um homem chamado Tabagira deu de chegar de jipe aqui na aldeia. Era alegre. Enchia o jipe de moçada e ia buscar muito tucunaré no 23. Voltava cheio de peixe. E a moçada alegre de cachaça e pinga. Passava depressa com o carro na aldeia. Por dentro da rua, quase pegando até criancinha. E a moçada bêbada, fazendo barulho, pendurada no jipe rindo em festa.

Tabagira veio muitas vezes. Ararue foi com ele todas as vezes. Aí ficou perdido. De um homão que era pegou tbc e ficou magrinho, magrinho. Tratou que tratou. Melhorou, mas sempre magrinho. Depois Tabagira sumiu. Ararue danou-se para beber. Voltou de São Félix, canoa virou no rio, grito gritou na noite. Quando chegou gente lá, não dava mais. Tinha sumido. Só a canoa dele era uma sombra desceendo devagar no rio. E era ele que tinha que ensinar o seu filho Uruá a ser o grande capitão da tribo...

— Depois, Kanansiuê, também tinha Sarikine grande, homem bom de roça, bom no machado, no remo, na pesca. Tão bom que a cachaça gostou dele. Vinha doidinho do juízo e batia na mulher. E a mulher dele, tão boa, bonequeira das boas que tudo que era torimascate-marreteiro encomendava boneca dela. Toda noite ela apanhava. Apanhava grande como inã quando bate com raiva em cachorro. Aí Teuaxure falou.

— Mãe, não vou deixar ele bater mais em você.

E ela chorava toda cheia de dor, como se tivesse a barriga e costas, tudo quebrado.

— De noite Sarikine chegou bêbado e foi bater nela. Teuaxure levantou da redezinha e pegou na borduna.

— Deixe a mãe. Senão eu mato você.

Sarikine olhou espantado pro rapaz e riu.

— Então bata com força. Aqui na cabeça. Mas bata pra matar. Porque senão sou eu que mato você.

E veio andando pra tomar a borduna. Teuaxure deu uma cacetada e ele caiu de joelho. Deu outra com mais força, ele caiu no chão ainda querendo se levantar. Aí ele deu uma maior. O corpo baixou de todo, ficou respirando forte, até que parou de fungar numa poca de lama... vermelha.

— Depois, Kanansiuê, Orrori, o índio mais bem educado dos carajás bebeu com Iuanan. Iuanan matou ele de faca e fugiu. Até hoje ninguém sabe pra onde.

Kuryala ofegava e as remadas alcançavam um ritmo cada vez mais fraco. A própria cachoeira parecia perder também a força da sua voragem. Pouco mais, não existiriam as pedras e a corrente iria se acal-

mando numa caudal de espumas escurecidas para voltar a ser o rio calmo de antes.

— Depois, Kanansiuê. O outro Sarikine, tão mocinho ainda, bebeu e foi bater em mulher de branco. Levou um tiro pegou bem lá na espinha dele. Está todo parado. Que nem morto que ainda nem pode se mexer...

— Depois...

Kuryala começou a chorar. Não cantava mais a sua dor. Chorava com a mesma fraqueza que os homens brancos choravam.

— Kanansiuê! Kanansiuê... Estou cansado. Preciso parar na praia. Quero morrer fora dessa cachoeira de dor. Deixe-me sair dessa canoa e ajude-me a caminhar até uma praia amiga e cheia de areia quente...

— Calma, meu Kuryala. Calma. Passe as mãos em volta das suas pernas.

Ele obedeceu e sentiu a areia escorrer entre os seus dedos. A cachoeira e o seu terrível fragor tinham sumido na distância.

— Kuryala, meu amigo. Meu Capitão e Carajá. Você foi forte até o último momento. Desceu a correnteza com a mesma coragem dos seus verdes tempos.

— Eu sei. Kanansiuê. Obrigado. Suas mãos me ajudaram. Mas agora o que sou? O mesmo velho cego, jogado no mesmo lugar. E para quê? Por que não pega em minhas mãos e não me leva embora? Seja para onde seja. Para o fundo calmo do rio onde nascemos ou para viver nos braços e na barriga da nossa mãe Estrela-d'alva?

— Tenha mais um pouco de paciência. Nunca mais o abandonarei.

— Todos me abandonam, Kanansiuê. Meu grande amigo Obedo foi embora na sua velhice. Texibré caminha na velhice das suas pernas com a mesma dificuldade com que eu caminho, sem os meus olhos. E Maluá passa a vida olhando o céu, esperando que um Birreauti traga de volta o seu belo filho Maluaré; Maluaré que faz tanto tempo matou Iroá. Se ele voltar, no dia seguinte, Maluá viaja num birreauti⁹ de sombras e paz... Tudo indo. Tudo passando.

— Acredite em mim. Pode dizer a Maluá que antes que seus

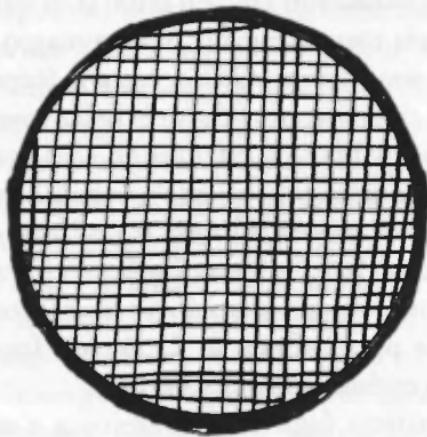
9. Avião.

olhos busquem a calma do grande sono, eles verão a Maluaré. E você só precisa esperar. Esperar um pouco mais. Agora, adeus.

E Kuryala sentiu uma calma muito grande. Parecia que seu coração se desafogara de todos os grandes pesares. Todos os seus pesadelos morreram afogados nas águas da cachoeira.

Precisava só voltar a sorrir. Caminhar apalpando as cercas de arame farpado e pedir com humildade.

— Só um pouco de "arroí". Kuryala está com fome.



Quarto Capítulo

SELVA-MAÇÃ

Fome. FOME. FOME. FOME. Queria pensar noutra coisa mas o estômago não permitia. Apertava, doía, reclamava.

— DearãMari-auassá-son-êre! Eu estou com muita fome!

Agora que aquela tosse queimava o peito magro, a fome aumentava sempre. A tosse sim, comia. Comia toda a força das pernas, dos braços, a vontade de caminhar, de falar até. Falar com quem?

Se procurava pelos brancos estendendo seus braços emagrecidos, as portas se fechavam e ninguém escutava a voz da sua fome.

Caso se arrastasse até os últimos moradores que sobraram da Fundação Brasil Central, batiam-lhe as janelas e viravam-lhe as costas.

Na aldeia reclamavam que a sua tosse cava incomodava os outros retôs. Bebia água fria para acalmar-se. O líquido frio diminuía a tosse mas mexia a fome no estômago sempre vazio.

Todo mundo parecia fugir da sua presença e negar-lhe qualquer alimento na esperança que morresse logo.

Talvez houvesse um jeito. Escutara que quase de noite, parara um barco grande de tori. Um barco de tori rico. Barco que tinha de tudo. Lugar de tomar banho de chuveiro, casinha de fazer gelo. Falaram até que tinham trazido um tori de longe para cozinhar a comida deles. Gente da beira-rio que cozinhava em motor, pra eles não servia. Era um barco de tori muito rico. Diferente de muitos barcos que traziam os outros toris para encher o Araguaia, armar casinhas de lona na praia. Brigar para quem pegava primeiro uma praia boa. Depois matar tudo que era peixe. Matar tudo que era bichinho com tiro de 22. Servindo pra comer ou não. Até gaivota era atirada. Acabavam até com as ciganás que nem carne tinham. Só pra ver estremecerem, ficar gi-

rando penduradas pelas unhas e cair do sarão, na água ou mesmo na areia da praia. Cada vez o rio se enchia mais, quando chegava o tempo frio do verão e as praias ficavam altas e lindas, o rio se coalhava de motores subindo e descendo. Avião da "Vasbic" com turista que ia pro hotel de São Félix, pra pensão, pra quarto de gente que alugava. Depois, era passar a vida no rio, nas praias, sujar tudo com lata vazia, garrafa vazia, casca de fruta e osso apodrecendo. Uma festa para os mosquitos e as muriçocas. Pegavam peixe de qualquer maneira. Polícia que tomava conta do rio, não chegava até ali. Muito pouca polícia para tanta gente. Por isso peixe ia acabar logo. Botavam espinhel, espingarda de pedaço de buriti, redes, coivos e quando podiam, jogavam tarrafas. Podendo e estando longe, colocavam bombas nos poços dos canais e nos lagos. Só turista que não tinha muito nherú¹ é que trazia varinha de pesca. Os outros vinham com varas e maquininhas que enrolavam a linha sem trabalho nenhum... Como os mariscadores que acabaram com a onça, a ariranha, com os ovos da tartaruga e do tracajá, logo eles acabavam com todo o peixe do rio. Jacaré que antigamente limpava a sujeira do rio, agora nunca chegava a crescer de todo. Tinha gente que contava que jacaré morria afogado até com biú-manta² pensando que era caçador com lanterna elétrica. Ih Béérokan você está ficando tão velho e tão pobre que nem Kuryala. Você pode não morrer cego, mas vai morrer de fome como eu...

Seu auxílio de ninguém chegou até o fim da aldeia. Dali tornava-se muito difícil. Parou no mourão da cerca e sentiu o gostoso sol da manhã espantar o resto do frio que o atacara toda a noite, provocando em seu peito aquela seca e ardida tosse. Talvez escutasse alguma voz conhecida.

E teve sorte, escutou.

- Quer ir aonde, Uladô?
- Lá. No porto da Fundação.
- Fazer o quê?
- Chegou um barco bonito ontem. Não chegou?
- Está parado lá.
- Pois eu queria ir lá ver.

1. Dinheiro.

2. Relâmpago.

A voz se calou e Kuryala sentiu que o seu dono o examinava. Sorriu para não demonstrar preocupação.

— Está me achando muito velho, filho?

Se estava. Kuryala sumia. E o que mais admirava era seus cabelos que tinham se tornado quase totalmente brancos. Coisa muito difícil de acontecer num índio carajá. Como conseguia ainda andar naquela magreza toda e ainda por cima sorrir sempre? Queria ver o barco. Ele sempre "via". Sempre estava vendo tudo com aqueles olhos brancos como fundo de prato de tori.

— Não, Uladô. Eu levo você até perto.

— Tiotoitika! Quem é você?

— Ritu. Andeciuala Rituera.

— Ah! Sei. Filho de Idiarrina. Idiarrina. Aquele sim. Luitava bem. Luitava era para ganhar. Quando vinha da roça carregava o berrurá mais pesado nas costas. E parecia que nem cansava.

Andeciuala sorria e caminhava guiando o cego. Lembrava-se bem do seu pai. Era um touro de forte. Mas fora dos primeiros a morrer de tuberculose na aldeia. Morreu magrinho, magrinho, tossindo até não poder mais...

— Pronto. Agora, Uladô, é fácil. É só se encostar na barreira e descer. O barco está parado bem defronte. Eu tenho que ir para a roça.

— Obrigado, filho.

Desceu, tateando a barreira e sentou-se formando quase um amontoado de velhice. Ouvia movimentos no barco. Por enquanto ninguém falava. Deviam estar dormindo. O pessoal tinha ido ver a festa de Aruanã e ficou até tarde conversando por lá. Depois, voltaram, beberam bebida de rico e estavam dormindo bastante.

Coçou a barriga esperançado.

* * *

— Gostou de ontem à noite?

— Como é que chamam aquela dança mesmo?

— Aruanã?

— Não deixa de ser impressionante. Aquelas máscaras enormes

fazendo aquela zoada com as palhas, os cantos cantados naquela voz tão aguda. Parece um mundo estranho...

Depois espreguiçou-se e sentiu o sol quente no rosto. Olhou o céu de um azul maravilhoso.

— Lindos são os dias que aparecem por aqui. O pôr-do-sol, então nem se fala. Cada um mais bonito do que o outro.

— Será que estou ouvindo bem? Estou?

Ela riu.

— Estou gostando. Não é isso que você queria?

— Porra! Até que enfim sua boca se abriu para falar uma coisa agradável. Até agora nem Jeremias tinha reclamado tanto no Muro das Lamentações.

— Você é burro mesmo. Estou gostando. Você sabe. Queria uma coisa diferente. Estamos aqui. Não agüentava mais aquela vida de Rio e de São Paulo. Estou tendo uma pausa. Se não gostasse achava uma maneira de abreviar a viagem. Só o fato de respirar esse ar maravilhoso já vale.

Ele deu uma risada.

— Realmente. Para quem vivia tomado poluição em canudinho, isso tudo é ótimo.

O cozinheiro interrompeu a conversa.

— Madame, como quer que lhe sirva o café? Trago aqui ou a senhora vai lá atrás naquela imitação miserável de cozinha?

— Não, Paul. Quero só uma maçã e um cafézinho puro. Pode trazer aqui mesmo.

— Sabe que consigo dormir bem? Só uma vez usei uma das minhas pílulas salvadoras para empacotar. Basta botar a cabeça no travesseiro e o sono desaba.

— É o sol e o calor do ambiente. Mais tarde, nós vamos com uns índios, de canoa, banhar numas praias maravilhosas. Você vai gostar.

Levantaram-se e foram espiar na amurada do barco.

Kuryala sentindo movimento ergueu-se com dificuldade e recomeçou a sorrir.

Que diferente a aldeia vista a luz dos dias. Perdera o encanto e o mistério das sombras.

Um desapontamento principiou a crescer em seus traços. O

que via agora não passava de velhos ranchos com tetos esburacados. Mulheres enroladas em trapos, em velhas cobertas, deixando os seios moles pendurados como orelhas de perdigueiro. Umas tratavam do peixe, outras lavavam qualquer coisa. Falavam rapidamente numa algaravia desagradável e quando sorriam, os dentes surgiam podres ou incompletos. Os memininhos, as crianças eram engraçadinhos.

Comentou.

— Até que as crianças são bonitinhas.

— Quando novos, os carajás são lindos. É só crescer um pouco e começa a perdição. São loucos por pinga e a tuberculose é louca por eles.

— Que pena!

O cozinheiro veio com a maçã.

Entregou-lhe também a faca. Ela debruçou-se sobre o rio e principiou a descascá-la.

Só então sentiu-se atraída pelo vulto de Kuryala e incomodada por seus olhos brancos.

— Que é aquilo, meu Deus?

— Ora. Um índio velhinho. Um cego. Tuberculoso nas últimas e está com fome. Não vê que ele cheira o ar. Está sentindo o cheiro da maçã.

E Kuryala sentia o suave perfume da fruta. Seu estomago doeu e a saliva escorreu-lhe pela gengiva. Sorriu para disfarçar sua fome e sua doença. Sabia que tori estava espiando e não queria tossir agora para que soubessem que estava tuberculoso.

O cozinheiro permanecia a seu lado.

— Madame, economize. Se o avião não chega depois de amanhã, vai faltar maçã.

— Paul, seu desgraçado. Você disse que elas iam dar.

— E iam mesmo. Mas acontece que gente que nunca comeu maçã na vida deu pra comer maçã nessa viagem.

— Ai que eu morro! E o meu regime? Não posso passar sem maçã.

— Lá vem a porra da lamentação. O avião não vai atrasar. Vem entupido de maçã. Dá pra comer aqui, no Xingu e até jogar bilhar com elas se você quiser.

Recomeçou a descascar a fruta. Parecia que naquele ambiente a fruta ressecava mais. A casca caiu inteirinha na água e os peixinhos do rio vieram beliscá-la. Mordeu a maçã sem desviar os olhos do velho. Estava fascinada. Engoliu um pedaço, dois, e parou.

— Ele está sentindo o cheiro.

— Indio tem mais faro do que cachorro. E sendo cego deve ter em dobro.

— Será que ele conhece?

— E eu vou saber! Você tem cada uma.

— Olhe ele está babando.

— Reflexo condicionado. Mande Paul buscar uma lá em baixo e jogue pra ele.

— Você está maluco. Ele está danado, racionando.

Mastigou mais um pedaço e a mordida desprendeu mais o cheiro ativo da maçã.

— Ele está com fome.

— Que é que você pensa que ele está fazendo aqui? Claro que está com fome e tem vergonha de pedir.

— Não consigo engolir. Vou jogar fora.

— Não. Me dê aqui. Eu jogo pra ele.

— Então, jogo eu.

Debruçou-se mais e gritou.

— Ei velhinho! Velho cego. Pegue. Vou jogar um pedaço de maçã para você.

Kuryala adiantou-se e ficou esperando ouvir onde a maçã caía.

O pedaço do fruto bateu contra a barranca e rolou sujando-se de terra vermelha e grãozinhos de pedra. Foi rolando, rolando e parou antes de chegar ao rio.

— Que maldade. Você jogou muito longe de propósito.

— Quero ver se ele tem faro mesmo.

— Não vai achar.

— Quer apostar? Se está com fome mesmo, acha. E ainda por cima é um cheiro forte e diferente.

Enfraquecido, Kuryala recostou-se na barreira e foi-se sentando. Sabia que a fruta deveria ter caído mais para a sua direita. E como era

descida, rolara um pouco. Ficou de quatro e aspirava a terra com mais intensidade. Aumentando o olfato da sua fome. Apoiava-se em uma mão e com a outra alisava o chão de lado a lado. Nada encontrando, avançava ainda de quatro, encostando mais o rosto ao solo e procurando o cheiro da fruta que se aproximava agora.

— Vai achar.

— Que coisa impressionante!

— Não disse? Só falta o rabo.

Kuryala ofegante apanhou o fruto. Desvirou-se, sentou-se e nem teve coragem de lavá-lo no rio. Sua fome tinha muita pressa. Limpou a areia e a sujeira contra as pelancas da barriga e comeu com a voracidade de um bicho.

Quando acabou, limpou a boca com as costas da mão, dirigiu o rosto para o lado do barco, sorriu e falou com um pouco mais de força.

— Obrigado!

Estendeu as mãos procurando o rio. Fez delas uma concha e bebeu sofregamente. Tornou a limpar a boca, olhar o barco e a sorrir com um pouco mais de felicidade; e só então pode murmurar com a voz mais clara.

— Obrigado.

Todos ficaram pasmos. Ninguém tinha mais vontade de se divertir.

— Vamos para o outro lado do barco.

— Paul, arme uma cadeira pra mim e por favor, me traga depressa aquele cafezinho que me prometeu.

Sentou-se desanimada. Felizmente do outro lado as praias brancas do rio apresentavam-se lindas, douradas de sol e envolvidas quase pelo azul de um céu perfeito.

— Que foi agora?

Balançou a cabeça contrariada.

— Vocês não deviam. Nunca deviam...

Fez um gesto pedindo que não a interrompesse.

— Essa gente não deveria nunca aparecer. Vocês que querem fazer turismo. Criar empresas, atrair gente para essas paragens não deveriam nunca permitir que aparecesse gente como esses índios. É

contraproducente. Meu Deus! Essas índias feias, de peitos murchos, sujas, enroladas em trapos, demonstrando promiscuidade e tuberculose. São bichos. Não são gente. Não são aqueles índios que vocês querem apresentar nos cartazes sugestivos...»

— Que fazer com eles? Queimá-los vivos?

— Sei lá. Esconder. Mostrar o outro lado. Aquele ali com as praias.

— Não deixa de ser uma séria sugestão. Uma grande sugestão. Em certos lugares como aqui é melhor ancorar nas praias, longe das aldeias. Você acertou no alvo. De noite, sim, a gente faz as visitas.

Paul trouxe o café.

— Pronto. Beba o seu café e depois fume o seu cigarro. Nem tudo é tão horrível como agora. Lá no alto do Rio das Mortes você gostou dos Xavantes, não gostou?

— Não nego. Índios limpos, nenhum com dente estragado, sadios...

— Eles têm pouco contacto com os brancos. Os xavantes impuseram respeito e sempre mataram muito. Sempre deixaram um rastro de sangue em cada passagem. Eles sabem o que querem. Querem suas terras e conhecem o limite do que lhes pertence. Por enquanto nós os brancos, não os devoramos. Esses também foram lindos, lindos, sadios e de dentes perfeitos. Creia você ou não. Mas eram inocentes. Vieram com os braços abertos cheios de amizade e sorriso nos lábios e receberam em troca o quê? A doença, a miséria e a certeza de que não eram mais donos de nada.

— Vamos deixar esses daqui. E o Xingu? Você conhece bem aquilo lá?

— Claro. Senão não teríamos o macete para entrar. Andei muito por lá quando pertencia à FAB. Você vai gostar. São os índios mais lindos de todos. Fortes, nus, despreocupados, dando a impressão a todos que chegam, aliás uma falsa impressão, de que vivem sem fazer nada e coçando o saco. São muito bem tratados. Realmente lindos. O maior jardim zoológico da nação. Quando a gente sobrevoa a região do parque fica aturdido com a imensidão das terras. Às vezes pensa. Pra que tanta terra pra um punhado de gatos pingados, pra quê?

— Nunca ouvi falar disso.

— Muita gente sabe disso e muita gente finge não saber disso. Mas a população indígena de lá é muito reduzida. Os índios Camaiurás, os Kalapalos e outros têm um pouquinho mais de gente. Mas existem tribos com sete ou dez elementos. Os Uaitis, os Meinacos e outros... Sei lá. Deixa pra lá. É bom que eles tenham essas terras sempre.

— Até quando?

— Quem sabe? Alguém pode medir a ganância e a maldade dos brancos de que fazemos parte? Está vendo a Ilha do Bananal?

— Estamos nela, não?

— Sim, no Parque Nacional do Bananal ou melhor dizendo, do Araguaia. Mas não tem um pedaço desse rio que já não esteja vendido e legalizado e sabe quanto o índio tem nisso tudo? Nem 1 decímetro de um cocô.

— E o pessimista sou eu...

— Desculpe. Foi uma crise. Vou reagir.

Ela baforou no ar a última tragada e jogou o toco no rio.

— Quer saber de uma coisa? Você vai rir. Mas não consigo me esquecer dele. Prestei atenção em tudo que você me contou, mas o vulto dele estava gravado na retina dos meus pensamentos.

— Ele quem?

— O velho?

— Que velho?

— O cego.

— Ah.

— Pois bem. Não posso me esquecer do seu vulto ossudo rastejando, cheirando, procurando a maçã. Comendo a maçã suja de terra. Depois, a voracidade com que comeu seu sequer lavá-la.

— É um velho tuberculoso e estava com muita fome.

— Pior foi o jeito suave de agradecer. Aqueles olhos brancos parecendo enxergar o vazio, o próprio branco que existe dentro da gente.

Sentiu-se emocionada e sem poder controlar-se ficou com os olhos cheios d'água.

— Você? Tome o lenço.

Assoou-se.

— Foi estupidez. Foi autopiedade. Sentia pena de mim mesmo.

Quer saber de uma coisa? Era isso que eu queria contar para você rir. Quando a gente pode, tem muitas fases na vida. Existiu uma a que pertenci um grupo metido a besta e intelectual. E era um tal de ler. Ficar em café copiando a moda de Paris. Devorava-se Hesse, Faulkner, Kafka e outros tantos que você bem conhece.

— Nem tanto. Sou muito mais familiarizado com jóqueis e cavalos de corrida.

Ela riu.

— Não importa. Você tem que escutar. Um dia nós descobrimos um tal de James Joyce. O homem mais inteligente do mundo. Um homem sobre o qual se escreviam mais livros do que se liam os seus livros. Um enigma tentador. Todo mundo se agarrou na sua obra prima: Ulisses. Eu mais que as outras e os outros fui logo arranjando o livro em espanhol, francês e inglês. Não existia tradução em português... Então, eu li uma coisa terrível que nunca mais me saiu da cabeça. A história de um professor que castiga um menino e fica estudando com ele depois de findas as aulas. Ele olhava para o menino. Uma criança feia, desengraçada, sardenta, míope, com óculos de lentes grossas. Uma criança triste e esmagada. Enquanto no recreio, os outros jogavam não sei se críquete ou qualquer outra droga de jogo. E o menino ali custando a aprender. E talvez ele gostasse de ir jogar com os outros? E talvez não pudesse por causa dos óculos. E ele era feio, magro, sardento e míope. Então, o professor se emocionou e pensou sem poder traduzir ou traer os seus pensamentos. "Esse menino foi gerado, foi parido, teve uma mãe que o amou, que o teve entre os braços e o amamentou com ternura..." Era isso que eu queria contar.

— Mas que loucura é essa? E o resto?

— *O resto é silêncio...* Eu voltei àquele tempo vendo esse índio cego, feio, sujo, magro e tuberculoso. Que mãe o amamentou? Que mãe o pariu? Só isso. Pode rir como quiser. Naquela fase eu era besta e intelectual.

Ele deu uma risada.

— Pelo jeito você deixou de ser intelectual.

— Fresco! Me dê outro cigarro.

Ela levantou-se foi fumar debruçada na amurada do barco. O

dia continuava lindo. Divagou a vista pela paisagem. Foi virando o corpo e perguntou admirada.

— Que é aquilo? Que troção é aquele?

— Ué. Você não viu? Ontem nós passamos por lá à tardinha.

— Não vi. Estava justo nesse lado espiando o pôr-do-sol.

— É o Hotel. O produto de uma noite de bebida e irresponsabilidade.

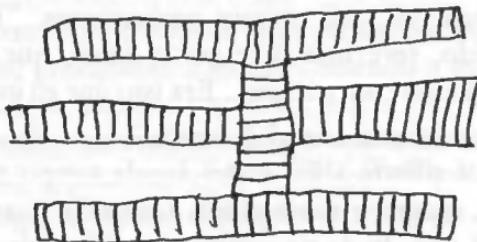
Contou mais ou menos a história do Hotel.

— Que coisa!

— Mas nem tudo está perdido. Está havendo um acordo entre uma companhia chamada Ciclone e o governo. Parece que vai ser arrendado e reformado. Vai ser chamado de John Kennedy. Hotel John Kennedy. Assim aproveitam os JJ e o KK gravados nos copos de cristal importados da França e nos faqueiros de prata — riu — se é que ainda existem. Pelo tempo que esse pobre Hotel está jogado e abandonado vai ser preciso quase uma nova reconstrução.

Voltou a sentar-se enquanto ela continuava olhando o fantasma do Hotel como se fosse uma miragem.

— Aí, querida, você poderá trazer suas lindas e prendadas amiguinhas, abrir as bolsinhas sempre recheadas, dormir com o seu ar condicionado e de manhãzinha lá pelo meio-dia, o seu cafezinho na cama. Sua selva-maçã será realmente completa.



Último Capítulo

A VOLTA PARA A ESTRELA-D'ALVA

Kuryala sorriu. Sentou-se por um instante e apoiou as costas na barreira. Respirou forte e o ar entrou tão puro, como antigamente, sem doer e sem provocar nenhuma tosse. O mais extraordinário era a sensação de ter perdido toda aquela fome que nos últimos dias não o abandonava.

— Foi tori. Foi sim. Era uma raunquide (mulher). Tori boazinha. Ela nem era dali e lhe dera comida boa. Tão boa que seu estomago podia quase arrotar satisfeito. E fora só um pedaço de *um* frutinha. Só um pedaço. Valia mais do que um pedaço de lombo de paca assado no espeto, com muitos punhados de farinha-puba.

Foi por isso que levantou-se quase sem dificuldade. Nem sequer suas velhas pernas reclamavam a subida da volta. Foi apalpando o corte da barreira e sentiu-se no alto com o vento em liberdade acariciando os seus cabelos e seu rosto. E agora? O sol fervia e nenhum índio viria ali procurar o porto dos brancos para se banhar. Se os bodus e os Diurés fossem como antigamente, sim. Hoje, não. Eles se banhavam em qualquer lugar no meio de qualquer um, à vista de qualquer um. Tudo mudado. Sem-vergonhice baixara entre eles tão depressa como a *tiberculose* e a cachaça. Mulher casava com homem e dizia na cara dele. "Vamos separar". "Pra mim você não serve porque tem pinto muito pequeno. Bom mesmo era Xavaru e Tuila". Homem dizia pra mulher: "Você não serve" Mulher pra mim tem que ser apertadinha que nem Dicuria ou Narruria. Ainda se você fosse como Suakaro dava pra ficar uma semana. Assim não. Nem dá gosto de fazer Xukre-Xukre". Se xingavam um pouco e cada qual ia pro seu lado procurando o que desejava. Nem casamento mesmo, estavam queren-

do fazer mais. Aquela besteira de ir pescar, pintar o corpo, ouvir bes-teirada de velho... só pra carajá de antigamente. Até as jadomãs¹ entravam debaixo dos mosquiteiros dos homens casados e ninguém se importava muito. Pai de Jadomã só se importava muito quando jadomã pulava janela do quarto de soldado da FAB e voltava sem presente bom. Sem uma camisa boa. Sem uma coberta boa. Até mesmo sem uma garrafa de uma Orrã das boas. Isso sim. Até as raspagens e as sangrias iam sendo jogadas no lixo do passado. Falar em pinto de cachimbo ou cortar o Omarira no rosto era certo receber uma resposta malcriada: "Isso fica pra carajá velho ou Labudo"². Tudo mudado. Tudo mudado.

Kuryala apoiou-se no mourão e trocou a perna de apoio. Estranho também não sentir cansaço. Calor sim. Fazia muito. Não vinha ninguém. Nem um pé batendo na terra dos caminhos. Comida boa a mulher tori tinha dado! Nem vontade de comer tinha mais. Era até bom que durasse muito tempo. Evitava de estar pedindo de porta em porta. Abrindo seus braços magros e soltando a voz humilde.

— Arroí é bom. Kuryala está velho e tá com fome!

O vento chacoalhava as folhas dos bananais e das canas plantados perto da aldeia. Só aquele barulho. Nada mais.

Foi por isso que Kuryala se admirou quando ouviu aquela voz.

— Vem comigo?

Não sabia quem falava mas a voz era tão linda e macia que só pôde contestar.

— Vou.

— Então ande depressa que eu não sei andar devagar.

— Não posso se não pegar na minha mão. Também estou muito velho e fraco para andar depressa.

— Mentira, Kuryala. Velho sim. Mas não está fraco. Nenhum pouco. Você comeu a fruta que a mulher-tori lhe deu, não comeu?

— Eu vi. Eu vejo tudo.

— Quem é você?

— Depois você sabe. Não posso lhe dar as mãos aqui na aldeia.

— E como posso ir?

1. Moças.

2. Veado.

— É fácil. Cheire.

Kuryala sentiu o perfume do caju maduro invadir-lhe as narinas.

— Ainda não é tempo de caju e ele cheira tão madurinho.

— Pois então. Você deve seguir depressa esse cheiro. Mas preste atenção. Esse cheiro de caju tem a largura dos seus ombros e fica só até a altura do seu nariz. Se você se desviar um pouco está errando o caminho. Então você pare um pouco que eu volto para você voltar ao lugar. É fácil. Vamos experimentar. Ande e acompanhe o perfume do caju.

Kuryala obedeceu com atenção.

— Viu como é fácil? Eu sempre estarei à frente do seu corpo e é só você não se desviar do cheiro da minha sombra e tudo dará certo.

— Dá mesmo.

Kuryala andou um pouco e parou.

— Mas onde você me leva?

— Bem. Ainda não posso dizer. Mas vou sossegar o seu coração. Que foi que Kanansiû disse a você da última vez lá na praia?

— Ele falou... falou...

Aí Kuryala soltou um sorriso feliz. Um sorriso que não tentava disfarças nenhuma das suas desgraças interiores.

— Ele disse que mandava me buscar. É isso?

— Sim.

— Então estou indo? Vou partir? Que bom! Ele se lembrou de mim. Eu pensava que ia ter medo.

— Por que medo? Esse momento é só uma passagem. Nenhum carajá se lembra como e quando passou pelo Ruê-Béérokan. Daqui a pouco você nem vai se lembrar mais quando saiu de Raumaló-Dessé para...

— Onde?

— Vamos. Estou falando muito. Ainda é cedo. O importante é que agora você pode andar e ir apressando o passo. Você não perderá o meu cheiro nem a nossa direção.

E recomeçaram a caminhar com a ligeireza e a segurança das pessoas jovens.

Na aldeia alguém viu aquilo. Kuryala caminhava ereto, seguro,

passando entre todos os mosquiteiros que secavam ao sol sem sequer esbarrar.

Vieram os outros espiar aquilo. Não era possível. Havia coaru³ em tudo aquilo. Só rapaz ou homem muito forte poderia caminhar assim daquela maneira. Depressa e com tanta firmeza.

Todo mundo se entreolhava e das portas dos ranchos ficavam a observar a cena. Os meninos se apertavam contra as pernas das mães adivinhando o medo que atacava a todos.

Comentaram baixinho.

— Vocês sentem o cheiro de caju?

— Sim. É caju. Caju madurinho.

— Mas não é tempo ainda de caju!

Aquilo aumentou mais o medo. Kuryala caminhava com os seus olhos opacos dirigidos para frente como se enxergasse tudo. Nenhuma vez conseguiu se deter. E seus passos aumentavam à proporção que alcançava a metade da aldeia. Os cães estavam com o pelo eriçado mas não tinham voz sequer para latir.

— Onde vai ele?

— Alguém precisa saber.

— Ninguém tem coragem de falar com ele assim. Está cheio de feitiço e de Kunin.

— Tem sim — Olhe — Canari está indo pra perto dele e vai pegar no seu braço. Pegou. Ele parou um pouco.

Canari falou-lhe com brandura.

— Borrolakre, Uladô⁴ Tibô makrê Kay?

— Bexiékre!⁶ Eu estou indo.

— Mas para onde, Tio?

— Eu vou. Solte o meu braço.

Com uma força inesperada deu um safanão, libertando-se das tenazes moças de Canari.

— Eu vou. E quero ir só. Ficará cheio de feitiço aquele que me seguir ou não deixar que eu vá embora.

3. Feitiço.

4. Escute, tio.

5. Aonde você vai?

6. Cuidado!

Kuryala continuava com os olhos postos para a frente, sem desviar uma só vez daquela direção. Não podia perder o cheiro do caju.

Depois acalmou-se.

— Adeus, filho. Eu vou muito longe. Vou buscar uma canoa tão bonita que nunca a mão de qualquer carajá consegui fazer. Adeus.

O cheiro de caju também cresceu no olfato de Canari e ele passou a mão fria para limpar um suor mais frio ainda que escorregava por seu peito. Talvez o medo que enchia o seu corpo de tremores agora fizera com que ouvisse uma voz diferente. Uma voz que não conhecia chamando por Kuryala.

— Vamos. Vamos. Um pouco mais depressa.

E paralizado de pavor, exatamente como estava todo o resto da aldeia que olhava para aquele lado, Canari viu o velho cego caminhar seguro, sair da aldeia, passar pelas casas da frente, pela casa grande do Serviço e desaparecer no caminho cerrado que levava até à Prainha.

• • •

Kuryala conhecia bem aquele caminho e não ignorava que ainda faltava mais da metade para atingirem a Prainha.

Foi convidado pela voz tão amiga e mansa.

— Vamos sair um pouco do trilheiro e descansar nas raízes grandes de um jatobazeiro.

— Mas eu não estou cansado.

Ouviu-se uma risada.

— Você, não, eu sim.

— Mas não era você quem pedia para caminhar cada vez mais depressa? E tão pouco andamos. Nem a metade do caminho da Praia.

— Andamos muito. Faz meses que andamos. Pra você o tempo já não possui importância agora. Mas eu carreguei todo o seu corpo, toda a sua alma durante essa caminhada. Você não sentiu porque o vento da minha sombra trouxe o seu corpo como se fosse uma canoa descendo uma correnteza calma. Siga-me. Logo você descobrirá que o perfume do Caju irá desaparecer.

Sob os seus pés, Kuryala ouvia os estalidos das folhas secas.

— Aqui.

Com o pé ele apalpou o volume de uma grande raiz,

— Vamos sentar aqui nessa raiz. Só um tempinho. Se quiser pode falar que escuto e respondo.

— Nós viajamos muitos dias, você falou. E como é que eu não sinto fome? Será que foi aquela fruta que a mulher-tori me deu?

Nova risada.

— Talvez. Pode ser. Quem sabe?

— Nem sono também, e nem frio e nem cansaço...

— Sabe o que você é Kuryala? Um homem muito puro. Inocente até. Outros que eu tenho ido buscar a mandado de Kanansiê, muito antes descobrem o que está acontecendo. Entretanto, estamos quase chegando e você continua como se apenas estivéssemos abandonando de sair da aldeia.

— E não estamos?

— Não. Eu falei que carreguei você na minha sombra e me cansei. Sabe por quê? Estava transformando você em sua volta, ao seu retorno antigo. Você não sente fome, nem cansaço, nem frio? Nem sequer procurou desvendar a causa disso tudo. Como você era quando eu fui chamar você?

— Primeiro, estava tiberculoso e tossia. E tossindo doía todo o meu peito.

— Pois então, tussa.

Kuryala experimentou e não conseguiu.

— Está vendo. Além disso, como era você?

— Estava magrinho, com braço e perninha fina, costela varando toda a pele da minha barriga e muito velho também.

— Porque não experimenta passar as mãos nos seus braços e nas suas pernas?

Kuryala obedeceu e deixou os dedos escorregarem nos lugares indicados pela voz. Todos os ossos haviam desaparecido e seu corpo adquirira a rigidez dos músculos; a carne enchia as antigas partes desguarnecidas.

— Mas esse não sou eu!

— Claro que é você. Passe as mãos em sua boca e em seus dentes. Chegou a levantar-se da raiz e voltou a sentar-se estupefato.

Readquirira os seus dentes. Sentia-os todos; mordia os nós dos dedos para certificar-se da realidade.

— Eu não estou sonhando?

— Não. Você nem sequer dormiu ainda desde que saiu. Não diziam os outros Inãs que os seus cabelos tinham ficado brancos e ralos? Agora não. São negros e reluzentes, abundantes, fartos, como outrora.

Kuryala levou as mãos até sua cabeça e seus dedos fortes percebiam também mais aquele milagre realizado.

— Você fez tudo isso?

— Kanansiê mandou.

— Todos os outros que você trouxe ficaram como estou agora?

— Todos que foram bons como você, naturalmente.

— Que pena que só os meus olhos permaneçam brancos e apagados. Que eu não possa me ver como era quando a vida me fez moço.

— Preste atenção, Kuryala, na hora que você me fizer uma pergunta. Só uma. Essa crosta de brancura rebentará e você terá de novo a beleza de todas as coisas ante seus olhos.

Kuryala tornou-se pensativo e baixou a cabeça. Que estranho! Kanansiê o mandara buscar, devolvera sua vida e seu vigor e impunha uma condição para que voltasse a enxergar.

Comentou quase queixoso.

— Você que está fazendo tanta coisa de bom para mim, por que não me ajuda naquilo de que mais preciso? Se você não é Kanansiê, quem é você?

Emocionado soluçou e seus olhos cegos principiaram a chorar.

Sentiu que as mãos macias como vento suspendiam sua cabeça e a voz que surgiu então tinha a música mais bonita que jamais ouvira.

— Basta, Kuryala. Era essa pergunta. Você nem queria saber quem eu era. Agradeço a confiança que depositou em mim, em seguir-me. Mas faltava a pergunta e você a fez. Agora escute. Tenho que lhe falar umas coisas antes que seus olhos se tornem redivivos. Você nunca poderá me enxergar, mas seguirei até o momento que precisamos a seu lado e falando com você. Eu sou Tahiná-Kan, sua mãe. Estou levando você para a beleza da minha terra e para a paz da vida da minha estrela.

Kuryala quase gaguejou.

— Nas histórias de Chéérá, quando a gente era menino, Tahiná aparecia sempre como um homem.

— Isso não importa. Na minha estrela, não existe mais homem nem mulher. Só paz e amor. No coração de um Deus tanto faz o amor de um homem como de uma mulher. O importante é amar e que haja sempre esse amor. Bem, isso é muito difícil. Vou facilitar para você. Eu posso buscar os inás quando merecem, como homem ou como mulher. Isso depende do caso e do momento da comunicação da morte. Mas vamos parar por aqui. Você deve estar ansioso para enxergar tudo de novo.

Sente-se e vou pousar as mãos em seus olhos. Aquele era um calor de um sol de seca ao entardecer. Gostoso e suave. Depois sentiu-se livre daquela pressão, mas sem coragem de entreabrir os olhos.

— Que está esperando?

Abriu os olhos e caiu de joelhos. Que coisa linda era a vida! As árvores, o céu todo azul, o vento balançando as folhas, os galhos quebrados no chão e as formigas passando perto do seu corpo, junto aos seus joelhos. Chegava a tremer de emoção.

Não iria chorar mais. O coração estava repleto de felicidade.

— Tahiná-Kan? Você ainda está aí?

— Agora mais que nunca. Estou à sua frente, em suas costas, a seu lado e até dentro do seu coração.

Engoliu em seco e apenas pôde balbuciar.

— Kanansiê é amigo. Obrigado por tudo Tahiná-Kan.

— De quê? Vamos, levante-se!

Voltou a sentar-se na raiz do Jatobá e dessa vez não precisou mais dos dedos para tatear.

— Temos que ir.

— Posso demorar só um pouquinho mais, olhando?

A voz sorriu.

— Bem. Um pouquinho pode.

E Kuryala então pôde descobrir uma novidade. Todos os troncos das árvores partiam do castanho para o vermelho e do vermelho para o dourado. Também todas as folhas ou eram douradas, róseas ou prateadas.

— E a cor do verde de tudo?

— Você está na terra de Tahiná-Kan. E eu falei que aqui só havia Paz e Amor. Na terra dos homens é que existe aquela cor desgraçada que é o verde. Uma cor que significa esperança. Porque os homens vivem esperando sempre. Se iludindo numa espera que não merecem. Numa espera que não atingem nunca porque os dedos do ódio, da ambição e do desamor enlameiam cada pedaço de verde dos seus sonhos. Verde é uma cor muito triste e terrivelmente falsa, não poderia existir nas terras de Tahiná-Kan. E agora podemos ir?

Voltaram ao caminho principal onde a areia era macia e dourada.

— Esse vento que mexe com seus cabelos é do meu Rio. E você vai viajar nele também.

Chegaram às suas margens. Muito mais bonito do que o seu antigo Béérokan. Mas seu coração não sentia a saudade dele. Agora sim. As árvores vermelhas, brancas, amarelas e douradas, se refletiam na superfície espelhada do rio. Todas as aves voltavam a voar em bando. Os jacarés que perderam a antiga cor dormiam ao sol sem se importunar com sua presença ou demonstrar qualquer gesto de agressão.

Falou para Tahiná-Kan:

— Posso me olhar nas águas do rio?

— Pode. E você realmente está lindo e jovem.

Ajoelhou-se e encurvou-se sobre o rio. Como era bom se encontrar ali, igual, exatamente igual quando era Kuryala, o grande Capitão e Carajá. Sorriu para ele mesmo, todo agradecido.

Voltou a sentar-se na barranca do rio.

— E agora, Tahiná-Kan, minha Nadi⁷. O que tenho a fazer?

— Só uma coisa mais. Depois eu mostrarei sua canoa para você baixar o rio e encontrar todas as pessoas que vieram antes e que esperam por você. Está pronto?

— Estou.

Caíram-lhe a seus pés um arco forte e pesado e três flechas poderosas de caça.

— Ainda sabe usar isso?

7. Mãe.

Experimentou o arco e a corda esticada.

— Tão bom como o do meu pai Belerriro. Que devo caçar com isso?

— Você vai matar pela última vez. Porque depois, nunca mais você sentirá fome. Comerá só por prazer e a comida estará por onde você quiser bastando que pense nela. Tudo aqui será feito sem dor e sem cansaço.

— E o que terei de matar?

— Todas as lembranças dos Inãs ficarão aqui na margem desse rio. É quase uma lei. Mas você terá que destruir as três araras de Berixá.

— Não eram quatro?

— Três. A arara-verde. Eu mesmo a destruí no começo da nossa viagem.

— Tahiná-Kan, você não fica zangada se eu perguntar?

— Ninguém se zanga aqui.

— Aquela história de Berixá não era mentira grande?

— Não. Nunca houve entre os carajás uma história que tivesse tanta verdade e fosse tão linda! Apanhe o arco e a primeira flecha.

Kuryala obedeceu.

Tahiná-Kan assobiou fino e comprido e a Arara-vermelha surgiu imensa e pousou no galho do pé de pequi vermelho.

Kuryala esticou o arco e apontou a flecha enquanto pensava: "Você, Arara-Vermelha, matou Iroá, Orrori, Sarikini e tantos outros. Adeus!"

Disparou a flecha e varou o peito da ave. Ela caiu sobre a areia derrubando algumas flores cheirosas de pequi.

Tahiná-Kan emitiu o mesmo assobio de atração. A Arara-Branca cada vez mais linda. A Arara-Krukrujé, pousou no mesmo lugar da outra.

Kuryala esticou o arco e apontou a flecha enquanto pensava: "Você, linda Arara-Branca bebeu a vida de tanto Inã. Foi Uassabédu. Uadimâni, Kobirréti, Aratuma, Ararue e tantos outros. Adeus."

Disparou a flecha e varou o peito da ave e ela caiu sobre a outra derrubando algumas flores cheirosas de pequi.

Pela última vez, Tahiná-Kan assobiou. A Arara-Amarela sempre

linda. A Arara que obrigara os inãs a receber tudo o que mandassem os Toris, pousou no mesmo lugar.

Kuryala esticou o arco e apontou a flecha enquanto pensava: "Você, Arara-Amarela, porque aqui nenhum Inã precisa ter mais medo de você! Adeus!"

Disparou o arco e varou o peito da ave e ela também caiu sobre as outras duas, derrubando as flores cheirosas de pequi.

Então, Tahiná-Kan ordenou que Kuryala depositasse o arco sobre as araras flechadas. Fez um fogo e começou a queimar tudo. Tahiná-Kan criou um vento azulado para que tudo ardesse mais depressa.

— Ficou com pena de queimar um arco tão bonito, filho?

— Não, Nadi.

— Aqui também você não precisaria mais dele. Voltemos para a beira do rio.

O rio parecia mais lindo ainda. Cada vez mais lindo e Tahiná-Kan adivinhando os seus pensamentos traduziu:

— Em cada pedaço de sua viagem, o rio vai ficar mais bonito. Seus olhos novos não se cansarão nunca de admirá-lo. Agora olhe, lá.

Numa praia um pouco distante, encontrava-se uma linda canoa, sungada na areia e presa somente por um remo perfeito.

— É sua. Nela você vai procurar aqueles que seu coração mais deseja.

— Tenho que nadar até lá?

— Não. Farei que você caminhe sobre as águas do rio como por aquele caminho que nos trouxe aqui.

Kuryala estava emocionado no momento da partida. Mas era uma emoção boa e de gratidão.

E Tahiná-Kan, como mãe, resolveu retribuir. Apertou o índio contra seu peito macio de vento e falou com sua voz de música:

— Pode ir, meu filho. Pode ir. Aqui na terra da minha estrela você será sempre Kuryala. O meu grande Capitão e Carajá.

E Kuryala foi caminhando, seguro e devagar sobre as águas até alcançar a sua canoa e o seu remo.